HYGIENE SOCIAL

APPLICADA Á NAÇÃO PORTUGUEZA

CONFERENCIAS FEITAS NO PORTO

PELO PROFESSOR

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

DA

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA

1.ª SÉRIE

PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR

4 — RUA DE SANTO ILDEFONSO — 6

1885

Ha tempos que o meio nacional parece invadido por um movimento benefico em favor da sanidade publica. Ventilam-se de vez em quando as questões magnas da hygiene individual e social, arma-se uma cruzada de propaganda de principios salutares, surgem apostolos dedicados pela causa suprema do progresso physico, e toda esta agitação, prenuncio de transformações radicaes, vai calando pouco e pouco no seio da opinião publica. Filha dilecta da civilisação moderna, intimamente relacionada com o desenvolvimento monstruoso das sciencias, das artes e das industrias, a hygiene tenta rasgadamente o seu ingresso na sociedade portugueza, arrastada n'essa onda pujante d'aspirações progressivas que vão avassallando os espiritos pelo bem commum da patria, a despeito da educação preterita, da rotina sediça, da ignorancia crassa e da inepcia administrativa. Dispõem-se n'esta orientação fecunda as conferencias exaradas no presente volume, primeira série das que o auctor se propoz fazer sobre hygiene social applicada á nação portugueza.

A historia d'estas conferencias é simples mas edificante.

Despontava no horisonte das desgraças nacionaes, ameaçador e tenebroso, o microbio cholerico

...monstre hideux, épervier des tenèbres,

como diria o grande poeta. A hygiene official, exemplar de teratologia ignara que dorme o somno chôco d'uma hybernação continua, sacudiu a mole grassa, expertou o micro-cerebro, e arregalou os atoupeirados olheiros; ella, que nem se move sequer perante os microbios da casa—os variolicos, os typhicos e os tuberculosos, em legião destruidora permanente—desennovelou as estiradas excrescencias arthropodarias. E o caso foi para vêr e rir; em vez da tragedia dolente da epidemia mortifera tivemos o entremez desopilante das medidas sanitarias. A providencia amerceiou-se de nós, poupando-nos o mal;e bacoreja-me que não foi certamente por ella se lembrar, como clamou o hygienista em chefe, de que eramos filhos dos viso-reis da India e dos padres da companhia; não, quanto a mim, se é licito perscrutar os arcanos celestes, a nossa immunidade proveiu do mixto de compaixão e riso que nas regiões ethereas provocaria a nossa extravagante ordenança sanitaria. A epidemia infecciosa foi, e antes assim, substituida por uma epidemia vesanica, especie de hybridez pathologica de dança de S. Vito e delirio de perseguições; teve só o defeito d'offender o brio nacional e dar-nos fortemente na algibeira.

As consciencias limpas e esclarecidas protestaram contra tanta insania; associei-me a essa mó minguada de revoltosos e entrou-me no cerebro a ideia de desfiar em publico alguns dados capitaes de hygiene publica com referencia immediata ao nosso pobre paiz. O programma era vasto e espinhoso; forçoso nos foi satisfazer pelo momento a uma pequena parte do projecto, sem nos despedirmos de continuar na execução da tarefa em tempo opportuno.

O objecto capital d'esta primeira série de conferencias foi a questão de sepultura, a hygiene mortuaria. É que n'este periodo microbico — licença á phrase — d'actividade hygienica entre nós, a questão mais agitada foi precisamente essa. A hygiene official escancarou a bôca e entoou *una voce*

que os cemiterios entravam na cathegoria dos estabelecimentos insalubres e perigosos, declarações feitas perante uma sociedade scientifica, perante o publico e perante a imprensa; declamou contra os cemiterios do Porto encravados no ambito da cidade, e anathematisou a necropole oriental do Prado do Repouso, intimando o seu encerramento em nome da saude publica. Desconchavou, a misera, impudicamente. No campo sagrado dos mortos é com respeito, seriedade e competencia scientifica que é licito penetrar-se; não é com o manto hypocrita d'uma sciencia falsa, nem com o véu descosido de preconceitos vãos. A integridade do vivo não exigia a relegação do morto; tal era o que a boa sciencia proclamava, tal era a minha causa pela qual denodadamente desci á liça.

Escrevendo para a *Medicina Contemporanea* em Agosto passado, dizia eu:

«Os membros officiaes d'uma junta consultiva de saude viviam n'uma ignorancia celestial ingenuamente confessa de tudo o que se tem pensado, escripto e trabalhado em hygiene de cemiterios.

Livre a elles, como a todos, o professarem idéas oppostas; emittir opiniões contrarias nem é um ridiculo nem um crime. O codigo dos direitos naturaes do homem sagrou a liberdade do pensamento para todo o sempre; mas a liberdade de pensar, que deve merecer toda a tolerancia e respeito, não se confunde com a liberdade de ser ignorante. Essa fulmine-se.

Era para pungir e deplorar o facto como amostra dos requisitos e valia que servem de documento e de primasia no nosso systema miseravel de selecção burocratica; mas, ao menos para compensar, ha alguma coisa que se presta ao riso. É que os taes *soi-disant* contradictores, depois de se terem deixado derrear aos primeiros golpes, demonstrando a tenuidade grassa da musculatura cerebral, fugiram espavoridos do campo leal e digno de lucta para onde os reptei. Limitaram-se corajosamente á insinuação perfida pela imprensa, permeada em dislates que o mais reles aprendiz de sangrador se recusaria a subscrever, e á guerrilha indigna do dichote *inter pares.*»

Em contraposição a este painel tragi-comico assignalou-se um acolhimento benevolo e até enthusiasta á minha tentativa de conferencia publica. Centenares de pessoas—facto virgem no Porto—accorreram ao salão da Eschola Medica; seja-me licito mais uma vez entoar um brado de reconhecimento por esta concorrencia tão espontanea e livre. Aquelle agglomerado serviu-me de meio estimulante e vivificador que sempre suavisa as luctas e allivia d'amarguras.

Que estas palavras, impensadas talvez, filhas d'um arrebatamento tão natural e legitimo, não vão fazer desabrochar a idéa má, de que o conferente applaudido no posto de combate se julgou guindado a falsos altares e deixou expandir tolamente um orgulho condemnavel e uma vaidade stulta. Para longe essa lembrança deprimente; o que ha a colher d'essa communhão é alguma coisa de mais alto e de mais nobre do que a estreita nota pessoal.

Esse convivio representa uma attracção incipiente pela atmosphera salutar e roburante da sciencia; demonstra que a curiosidade se desperta em face da intervenção da hygiene nas questões sociaes, e que os independentes legitimam o protesto contra a ignorante e odienta incuria das corporações dirigentes do paiz.

Das conferencias dadas agora á luz, a primeira versa especialmente sobre a organisação sanitaria antiga e moderna entre nós, e aponta os defeitos capitaes do infeliz systema actual d'administração hygienica. A segunda occupa-se da evolução da sepultura; para a phase prehistorica referi-me quanto possivel ao nosso paiz onde a palarcheologia registra trabalhos de merito.

A terceira visa á longa defeza da these capital: a salubridade dos cemiterios; estudei minuciosamente quanto possivel todas as faces do problema, e vali-me sempre que os consegui obter de dados d'observação pessoal, applicando-me particularmente a indicar o estado das nossas necropoles de Lisboa e Porto, e as reformas hygienicas e administrativas da nossa organisação cemiterial. Emfim a quarta arca com a importantissima questão da incineração cadaverica, apreciando a seita crematoria moderna e criticando os seus

artigos de fé. Estas duas ultimas, ao dar-lhes agora redacção, desenvolvi-as de maneira a dar á exposição as devidas condições de sufficiencia.

Revistamos largamente sobre o assumpto a bibliographia nacional e estrangeira, deixando porém de fazer ocioso estendal d'auctores. Crêmos piamente que é o trabalho mais completo, tanto quanto é do nosso conhecimento, publicado até hoje sobre hygiene de sepultura, especialmente no tocante a critica.

É longo o rol dos cavalheiros que nos prestaram sollicitamente auxilio precioso para o nosso trabalho. Devo inscrever em primeiro lugar o nome do exc.mo snr. Alexandre Pinto Pinheiro, o zeloso administrador dos cemiterios municipaes do Porto, que generosa e obsequiosamente nos forneceu dados de tal ordem sobre as necropoles portuenses e nos permittiu observações e experiencias diversas que sem o seu precioso auxilio ser-nos-ia impossivel cumprir os nossos desejos de dar ao trabalho uma côr local imprescindivel. Para as analyses chimicas d'aguas utilisamos-nos do saber e benevolencia do exc.mo professor Ferreira da Silva, director do laboratorio municipal.

A todos a nossa gratidão. A imprensa portuense acolheu de tal fórma as minhas pobres orações, publicando longos extractos e tecendo-lhes taes encomios, que eu não tenho palavras nem arte, para retratar aqui a emoção profunda de que me possuiram. Da imprensa de Lisboa não devo esquecer o *Antonio Maria* e o *Occidente* que me estamparam nas suas galerias.

Emfim ao meretissimo editor Costa Santos a minha gratidão, porque sem a sua espontanea e arrojada dedicação talvez nunca os prélos se occupariam em estampar os meus desataviados sermões profanos.

Porto—Março de 1885.

Ricardo Jorge.

PRIMEIRA CONFERENCIA

A HYGIENE EM PORTUGAL

(3 d'agosto de 1884)

Meus senhores:

Duas cousas, dizia Leibnitz, devem servir de fito ás nossas preoccupações, a *virtude* e a *saude*. Estas palavras solemnes, emanadas d'um espirito soberbo, d'aquelles que, pharoes da humanidade, projectam a sua luz vivificadora seculos a dentro, merecem ser rememoradas, como insignia directa de toda a tarefa, cuja aspiração seja a utilidade commum. De facto, revigorar o caracter e temperar o corpo, modelar as normas do com-

portamento moral pelas leis do justo e do bem, e pautar o comportamento physico pelas leis da saude, relacionar o homem, já com o meio social, já com o meio ambiente, de modo a assegurar a vitabilidade e perfectibilidade do individuo e da especie, taes são os mandamentos essenciaes e irreductiveis de toda a acção civilisadora. Esses os lemmas conducentes á realisação suprema da felicidade humana, consubstanciados na bellissima formula de Spencer—*a vida completa na sociedade completa.*

Estas duas orientações fecundas surgiram mais ou menos patentes em todas as grandes épocas do desenvolvimento historico. Uma e outra foram manifestações progressivas de dois sentimentos profundamente radicados em a natureza humana, o sentimento psychico de preservação social e o sentimento physico da preservação cosmica. Mechanismos complexos de genese obscura e longa, destinados á defeza pessoal dos males infligidos, já pelo semelhante, já pela natureza, expandiram-se da esphera egoista primitiva e attingiram pouco e pouco a esphera elevada d'um altruismo nobre. E, como elaboração potente d'esta nova phase caracteristica do progresso humano, dimanaram do primeiro,

a moral e o direito, e do segundo, a hygiene.

Qual d'estas duas poderosissimas tendencias, que deveriam igualmente harmonisar-se na sua acção transformadora, tenha avassalado mais os espiritos e conquistado um logar mais preeminente, problema é este de solução difficil, quando é certo que uma e outra bem longe estão ainda de attingir o ideal sonhado. Não será, porém, temeridade affirmar-se que a noção ethica mais profundamente se imprimiu na consciencia publica do que a noção hygienica.

A relacionação moral, em épocas longinquas já, pautaram-n'a espiritos selectos n'uma intuição verdadeiramente genial, estampando para todo o sempre os seus inabalaveis e imponentes axiomas.

Assim como, nas phases primevas da evolução scientifica, pensadores de cunho determinaram o mecanismo do raciocinio e estatuiram as leis da organisação intellectual, creando a instrumentação logica e mathematica, assim, na aurora tambem das edades historicas, o espirito achou-se de posse d'um codigo legislativo de conducta, especie de mathematismo ou dialectica moral sobre a noção culminante do mal e do bem. E d'este

*

phenomeno surprehendente de genese animica concluiram até homens eminentes, como Kant, Condorcet e Buckle, a invariabilidade ethica, a ausencia d'um progresso moral subsequente, deducção illegitima e contraria aos factos do desenvolvimento historico. Não; o conhecimento da doutrina moral é muito diverso da sua introducção na prática e nos costumes, e, sob este ponto de vista, essas noções supremas do justo e do bem foram lentamente evolutindo pelo tempo a dentro por transformações geraes, cada vez mais amplas e subidas, graças a processos d'adaptação e a fixações hereditarias. O esboço é primitivo e velho, mas a morphologia psychica tem gasto seculos a esculpir-lhe os contornos vagos.

A relacionação hygienica, essa deveu seguir bem diverso cyclo. Transpostos os limites do automatismo reflexo, attingida a phase d'uma previdencia obscura, a hygiene tinha de evolver-se *pari passu* com o conhecimento empirico ou scientifico das nossas relações cosmicas. O seu desenvolvimento rapido era dependente do crescimento de muitas sciencias e de muitas artes; a mesologia, em toda a sua complexidade e latitude, seria a alma de todo o seu progresso. Encadeada á

positividade concreta, a hygiene só podia traçar a sua organisação definitiva no seculo scientifico por excellencia, n'aquelle que bem póde dominar-se o seculo das sciencias biologicas.

Mas o imperio da sciencia desabrocha ainda; um passado inteiro de preconceitos, crimes e loucuras abate de frente o seu poderio. O triumpho, se elle vier, será tardío; mas esta lucta titanica não repoisa, e a hygiene avançará progressivamente no caminho luminoso da influencia culminante que lhe cabe na direcção suprema da acção individual e collectiva.

A pratica do bem foi bafejada por sentimentos profundos; organisou-se, embora imperfeita e mal fundada, uma consciencia moral na alma do individuo e na alma da sociedade. Germinou a ideia do peccado, desentranhou-se a noção do crime; e estas duas influencias repressivas e inhibitorias polarisaram com uma energia crescente o proceder dos homens e dos povos. A religião e a lei subjugaram essas duas ordens de infracções moraes; a crença reprimiu o peccado, a lei o crime. A penalidade divina e a penalidade civica foram os coarctadores da immoralidade, á espera que a acção lenta e restauradora

do elemento educativo attenue e destrúa de vez essa herança bestial da maldade.

A noção do *peccado phisico* e do *crime phisico* essa mal desponta; a infracção das leis da saude não desperta ainda uma emoção repulsiva. Esta consciencia nova esboça os seus lineamentos embryonarios; e, se não falha a prophecia de Spencer, chegará um dia ao homem o reinado feliz da *moralidade physica.*

Ao codigo de deveres corre parallelo um codigo de direitos. Se não ha bem-estar de privilegio, nem hygiene d'aristocracia, se é um dogma irrescindivel a egualdade, toda a vida humana merece o respeito e a protecção commum, e é entre os direitos individuaes e sociaes do homem que devem assignalar-se os seus direitos physicos e hygienicos. Na famosa declaração de direitos, promulgada pela revolução franceza — monumento immorredoiro da rehabilitação do homem — era forçoso gravar-se em caracteres de egual indelebilidade, como premissa e conclusão de todos elles, como o mais preeminente e inquebrantavel, o direito do bem-estar corporeo, o direito da saude.

Diziam muito bem os membros do extincto conselho de saude publica, creado por

Passos Manoel, nos seus *Annaes* começados a publicar em 1838:—A saude publica é uma das primeiras garantias dos povos, é uma das primeiras leis dos estados, e um dos primeiros deveres dos governos em todas as nações. Segurança, propriedade e liberdade são os tres direitos naturaes e individuaes do cidadão; mas elles suppõem primeiro a sua existencia e conservação, e para existirem e conservarem-se, é necessario manter-se a saude publica . . . É por conseguinte prévia a todas as garantias, a primeira garantia, a conservação individual; prévio a todos os deveres dos governos, o seu primeiro dever, a saude publica.

Antes que a sciencia inaugurasse a era nova da hygiene publica, esforçando-se por projectal-a no âmago da organisação politica e diffundil-a poderosamente por um plano coordenado de educação e propaganda; os preceitos sanitarios percorreram, em complexo movediço e vago, os estadios capitaes das civilisações historicas. O codigo hygienico fluctuou á mercê de todas as oscillações d'uma longa curva evolutiva, ora acobertado pelos mandamentos religiosos, ora permeado nas formulas legislativas. A phase theocrati-

ca personalisa-a Moysés no Pentateuco; a phase civica assignala-a Lycurgo no codigo spartano. O semitismo judeu, reconcentrado na predestinação da raça e na noção sombria d'um Jehovah vingador, cria uma hygiene obscura e severa, servilisadora e aviltante, torpe e repellente por vezes. O aryanismo greco-romano, esse, expandindo-se harmoniosamente em toda a plenitude artistica e philosophica, instaura uma hygiene superior, digna d'uma civilisação esplendorosa que attingiu o seu fastigio na formosa cidade da Attica e despediu o clarão derradeiro na urbe imponente do Lacio.

Presa d'um ideal subido, rebuscadora infatigavel do bello, a *cidade antiga* esculpia o typo da perfeição humana, adorava a graça das fórmas, admirava a força intelligente; e, finissima educadora, fomentava o desenvolvimento harmonico e completo do organismo, do vigor physico ao moral, da belleza esthetica aos primores do espirito. Como não haviam as luctas do gymnasio e os banhos das thermas, as polemicas do Portico e as orações da tribuna, de crear almas de sabios em corpos d'athletas?

A onda material dos barbaros, e a onda espiritual do christianismo prostram e pulve-

risam essa civilisação inolvidavel, onde a pujança primitiva era victima já d'uma nevrose degradante e d'uma degeneração fatalissima.

Iniciado o periodo tenebroso da edade-media, instaurado o dominio ferreo do catholicismo, a hygiene ia perecer ás mãos d'essa espiritualidade obnoxia e insensata. O corpo era um carcere obscuro e vil, tolhendo nas impurezas da carne e do deleite a posse da vida eterna, a felicidade mysteriosa da bemaventurança. Esmague-se esse diabolico inimigo d'alma, torture-se a materia execranda, macere-se a jejuns e penitencias, e anniquile-se a infernal sensualidade corporea.

Pureza é só a da alma que se redime pelo soffrimento para a eternidade celeste; impureza é só a d'aquelle que mergulha no pantano mundanal, presa do diabo e reprobo do inferno onde não ha tortura que lhe não inflijam ou dôr que o não excrucie. E as palavras fataes—morte certa, juizo rigoroso—echoam funebremente aos ouvidos terrorisados do catholico medievico.

Era o nihilismo em hygiene, como em tudo.

Cuidar do bem-estar, recrear-se nos gosos naturaes, lavar o corpo, acear-se e com-

pôr-se, ter a preoccupação do deleite e da belleza, *anathema sit.*

Assim o guerreiro da cruz era typo immundo de que a pelle crassa só tinha sentido o contacto molle da agua na pia baptismal; a devota dama da mansão feudal, a quem a catechese sacerdotal persuadira que o banho era indecente practica, descuidosa da limpeza, era uma urna de detestavel fragrancia; as habitações eram d'uma porcaria revoltante e as alcovas lôbregas sentinas; as cidades emfim eram recortadas de viellas infectas e matisadas de esterquilinios, especie de esgotos livres, por onde o transeunte cauteloso não sabia se resguardar os pés do monturo, se a cabeça do agua-vae!

Depois vieram aquelles horrorosos flagellos morbidos que singravam a Europa inteira, deixando na sua passagem o rastro das hecatombes e das miserias terrificantes. As nevroses convulsionavam os membros, e as dermatoses vincavam na pelle suja o seu ascoroso mappa. A peste, a peste do levante, operava os seus desvastadores morticinios; e as crusadas perpetuavam o commercio morbido da praga infecta, que traçava ao longo da Europa e da Asia o rumo da Palestina com os esqueletos abandonados dos romei-

ros. Entremeiavam com ella os seus estragos as epidemias famelicas e a devastação de continuadas pelejas; e na alma popular lá ficaram gravados os tres flagellos — a peste, fome e guerra, como as consagrações supremas do mal.

Talava a peste o povoado; que era? era a ira de Deus, dizia o povo; era a conjuncção de astros maleficos, dizia o sabio ignorante. Este, inepto, cruzava os braços; aquelle acalmava a colera divina com procissões nocturnas, arrastando um S. Sebastião milagroso, ullulando pelas ruas os seus gemidos de dôr, os seus gritos de misericordia.

Quando a sciencia começou a ensaiar methodos e praticas preservativas, ainda o primeiro logar era concedido á prophylaxia divina. Que o digam, por exemplo, para citar auctores portuguezes, dois medicos distinctos e de nome, um do seculo XVII, outro do XVIII. O primeiro, Ambrosio Nunes, que fôra cathedratico de Salamanca, no seu tractado em hespanhol de 1600, que declara «el mal que significa este nombre peste com todas sus causas, e com la preservacion que se deve hazer», declara que o primeiro e principal remedio a ordenar seja pedir a sua divina magestade misericordia e perdão dos

peccados, pois por elles inflige aos homens semelhantes castigos e açoites; o primeiro dever do medico é procurar a limpeza do peccado, mandando confessar e penitenciar.

Quasi um seculo depois, dizia o bom do Curvo Semmedo no seu *Tratado da peste* de 1600: «o primeiro e mais efficaz preservativo da peste é chegar a Deus, por meio das confissões, penitencias e esmolas, porque é de fé, que por causa dos peccados dá Deus muitas vezes as doenças . . . limpe-se antes de mais nada a alma dos peccados pela confissão e aplaque-se a justiça divina pelo arrependimento e penitencias.» *(Nota I).*

Se a queda hygienica no mundo catholico foi monstruosa, é certo todavia que, n'essa epocha d'insciencia e desleixo nem tudo é digno de despreso e ridiculo. Então, como hoje, era só quando a epidemia começava ou invadia que se tomavam medidas sanitarias de protecção. É um exemplo frisante d'atavismo social e da permanencia hereditaria dos vicios capitaes do povo portuguez.

Um dos documentos mais antigos que conheço é a provisão de 27 de setembro de 1506 ao desembargador dr. Pero Vaz. *(Nota II).*

São providencias destinadas a limitar o desenvolvimento da peste na cidade de Lisboa. Prohibe a emigração e a immigração, fórça á declaração de todos os casos á auctoridade, manda collocar signaes nas portas das casas dos atacados ou fallecidos, tal como hoje é regra fazer-se em alguns paizes, até para outras doenças zymoticas, como a febre typhoide e a variola; prohibe emfim a venda de roupa velha proveniente de pestilentos. Todas estas *defezas* que foram devidamente pregoadas, eram seguidas da penalidade da época—os cruzados de multa, o degredo *para além* e os açoites publicos, conforme a qualidade da pessoa, peão, nobre ou cavalleiro.

Ha a registrar subsequentemente o alvará de 29 de janeiro de 1680, organisando um serviço de sanidade publica, destinado tambem a combater a peste. Rectifica e desenvolve disposições anteriores sobre a declaração dos casos ao *cabeça de saude* da freguezia, da instrucção sobre os *signaes* que devem trazer as pessoas em contacto com os pestilentos, sobre o serviço da lavagem da roupa, desinfecção e queima do fato, maneiras d'enterrar, etc.

O regimento de 20 de dezembro de 1695

— que se ha de observar, succedendo haver peste (de que Deus nos livre) em algum reino, ou provincia confinante em Portugal — é um bom e longo documento d'hygiene internacional. Institue cordões sanitarios nas raias, e manda — que nenhuma pessoa de qualquer qualidade ou sexo que seja, passe para Portugal com comminação, que fazendo o contrario, assim os guardas das bandeiras de saude, como qualquer outra pessoa que as veja passar, lhes farão logo tiros, até que com effeito as matem. Não será esta a mesma prescripção hoje recebida nos cordões sanitarios de Hespanha, onde barbara e repellentemente s'espingardeia o infractor, — *até que com effeito o mate*?

O regimento abunda ainda em instrucções copiosas sobre sanidade maritima, vigilancia do porto de Belem e funcções dos guardas de saude.

Diga-se em abono da verdade que, em o seculo 16 e 17, trabalhos distinctissimos em materia de epidemiologia e de hygiene publica honraram a medicina portugueza. Garcia d'Orta, este nome respeitabilissimo da nossa historia scientifica, é o primeiro que descreve o cholera indiano que tres seculos depois invadia a Europa; e a peste das Anti-

lhas, a febre amarella, é tambem a vez primeira descripta por um medico portuguez que a observara em Olinda desde 1687 a 1694, pouco tempo depois da conquista de Pernambuco por um exercito portuguez. *(Nota III)*.

Ha principalmente a registrar um documento curiosissimo, escripto com rara sciencia e profundo bom-senso, e que deve inspirar admiração e respeito a quem quer que o leia hoje. É a *Recopilaçam das cousas que convém guardar-se no modo de preservar a cidade de Lisboa e curar os que estiverem enfermos de peste. (Nota IV)*.

Subscrevem-n'a dois medicos d'el-rey D. Sebastião os drs. Thomaz Alvares e Garcia de Salsedo. Vieram de Sevilha por ordem régia, por causa da peste de 1569, e em 12 dias sem mais delongas estereis tinham ultimado o seu escrupulosissimo trabalho.

Que exemplo de zelo e sciencia não ha a indicar aqui em proveito dos nossos corpos de sanidade e dos nossos hygienistas officiaes?! Terei em occasião opportuna de analisar mais de perto a celebrada *Recopilaçam* que bem o merece; por agora alguns topicos sómente de pura amostra. Entre as suas previdencias de sanidade urbana os dois dis-

tinctissimos medicos prescrevem o uso das ſogueiras e entendem que é isto indispensavel em Lisboa por ser muito humida, e *esta humidade ser a principal causa da peste.* Não parece estarmos ouvindo o dr. Koch proclamando que a seccura mata o microbio?

Na organisação hospitaleira mandam fazer dois hospitaes nos extremos da cidade em casas grandes e airosas com muitos aposentos. Não viram ha pouco ainda que na junta de saude tanto se ventilara esta questão que os nossos dois medicos tão sensata e intelligentemente tinham já resolvido? Não houve lá quem s'oppozesse á installação de dois hospitaes no Porto n'um desconhecimento para notar de regras hygienicas?

O *regimento* emfim está repleto das mais sabias prescripções sobre hygiene individual e publica, hombreando senão excedendo por vezes essas edições e reedições d'instrucções modernas ás vezes bem mesquinhas e erroneas.

Raiava a aurora esplendida da renascença; surgiam imperiosos os direitos do bom senso e da razão, e o espirito humano como que sacudia o somno embrutecedor de tantos seculos. As obras primas da civilisação antiga, apoz tantos cataclysmos, soerguiam-se es-

pancando as trevas da barbarie medievica. Os auctores gentilicos invadiam os claustros monacaes, onde uma erudição avida os compulsava febrilmente. A propria esthetica pagã angariava os seus adoradores, vingando-se do passado menospreso, e fazia curvar perante ella os papas, n'um transporte d'arte, beijando com o olhar ardente as curvas sensuaes das estatuas gregas.

O ascetismo e o mysticismo, essas duas vesanias tenebrosas, dissipavam-se dos espiritos em via agora d'um saneamento progressivo. Afrouxada e rebatida a feroz comprehensão theocratica, era a vida real da humanidade que palpitava d'ora ávante no goso inauferivel das coisas terrenas restituidas á sua dignidade e primasia. Rehabilitadas as relações mundanas, instituia-se um novo codigo social, annullando esse divorcio falso do homem comsigo mesmo e com os seus semelhantes, e proclamando a santidade do lar, o amor da familia, o vinculo da sociabilidade. Libertado de servilismos bestiaes, iniciada a sua autonomia, só agora é que o homem podia ser o que devia — o creador e a creatura de si mesmo, segundo a phrase expressiva de Pelletan.

A esta obra colossal de revendicação, na

qual iam d'envolta os direitos sacratissimos da hygiene, é o seculo XVIII que lhe talha o explendido remate.

A carta d'alforria de corpo e espirito lavram-n'a pensadores de cunho, validam-n'a agitadores audazes. A encyclopedia, o monumento mais grandioso de saber accumulado, é a desforra scientifica; a revolução, a crise mais funda e mais benefica da historia humana, é a desforra social.

Para os fautores d'esta agitação sem egual, ao proclamarem a liberdade de consciencia e de pensamento, ao assetearem sem repoiso um passado de ridiculos em nome da razão offendida, a hygiene é não só objecto de preoccupações nobres como arma violenta d'ataque. Em nome d'ella pugnam um Diderot e um Voltaire; e em nome d'ella, Rousseau, o cerebro potente martellado pelo delirio das perseguições, ergue os seus protestos ferventes e apaixonados.

Humanisada e scientifica, solta da insciencia e da escravisação, a hygiene tinha agora rasgada e livre a estrada do progresso.

Já não podia ser sómente objecto d'estudo ferrenho para os seus cultores, cuja phalange tem crescido dia a dia; havia a franquear-lhe

um logar d'escolha nas jerarchias do estado, nas cathegorias da administração publica.

Esta organisação official da sanidade publica é no complexo governativo um factor imprescindivel e d'ordem tão elevada que pelo seu estado d'aperfeiçoamento é uma prova segura do adiantamento d'um povo. Póde porém affoitamente dizer-se que, como funcção do estado, a hygiene se resente queixosamente de lacunas sensiveis e d'imperfeições evidentes; mas em parte alguma a organisação sanitaria é tão miseravel, e desconjunctada, como em Portugal, se organisação se póde chamar a uma enfiada burocratica sem responsabilidade nem consciencia.

O primeiro esboço da administração sanitaria em Portugal é fornecido pela *provedoria-mór de saude*, instituição antiga que recebeu o seu regimento definitivo pelo decreto de 15 de dezembro de 1707. O provedor-mór e os seus subordinados tinham de celebrar sessões diarias; «porque o principal remedio de todos é o divino se juntarão como é costume na casa do bemaventurado S. Sebastião, depois d'ouvir missa pela vida de S. M. e saude da terra.» O citado regimento confere-lhe attribuições variadas, como re-

*

gistro de facultativos, inspecções ás pharmacias, varejo ás lojas de mantimentos, a prohibição de que se vendam drogas damnadas na casa da India, vinhos novos e vinhos de gesso nas tendas, etc. *(Nota V)*.

Em 26 de agosto de 1813, antes que a Belgica tivesse as suas commissões medicas provinciaes (1818) e a França o seu conselho superior de saude (1822), creava-se entre nós a *junta de saude*, composta do provedor-mór, seis medicos e varios elementos administrativos, com attribuições semelhantes, que se manteve na paz do repoiso até 1820 em que uma portaria da junta provisional do governo supremo a enterrara, substituindo-a por uma *commissão de saude* composta d'um medico, d'um desembargador e d'um chefe d'esquadra, com amplas faculdades de corrigir, suspender ou approvar o que se achava estabelecido e propôr um plano de policia sanitaria. A commissão porém não deu signal de vida, durante 17 longos annos de existencia, senão o projecto apresentado ás celebres constituintes em sessão de 13 d'outubro de 1821, projecto no qual se estabelecia uma junta central de saude publica com inspectores comarcãos e medicos territoriaes. Este plano, graças á miseria das nossas vi-

cissitudes politicas, não chegou a ser levado á execução; e a sanidade publica ficou administrativamente abandonada até á dictadura de 1836. *(Nota VI)*.

Era sob a garantia d'instituições beneficas e protectoras, como exara no seu relatorio, que Passos Manoel queria abrigar a saude publica—elle o estadista sabio e honrado, annullado e morto pela politica feroz da nossa terra, especie de Astarteia maldita que ou corrompe ou mata. Singularissimo privilegio d'essa incarnação depravada d'algum deus do mal que, quando não perverte até á ultima baixeza os que d'ella s'approximam, os estrangula nos seus braços de serpente; moloch insaciavel que nos rouba as maiores esperanças e nos victíma os espiritos heroicos.

O celebre decreto dictatorial de 3 de janeiro de 1836 não fazia do *conselho de saude publica* um simples e esteril appenso burocratico do ministro do reino; concedia-lhe pelo contrario funcções deliberativas autonomas e até poderes executivos livres d'uma chancella suspeita. A ella competia a fiscalisação superior e a inspecção de tudo quanto respeita—1.º á educação physica dos habitantes—2.º á prática da medicina, cirurgia e

pharmacia — 3.° á policia medica. Assignalava o decreto miudamente todas as attribuições da junta, cujos resultados deveriam ser da mais transcendente utilidade para o estado social. Doze vogaes compunham o novo conselho, cinco medicos, dois pharmaceuticos e os restantes delegados dos varios ramos da administração. Creava delegados medicos nas cabeças de districto; mas nos concelhos eram sub-delegados os administradores, e emfim como ultima ordem n'esta jerarchia vinham os regedores da parochia.

Os delegados districtaes tinham de remetter ao conselho, de seis em seis mezes, a topographia medica dos seus districtos, um relatorio do estado sanitario e um mappa necrologico.

Fôra uma grave lacuna em o novo plano a ausencia do elemento medico para as subdelegacias nos concelhos, lacuna que deve especialmente attribuir-se ás deficiencias da epocha. No seu todo porém a organisação sanitaria, traçada por Passos Manoel, é verdadeiramente admiravel e fecunda; e infunde tanta mais consideração quando é certo que só dez annos depois, em 1848, é que surgiam em França e na Inglaterra leis organisadoras de policia sanitaria, representadas

pelo *Public Health Act* e pela instituição dos *Conseils d'hygiène et salubrité.* Avantajava-se então ás dos paizes mais bem fadados e assentava sobre bases latissimas de liberalismo e autonomia scientifica, tão desrespeitados nas legislações subsequentes. *(Nota VII).*

Desentranhou-se em fructos a reforma de Passos Manoel. Vieram á luz durante muitos annos a partir de 1838 os *Annaes do Conselho de Saude Publica,* publicação analoga á muito mais moderna do *comité consultatif* francez, escripta porém no mesmo espirito e abundando em trabalhos interessantes d'hygiene nacional. O conselho deu innumeras provas do seu zelo e sabedoria em mais do que uma occasião perigosa e a sua attitude perante as ameaças ou invasões de epidemia foi recta e digna. Incitou muitas reformas, fez uma propaganda firme em favor de muita ideia avançada e generosa em materia de policia sanitaria, e tentou educar o espirito publico que d'ordinario, como os esclarecidos vogaes exaravam á frente do seu excellente periodico, só cuida de politica e da leitura dos jornaes do dia, verdade amarga tão exacta hoje como então.

Não foi bem duradoiro; a degeneração entrou no conselho de saude. Primeiro veio a

incuria e o desleixo; depois, como consequencia, a ausencia deploravel de trabalhos proprios, a mediocridade e inanidade até das suas deliberações. E em 1865 o conselho estava depauperado... de saude. Seria por falta d'estimulo, pela acção suffocadora do nosso meio que derranca e deprime as intenções mais santas, e esterilisa a mais tenaz actividade? Seria pelos nossos mesquinhos processos de renovação da maioria dos corpos collectivos officiaes, em que as *habilitações* exigidas não são por via de regra, as que dimanam d'um caracter firme, d'uma intelligencia robusta, e d'uma actividade provada?

Seria tudo isso, e mais ainda; mas a verdade é que se tornava urgente uma reforma de homens ou d'instituições. E tal foi a tarefa que s'impoz o decreto de 3 de dezembro de 1868, lei sob a qual vivemos hoje com verdadeiro escandalo da sciencia, do senso commum e da saude publica.

O ministerio de 1868, presidido pelo estadista Alves Martins, bispo de Vizeu, quizse inscrever na série das reformas sanitarias portuguezas, instigado não sei se por conflictos burocraticos se por suggestões de beneficio publico; o movel d'essa resolução he-

roica lá jaz sepulto no sigillo respeitavel das regiões officiaes.

A que congresso esclarecido e sabio se confiou a delicada e penosa tarefa da nova lei de policia hygienica é tambem outro segredo imperscrutavel; a custo se levanta uma ponta do véu mysterioso para tristemente se saber que o novo e decantado regime d'administração sanitaria, gerado e gestado no ventre augusto da governação, viera á luz publica a 3 de dezembro do citado anno, apoz um parto laborioso pelo anonymo e angustiado ducto excretor . . . d'um empregado da secretaria do reino. Filho de damnado coito burocratico, em sacrilegio aberto com a sciencia—a unica mãe legitima, cujo ventre fecundo e seio uberrimo ignobilmente repelliu—nasceu acephala, apode e vasia, como um ôdre soprado. Quem lhe predestinára uma longevidade de 16 annos, que se perpetuará, Deus sabe até quando, no regaço molle da indifferença official e publica?

O relatorio, o inevitavel relatorio, trescala um raposinho insoffrivel . . . a manga d'alpaca.

Entende não ser isento de defeitos o decreto dictatorial de 37, exigindo reformas a que a estreiteza de tempo e as difficuldades

do thesouro não permittem todavia dar toda a latitude.

O bordão era estafado e a tal estreiteza bem outra! No que a reforma Passos principalmente escandalisava estes puritanos ferventes do nosso abominavel *selfgovernment* burocratista, era a independencia deliberativa e sobretudo executiva do extincto conselho, «no que se desviou dos principios geralmente seguidos, segundo os quaes, se a deliberação é de muitos, a execução deve em regra pertencer a um só».

Era como uma posse illegitima que dia a dia erguia conflictos hyssopeos nos reconditos pacificos das secretarias. O art. 1.º decepa com toda a valentia essa regalia incommoda, e, no ardor da demolição, olvidando já a citada phrase do relatorio, expunge não só o poder executivo, mas ainda o deliberativo; passa tudo, como é de *direito,* para a secretaria dos negocios do reino.

Encorporada a esse districto da publica administração, cria o decreto a *junta consultiva de saude publica* composta de cinco facultativos e onze vogaes, onde além do lente d'hygiene, do professor de pharmacia, do lente de chimica organica, entram varios re-

presentantes dos diversos ramos administrativos interessados.

Concede-lhe a iniciativa insignificante de propôr providencias para a regularidade de serviço, mas a sua essencial incumbencia é fazer-se ouvida do ministro quando s. exc.ª a isso penosamente disponha os seus nobres orgãos acusticos. Segue o longo e esteril estendal d'essas meras consultas, que lá despontam de longe em longe quando circumstancias apuradas as provocam; nos longos intervallos a junta laborará sofrega de sciencia e illustração nos altos problemas da hygiene publica?—ora essa! não—a junta de braços estendidos no aprumo official espera impávida o toque de chamada do ministro, tal qual como um suisso d'antecamara.

Prestado o recado consultivo, a ponderação definitiva, a deliberação valida, esse trabalho ultimo e capital passa-se na mente omnisciente e omnipotente do ministro e seus appendices, especie de gigante Briareu de cem braços representados pela longa fila dos seus directores, officiaes e amanuenses.

E tal é a machina central de hygiene publica, a alta providencia sanitaria; especie de gasta e desconjunctada caixa de musica que

lá de longe a longe atropella arias depois de sacudida.

Desçamos um degrau na jerarchia politica; temos de frente o poder districtal; o scenario é mais limitado e pobre, mas o fundo é o mesmo. Delibera e executa . . . o governo civil; consulta . . . a delegacia de saude; e por via de regra, em parallelo de compita com as instancias superiores, a validade deliberativa do primeiro orça pela competencia consultiva do segundo.

Apoz o governador civil o administrador; depois do delegado o sub-delegado; e aqui o decreto de 68 creára uma nova série d'entidades hygienicas desconhecida na lei Passos Manoel.

Emfim, no degrau infimo, á maneira de elemento physiologico irreductivel de toda a organisação sanitaria, gabamo-nos de possuir o . . . regedor; mas—oh! infeliz entidade—este, n'uma soledade penalisadora, não tem factor consultivo, nem um sangrador ou um dentista sequer! Não, que elle é, segundo a phrase official, o commissario, o *cabeça dc saude!* Cabeça, notem bem; cabeça em hygiene, cabeça em politica, elle é tudo, imagem grotesca da governação nacional. Quando o progresso fizer rolar no pó essa

cabeça excelsa, craneo augusto onde se aninharam os destinos d'algumas gerações de paes da patria, que mão compassiva lhe trace a lettra inapagavel o levantado panegyrico. Extinguiram-se nas brumas do passado o capitão-mór e o almotacé sem deixarem uma imagem sequer que sirva de lenitivo aos seus admiradores; mas, por Deus, chromotypiem-me a tempo o bom do regedor, que os seculos vindouros hão-de querer extasiar-se perante aquella physionomia d'espertesa saloia, ingenuidade velhaca, e ignorancia papúa, que tem sido a pedra angular da nossa organisação politica.

Dois vicios capitaes fulminam o descredito e a impotencia sobre este infeliz agglomerado com pretenções a um machinismo regular de sanidade publica. A primeira incongruencia é conceder a leigos faculdades deliberativas d'alto alcance só possiveis, e ainda assim difficeis, d'obter com uma educação especial e apropriada. Não será uma singularissima e disparatada inversão profissional?

Tractent fabrilia fabri. As authoridades... as eleições—aos hygienistas a saude publica. Curem elles com afinco da machina eleitoral,

e deixem a quem de direito cabe, o cuidado pela hygiene nacional.

Toda essa jerarchia de funccionarios entende admiravelmente dos manejos politicos do poder; esse é o seu *entrainement*, o seu documento de sufficiencia, o seu titulo de gloria. Do conjuncto das sciencias medicas e hygienicas não entende nada, não podendo impôr-se, nem exhibir-se como tal. Quando exercem a funcção de hygienistas rastejam pelo curandeiro que exerce illicitamente a medicina. Cassem-lhe pois esse diploma vão, a cana ridicula de que uma lei estulta os investiu.

O segundo é a formação do elemento consultivo. Em bom principio a constituição e renovação d'esse aggregado deviam fazer-se por uma selecção esclarecida e honesta; lugar ao mais intelligente, ao mais douto, ao que mais provas tivesse accumulado da sua competencia intellectual e moral. Depende de pura nomeação ministerial, o accesso, amplamente aberto aos nullos, aos ineptos e aos ociosos, requer essencialmente habilitações... politicas, e qualidades . . . d'empenho!

D'ahi decorre singularissimo e monstruoso phenomeno; e é que a maioria das entidades officiaes de hygiene desconhece totalmente

ás vezes a sciencia, em nome da qual tem de prestar os seus conselhos. A ignorancia é por vezes tão crassa, ora com uma philaucia tão ridicula, ora com humildade tão abjecta, que pede de quando em vez a misericordia d'um latego.

O plano da organisação sanitaria d'um paiz é uma questão de magnitude, um thema para demorada reflexão e estudo. Longe de mim a ideia de longamente o desenvolver; mas não passarei ávante sem expôr as ideias que professo sobre a constituição administrativa de hygiene publica.

O principio da autonomia local que é mesmo a base da organisação sanitaria na Belgica, nos Estados-Unidos, na Suissa, etc., deve ser respeitado como factor imprescindivel d'estudo, de trabalhos e applicações. Criem-se junto das camaras municipaes e muito principalmente nas grandes cidades, pelouros d'hygiene, *juntas communaes ou urbanas de saude publica*, de que ha lá por fóra notaveis exemplos e modelos. Alguma coisa já s'esboçou n'este sentido em Lisboa; infelizmente, no Porto quasi nada, á excepção do Laboratorio Municipal, que é simplesmente uma parte, um instrumento apenas de tudo aquillo que é forçoso crear. *(Nota VIII).*

O principio de centralisação—feita a concessão communal—impõe-se como elemento geral d'organisação não só para a saude interna como para a hygiene internacional.

Occupa o ápice da jerarchia a junta central, constituida essencialmente por medicos e com especialidades diversas—clinicos, hygienistas, epidemiologistas, alienistas, assistentes hospitalares, etc.; seguem por aggregação natural o veterinario, o pharmaceutico, o chimico, o agronomo, o engenheiro, o architecto; e emfim o elemento administrativo como delegação de varios ramos.

Este poder central teria não só amplas faculdades deliberativas, mas ainda executivas directas na maioria dos casos, valendo-se das authoridades como puros instrumentos d'acção. O *Local Government Board* em Inglaterra tem um poderio enorme e as suas resoluções teem verdadeira força de lei. Mas a mais perfeita organisação d'hoje é o *conselho sanitario imperial allemão* que começou a funccionar em 1877; conta 15 membros, onde entram todas as competencias indispensaveis ou uteis em materia d'hygiene publica, tendo porém só dous funccionarios d'ordem administrativa. A sua alta funcção é «preparar e realisar a applicação pratica dos dados da

sciencia ao dominio da legislação hygienica». Não ha aqui um magnifico modêlo a aproveitar e imitar?

Principios semelhantes dirigiriam os graus inferiores, districtaes, etc., juntas analogas ligadas á central. Tudo largamente animado pelo estudo, pela sciencia e pelo trabalho, e dotado nos grandes centros com laboratorios destinados, não só ás necessidades correntes, como aos labores d'investigação.

Emfim a renovação de todo este importantissimo corpo collectivo far-se-hia, ou por concurso publico, ou por uma eleição dos facultativos em exercicio, como o propunha Royer-Collard em 1848, ou por qualquer outro meio que amplamente garanta uma boa selecção dos funccionarios que tiverem a alta missão de vigiar pela saude publica. *(Nota IX.)*

Escalpellado o corpo combalido da hygiene official e saciados de lhe analysar as minucias d'organisação—se organisação se póde apellidar a um apontoado caprichoso e disforme de peças heterogeneas e desconnexas—tentemos apanhal-a agora em algum dos seus momentos phisiologicos; estampemos-lhe os movimentos insolitos e o bracejar choreico e destemperado quando o terror lhe estimula a

atrophica musculatura e lhe desengonça as semi-ankylosadas juntas. Por um phenomeno atavico fixo por longos processos de hereditariedade, o corpo molle da hygiene administrativa sacode sómente o longo somno da hybernação quando ameaça gravissimo perigo. É uma especie de vida oscillante de que a epidemia bate o compasso.

Paira nos ares o microbio, e entra em crise o funccionalismo sanitario; e oh! que temerosissima crise!

Se por um longo e solido processo anterior de cerebração consciente, a misera hygiene nacional tivesse systematisado um plano geral e firme de defeza e de medidas sanitarias, na hora desejada, no momento de perigo, todos os seus actos sahiriam coordenados, methodicos e seguros, inspirando a confiança devida.

Mas cerebro é que ella nunca teve a dita de possuir; de fórma que esgrime contra o flagello n'uns reflexos desharmonisados e contradictorios, n'um clownismo nevrosico que arma tanto á hilaridade, como á compaixão.

Imagine-se que nas regiões officiaes em pouco mais d'uma semana se compozeram e descompozeram quatro edições successivas

de um decreto destinado a regular o desembarque de passageiros e a descarga de mercadorias (Vide n.^{os} 30 e 31 da *Med. Cont.)*

Querem, em materia de sanidade, melhor signal d'insania? E quantos ainda a registrar *ejusdem farinae*?

Baixemos das summidades do poder ao aggregado districtal onde se substitue ao ministro o governador, á junta consultiva a delegacia de saude. Reina a paz, ou pelo menos a supposta paz? . . . *dulce far niente!* Lá véem ás vezes umas licenças para estabelecimentos insalubres—attende-se principalmente á hygiene dos visinhos e pouco ou nada á do operario que lá tem de viver—e . . . e para tarefa ordinaria está concluso o serviço. Elle era bom nas horas vagas scismar um pouco sobre hygiene urbana, sobre a cifra crescente da mortalidade, sobre as molestias evitaveis, sobre os grandes apparelhos de saneamento; era bonissimo até perder o medo á lombada e ao conteúdo dos livros e publicações d'hygiene publica. Mas, Deus meu, isso são deploraveis massadas e beberagens fortes para espiritos fracos. A sanidade pessoal em primeiro logar . . . gosar e ignorar.

Surge a ponta acerada da virgula microbica . . . que azafama! que celeuma! Grita-se,

gesticula-se, arenga-se, e proclama-se. A inspecção sanitaria, n'uma ubiquidade milagrosa agora, opera-se com um afan desesperado; os bandos esquadrinhadores transmutam-se, refazendo-se e desfazendo-se como os pares doudejantes d'uma walsa; e sobre o sólo falso d'uma hygiene movediça, que série de posições desconjunctadas e de phantasticos equilibrios, que kaleidoscopio de evoluções acrobaticas!

Os olores urbanos são a preoccupação capital das individualidades sanitarias; as pobres pituitarias nunca se viram sob tão tremenda metralha de particulas odoriferas. Todos os seus processos d'investigação hygienica redusem-se essencialmente a . . . cheirar; o olfacto, tão baixo na escala esthesica, sobreleva como factor sanitario a tudo o mais. Impõe-se mesmo um corollario fatal sob o ponto de vista da habilitação sanitaria; é que d'ora ávante o exame das fossas nasaes seja de rigor em todo o aspirante a delegado de saude.

A mais leve beliscadura pathologica na membrana de Schneider, o simples uso do sternutatorio nicotico, ainda mesmo que se prove ser o legitimo hygienico do padre Antonio Vieira, devem legitimamente ser um

motivo formal de rejeição. O bom encorpado nazal, a ossadura larga e saliente, um vomer desempenado, narina larga, fogosa e adejante, eis os predicados supremos. Em beneficio da saude publica, era para desejar um *training* especial, uma educação olfactoria, uma creação de raça fina, caracterisada pela capacidade nazal, e pelo desenvolvimento... d'um lobulo olfactivo.

Era prática pagã a oblata do fructo ou do animal nos altares da deusa offendida; impetrar a intervenção divina, serenar as iras celestes, exigia a execução d'um sacrificio. Os nossos sacerdotes da Hygia nacional não despresaram a velha liturgia, e nas suas aras despejaram a sagrada offerta. O rito só é que diversificou de cidade a cidade. Em Lisboa depozeram com mão pia perante a divindade sanitaria... os tomates. Na invicta immolaram como victima expiatoria... o porco.

A historia urbana do precioso animal domestico — economia do pobre e regalo do nosso paladar — é uma longa séríe de vicissitudes. Em tempos que já lá vão gosou vida desafogada e livre; rodava pela praça e pela rua, fossando e grunhindo; o ádito tãõ sómente do recinto sagrado lhe era interdicto

pela cautelosa guarda horisontal de ferro. Elle era um *flâneur* o bento animal de Santo Antonio.

Pacifico sempre, um dia foi desastrado o transeunte quadrupede; ensarilhou-se nas pernas de Philippe, filho de Luiz o gordo, e o pobre do principe rachou as tibias e perdeu a vida; antes da trichina é o primeiro caso registrado de homicidio suino. Paris nunca mais viu pela calçada o bohemio da vista baixa; e pouco e pouco por todas as cidades as edilidades inimigas foram-lhe prohibindo as delicias da vida airada.

Aos burguezes do Porto concedera o porcophilo D. João I o transito livre do cevado; mas o anti-suino D. Manuel cassou em 1513 essa regalia, fulminando com 500 réis de multa o dono de todo o bácoro apanhado em flagrante delicto de passeata.

Desde então encurralou-se, e passou á clausura; era um eremita agora no seu burel de toucinho. Cevava-se e roncava, sob a protecção do menineiro santo.

Rosna-se que vem o cholera, e ai! do pobre; um anathema de proscripção incide fulminante sobre a focinhuda cabeça. Á intimação mosaica das auctoridades sanitarias, as

varas suinas lá operaram o seu exodo para a terra de promissão d'além barreiras.

Ha a registrar na epidemiologia e hygiene portuguezas uma lei luminosissima, cuja descoberta s'encabeça por inteiro na junta sanitaria da invicta:

Microbio á porta, porco sahido—tal é a lei *suicida* portuense (de *sus, suis,* o porco).

E é assim, meus senhores, que entre nós s'exerce a sanidade publica. Plano methodico e coordenado, subordinado aos legitimos preceitos d'uma hygiene restauradora e progressiva, não se entrevê sequer. Guiados por um opportunismo ignaro e cego, manejam uns palliativos banaes e tomam uns expedientes inanes, por vezes até d'um esmagador ridiculo.

As grandes lacunas da hygiene portuense ahi ficam escancaradas, verdadeiros sumidouros da saude urbana. Desprezam-n'as ou desconhecem-n'as mesmo.

Cada vez mais insalubre, a cidade não tem nas condições devidas nem agua, nem esgotos, esses dois elementos imprescindiveis de limpeza, que a experiencia tem demonstrado reduzirem a cifra da mortalidade geral. O hospital é um antro infecto, onde s'amontoam doentes fóra de todos os limites da to-

lerancia e n'um despreso repugnante das leis mais comesinhas da boa hygiene. As classes pobres, o mundo dos proletarios, vegetam encovados n'uns alveolos humidos e lôbregos, sem ar e sem luz, e abandonadas a uma especulação torpe que tão sordidamente as explora com a miseravel edificação das ilhas.

Ha a desfiar um estendal de miserias e vergonhas, de males e de incurias. É forçoso lavrar um protesto energico contra tanto desleixo, contra tanta inepcia, contra tanta loucura criminosa.

E eu, instigado por umas discussões mesquinhas, onde fiz esvurmar o pus de tanta chaga pôdre, mau grado a insufficiencia propria, alistei-me no serviço d'essa causa nobre.

Eis a razão das conferencias encetadas hoje.

Antes de terminar, e abusando já talvez da vossa nimia benevolencia, duas reflexões apenas, concernentes já ao contexto, já á fórma da prelecção d'hoje e das futuras.

Grassa em demasia o preconceito de que o campo medico é uma especialidade estreita e reservada; transpol-o, em nome da propria sciencia, affigura-se talvez um attentado. É

forçoso e legitimo combater de frente esse prejuizo ignaro, e assegurar esse papel supremo que á nossa sciencia cabe na direcção mental e social.

Tenho mais que uma vez protestado por esse direito inconcusso, por esse altissimo privilegio que a medicina fruir deve, de erguer a sua voz em tudo o que se refira ao bem do homem.

Se toda a sciencia e toda a arte, se toda a elaboração especulativa e toda a applicação prática, emergindo do homem a elle reverte, traçando uma curva fechada cada vez mais ampla, venha á medicina o primado, como o sonhára o espirito eminente d'Augusto Comte, projectando-a ao ápice do seu systema de jerarchia sociologica; porque só ella conhece o homem em corpo e espirito, nas suas imperfeições e nos seus vicios, nas suas miserias e fraquezas; porque só ella pela hygiene, o mais bello florão da sua corôa, póde promover o bem-estar physico e moral, a evolução meliorista da actividade somatica e intellectual da humanidade.

Mas para derramarem a sua viva luz por esse horisonte vastissimo, para attingirem a sua influencia universal e omnimoda, a medicina e a hygiene constituem-se em fócos de

convergencia de todos os raios scientificos, de todo o saber e de toda a verdade.

Apoderam-se dos dados preciosos das sciencias auxiliares, da physica e da chimica que lhes dão a chave da phenomenalidade geral da força e da materia, e da biologia que lhes rasga a funccionalidade e a morphologia viva, em toda a série das suas individualisações progressivas; veem desdobrar as paginas da historia do globo, estampadas nas camadas geologicas, e folheiam a historia inteira da humanidade, desde o humilde documento palearcheologico aos monumentos soberbos d'uma civilisação completa; a psychologia prescruta-lhes as rodas complexas da machina mental, e a anthropologia a genese do homem, a formação e dispersão das raças; a sociologia emfim indaga-lhes das variadissimas funcções das sociedades e do viver complexo de toda humanidade.

Esta é a penosa escala que tem a percorrer o medico e o hygienista, que pódem dizer, parodiando a velha maxima — Medicus *sum, nihil a me alienum puto.*

Não seja, pois, motivo de reparo que n'estas conferencias de hygiene todos esses ramos do saber, tanto quanto o permitta a minha tonicidade cerebral, s'entermeiem e dêem

as mãos, de fórma a conduzir á boa solução dos problemas propostos, á elucidação racional e complexa das discussões levantadas.

E venha agora a questão de fórma.

As modalidades oratorias em Portugal, pautadas pelos preceitos sediços d'uma eloquencia de pulpito, impõem-se com ferrenho imperio ao que pretende discursar ao publico.

Estou certo porém que não serei taxado d'espirito revel, se mofar o estylismo nacional, resto nauseabundo d'um passado gongorico, tão asseteado por Luiz de Verney, o reformador intrepido.

Despido de flôres e de burilados de phrases, o meu desejo é só que a palavra incisiva e núa me transmitta fielmente a ideia; a minha ambição é, não seduzir, mas convencer. Traçava admiravel maxima Francisco Sanches, esse sabio eminente do seculo XVI, no bello prefacio do seu libello *quod nihil scitur,* a gloria mais pura da sciencia portugueza, que, barbaramente esquecido e ignorado, ha tres seculos espera um monumento condigno do seu genio—*sat enim pulchré dixero, si sat veré.* Direi bem, se disser verdade; esse o meu lemma. O restaurador do pensamento moderno accrescentava ainda,

n'aquelle tom caustico da sua phrase agressiva e demolidora, que as boas fallas competem aos politicos, aulicos, cortezãos, aduladores, valídos e tantos outros que tinham sómente por mira o bem dizer: *Scientia sufficet proprié.*

Coisa mais bem terrivel ainda que a estafada rhetorica nacional, é o que entre nós se chama a boa educação. Que ultrajante transvio de sentido, que euphemismo infame! Será porventura educação — esse apontoado ridiculo de praticas tolas, esses preceitos degradantes — que mandam afivelar a mascara da hypocrisia e da mentira, — que nos derreiam o dorso perante toda a grandeza convencional, nulla ou má, inepta ou criminosa?

Esse tecido de baixezas nunca será a boa educação, oh declamadores tartufos das regras da civilidade! Grilheta aviltante, com que me pretendeis enodoar a pelle, eu despedaço-a, em nome da intelligencia que se não vilipendía, em nome do caracter que se não enlameia.

Curvar o espirito ás leis da sciencia e da razão, guiar a conducta pelos principios do bem, pugnar pela verdade e pela justiça, essa a verdadeira educação, essa a que ennobrece e purifica, essa a que confere ao ho-

mem a virilidade d'espirito e a probidade de caracter, a instrucção solida e a honra intemerata.

A nossa sociedade, entrincheirando n'um reducto inexpugnavel ceremonias odientas e salamaleks ascorosos, tornou-se verdadeiramente chineza. Infestada de baixa *pruderie,* copía servilmente o tracto alambicado do tempo de D. João V. Impregnou-se de fórmulas e de convenções, estereotypou-se no *Deus Guarde a V. Exc.*ª e na gravidade modelo do conselheiro d'estado.

Lavrarei mais uma vez o meu protesto contra taes farçadas onde se escondem tantos males, tantas ignominias, e tantas causas potentes de degradação da sociedade portugueza.

E vós, ó espiritos mesquinhos, que pretendeis atacar-me ignobilmente, empavesados com compendios de João Felix e abroquellados com *civilidades* de vintem, hei de esmagar-vos de vez, por baixo d'essa armadura de papel, capa indecorosa d'ignorancia ruim.

SEGUNDA CONFERENCIA

A EVOLUÇÃO DA SEPULTURA

(25 D'AGOSTO DE 1884)

Meus senhores:

A IDEIA de morte paira sobre toda a conferencia de hoje, envolvendo-a sinistramente no seu manto gelido de horror e de mysterio. Perante esse tetrico proteu de fórmas terrorosas, não vá a pallida nevrose que em nós todos se aninha, desde imperceptivel fermento á obsessão completa, sobreexcitar-se de subito e tomar-se d'accesso, enroscando sobre as mentes fracas as volutas constrictoras d'um pesadello d'angustias.

Longe de mim o heroicomico intento de provocar desmaios e lagrimas, soluços e visualidades, como nas velhas tramoias de tragedias lamurientas a que ninguem se aventurava sem o precioso frasco d'antihysterico, ou como na catechese pungente de varatojano rabico, lancinando em templo aldeão o rebanho ullulante dos fieis com a perspectiva pavorosa da vida reproba d'além-tumulo.

Não; hoje, as vibrações morbidas dos nossos nervos enfermiços, perante os effluvios electricos da morte, são do dominio supremo da arte; só cabe o despertal-as á esthetica febril do bello horrivel; só d'ella, essa magica rebelde, o condão de galvanisar a nossa sensibilidade gasta e *raffinée*, abalando-a com as suas energias doidas e as suas prostrações nevrasthenicas, com as suas allucinações phantasticas e os seus dolorimentos terebrantes.

Communicar o calefrio das vibrações funereas, soltar a nota plangente da meia-noute, onde repassa o sibilar do vento no cypreste e o piar d'ave agoureira, onde echoa o ranger das ossaduras que, erguendo-se da tumba, veem banhar-se á luz esbranquiçada do luar, segredando os mysticos colloquios, ou

profanando o solo bento nos volteios marcados a diabolico compasso—só um genio musical a tanto se abalança, só os accordes negros dos nocturnos de Chopin ou da dansa macabra de Saint-Saëns.

Dramas mortuarios, que estrangulam de pavor e deslocam a mandibula nos tremulos rhythmicos do medo, que auscultam o stertor dos moribundos e ressumam o suor das agonias, só os traça a penna demoniaca d'um feiticeiro maldito, Edgard Poe.

O queixume infecto e o soluçar surdo do cadaver sepulto, o connubio mordente das larvas, as amantes sensuaes das carnes mortas, o sombrio spleen do esqueleto desperiossado e nú, estremecendo de frio, de luxuria e de maldade, esses fundos violaceos d'onde resaltam a phosphorescencia da podridão, o contacto nojento dos vermes, o olhar penetrante das orbitas vasias, e as fallas mudas de boccas desmanteladas—só o metro satanico de Ch. Beaudelaire, o espirito tenebroso onde floreja o mal, só o verso putredineo de Rollinat, o allucinado de nevrose infecta.

E eis que eu, quasi involuntariamente e d'encontro á minha ideia directriz, lá me ia despenhando n'esses themas negros tão méstos e soturnos, que só o artista póde e sabe

modular, imprimindo-lhes as fascinações irresistiveis do bello.

Antes do advento do pessimismo satanico, dizia Chateaubriand na autocritica da *Atala,* esse poema maravilhoso d'amor e morte, que é com o secreto sentido de s'aformosearem que as musas vertem lagrimas e transtornam as feições.

Assim como s'engendrou por amor da generalisação um quarto espaço abandonado ás elocubrações dos geometras metaphysicos, haja tambem por amor do bello um meio superior, extra-natural por assim dizer, onde s'exhale essa quinta essencia endemoninhada e felina d'uma phantasia animista e doida.

Para nós, homens serenos e praticos, homens d'hoje da era do realismo, impregnados de sabedoria utilitarista, esse espirito lugubre das concepções artisticas e da mythologia popular, se tem um sentido esthetico, não tem um sentido real e positivo. Toda essa sentimentalidade terrifica do tumulo, propagada de geração em geração, todo esse infantilismo mortuario, teve e tem por base a crença de que *a morte é uma negação,* de que *a morte é um mal.* Ora estas duas proposições nefastas são radicalmente falsas e eminentemente refutaveis; e eu passaria

ávante, arredando-me d'uma demonstração destructiva de taes lemmas, se d'elles não dimanassem ou se com elles se não fundissem uma série de malignas crendices e illegitimos preconceitos, que infelizmente se apossaram d'uma influencia soberana, na discussão moderna do problema hygienico, social e moral da sepultura.

No encalço pois da minha these fundamental e no intuito de desfazer uma orientação funesta, seja licito este pouco appetitoso *hors-d'oeuvre*, mal acondimentado acepipe de thanatologia e de biologia posthuma.

Como corollario forçado d'uma lei generica, o homem morre; o coração repoisa emfim do labutar de tanta pulsação, o thorax não se distende mais nas suas oscillações respiratorias, os membros cáem flaccidos, o olhar immobilisa-se e envidraça-se, a physionomia toma a fixidez da mascara. A pelle espreme-se de sangue, torna-se livida e gelida; e como que uma onda d'arrefecimento vai invadindo o corpo de camada em camada, da peripheria para o centro, até lhe parallelisar a temperatura com a do meio ambiente.

Suspensa a dynamica biologica e physica, trava-se a roda do moto chimico, do turbi-

lhão nutritivo; e processos chimicos diversos dos que mantinham a integridade organica, iniciam o seu processo demolidor. Encadêam-se as transformações moleculares e a putrefacção alastra os seus estragos, animada pela onda invisivel dos microbios, o *impetum faciens* das fermentações.

Antes porém que esta chimica regressiva termine a obra, surgem no drama necropsico as legiões successivas das larvas d'insectos que se cevam avidas na putrilagem cadaverica. Abrem a fileira as larvas dos dipteros sarcophagos que sugam os humores; seguem-se-lhe as dos dermestos que se repastam nas materias graxas; emfim aos restos do banquete assistem por myriades os acareos detriticolas que talam os despojos organicos até aos ossos, deixando-lhes tão sómente um involucro de materia pulverulenta, composta de insectos desfeitos, nymphas hypopiaes, e dejectos. *(Nota I).*

Tudo o que não for presa d'este vandalismo entomologico, é reduzido pela desaggregação molecular aos ultimos compostos, agua, anhydrido carbonico, ammoniaco, e saes, logo arrastados pela circulação cosmica nas viagens eternas da materia. A agua ou é absorvida pela planta, ou s'evapora na

atmosphera, d'onde será precipitada sob a fórma de chuva, levando á terra a fecundidade e a vida. O anhydrido carbonico a cellula chlorophyllada o reduzirá, enriquecendo o tecido vegetal com o seu carbone e o ar com o seu exigenio, alimentando assim a energia e a vida de tantos sêres. O ammoniaco livre ou combinado fórma no humo um elemento capital da nutrição da planta; emfim os carbonatos, phosphatos, e tantos outros saes constituintes do corpo humano, infiltrados no terreno dão tambem o seu tributo á vida vegetal, base fundamental da vida animal e humana.

Toda a materia bruta ou viva, toda a natureza que nos communicou a sua substancia ou a sua força, um alimento roburante ou uma impressão grata, tudo tem o seu quinhão nos despojos ultimos.

A terra apodera-se dos saes que a planta absorverá pela côma finissima das suas radiculas, expandindo á custa d'elles as suas folhas chlorophylladas, as suas petalas de côres mimosas e brilhantes.

O ar enriquece-se com os gazes que a planta e o animal farão volver á vida, com o vapor d'agua que s'evolve para as nuvens; e de tanto insecto que n'elle agita as azas

quantos não foram aconchegados e nutridos quando larvas, no seio uberrimo do cadaver.

E o homem foi assim disperso aos quatro ventos, terra e ar, mar e céu, flôr ou animal, como que ressuscitou para uma vida posthuma tão larga, tão expansiva e tão bella, como a propria natureza.

Não ha ahi mais do que um novo avatar na vida do grande pan, para esse fragmento de materia que nos foi cedido um dia para uma funccionalidade ephemera.

Onde a morte? Onde a destruição?

Um simples élo n'esta cadeia maravilhosa da circulação da materia, a morte não é pois um anniquilamento physico; quem o contesta? mas não será, dirão, um anniquilamento no sentido physiologico e mental, não se esvae o laborioso thesouro do seu pensar e do seu sentir, não se annulla o homem no que elle tem de mais caro, de mais intimo e de mais subido? Não e não.

Sois religioso ou metaphysico, bebestes na crença ou na philosophia a convicção arraigada da espiritualidade animica, o dogma inabalavel da immortalidade da alma? Se vos innerva esse influxo potente, gerador de todas as architectações mythologicas, alma

de todos os systemas religiosos, se o vosso espirito se repoisa n'essa resurrreição suave e olha a vida terrena como um triste premunitorio da eternidade, o trespasse final é precisamente a libertação sonhada, a evolução d'esse *quid divinum* indefinivel, «nas azas d'immortal aurora a regiões mais puras». Como dizia um parnasiano da velha grei:

Sae da larva a borboleta,
sae da rocha o diamante,
d'um cadaver mudo e frio
sae uma alma radiante.

Desfolhastes porém no livro da sciencia essas illusões tão doces inoculadas pela educação materna. Sois um sceptico ou um descrente; mas, alma repassada d'ideal, talvez queiraes tentar a empreza extranha de casar os dados da sciencia com as vossas aspirações levantadas.

Sonhareis que, após a desaggregação final do vosso cerebro, as suas vibrações psychicas se derramam por ondulações atravez d'um ether invisivel á busca de longinquo fóco. Pois não pódem destruir-se as estrellas sem que o seu brilho falleça? Milhões d'annos após, ainda as suas ondulações luminosas

vogam pelo espaço a dentro, retratando a imagem formosissima do astro que as gerou.

Mas não; não sois nada d'isto, nem crente, nem sonhador; não tendes, nem egreja, nem ideal futuro; mais que sceptico, sois completamente descrente e relapso, espirito forte, realista e positivo, absolutamente adstricto á phenomenalidade concreta, aos principios demonstrados e firmes da sciencia.

Pois para vós, cerebros de *élite*, a morte não póde ser olhada como uma destruição.

O homem, como todo o ser vivo, perpetua-se pela geração; um novo individuo emerge d'uma pequena parcella do seu ser; e por esse fragmento ao menos, longe de destruir-se, o homem immortalisa-se na sua descendencia.

A grandeza d'essa parcella prolifica está, na sua relação com a totalidade do animal, até certo ponto na razão inversa da altura zoologica.

O amibo, essa massa microscopica de gelêa viva, parte-se ao meio no acto da reproducção; a sua próle é toda a sua propria substancia. O amibo não morre, o amibo é eterno; e, quando hoje observo no campo do microscopio algum d'esses curiosos protistas, tenho perante mim um macrobio por excel-

lencia, que transitou mais seculos e gerações do que a figueira das Indias e as agulhas de Cleopatra, elle, o contemporaneo das agitações geologicas perdidas na noute dos tempos, elle um dos representantes das primeiras fórmas vivas que desabrocharam no seio das aguas primitivas.

O homem, como os animaes superiores, se não remoça *in-toto*, á maneira do amibo, rejuvenesce e eternisa-se n'essa pequena gota de semente de cujo poder pasmava o sentido observador de Montaigne; porque por ella se fixa e perpetua o homem, não só no seu typo morphologico especifico, mas até no seu typo individual, nas suas differenciações pessoaes.

N'aquelle fragmento microscopico de materia viva a natureza cunhou os caracteres anthropologicos especiaes, o modelado e as feições, a côr dos olhos e a silhueta nasal, a formosura e a deformidade, a saude robusta e a tuberculose, a moralidade e o crime, os dartros e as bossas, os cancros e os vicios, todas as aptidões, tendencias e caracteres physicos, psychologicos e moraes.

Eis como pela influencia poderosissima da hereditariedade se estereotypa o homem em

toda a plenitude das virtudes e defeitos. Onde a destruição? Onde o anniquilamento?

Se não é portanto a morte uma negação, sob o ponto de vista biologico, não o será, objectarão, sob o ponto de vista sociologico?

Não se annulla o homem como factor social, como parcella do grande aggregado? Que importa preencher-se o logar vago, se de facto a morte anniquilla uma vontade, se destitue um elemento activo? Não são outros os homens que succedem aos homens, outros os povos que succedem aos povos?

Não. O homem d'hontem está perfeitamente personificado no homem d'hoje.

O homem hodierno deriva directamente do homem do passado, como um sigma das séries convergentes dos seus ascendentes historicos. É, como diz Gener, ao mesmo tempo arya, persa, chaldeo, phenicio, egypcio, hebreu, grego, romano, celta, germano, christão, sabio, philosopho e artista. A alma moderna é uma stratificação das civilisações preteritas. Dissequem-n'a até aos ultimos elementos, de ideia em ideia, de sentimento em sentimento, de tendencia em tendencia, que lá divisarão, confusas ou distinctas, entrelaçadas ou desconnexas, harmonicas ou antitheticas, todas as actividades animicas

dos nossos typos humanos ancestraes, todas as organisações psychicas correspondentes aos estadios da evolução anthropologica, a partir dos rudimentos da especie, d'esse passado bestial cuja reviviscencia tenacissima a civilisação não conseguiu apagar ainda.

Teremos talvez a louca pretenção de suppôr de que o viver social é absolutamente pautado e dirigido por nós? Não, meus senhores; todas as nossas instituições beneficas ou maleficas são das gerações que nos precederam. Transmittil-as-hemos ás gerações vindouras, faremos n'esse thesouro de bens e de maldades alguma omissão ou accrescentamento dignos de louvor, despejaremos n'elle tambem a nossa quota parte d'erros; mas quanto é tudo isso insignificante em face da enormidade da herança?

Todos os elementos d'organisação domestica ou social, legislativa ou politica, educação, moral, direito e religião, tudo nos vem em linha recta dos nossos antepassados; todo o elemento progressivo ou regressivo, todo o mal ou todo o bem social. A bem dizer, os mortos pódem muito mais do que todos nós, puros *fantoches* de que elles tangem os cordelinhos; e quantos são os que se julgam sufficientemente fortes para ir d'encontro á

rotina e ao preconceito e recuperar uma pequena parte da independencia dos movimentos?

E não é só n'este plano generico que a nossa these é veridica; egualmente o é applicada á esphera restricta da individualidade. Desde que a evolução juridica creou e authenticou a faculdade de testar, a vontade do morto tem uma authoridade indefinida e garantida, enormemente superior á vontade do vivo. O testador chega a dispôr os ultimos disparates, amarrando os vivos aos seus legados nescios; a propria lei tem procurado coarctar esta liberdade perigosa.

O vigor legal da verba testamentaria é ainda assim um factor bem insignificante na escravisação do sobrevivente, comparado com a auctoridade e o poder dos actos, das palavras e dos exemplos. Esse o testamento real e irrevogavel, essa a herança legitima compartilhada pelos contemporaneos e successores, onde ha sempre quem acate e perpetúe esse legado d'ideias, actos e tendencias.

A cada morto cabe uma vida posthuma, resultante fiel da sua actividade mental e social, emanação directa da sua intelligencia e da sua vontade, cuja influencia por minima que seja, tem sempre um circulo mais ou me-

nos restricto onde se exerça, mas que no seu grau mais elevado se derrama pelo poderio do talento ao longo da humanidade, atravez de seculos e gerações, actuando sobre milhões d'almas e avassallando povos inteiros.

A parcella funccional com que cada um contribuiu para o aggregado não se destroe nem s'esvae; e cada individualidade, extincta apparentemente pela morte, assume um lugar perenne na humanidade, graduado na rasão directa das suas obras que se propagam na indefinida série das impulsões que constituem a immensa vida da especie.

Sim; os nossos maiores não pereceram; longe de fenecer, circumdam-n'os por toda a parte, impregnando tudo quanto nos impressiona, e agitam-se até em nós mesmos, participando de toda a nossa existencia que a seu turno reviverá nas gerações porvindouras.

Onde estão os mortos? dizia Schopenhaner. Aqui, ao pé de nós. Apesar da morte, a despeito da putrefacção, nós e elles estamos unidos.

Que resta pois da morte, d'essa apregoada e temida annullação?

O corpo renasce para novas metamorphoses arrastado pelo turbilhão contínuo da cir-

culação universal. A fórma e a vida restauram-se em novos seres, graças ás faculdades reproductivas. O espirito, o trabalho mental, entra sem quebra no progressivo capital intellectual e social da humanidade.

Perpetuidade na materia, perpetuidade na vida, perpetuidade no espirito, o que é a morte perante esta triplice lei? A morte não existe, a phantastica chimera; quando muito, é o momento fugitivo, a faisca, no dizer do poeta Richepin, que prende duas existencias successivas.

Ao derrubar o funesto lemma—a morte é uma negação—d'envolta fenece a proposição gemea—a morte é um mal.

Se a vida é a unica realidade perenne, mantendo implacavelmente a sua fecundidade inextinguivel, se a morte só é um accidente na cadeia eterna dos seres, uma simples feição cyclica da evolução biologica, o problema da morte resolve-se no problema da vida. E a vida, ella, será um bem ou um mal?

Temerosa interrogação é essa que, depois de ter agitado o pensar humano, no decorrer das edades, foi transportada hoje á tela das discussões mais vivas.

É que hoje como nunca ella assume as pro-

porções d'uma questão primacial e omnimoda, que abrange nos seus largos ambitos, todos os principios directores da actividade humana, da conducta vulgar da vida prática ás normas da arte, dos dictames da moral aos dogmas religiosos, dos planos de reforma social ás theorias geraes do universo — que alastra as suas dissidencias pelas doutrinas ethicas, escólas philosophicas, systemas metaphysicos, seitas religiosas, partidos politicos, e escólas estheticas.

Longe de mim o embrenhar-me n'esses debates febris, em que se degladiam o optimismo e o pessimismo em todos os seus extremos e cambiantes, em que uns se extasiam perante as delicias da vida, proclamando o seu valor e utilidade, ao passo que outros apregoam a sua inanidade, erriçando-a de miserias e desgraças.

Não é obrigatoria nem até permissivel agora tão temeraria empreza; a que dispendio de cerebro e de tempo não forçaria esse thema d'uma complexidade abysmadora, a pintura d'esse vastissimo quadro onde se destacam com o seu colorido intenso e o seu rasgado contraste, os versiculos de Job e as odes d'Anacreonte, as maximas epicuristas e o sermão da montanha, o nirvâna buddhico e

a bemaventurança christã, os carmes consoladores de Wordsworth e as ironias sublimes de Byron, o balsamo poetico de Pope e as notas estridentes de Leopardi, as endechas mellifluas de Lamartine e as blasfemias ferozes de Richepin, o bem universalisado de Leibnitz e Shaftesbury e as poderosas concepções pessimistas de Schopenhaner e Hartmann, as aguias negras do pensamento philosophico moderno.

Embora as inclemencias do pessimismo victimem epidemicamente os espiritos actuaes, vertendo o seu fel nas obras de arte e fomentando abstrusões especulativas de metaphysica, embora o optimismo se tornasse um romantismo ridiculo, ensôsso e piegas, apraz-me crêr com Lange, o profundissimo pensador e com J. Sully, o sensato e correcto critico das doutrinas pessimistas, que ha logar entre as duas tendencias extremas para uma concepção prática e racional—o meliorismo—e professar a fé firme e serena de que o progresso, lenta mas seguramente, irá cerceando o mal e augmentando o bem, melhorando em qualidade e quantidade a somma da felicidade humana e elevando a proporção dos chamados a tomar d'ella o seu quinhão de ventura.

E esta vereda prática é precisamente a que a sociedade trilha, vivendo e prosperando, equilibrada pelas duas funcções antinomicas, a da propulsão por ideaes phantasticos e a da inhibição pela critica implacavel das nossas deficiencias reaes.

Seja-se, porém, muito embora, piamente optimista, ou pelo contrario radicalmente pessimista; em face da ideia de morte, pouco importa.

Os inculcadores da felicidade da vida, os enthusiastas das delicias terrestres, acceitam a morte como termo natural e justo da existencia mundana, sem proferirem o menor queixume, sem soltarem o mais humilde protesto; como havia ella de ser um mal, se o mal não existe, ou antes é um bem?

Os apregoadores das miserias terrenas, que julgam a vida uma enfiada terrivel de illusões amargas e dôres excruciantes, esses encaram a morte como o unico bem positivo. *Mors nihil melius; vita nihil pejus iniqua.* Se a vida é um penar constante, a primeira felicidade seria não ter nascido, a segunda morrer; como dizia Byron — o que ha de melhor é não existir. E tal é ainda a maxima nihilista d'uma grande religião, a de Buddha, e

d'uma philosophia monumental, a de Schopenhauer.

A sorte sorriu-vos e entreteceu-vos a vida de gosos, o dever moral foi o vosso norte e a vossa lei; porque receiar a morte, porque odeiar o tumulo?

Fostes pelo contrario flagellado por toda a casta de opprobrios, a natureza e a sociedade fizeram pesar sobre vós as suas implacaveis leis de ferro, sois o proletario maldito, buscando o rebutalho do banquete social, vergado ao peso d'um trabalho improbo, podeis repoisar em paz á sombra do cypreste funerario.

Na mudez formidavel da materia,
já nada te atormenta e te consome,
nunca mais saberás o que é miseria,
nunca mais saberás o que é ter fome.

Guerra Junqueiro.

Se a humanidade evolute dominada pela lei darwiniana, se a lucta pela existencia e a selecção natural manteem o seu imperio sobre o agglomerado social, a morte é uma funcção impreterivel, elemento simultaneo de conservação e progresso. Que seria da onda de sêres que a natalidade incessantemente

vomita, se a morte não rareasse implacavelmente as fileiras humanas abrindo logar aos recemvindos? Á meza onde a sociedade se banqueteia são poucos os logares marcados, os postos d'honra; em torno d'elles escancaram as fauces innumeras boccas famelicas, que a morte, a equitativa morte, não tarda a saciar com o manjar farto, retirando do banquete o feliz conviva.

Não é assim que se renovam os quadros, e se effectuam as promoções em todos os ramos da hierarchia administrativa? E quando a morte tarda, e os famintos ameaçam, os emprezarios politicos da meza orçamental apressam-se a augmentar o numero dos talheres e o volume da ração alimentar.

A esse largo papel na economia social, a morte junta ainda o ser uma lição util e um tonico moral. Foi a arvore da egualdade plantada no chão servil da edade-média, perante o despotismo barbaro dos reis e dos senhores, ella, a suprema niveladora que confundia o cadaver aparamentado do poderoso e do oppressor com os restos nús do escravo e do vexado.

Foi e será sempre o anathema fulminante das riquezas vãs e das grandezas inuteis, o pesadello dos exploradores dos povos e dos

plutocratas avaros. Ó tumulos,—exclamava Volney, o valente iconoclasta—que de virtudes tendes! Assustais os tyrannos, envenenando com um terror secreto os seus gosos impios; punís o oppressor poderoso; arrancais o ouro das mãos do concussionario avaro, e vingando o fraco que elle despojou, compensais as privações do pobre, flagellando de cuidados o fausto do rico; consolais o desgraçado, offerecendo-lhe o ultimo azylo; emfim dais á alma o justo equilibrio de força e saude que constitue a sabedoria, a sciencia da vida.

Longe talvez me ia arrastando o pendor da demonstração promettida; que o meu fim não foi nem entoar homilia moralisante, entresachada de sãos apophtegmas eudemonologicos, dos proverbios de Salomão ás pareneses de Schopenhauer, nem exalçar panegyricos da morte, á guiza de fazedor d'autos medievicos, gisados com sciencia e *tournure* modernisada. Contido dentro dos indeclinaveis limites da sciencia e da sã observação, o meu intuito adstringiu-se a bem frisar quanto importa encarar serena e impassivelmente a questão mortuaria, sem fremitos d'horror nem trasbordos de phantasia allucinada. Phe-

nomeno natural na economia do mundo, deve o homem olhar a morte sob todas as suas faces por um prisma correcto sem as colorações nem as deformidades d'um pathetico damnoso.

É no modo como o vivo procede com o morto, é na adopção do *rito funerario*, que esta applicação fria do raciocinio e da intelligencia, esta ausencia de *parti-pris* manchado d'uma sentimentalidade falseada, deve inspirar o critico imparcial e justo.

Ora precisamente — mais uma vez o affirmo — nos debates magnos que a questão da sepultura tem suscitado, nas memorias e nos pamphletos, nas sociedades sabias e nas corporações municipaes, na roda dos hygienistas ou na grande massa do publico, não são muitas vezes os legitimos interesses scientificos e sociaes que mais inspiram as contradictas e cavam as dissensões, mas sim os prejuizos vãos e as emotividades pueris.

É assim que os *inhumacionistas*, partidarios d'um modo de sepultura, o mais natural e facil, e hygienicamente innocente, como veremos, não temem a miudo acobertar-se com a tradição semitico-catholica e repellir ritos adversos como a *cremação*, sob o futil pretexto de profanação cadaverica.

Os *anti-cemiteristas*, eivados do preconceito da nocividade cemiterial, ao pretenderem violentamente relegar a cidade dos mortos para bem longe da cidade dos vivos, não os animará tantas vezes o infantil horror do tumulo e a repugnancia invencivel dos campos de repoiso?

A prática, cada vez mais vulgarisada, de subtrahir os cadaveres á terra, amortalhando-os com um lençol metallico e embebendo-os no marmore do *sarcophago*, não significará, d'envolta com a vaidade mundanal—e tanto que foi sempre apanagio das classes privilegiadas—a repulsão e o nojo pelo contacto gelido da terra e pela mordedura do gusano?

Emfim os dous ritos funerarios mais oppostos, o *embalsamento*—conservação artificial e indefinida—e a *incineração*—destruição artificial e immediata—não estão tambem indemnes da nodoa sentimentalista.

Os *embalsamadores* aspiram á permanencia morphologica e á integridade de substancia; inimigos da decomposição cadaverica e dos seus horrorosos effeitos, sonham com uma immortalidade inattingivel e irrisoria.

Os *cremacionistas*, proselytos d'uma seita invasora que conta apostolos ferventes e

accende por toda a parte activissima propaganda, elles — que declamam asperamente contra as rotinas tradicionaes, acalentadas pelo fervor religioso, pela educação catholica e por maus dictames de sensibilidade, a assoberbar-lhe a sonhada via triumphal — não estarão tambem corroidos até aos ossos pela diathese sentimentalista e allucinados por poeticas paixões? Fulminam a putrefacção, como alguma coisa d'immundo e torpe, indigno do homem, em contraste com o purissimo e immaculador processo da destruição ignea; e para fazer vingar a sua religião funeraria, especulam continuamente com o drama ascoroso dos covaes, com o espectaculo repugnante do cadaver apodrecido, os gazes putridos a explosir-lhe o ventre esqualido, e os vermes roazes a esfervilhar-lhe pela bocca desbeiçada.

Ao fixar d'este modo as minhas ideias sobre a evolução physica, moral e social do morto — se assim me é licito exprimir — ao submetter a uma mesma fieira condemnatoria os ritualistas ferrenhos, de criterio pervertido por uma thanatologia mesquinha, cunhada pela metaphysica ou bordada de lyrismo, firmo a minha attitude na questão subjeita, não a attitude viciosa do crendeiro, mas a recta

e digna, propria d'um problema grave e complexo onde se debatem interesses sociaes de primeira ordem. Dê-se á sciencia, e só a ella, o direito de julgar e de sentenciar no pleito aberto entre os diversos modos de sepultura que invocam os seus direitos de preferencia hoje.

E eu entraria desde já no processo, se as divergencias só na actualidade se tivessem suscitado, e não ascendessem, atravez dos tempos, aos confins da historia humana.

O seculo não innova; usa, renova ou aperfeiçôa os methodos tradicionaes, que dominaram, ora conjuncta, ora alternadamente, e tiveram as suas épocas d'apogeo e decadencia.

Esboçar o quadro d'essas vicissitudes dos usos funerarios, traçar a curva geral da *evolução da sepultura*, affigura-se-me ser, no desenvolvimento logico e methodico da questão, um dever imperioso e previo, tanto mais que n'essas excursões pelo passado se teem rebuscado purezas de tradições e superioridades historicas, sem valor e sem critica, que urge rechaçar. Desaffrontado ficará o meu labor de polemista e rasgado o campo da investigação experimental.

Dos tempos pre e protohistoricos ás mais avançadas civilisações antigas e modernas, teem perfilhado os povos systemas complexos e variadissimos de ritos mortuarios, mais ou menos adaptados ás suas noções hygienicas, condições climaticas, instituições sociaes e religiosas; mas d'esse longo rol de modalidades funerarias, eliminando o apparato mobil e accessorio de formulas e de práticas, destacam-se dois methodos capitaes e dominadores—a cremação e a inhumação.

Queima ou enterro, destruição no fogo ou destruição na terra, tal o duplo regime do cadaver na immensa maioria das edades e das gentes.

Esses são tambem os que ferrenhamente se degladiam hoje, desde que a recente resurreição do queimadeiro pretendeu esbulhar a jazida terrena da posse pacifica do finado, uniformemente consagrada ha seculos por todos os povos civilisados.

A preoccupação hygienica de mãos dadas com a obsessão sentimentalista fomentaram esta revolta do forno contra a cova; mas entre as primeiras armas, mais ou menos contundentes, jogadas pelos campeões da nova seita, figura a tradição. Reverter á queima era beber na fonte pura das instituições fune-

rarias de todo o sempre, antes que a invasão do semitismo religioso tivesse suffocado a expansão do arianismo primevo. Esmerilharam-se os mais variados textos historicos e documentos archeologicos para vincular esta nobresa hereditaria e attestar a nascença espuria do enterramento, fructo nefando d'uma degeneração abominavel do espirito europeu.

O conservantismo inhumador não tem deixado de desaffrontar-se n'esta primeira estacada, deslindando cuidadosamente a sua genealogia historica; e, quer d'um lado, quer d'outro, é raro que nas discussões oraes ou nos libellos d'accusação e defeza não abra a lucta esta questão de pergaminhos.

Poderá taxar-se tal tarefa d'ociosa e inutil observancia praxista e pretexto d'uma exhibição, ora rançosa d'erudição, ora pretenciosa de brilhantismo litterario.

Tal não presumirei eu; porque muito embora seja um caso concreto de sciencia experimental, o problema sujeito é forçadamente uma dependencia da sciencia historica; porque muito embora a determinação methodica de condições hygienicas e medicas, estabelecida por sãos processos de observação e analyse scientifica, seja o supremo tribunal

da questão sobre a admissibilidade ou rejeição d'este ou d'aquelle rito funerario, ha a excogitar pelos lidimos processos historiographicos as condições geneticas d'esses systemas de sepultura, ha a resuscitar uma série complexa de opiniões e moveis d'acção, que, longe de s'esvairem para todo o sempre nas brumas do passado, alcançaram uma subida influencia prática sobre as phases superiores da civilisação. Accentuaram-se parcialidades, discordaram-se opiniões, oppozeram-se seitas; pois venha a discriminação attenta do que haja ahi de doutrinas vetustas e grosseiras, entalhadas entre ideias novas, de superstições tenazes, afiveladas com a mascara de conhecimentos modernos; venha a denuncia d'essas reviviscencias deploraveis, votadas infallivelmente á destruição; e, expurgadas essas impurezas, trace-se emfim a linha segura da orientação progressiva, fecunda e boa da humanidade nas suas relações com os deveres funerarios.

Debate-se uma instituição social de primeira importancia, uma das mais caracteristicas da especie humana, como a appellidava Vico, e das mais subordinadoras do viver social em todos os tempos, proclamam-se fervorosamente reformas violentas; corre por-

tanto o dever de dar á questão toda a altura sociologica e de ceder o passo á sciencia da civilisação, a ella que, na phrase expressiva de Tylor, é essencialmente a sciencia dos reformadores.

Empunhar religiosamente uma biblia cansada das pesquizas sediças d'eruditos, folhear as fabulas poeticas do Genesis mosaico, inculcado producto de revelação divina, e recolher piedosamente como verdades supremas os textos sagrados onde o hebraismo estampou e depositou as suas crenças mythicas e tradições phantasiosas sobre a eclosão do mundo, dos homens e dos povos, é, como processo historico, d'um fossilismo atroz; busque diversas e mais puras fontes sobre o primitivo viver da humanidade, quem pretenda sob um criterio livre e esclarecido bosquejar os lineamentos da evolução inicial, e abandone o biblismo petrificado aos glosarios da theologia, aos dialogos de catecismo e ás rhetoricas de sermonario.

O *ab ovo* historico remontou-o a investigação tenacissima dos exploradores modernos a outros povos e outros tempos d'uma antiguidade subidissima, accentuadamente antebiblica. Os Champollion e os Mariette desen-

rolaram essa pasmosa civilisação do Egypto, o mestre do mundo, decifrando com maravilhosa perspicacia as inscripções hieroglyphicas e os truncados papyros, arrancando os segredos das moles pyramidaes e das sphynges tenebrosas, que, longos seculos antes do hebreu traçar a epopeia cosmogonica de Moysés e do grego entoar a epopeia heroica de Homero, já projectavam sobre as areias do Nilo as suas magestosas sombras. Os Burnouf e os Muller desvendaram o indianismo vetusto e esplendido, revivificaram a «gigantesca flôr da India», o divino Ramayana, restauraram os Vedas e o Avesta, biblias saudaveis, na sua pureza nativa e belleza incomparavel, tão simples e tão tocantes, relampejantes de candura e força, innocencia e luz.

Exhaustos os archivos historicos, lidos os caracteres e decifrados os monumentos, deslindaram-se as mythologias, acarearam-se as religiões, reduziram-se as linguas aos seus radicaes primitivos, para exhumar sem outro rastro um povo inteiro, os aryas, as cepas ancestraes do europeu moderno.

Mas longe e tão longe que s'estenda esta investigação monumental, honra e gloria da sciencia actual, sempre o homem nos surge

n'um alto grau de cultura intellectual, social, religiosa e artistica, sempre os povos despontam á luz da historia dispondo d'uma larga cultura, manejando uma lingua e uma escripta, erguendo cidades, templos e palacios, trabalhando na industria e na agricultura, conhecendo os rudimentos das sciencias e das artes.

E além ainda? insiste renitente a cubiça insaciavel da curiosidade humana. Como emergiu o homem na scena do mundo?

Romperia intelligente e perfeito, forte e armado como a deusa atheniense do craneo partido de Jove?

Lá na mais profunda raiz das tradições ethnicas, nas mais remotas cêpas das concepções theogonicas, o homem encara-se a si mesmo como um producto sobrenatural, de genese milagrenta, incarnação a mais levantada do espirito divino. E depois de promanar das mãos do creador, em toda a plenitude das suas qualidades, decorre n'um mar de delicias ineffaveis a sua infancia bemaventurada, atravez dos lendarios tempos paradisiacos, ou da saudosa edade d'ouro.

Estas ficções gentis, por uma perversão estranha, dominaram até homens eminentes dos tempos proximos. Buffon dramatisava o

homem primitivo em dialogos academicos sabiamente raciocinados e subtis; Rousseau e os philosophos da revolução, erguiam as suas diatribes contra o calamitoso e depravador estado social, invocando essa epocha fausta do estado natural, em que o homem era um ente venturoso e santo, um gigante de bondade e de doçura angelica.

Era uma bucolica perenne esse decantado viver dos nossos primeiros paes; a paisagem suavissima d'ideal, o céu d'um azul que nada empana e d'uma ternura meteorologica incomparavel, a vegetação luxuriante, bella e florida; os ramos curvam-se com o saboroso fructo, facil e unico alimento, as aves gorgeiam das alfombras casando os seus concertos com o sussurro da lympha crystallina; o velho patriarcha de barba veneranda discorre sabiamente, recostado ao tronco do carvalho annoso, e rodeado dos varões que se embebem religiosamente d'aquellas predicas d'uma sabedoria antiga; a juventude tripudia alegremente sobre a relva, cantando e dansando, n'uma nudez adamica e n'uma promiscuidade adoravel de sexos; e lá no recesso umbroso e perfumado dos bosques, as evas formosissimas, destacando os morbidos contornos sobre o tapete flaccido de verdura, entre

deusas e bacchantes, arrulham os seus ternos amavíos.

Era todo um poema de Gessner, uma téla de Puvis de Châvannes.

A veracidade d'esta magica pintura podia já ao tempo ser fortemente abalada pelas narrações dos viajantes sobre os selvagens, demonstrando á evidencia que o tal estado de natureza era damnado e o homem não civilisado creatura de maus figados; em nome d'esses esmagadores depoimentos é que o nosso padre José Agostinho de Macedo desfrechava contra a escóla rousseausiana os endecasyllabos soltos do seu poema.

O nosso seculo viu porém nascer e desenvolver-se uma sciencia inteira, que nos reconstituiu peça a peça o remotissimo passado do homem primitivo, que nos compoz a historia dos nossos ascendentes antes dos documentos escriptos, dos monumentos figurados, das lendas e das tradições. Foi a *palethnologia*, a anthropologia e a archeologia prehistoricas, que tomou na economia scientifica do nosso tempo um papel imponente, que dispõe de numerosos e sollicitos adeptos, d'uma litteratura abundante e variada, de riquissimos museus e escólas especiaes; e é precisamente este importantissimo ramo do

saber humano o que assignala o nosso paiz no convivio intellectual do mundo scientifico, graças aos esforços d'uma pleiade brilhante d'investigadores, á frente dos quaes se distinguiu um sabio eminente, Carlos Ribeiro, que deixou um logar insubstituivel nas magras fileiras da sciencia portugueza.

Foi applicando os methodos luminosos da geologia e da paleontologia, cavando nas entranhas da terra, rebuscando nas alluviões e nas turfeiras, explorando o lôdo dos lagos e o cimo das montanhas, desentulhando as cavernas e os megalithos, que se constituiu um riquissimo archivo prehistorico, e se agruparam os *disjecta membra* da primeira antiguidade humana. Sobre essas venerandas e modestas reliquias, tão eloquentes por vezes, tão difficilmente decifraveis outras, sobre essas testemunhas irrecusaveis e sinceras, se restaurou todo o viver primitivo—habitações e industria, costumes e crenças; sobre ossos fossilisados, sobre craneos corroidos, a anthropologia reconstituiu as raças primitivas e traçou a imagem fiel da sua physionomia.

E o quadro transfigurou-se d'uma maneira horrorosa. O proto-homem volveu-se n'um ser esqualido e hirsuto, d'aspecto bestial e feroz, fronte achatada, craneo deprimido e

maxilla projectada, attitude mal erecta e joelhos flectidos, sem outra linguagem que gestos e gritos imitativos, ignorando absolutamente o trabalho metallurgico, a cultura agricola, a domesticação dos animaes, a tecelagem dos vestidos, a modelação do barro, acoitado no fundo da caverna disputada ás féras, armado de pedaços de silex mal talhados; e d'este estado primitivo lentamente evolutiu, accumulando laboriosamente os seus progressos, durante milhares e milhares de annos, transitando épocas inteiras d'agitações geologicas, durante as quaes a face da terra assumiu as mais diversas feições.

Quantos se não insurgem ainda indignados contra esta genealogia revoltante, com a mente escrava do aviltador grilhão do dogma? Quantos não empallidecem perante esse typo grotesco d'anthropoide, elles que pensavam promanar em linha recta da excelsa fidalguia dos archanjos?

Não se aviltem com o ascendente obscuro, nem cuspam ignominiosamente na face ignara do ser animal onde lampejou primeiro a intelligencia humana!

Talvez que n'um dia de remotissimo porvir, alterada a configuração da Europa por uma nova physionomia geologica, sepultadas

as ruinas das nossas opulentas cidades com os seus monumentos e riquezas na profundidade do solo, o homem d'então encare caridosamente este selvagem do seculo XIX, tão falho ainda de recursos, dominado por leis barbaras, escravisado por crendices tolas, e afeiçoado a estupidos costumes, elle que avidamente fossa uns bocados d'hulha, como o troglodyta recolhia as lascas do despresivel silex, elle que ensopa a terra com o sangue derramado de milhares de victimas humanas, deixando adivinhar o primitivo andrographo.

E no entanto esse archi-civilisado vindouro reconhecerá forçadamente que á enormissima herança por nós legada deve a vastidão da sua intelligencia e a riqueza dos seus recursos; assim nós temos de nos curvar reverentes perante o barbaro das idades prehistoricas que pelos seus esforços humildes mas potentes iniciou a série brilhante das civilisações modernas. Abençoe-se a memoria d'aquelle que primeiro conseguiu accender n'um ramo secco a chamma viva, deslumbrando a vista extasiada dos seus congeneres; bemdiga-se d'aquelle que primeiro afeiçoou um estilhaço de pedra, e brandindo-o com destreza, grangeava com elle o seu sustento, abatendo a

presa, e combatia as intemperies, ageitando abrigos, arranjando vestuarios.

N'essa arma rude e acanhada, sobre a qual se abaixa hoje tão sómente a mão sabia do palearcheologo, projectam-se em escorço as nossas artes, as nossas industrias, a nossa civilisação; n'esse silex tosco e informe jazia em germen todo o viver social moderno, como na immensidade da diffusa nebulosa se continha o brilho do sol e a fecundidade da terra, como na massa amorpha d'um *vitellus* se esconde o esplendor cerebral d'um Aristoteles ou d'um Descartes, d'um Dante ou d'um Mozart.

As phases da penosissima embryologia, ao fim da qual o homem despontou á luz da civilisação, são repletas d'heroicidades imponentes, de durissimos esforços, de combates sem treguas na conquista da natureza, na acquisição do bem-estar, na accumulação dos dotes de coração e de intelligencia. Que lição vivificadora em todo esse doloroso transito da humanidade! Que proveitosa ensinança n'esses quadros d'onde resalta a mais indomavel energia, o mais pertinaz trabalho, e que severo correctivo aos scepticos de todos os tempos que com ironia amarga ames-

quinham o poder do homem e blasfemam do seu porvir.

Se á intelligencia humana fôra conferido aquelle dom de visão prophetica de que fallam Laplace e Du Bois-Reymond, a posse d'aquella formula universal que nos ministrasse a chave de todos os segredos do passado e nos rasgasse o véu dos successos futuros, se nos fôra dado, por integrações successivas d'essa pan-equação, saber como e quando o homem se serviu da primeira arma ou domesticou o primeiro cão, como e quando o homem creará uma civilisação nova e uma outra fonte dynamica superior á hulha —ou se possuissemos o condão de, distanciando-nos pelo ether sideral, embeber successivamente a retina nos raios luminosos dimanados da terra e contemplar esse gigantesco polyorama em que as vistas progressivamente se dissolveriam segundo a marcha retrograda dos tempos, se nos fôra assim permittido ser testemunha presencial dos mais miudos factos do passado aos grandes cataclysmos, do stupro da Lucrecia e da morte de Socrates, da invasão dos hicsos ou dos barbaros, da emigração dos arias ou dos phenicios, das guerras de Carthago ou do Peloponneso, da destruição de Babylonia

ou de Jerusalem — se esta ubiquidade e omniscencia fôram um dia pertença humana, o primeiro *x* a calcular, a primeira imagem a vêr, seria toda essa genese complexa do homem e da sociedade, desde o desprender das fachas humildes da animalidade ao lapidar do silex e ao balbuciar da palavra, ao aggregar da familia e da tribu, ao erguer da cabana e da palafitta, aos primeiros ensaios de habilidade, perspicacia e previdencia.

Sim, aguçariam mais a curiosidade e despertariam prazer mais fundo essas descobertas supremas que polarisaram para todo o sempre a humanidade; seria preferivel vêr talhar o primeiro machado de pedra a vêr fundir o primeiro canhão, coser as pelles com uma agulha d'osso ao tecer das purpureas cesareas, levantar o megalitho e a habitação lacustre ao erguer as longas arestas das pyramides e os vastos pannos das muralhas babylonicas, o fumegar da primeira fogueira e do primeiro fôrno metallurgico ao incendio de Roma e ao queimadeiro dominicano, a lucta homerica com o terrivel urso speleo aos repugnantes combates dos gladiadores de circo, as ágapes do troglodyta, fogueando a prêa na caverna, á pompa e aos festins do

triumphador romano, depondo no capitolio despojos e prisioneiros de guerras crúas.

Só lá, só defrontando o espectaculo imponente do alvorecer da humanidade, é que o homem póde inebriar-se com a fé vivissima na sua perfectibilidade, com a crença inabalavel n'um progresso indefinido. Ah! que se elle fosse um Adão expulso e maldito, um anjo maculado, precipitado no abysmo do mal e da miseria com o ferrete do peccado original cunhado na fronte deprimida, sob a perseguição eterna de vinganças vis, o progresso era uma blasphemia, o homem um reprobo, o mundo uma gehenna! Expunja-se d'uma vez para sempre esse tenebroso mytho. Á origem divina que rebaixa e consume, a origem bestial que engrandece e fortifica; não mais saudades lastimosas do primeiro passado paradisiaco, nem odios da vida terrena, nem desesperos amargos do futuro.

Essa supposta terra d'escravo e de forçado, onde brotou debil d'intelligencia e baldo de recursos, tem sido o vasto theatro dos seus trabalhos, progressos e glorias. Os primeiros passos custaram milhares de gerações, os primeiros aperfeiçoamentos milhares d'annos, mas depois succederam-se com uma rapidez vertiginosa.

Fosse elle muito embora nos seus primordios o *mutum et turpe pecus* de Horacio, ainda menos do que o Caliban de Shakeaspeare; mas depois, fôco brilhantissimo d'uma evolução progressiva e saluberrima, creou a sua ferramenta-arma successivamente de silex e de metal, adextrou-se no machado e na frecha, na enchada e no escopro; utilisou a cobertura d'uma pelle pillosa, entrelaçou as fibras textis dos vegetaes, modelou a argila, domesticou o animal bravío, edificou a habitação, cavou a piróga; articulou a linguagem, concebeu o alphabeto, traçou signaes, operou com numeros, mediu o espaço e o tempo; inventou o leme, a véla e a bussola, traçou a carta geographica e o mappa sideral; modulou sons harmoniosos e gratos, reproduziu imagens a traço e a relevo, pela tela e pela esculptura; accendeu a forja metallurgica, moldou a retorta e o alambique, montou fabricas, trasladou productos commerciaes; amassou o papel, pautou o livro, e diffundiu-o pela imprensa—a santa communhão do pensamento; mergulhou a vista nos espaços astraes pelo telescopio, pesou os infinitamente grandes na balança, e attingiu o mundo dos infinitamente pequenos pelo microscopio; deu a si e aos seus productos a

velocidade febril da locomotiva, aos seus pensamentos e ás suas palavras a velocidade electrica; e rico d'investigações e de methodos, d'instrumentos e d'engenho, de calculo e d'experimentação, explorou todos os segredos e todas as coisas, erguendo, como eternos monumentos da sua intelligencia, a série maravilhosa das suas fecundissimas sciencias; — e o homem, o hercules de tanta façanha, o gigante de tanto genio e de tanta força, já não é o bruto pithecoide, já não é o anjo terreal, nem o heroe lendario; é bem mais do que tudo isso — é um verdadeiro Deus!

Tal é a noção moderna do homem primitivo, noção capital sobre a qual insisto, já porque é uma ideia sã e progressiva, digna de vulgarisação, já porque, mais uma vez o repito, dominando hoje os dados evolutivos em todas as questões, é forçoso remontar até esses quadros de genese primitiva, sempre que se tracte de instituições radicaes e fundamentaes da vida social; ora a *sepultura* é precisamente um d'esses elementos basicos e primordiaes, e é curiosa e interessante a sua prehistoria, para a qual em o nosso paiz in-

vestigadores de cunho teem contribuido com multiplos e valiosos documentos.

Nas vastas laudas do livro compacto, formado pela sobreposição dos tractos sedimentosos da crusta terrestre, decifrou a paleontologia os caracteres e os graus da seriação dos sêres.

Após os terrenos plutonicos, improprios para a vida, absolutamente azoicos, jazem os chãos *primarios,* paleosoicos, onde o drama biologico s'estreia, rompendo com os protistas e sêres inferiores da escala, alçando-se depois por differenciações progressivas—no ramo vegetal, ás algas que tapetam o leito do oceano, e aos fetos que estendem pela terra emersa a sua luxuriante floresta carbonigena,—e no ramo animal, aos crustaceos, molluscos e peixes, que vogam nas aguas primitivas, formando o mundo dos mares.

Na edade *secundaria,* mesosoica, crescem as coniferas, e a terra anima-se com os reptis colossaes, os saurios de fórmas extravagantes.

Emfim a escala organica, avida de aperfeiçoamentos, cadaverisa essas monstruosidades bisarras, e ao chegar á edade *terciaria,*

neosoica, completa-se com as fórmas eminentes das aves e mamiferos, e orna a terra de vegetaes floridos.

Povoavam o continente europeu os mammaes agigantados, como o anoploterio e o mastodonte, e os prototypos das especies d'hoje, pascendo ou devorando-se por entre florestas vastas, d'uma pojança e d'um caracter tropical, graças a um clima de temperatura tepida e uniforme, tão mudado hoje. O Portugal miocenico era, como se deduz do exame da flora fossil dos estuarios do Tejo, uma agradabilissima estancia subtropical d'uma temperatura media de 20°, mais elevada 5° do que a actual, e onde florescіam o camphoreiro e a canelleira. *(Nota II).*

Assomaria o homem n'este paraizo terreal, que se viu habitado pela série inteira dos vertebrados até ao carniceiro e ao herbivoro, até ao dryopitheco, o simiano fossil, baloiçando-se nos galhos das arvores sempre verdes?

Ha muitos annos que a paleontologia humana prosegue em tal investigação; e, após discussões acaloradas que não findaram ainda, o problema da existencia do homem terciario parece ter attingido a sua solução definitiva, embora lhe tentem tolher a de-

monstração adversarios irreconciliaveis, uns por scepticos em demasia, outros por amarrados a crendices chronologicas e mythicas d'outras eras.

Se os ossos estriados das areias de S.[t] Prest e os talhados dos faluns de Pouancé podiam deixar duvidas, os silex estalados a fogo de Thenay, descobertos pelo padre Bourgeois, demonstraram o trabalho intencional do homem terciario; mas a prova mais brilhante e concludente ministraram-n'a as sabias pesquizas do illustre Carlos Ribeiro. Indicios preciosos da existencia do homem terciario no valle do Tejo são as *quartzites* e os *silex* lascados, d'um trabalho e d'uma configuração intencional, extrahidos d'entre as camadas de grés d'uma extensa e possante formação d'agua dôce, nitidamente terciaria pela sua natureza, pela sua fauna e pela sua flora incontrastavelmente da época tortoniana ou miocenica superior. O lusitano prehistorico que lascava os silex habitava as margens d'esse lago, junto á corda de collinas que passam em Alemquer, deixando os seus utensilios sepultados n'essa linha entre Otta, Carregado e Cercal.

Esta brilhantissima descoberta, uma das mais notaveis do nosso seculo, deu-nos a hon-

ra do congresso anthropologico de 1880, onde Portugal, graças a Carlos Ribeiro, N. Delgado, Pereira da Costa e outros, se apresentou de uma maneira distincta e abertamente fóra da pouco recommendavel figura que é de ordinario obrigado a desempenhar em gremios de tal natureza. *(Nota III).*

Qual seria o typo, a configuração, a physionomia do homem terciario? Difficultosissima tal reconstituição; mas, inferindo dos primeiros fragmentos esqueleticos quaternarios, como o craneo de Néanderthal e a mandibula de Naulette, do exame directo das raças mais degradadas de hoje, e pondo em jogo tanto os dados paleontologicos como as leis darwinianas, podemos idear um typo nimiamente inferior com a marca accusadissima da emergencia simiana tão proxima ainda. Se a fauna mammologica diversificou da era tortoniana á actual, a individualisação humana não podia manter-se inalteravel. O terciario lusitano d'Otta deveria ser o homem pithecoide, merecendo a designação de Mortillet—*anthropopithecus Ribeiroii.*

Vida miseravel e bruta era ainda a sua; mas assás intelligente para afeiçoar o silex e accender o lume, dando as primeiras provas materiaes do seu engenho e do seu espirito

progressivo, o homem miocenico era já um artista e um Prometheu.

Talis vita, finis ita; á miseria da vida a miseria da morte.

Retalhado pelo canino afiado do felideo, esmagado pela pata bruta da alimaria agigantada, prostrado pelo pulso mais possante do inimigo que lhe embebia em cheio o silex ponteagudo, ou abatido emfim pela doença, pela velhice ou pela fome, nunca aos seus despojos coube o repoiso da jazida sepulchral. Talvez que nem como o gorilha d'hoje, uma mortalha de ramos e folhas lhe concedessem os sobreviventes.

O dente anavalhado do carniceiro, a garra adunca do abutre, despedaçavam-lhe as carnes putridas roidas dos gusanos. E os seus ossos, partidos pelas tesouras mandibulares das feras, descarnados pelo bico adunco e pelas prezas amoladas, desperiossado pelas larvas e acareos,—abandonados por fim ás forças cosmicas, eram dispersos, brunidos e desgastados pela agua das tempestades, o sopro das furacões e o leito das torrentes.

Entramos em pleno *quaternario,* amplo e accidentado percurso da evolução anthropologica.

Periodo de dureza e vicissitudes foi para o homem esse longo periodo geologico, em que o clima, a principio temperado, toma a aspereza polar na época glaciaria, em que as geleiras traçam os profundos sulcos e as inundações se tornam horrorosas e diluviaes, em que o solo s'exalça e deprime, por cataclysmos successivos, em que surgem na série dos mammiferos, temiveis carniceiros, o urso speleo, leões e tigres monstruosos. E o homem luctou contra todos estes elementos conluiados, vivendo e prosperando, deixando os rastros inapagaveis da sua passagem por toda a parte, da costa lusitana á China, da Scandinavia á Africa, das alluviões do Sena ás alluviões do Nilo, do mundo velho ao mundo novo.

É esta a edade chamada da *pedra lascada* ou *paleolithica*, por offerecer como utensilio caracteristico, o silex ou pedra talhada a lascas de percussão. Os denunciadores da existencia e da industria do homem teem sido precisamente esses silex e objectos trabalhados d'um modo analogo, achados d'envolta com as ossadas do homem e dos mammiferos do tempo, especialmente o mammuth e o rangifer, que se succederam na fauna mammologica da Europa quaternaria, permittin-

do até a separação da edade paleolithica em dois periodos correspondentes, mas de que não se encontraram até hoje vestigios em Portugal, embora appareçam d'outros animaes da época. *(Nota IV).*

A industria do homem quaternario reveste feições diversas e permitte crear differentes épocas.

A primeira época paleolithica, *chelleana* ou de S.[t] Acheul, caracterisa-se por um instrumento puramente manual, de rocha local, lascado nas duas faces, e tendo a fórma amygdaloide ou d'amendoa.

Esta época, a que ascendem os celebres trabalhos de Boucher de Perthes, é representada em Hespanha pela estação de Santo Isidro de Madrid, e em Portugal pelo primeiro andar da Gruta da Furninha de Peniche, tão habilmente explorada pelo sabio N. Delgado; emfim nos depositos da bacia do Douro, proximo do Porto, no valle d'Ervilha, encontraram-se quartzites lascadas, parece que intencionalmente, algumas das quaes do typo de S.[t] Acheul (Pereira Cabral).

O homem chelleano, a avaliar pelas raras reliquias do seu esqueletto, das quaes as mais celebres são o craneo e ossadas de Neanderthal, craneo de Canstadt, queixada

de Naulette, era d'uma inferioridade de typo verdadeiramente anthropoide, deixando em plano superior o mais degradado australiano d'hoje; a mandibula sem apophyse geni permitte suppôl-o um ser alalo; o craneo, d'uma capacidade infima, de supracilio saliente, quasi sem fronte, é d'uma bestialidade singular.

Tal é a chamada raça de Canstadt ou Neanderthal, de que sómente se achou entre nós (Furninha) uma maxilla infantil sem importancia ethnologica e ossadas fracturadas d'envolta com as d'urso speleo e rhinoceronte ticorhyno.

O chelleano habitava as margens fluviaes e planaltos; sómente em Portugal nos apparece refugiado em cavernas, feito troglodyta. Já curava assim da habitação, mas pouco lhe importava o destino dos seus mortos, abandonados ás intemperies, sem escolha de sepultura. D'esse profundo sentimento humano que póde denominar-se a *funeralidade*, não despontam ainda as manifestações elevadas.

Entre nós com a época chelleana termina a existencia do homem quaternario, abrindo-se um hiato enorme que explorações subsequentes preencherão ou interpretarão. Lá fóra a fileira quaternaria não soffre interrupções. Ao

chelleo succede o *mousteriano*, o contemporaneo das grandes geleiras e do mammuth, armado já d'um arsenal d'utensilios, pontas, raspadores, serras e laminas—ainda de configuração neanderthaloide, francamente troglodyta, e revestido de pelles que o protegiam da aspereza glacial d'então. Vem após o *solutreano*, com as suas laminas de silex, em fórma de folha de louro, que lhe serviam de punhal e de dardo, e levando a industria da pedra a um grau delicado d'acabamento.

Emfim o *magdaleniano*, da época do rangifer, fecha brilhantemente a série paleolithica. Á antiga materia prima da industria dos utensilios, addicionam-se agora as partes duras dos animaes, como ossos, pontas de cervideos e marfim; e assim ao lado dos instrumentos em silex apparecem magnificos objectos da nova fabricação, como a azagaia, harpões, punhaes, e variadas peças para uso domestico, entre as quaes sobresahem delicadas e excellentes agulhas d'osso. O que dá porém especial interesse á época magdaleniana é o seu eminente caracter artistico. Nas placas chistosas, laminas de marfim, omoplatas osseas, pontas de rangifer, até em dentes, esse distincto cultor archeolithico de bellas-artes tinha o fino sentimento esthetico e a ha-

bilidade precisa para com um buril de silex figurar em gravura, baixo-relevo, e esculptura os assumptos mais diversos e variados, como plantas e animaes, o homem e o mammuth, a caça do aurochs e os combates de rangifer, academias de nú e Venus d'uma impudicicia requintada; e em tudo isto um sentido verdadeiro das fórmas e dos movimentos, evidenciando-se sempre a intenção do artista que chega a exhibir verdadeiras obras primas.

O magdalenico era essencialmente troglodyta, habitando grutas, cavernas e abrigos sob rocha; caçador e pescador, desconhecia ainda a agricultura e a domesticação dos animaes. Não deixou o menor indicio, nem de religiosidade, nem de respeito pelos mortos. O cadaver do ente mais estimado ou mais util permanece abandonado e insepulto, como o do ultimo dos brutos. *(Nota V).*

Advem um novo estadio para a civilisação humana com a *edade neolithica* ou da *pedra polida*, extremamente mais curta do que a anterior, mas infinitamente mais rica em aperfeiçoamentos e progressos.

Inaugura-se esta edade com uma outra era geologica, que é precisamente o periodo

actual; abonançam-se os elementos, a temperatura eleva-se e uniformisa-se; o mammuth, a hyena e os grandes felinos desapparecem, e o proprio rangifer emigra para as regiões do norte; n'uma palavra estabelecem-se condições de geographia physica, hydrographia, climatologia, fauna e flora, proximamente semelhantes ás dos nossos dias.

Esta nova phase da existencia humana é essencialmente caracterisada pelo trabalho apurado da pedra, que o homem já sabe afiar e polir. O machado de pedra polida é o distinctivo da nova civilisação que por toda a parte alastrou os seus productos e deixou vestigios abundantes da sua passagem; como para a edade da pedra lascada, raça alguma civilisada ou selvagem deixou de transitar pelo periodo da industria neolithica.

De raça apurada já, bem distante do anthropoide primitivo, o homem instaura um novo estado social que o hade transportar em breve ao ádito das civilisações historicas.

Ignora ainda os metaes, mas explora habilmente a pedra dura, installa vastas officinas, exporta e mercadeja com os utensilios do seu fabríco; conhecedor da argila, manipula uma louça grosseira e quebradiça; da fauna inimiga tira servos doceis e alimento

facil, protege-se com o cão, a sua mais preciosa conquista, mette o boi ao trabalho e ceva o porco; semeia os cereaes, móe o grão, amassa o pão, e entretece as fibras do linho para fazer as teias grosseiras dos vestidos e as malhas das redes de pesca: descontente com a vida nomada e com o mau abrigo, ensaia-se a edificar, ergue as cabanas, agglomera-as, cingindo-as de trincheiras, e vai até construir dentro dos lagos, sobre madeiros cravados no fundo, as celebres cidades lacustres ou palafittas, e arrisca-se sobre as aguas no fragil lenho cavado; emfim, animado pelo incentivo religioso, strenuo respeitador do culto dos mortos, ergue as massas collossaes dos seus megalithos dolmenicos, monumentos immorredoiros do seu requintado sentimento de funeralidade.

A época neolithica ou *robenhausiana* (Mortillet) é largamente representada em Portugal, denunciando uma população bem derramada e em certos pontos bastante densa.

Os machados apparecem de norte a sul, abundando principalmente no Alemtejo, e servindo por toda a parte d'amuletos, sob o nome de *pedras de raio*.

A nossa palearcheologia essa tem-se enriquecido com acuradas e numerosas escava-

ções e pesquizas, que teem posto a lume montões de preciosidades prehistoricas, como o arsenal inteiro de todos os utensilios de silex lascado e polido da época neolithica, os objectos d'osso e dentes, muitos dos quaes destinados a adorno, as peças de ceramica rudimentar, emfim as ossadas quer dos animaes domesticados ou de mantença, quer do nosso mesmo antepassado robenhausiano.

O mappa palearcheologico de Portugal está bem marcado d'estações antehistoricas. Das cavernas, tão abundantes nas zonas trasmontanas e beirôas, citaremos como as melhor estudadas, as grutas artificiaes de Palmella, as de Cesareda (Casa e Cova da Moura, Lapa furada) e a da Furninha de Peniche, que illustraram o nome de Nery Delgado.

Os *dolmens,* ou *antas,* segundo a denominação portugueza, povoam todo o paiz, multiplicando-se extraordinariamente no Alemtejo; já observados pelos archeologos antigos que lhe desconheciam a significação e entre elles por D. Martinho de Mendonça, teem sido objecto de investigações escrupulosas e mesmo de trabalhos de conjuncto como o de Pereira da Costa. Notaremos as antas de Bellas (Mont'Abrão, Pedra dos Mouros, Es-

tria) exploradas por Carlos Ribeiro, as do Minho (Ancora, etc.) revistadas por Martins Sarmento, além de muitissimas outras sobretudo na zona transtagana. Tem-se tambem deparado com officinas d'armas e com estações populosas, verdadeiras cidades prehistoricas, sendo a mais notavel a estação de Licêa que fez objecto d'um bello estudo de Carlos Ribeiro.

Emfim, até os *kiokenmodingos*, como chamam na Dinamarca ás massas de *rebutalhos de cosinha*, especialmente constituidos por conchas e que ascendem aos primeiros tempos neolithicos, foram em numero de quatro descobertos em Mugem, sendo o mais notavel, o de Cabeço d'Arruda (Pereira da Costa e Carlos Ribeiro).

O neolitha, sob o ponto de vista da evolução sociologica, distanceia-se essencialmente dos seus ascendentes prehistoricos pelas mais completas e subidas manifestações de cultualismo mortuario. A jazida sepulchral era certamente a sua preoccupação capital; para sepultura aproveitava os melhores abrigos naturaes ou lhe dedicava os mais collossaes monumentos; e ao depositar o cadaver no acoito final, mil vezes superior ao do vivo, rodeava-o respeitosa e até supersticiosamente de ceremonias funebres.

Nem sempre a funeralidade robenhausiana se guindava tão alto. Assim em os nossos kiokenmodingos, entre as camadas de conchas, despojos d'animaes, cinzas, silex e lodo, depararam-se esqueletos, dispostos com uma certa ordem, e quasi constantemente indicando pela posição dos ossos que o cadaver fôra sepultado de cocaras com as coxas flectidas sobre o ventre. Este facto unico nos kiokenmodingos da Europa só tem como analogo o dos *sambaquis* brazileiros, jazigos analogos e tambem com sepulturas, descobertos por Coutinho, e estudados por Ladislau Netto, Carlos Wiener e outros. *(Nota VI).*

Typo nitido de inhumação primitiva, a sepultura dos nossos kiokenmodingos sem duvida alguma predolmenicos foram uma das grandes curiosidades do congresso na sua excursão a Mugem. Singular, quasi tragico espectaculo — diz Oliveira Martins — o d'esses mortos de seculos, por largos e incontaveis tempos immoveis nas suas attitudes, com o terreno a crescer-lhes, o rio a cobril-os, como um Nilo, em cada inverno,—e agora outra vez expostos á luz do sol, dir-se-hia recostados nos divans d'um salão, recebendo a visita dos doutores da Europa.

Esta inhumação pura e simples, de que se

teem encontrado em outros pontos exemplos nitidos, como typo vetusto e primordial de sepultura, não é o tom dominante, em materia funeraria, na edade premetallica.

Não se satisfaziam com a pobre manta de terra; queriam o abrigo da rocha, gruta ou caverna, o antro laboriosamente cavado no seio da montanha, ou emfim a tumba de lagedo, a sepultura megalithica.

Possuimos grutas naturaes e artificiaes da época robenhausiana, que foram utilisadas para sepultura. As grutas ossiferas de Cesareda e da Furninha poderão ser consideradas como cavernas sepulchraes. Tal não foi porém a opinião do seu illustre explorador, que as olhou como velhacouto de anthropophagos, baseando-se nas fracturas, mutilações e excavações dos ossos encontrados, na sua falta de relação com o numero dos individuos denunciado pelos maxillares inferiores, e por varios outros signaes já osteologicos, já topographicos. Este cannibalismo dos nossos maiores é impossivel de justificar-se perante a abundancia alimentar da época, e quando muito se poderão invocar práticas religiosas grosseiras e selvagens ou razões ethnographicas mais ou menos valiosas; certo é porém que os factos não for-

çam ainda a crêr que os nossos ancestraes sorviam com delicias a medulla sangrenta d'um osso do seu semelhante desfeito em postas. *(Nota VII).*

A expressão mais consagrada, mais vulgar e mais authentica da funeralidade primitiva é innegavelmente o *dolmen* a que em boa phrase lusa se applica o vocabulo—*anta.* Pertencem as antas ao grupo dos monumentos denominados *megalithos,* fabricas rudes de grandes pedras brutas, entre as quaes se contam ainda o *menhir*, monolitho alongado e vertical, as aleas de pedras, e os grupos circulares chamados *cromlechs.*

Largos calhaus macissos em bruto, erguidos ao alto e cravados firmemente no solo, sustentando uma grande lagea horisontal que serve de tecto, formando assim um recinto cavernoso, com abertura lateral ou porta, eis o typo da anta em toda a sua inteireza.

A familia dolmenica, que varia um tanto nas fórmas e mais ainda nas materias de construcção, irregularmente distribuido e ás vezes com profusão por todo o antigo continente, é abundante em Portugal, onde o mappa da secção geologica assignala nada menos de 179 antas, afóra as innumeras já destruidas totalmente ou de que ainda se não deu conta.

É verdadeiramente pasmoso o trabalho herculeo do neolitha arrancando do penhasco essas moles collossaes, guindando-as ás cristas dos montes, firmando-as e sobrepondo-as n'um equilibrio estavel que tem resistido á acção demolidora de milhares d'annos e perpetuarão a memoria dos seus constructores até aos confins das edades porvindouras.

A sepultura dolmenica tem typos inferiores; as suas proporções e capacidade reduzem-se consideravelmente, e em vez d'abrir lateralmente, abre superiormente por tampa; é o que, em a nomenclatura proposta pelo sapientissimo archeologo Martins Sarmento, se denomina *antinha* ou *antella*. Emfim a installação tumular póde ainda reduzir-se a um simples comoro de pedras e terra; é a *mamôa* ou *mamunha*, designação assás expressiva.

O destino funerario do dolmen é hoje ponto absolutamente assente. Entre nós as antas, saqueadas pelos cubiçosos de thesouros mouriscos, que n'ellas o povo suppõe contidos, como é tradição por todo o Portugal, durante muito tempo não offereceram ossadas á exploração, e esta ausencia é ainda registrada por Filippe Simões no seu bello trabalho sobre a archeologia peninsular; mas a

cata de Carlos Ribeiro nas antas de Bellas e outras deu uma boa somma de despojos humanos, pondo em evidencia a utilisação mortuaria dos nossos megalithos.

Os cadaveres succedem-se nos dolmens, lado a lado, e por vezes sobrepostos, indicando serem necropoles de grandes povoados. As ossadas manifestam-se em alguns pontos um tanto calcinadas, o que parece indicar, não incineração, mas que no momento de novos enterros eram projectados lá dentro brandões inflammados ou brazas accesas no intuito de destruir as pessimas emanações dos cadaveres putrefactos.

O corpo era assente de cócaras, com a cabeça sobre os joelhos, ornado d'amuletos, rosarios e collares, e rodeado d'armas, utensilios e viveres ao alcance da mão.

A piedade dos vivos, impregnados de sentimentos religiosos e crentes n'uma vida futura, tão material e grosseira como a presente, fazia assim depôr em torno do defuncto uma verdadeira mobilia funeraria do que havia de melhor, de mais rico e apurado. Era uma série variada de magnificos machados, facas, pontas de frecha, ornatos de pedras e conchas, louças e urnas, pendeloques e contas, amuletos e insignias. De todas estas pre-

ciosidades as nossas antas teem dado larga cópia, havendo sómente a notar como traço peculiar e caracteristico do seu conteúdo a existencia de machadinhas, placas e baculos de schisto com ornatos triangulares. *(Nota VIII).*

Ao attingir pois o termo da edade neolithica, o homem professa o mais strenuo e dedicado culto mortuario, esse fautor radical e primordial da religiosidade, e, praticando a inhumação, erige monumentos funerarios mais bellos e mais grandiosos do que as suas grosseiras choças e habitações selvagens.

Assignala-se um novo marco na civilisação prehistorica com o advento dos metaes.

O *bronze* é o primeiro metal que na Europa apparece a substituir a pedra; talvez porém que em alguns paizes e nomeadamente em Portugal e Hespanha, o cobre, metal nativo, precedesse como na America a introducção da liga artificial de cobre e estanho; tal é pelo menos a opinião do archeologo hespanhol Vilanova. *(Nota IX).*

A éra do bronze segue a principio, em materia d'usos funerarios, as pisadas da neolithica; é inhumacionista e aproveita-se das mesmas grutas e dos mesmos dolmens. Vul-

garisa-se porém extremamente o uso de pequenas camaras sepulchraes de pedra, de fórma rectangular, cobertas de terra, onde era depositado um só corpo, embrulhado em vestidos, e ajoujado d'armas e joias, a maior parte de bronze; emfim á pedra tumular substitue-se por vezes a madeira, especie de caixões toscos de carvalho.

Ao lado porém da inhumação e do sarcophago, surgem a cremação e a urna cineraria, iniciando o duello secular d'esses dois ritos cardeaes de sepultura. Já no transito da era neolithica para a bronzea se manifestam vestigios da queima: assim, para citar exemplo nacional, Carlos Ribeiro descobriu na estação de Licêa indicios não só d'incineração, como de edificações especiaes para tal effeito e de ceremonias funerarias correspondentes. *(Nota X)*.

É principalmente quando a vulgarisação do bronze attinge o seu apogeu que a incineração domina d'um modo extraordinario mas não exclusivo. O corpo do defuncto é lançado sobre a pyra funebre, coberto por vezes d'armas e adornos; e terminada a queima as cinzas são recolhidas em urnas, semeando-se em volta d'ellas as preciosidades domesticas da época.

Inaugura-se emfim a *éra do ferro*, indubitavelmente o estadio mais decisivo da civilisação humana. E com ella a cremação perde terreno, reduzindo-se a um alto privilegio dos poderosos, e extinguindo-se até em largas regiões; a inhumação adquire uma superioridade completa, e impera por toda a parte; installam-se os cemiterios e nos ataudes de madeira jaz o cadaver envolto no sudario funebre, não reclinado como anteriormente, mas deitado horisontalmente com a face voltada para o céu e os braços cruzados sobre o peito.

Encerram-se porém aqui os tempos palearcheologicos; pisamos já os degraus da historia, ao longo da qual vamos seguir a grandes passos a evolução da sepultura.

Lá no immenso e fertilissimo oasis que s'estira, marginando o Nilo, da região nubica ao littoral mediterraneo, desponta ao sol da historia a primeva civilisação egypciaca. Magestosa e harmonica, aprimorada nas sciencias e nas artes, foi ella a escóla do mundo que hauriu avido as suas lições fecundas e se prostrou respeitoso perante a sua grandiosidade surpreendente. Mas o laborioso hamita, esse proto-civilisado por excel-

lencia, não se perpetuou sómente nos traços indeleveis que por educação e herança cunhou no ámago de todas as sociedades ulteriores. Conscio da sua plenitude e brilho, protesta contra os embates demolidores da natureza, e arca potente com os seus formidaveis engenhos de destruição, que serena e implacavelmente sorvem no mesmo abysmo os homens e as suas obras.

O granito rosa, a diorite e o basalto, sobrepostos e architectados nas moles cyclopeas das pyramides, cinzelados e esculpidos no vulto gigantesco das sphynges, burilados e recamados de hieroglyphos nas stelas e obeliscos, levam aos confins dos seculos em memoria viva a possança do seu genio, o espirito dos seus conceitos, e a indole do seu viver. A fórma precaria e a substancia perecivel do corpo, essas estabilisam-se e manteem-se no laboratorio sagrado onde a chimica sacerdotal volverá o defunto em resiccada e bituminosa mumia. Agora, imputrescivel já, desafiando a corrosão microbica, o cadaver embalsamado, cingido de faixas, póde affrontar os seculos embainhado nos sudarios macissos das rochas duras; e, presa d'este ideal mortuario, o egypcio coalha de necropoles a planura e as eminencias, escol-

ta o rio sagrado com a fileira interminavel dos seus sarcophagos, á maneira d'allea funeraria, fende as nuvens com os acumens das suas pyramides pejadas dos despojos pharaonicos, mina a terra canalisando o dedalo dos hypogeos, e broquea a entranha petrea das montanhas, crivando-as d'alveolos, onde vão aninhar-se gerações inteiras cadaverisadas e sobrepostas. Como a pholade, o singular mollusco, que consome a existencia inteira, perfurando o gneiss para rasgar a estreita camara sepulchral onde abandona a concha esvasiada, tal era o hamita concentrado todo no seu trabalho titanico da instituição funeraria e da preservação cadaverica; a sua civilisação bem póde appellidar-se por excellencia a civilisação da Morte.

Fortemente impressionado pelo rhythmo perenne da natureza, pelo drama annual do céu e da terra, que em parte alguma é tão frisante e solemne, a morte affigurava-se-lhe uma phase transitoria, um longo somno lethargico, ao fim do qual resuscitaria por impulsão divina, se a sua substancia e a sua fórma fossem resguardadas pelo bitume sacro. Cada anno o Nilo, o manancial da vida, o seu Deus na terra, stagna, mingua e immobilisa-se; e cada anno, Osiris, o seu deus

mythico, o sol da divina bondade, cae prostrado, exanime e mutilado; mas a este periodo de lucto e morte succede a estação d'alegria e vida; o Nilo, tornado um mar prodigioso d'agua doce, expande-se, sacia e fecunda; solta-se uma orgia immensa celebrada n'um concerto unico pelo homem e pela terra, pelo animal e pela planta, e Osiris resuscita emfim para o mystico consorcio que fecunda a natureza.

D'ahi, d'essa pulsação rythmica, a crença na sua resurreição; d'ahi todo esse conjuncto de ritos funerarios, desde a encommendação do morto á sagração da sepultura, todo esse tecido de dogmas funerarios, desde a resurreição da carne á morte do Deus, um systema inteiro de lithurgia e crenças, de festas e calendario, de tenacissima possança hereditaria, cunhado indelevelmente pelo hamita no espirito religioso de todas as gentes que ainda vogam hoje docilmente na esteira eterna da barca sepulchral do Egypto antigo.

A momificação só essa é que não póde imitar-se por toda a parte por causa do clima e da ignorancia. A chimica sabia dos nossos dias retomou a arte necrophila, levando-a a um grau de perfeição que deixa bem longe a do padre memphita. Não falta-

ram pois modernamente os proselytos do embalsamento, encantados com aquella indestructibilidade apparente, e ralados d'angustia pelo processo baixo e immundo da decomposição cadaverica, revoltante para a dignidade humana.

Triste e ridiculo devaneio!

O homem a pretender fixar a sua materia e fórma por toda a eternidade, quando tudo muda, a face da terra e a face dos mundos!... Essas mumias, enthesoiradas nas arcas monumentaes do granito, d'onde só o sopro divino as moveria rebafejando-lhes a vida, onde estão hoje? Que o digam os invasores do Egypto, de Cambyses ao mussulmano, que, profanando o asylo sagrado, as calcaram nefandamente aos pés; que o digam os sabios exploradores d'essa civilisação extincta, saqueando os antros funerarios para enriquecer as collecções archeologicas, do museu do Cairo ao museu britannico, e expondo pelas vitrines, enfaixadas de purpura em caixões de polychromo as mumias archiseculares que despedem um olhar estranho dos seus globos fixos d'esmalte e arqueiam o labio mirrado sobre os dourados incisivos.

Sugado por uma theocracia escravisan-

te, enervado pela ideia da morte, o Egypto abisma-se depois de ter disciplinado o mundo. Ao carro triumphal da civilisação vão revesar-se agora as gentes d'Asia, as phalanges semiticas; é o assyrio, o opulento assyrio, amontoador de cidades e palacios; é o chaldeu, o cultor da astronomia; é o hebreu o eleito, constringido na genese penosa e obscura d'um terrivel jehovahismo, absorvido em miragens religiosas e nos mysticismos allegoricos, que seculos depois farão delirar o mundo, desforra immensa d'uma raça annullada e d'um povo escravo; é o phenicio emfim, mercador e viajante, que inicia a civilisação mediterranea, animando o littoral da grande bacia maritima, divulgando a chave do commercio — a moeda, e o instrumento da idéa — o alphabeto.

Em todo este feixe gigantesco de gentes a funeralidade foi constantemente inhumatoria; e o cremacionismo, enormemente excepcional, como se deprehende da biblia, foi quasi nullo, de fórma que d'essa grande corrente historica não resta senão o enterramento. *(Nota XI).*

Aos aryas cabe agora a grandiosa victoria no secular combate da civilisação. Raça fina e

pujante, emigram em hordas cerradas lá das margens do Oxus, e alastram-se pela Asia e pela Europa, seguindo diversos rumos. *(Nota XII)*. Nos pontos de paragem vão semeando civilisações cada vez mais bellas, graças aos seus dotes geniaes e ás suas soberbas instituições; a grandeza do seu papel no mundo cabe certamente á trindade luminosa dos seus dons supremos—a lingua, regular e abundante, rica de fórma e d'elementos, ampla para todas as idéas e normas do discurso—a religião, um poeticismo pantheista ligado ás coisas da natureza, desprovida de idolatria e terrores, de obscenidades e de sangue—a familia emfim, em toda a sua pureza natural e incomparavel nobreza, fundada na auctoridade do homem e na dignidade da mulher, o lar, o trabalho, a educação, esteiados na monogamia, essa suprema organisação domestica, boa, virtuosa e progressiva. Animados por esta tripla força creadora do que ha de mais essencial e vital para a humanidade, a elles pertence a absorpção das civilisações decahidas, a colheita dos seus despojos e a primasia social, a elles o cobrir a terra e governar o mundo.

Do tronco aryano oriental emergem dous ramos opulentos. O primeiro grupo deriva

lentamente para as verdejantes e ferteis planicies industanicas até beber as aguas do Ganges e do Indo, cantando na jornada os saudosos hymnos do Veda. São os aryas conquistadores da peninsula indiana, onde constituem com o andar dos tempos um estado social completo, animado na origem pelo espirito nobre d'um patriarchado singelo e d'um pantheismo grandioso, abysmado por fim na hierarchia tyrannica das castas, na theocracia dissolvente, e no mysticismo nihilista que conduz ao menospreso da vida e ao endeusamento da morte, ao quietismo e ao nirvana; quadro afflictivo de desolação e queda moral a emparelhar com o do catholicismo medievico.

Os manes dos finados eram uma das preoccupações cultuaes mais santas do indio, obrigado a endereçar offerendas aos seus antepassados e a preparar-lhes o repasto funebre do sraddha. Só n'isso havia a unidade de sentimentos funerarios, porque o rito esse variava enormemente, embora ordinariamente se pense que a India era e é essencialmente cremacionista. A pyra accendia-se tão sómente, para a casta privilegiada dos brahmanes—e não para toda ella porque s'estendia só a duas seitas—e para a classe guerreira

das katryas; o resto, a grande massa, ou precipita os cadaveres nas aguas santas do Ganges, ou os enterra dentro de grandes talhas de barro.

O outro grupo oriental, o ramo iraniano ou persa, funda uma sociedade varonil, sabia e livre; a luz solar é o seu enlevo e o seu deus; a ella, promotora da vida, a tarefa da consumpção cadaverica; uma banca de marmore, alçada sobre uma alta columna funeraria, recebe o finado ao despontar da manhã, e os raios do eterno facho vão-lhe lambendo e resequindo as carnes onde se crava o bico das aguias, as mensageiras aereas da grande força astral.

Soltam-se emfim do fóco aryano as hordas migradoras occidentaes, as mais ricas de qualidades nativas, as bem fadadas da civilisação. Irrompem pela Europa, innundando-a de norte a sul e de léste a oeste. Uns, os hellenos e latinos descem ao littoral mediterraneo para fruir o doce clima d'Italia e Grecia, sob o qual attinge o seu apogeu a civilisação greco-romana, a mais bella da historia; os restantes, mais tardos na cultura, para os quaes longos seculos decorrem na barbarie primitiva, são os germanos, os gaulezes, os slavos e tantos outros que repartem o solo

europeu, entremisturando-se por vezes, e agitando-se sempre em migrações e conquistas.

Todas estas gentes, d'onde deriva em corpo e espirito o europeu moderno, são dotadas d'um sentimento fino de funeralidade, mais ou menos commum a todo o aryanismo; mas qual era o seu rito predilecto de sepultura? A incineração é de facto praticada por todas ellas, mas tão sómente como medida excepcional, ou imposta por necessidades publicas, como em caso de guerras e epidemias, ou concedida por privilegio e honras aos grandes e aos eleitos.

As escassas noticias, já historicas, já archeologicas, sobre os povos barbaros do nosso continente, abonam esta asserção que confere ao enterramento o primeiro logar nos usos sepulchraes d'outr'ora; é porém nas sociedades italo-grega, tão de nós conhecidas nos seus mais intimos pormenores, que melhor póde apreciar-se a questão da antiga funeralidade europêa.

A devoção piedosa pelos seus finados animou toda a vida social da antiguidade classica. D'além tumulo cada extincto era uma entidade sobrenatural intimamente relacionada com os vivos, ou cobrindo-os com uma in-

fluencia protectora e bemfazeja, ou empecilhando-os com os mais damnados maleficios. Assumiam d'esta fórma os mortos o caracter sagrado e inviolavel de deuses bons e maus —lares, manes, genios, demonios—a todos os quaes se consagrava a maxima veneração, despertada pela gratidão e pelo temor; e não se limitavam a tractal-os com honrosissimos epithetos, mas recheavam-n'os d'offertas e promessas, sagravam-lhes ritos e festas, erigiam-lhes altares e cultos. O olympo fez-se em grande parte á custa do obituario dos heroes; e sem professar um evhemerismo *á outrance,* póde exarar-se que o paganismo greco-romano teve como factor por excellencia a religião funeraria.

Não foi só porém um sobrenaturalismo mythico e uma lithurgia correlata tudo o que se evolveu da tumba. Não; o funeralismo, como amplamente o demonstrou Fustel de Coulanges, foi a alma das primitivas instituições e leis greco-romanas. O altar domestico dos manes, dos antepassados, perante o qual ardia o fogo sacro, constituiu a familia, authenticou o casamento e a auctoridade paterna, consagrou os direitos de propriedade e de herança. E do lar promanou a cidade antiga em toda a sua complexidade de regras, usos

e magistraturas; do lar brotou aquelle fervente e vivacissimo civismo, aquelle estremado amor da patria, instigador dos sacrificios lendarios e das proesas heroicas que fizeram a grandeza das republicas hellenicas e do collossal imperio romano.

O culto do morto exigia uma instituição funeraria apropriada e desenvolvida. Da sepultura dependia até o repouso e a felicidade do finado, bem como o socego do vivo; ai d'elle, sem a morada ultima e sem os ritos tradicionaes, que a sua alma vagueia por toda a parte, feita larva ou duende, torturada e afflicta, e ai dos vivos que ella de misera se tornará vingativa e malfazeja.

Aferrolhar o defuncto em corpo e alma na tumba, eis a preoccupação geral correspondente aos vivos desejos e aspirações de cada um. No entanto, facto notavel, sepulturas publicas e officiaes, lugares especialmente destinados á jazida dos habitantes de toda ou parte d'uma cidade, n'uma palavra verdadeiros cemiterios, foi coisa que os antigos não tiveram. Os sepulchros eram particulares e em propriedade particular, destinados a uma familia inteira ou a uma corporação. Prohibidos no interior da urbe pelas leis das doze tabuas, erguiam-se os tumulos no cam-

po de Marte para os heroes, e fóra de portas para os cidadãos, ao longo da via Appia; como na estrada d'Herculano em Pompeia, era pela via tumular que se fazia o ingresso na cidade. Mas o mais caracteristico é a ausencia formal de coisas lugubres e dolentes; as necropoles antigas eram passeios deliciosos, marginados de bellos jardins, d'onde se erguiam, ao lado d'artisticas sepulturas, elegantes kiosques e magnificas moradias. A morte em vez de tristuras sombrias, mostra-se vaidosa, alegre e foliona; os mausoleus são de graciosa architectura, com decorações curiosas e inscripções, recordando factos de reconhecimento publico ou historias d'amores, com espaço reservado para jogos e gabinetes para repasto funebre; na visinhança ostentam-se *villas* sumptuosas, como em Pompeia a do burguez Arrio Diomedes e a do grande Cicero.

Era a incineração o rito primordial e permanente? Passaria todo o cadaver pelo busto e pelo ustrino? Não, embora se julgue geralmente que a sociedade antiga era radicalmente cremacionista. Que a inhumação foi a norma exclusiva dos primeiros tempos, d'isso não póde restar a menor duvida; o contemporaneo de Cicero pratica ceremonias e profere locu-

ções—reviviscencia inapagavel d'outras eras —que não só deixam adivinhar as crenças primitivas, mas põem em completa evidencia a prioridade do enterramento. São formulas compativeis sómente com este modo de sepultura, para o qual foram creadas, mantendo-se porém tenazmente com os novos usos que com ellas contrastam abertamente.

O morto tinha uma especie de vida material e animica na jazida subterranea. Desejava-se-lhe ventura e descanço—*Ave atque vale* —*Tibi sit terra levis*. Enterrava-se com vestidos e objectos domesticos para seu uso, derramava-se vinho na cóva para lhe matar a sêde, deixavam-lhe iguarias para que elle não soffresse fome, e immolavam-lhe sobre a tumba cavallos e algumas vezes escravos para que lhe não faltassem os seus serviços na vida posthuma. A persistencia de taes costumeiras indica bem a fonte d'onde dimanaram.

Não se pense porém que, com o andar dos tempos e o favor progressivo da queima, a inhumação ficou sómente n'essas exterioridades vasias. Pelo contrario o enterramento permaneceu. Enterravam-se as creanças, e os assombrados de raio; os escravos eram lançados em pequenos poços, tal como se fez en-

tre nós no tempo de D. Manoel para os nossos miseros escravos que eram até ahi devorados pelos cães *(Nota XIII)*; emfim a grande massa popular sepultava-se nas covas do monte Esquilinio. Homens grados e familias patricias foram adeptos da inhumação; assim Numa Pompilio, assim a familia Cornelia e muitos outros exemplos.

Na Grecia, além de muitas excepções, de grandes homens até, basta citar Sparta, fiel ao rito inhumatorio. A prática pois da queima cadaverica nem mesmo s'impunha absolutamente ás classes dirigentes e afortunadas que melhor podiam gosar o luxo crematorio.

Chegados assim ao fastigio da civilisação antiga, demonstrada a existencia da inhumação na aurora social de todos os povos e a sua manutenção vigorosa atravez de todas as correntes historicas, occorre naturalmente perguntar como se originou e propagou o adverso rito da incineração, tão incompativel com as mais arraigadas crenças funerarias. Se o finado revivia na cova e no tumulo, gosando de commodidades identicas ás da vida presente, fornecidas pela piedade dos seus, se corpo e alma se mantinham indissoluveis na existencia sepulchral, resurgindo em sonhos aos amigos e parentes na integridade

das suas feições, actos e palavras, como foi possivel vencer estes sentimentos profundos para lançar os despojos humanos á fogueira e reduzil-os a umas poucas cinzas?

A causa capital d'esta transformação funeraria deve buscar-se, segundo justamente professa Lacassagne, nas necessidades publicas provocadas pelas guerras e pelas epidemias devastadoras. Eis um montão enorme de corpos, feridos pelo exterminio guerreiro ou pelo toque pestifero; enterral-os bom era, se os vencedores ou os sobreviventes terrorisados quizessem ou podessem dar-se a tal tarefa, mas a fogueira voraz rapida e completamente faz arder as massas cadavericas, livrando as populações dos terrores legitimos provocados pelos perigos d'aquella vasta putrefacção ao ar livre. O militarismo esse teve aqui uma influencia poderosissima; os despojos d'aquelles que succumbiam no campo honroso da defeza e da gloria do seu paiz, deviam repoisar junto da familia e no sólo sagrado da patria. Ora as cinzas, d'um transporte facil, permittiam esta repatriação tão cara para as velhas instituições patriarchaes e civicas, vivaz ainda nos povos modernos onde tantas vezes se jornadeiam os defunctos, onde se busca infatigavelmente o cada-

ver dos que fenecem nas grandes explorações gloriosas, como Livingstone e Franklin.

A cremação assumia assim o caracter d'uma honra excepcional, concedida aos heroes; e, quer como prerogativa, quer como uso guerreiro, devia tender a vulgarisar-se em todas as civilisações militares. Tal foi o caso da Grecia e Roma, que viveram em guerras continuadas; tal é ainda o caso da India, guerreira nos seus primordios, onde o cremacionismo impera especialmente na classe militar das katryas, á qual pertencia Çakia-Muni, o fundador do buddhismo que segue inalteravelmente a prática funeraria do seu mestre religioso.

Addicionem-se, como factores auxiliares da propagação crematoria, o sentimento supersticioso da lustração e purificação pelo fogo, assim como a ostentação ridicula d'uma apotheose, especie de separação feita á chamma, entre a parte divina dos heroes ou semi-deuses e as partes terrenas.

Invoque-se emfim o luxo desenfreado dos grandes, despresando-se de apodrecer vilmente como a escoria social do escravo e do proletario, elles cujos cadaveres, queimados com custosas essencias e ricas madeiras, ti-

nham as cinzas cancelladas na urna d'ouro primorosamente cinzelada.

O paganismo e a sociedade antiga ruiram emfim e dissolveram-se; uma nova ordem de sentimentos e crenças se apoderava dos espiritos. Sectario da tradição judaica, o christianismo manteve-se fiel á seita inhumacionista. O exemplo do Divino Mestre, sepultado por José d'Arimatheia e Nicodemo, estava presente ao espirito de todos. O dogma da resurreição da carne tinha-se profundamente radicado no espirito dos crentes. *Cr do resurrectionem mortuorum.*

Lá no fim do mundo, que os primeiros christãos julgavam ser ao cabo do millenio, resurgiriam do tumulo em carne e osso para receber a recompensa dos eleitos ou o castigo eterno dos reprobos; e, como assevera Tylor, durante muitos seculos o cadaver era até enterrado com a cabeça para o occidente para que, ao erguer-se no toque final, defrontasse com o oriente, onde, segundo as visões apocalyticas, resurgiria o gladio divino da justiça ultima.

Para todos os christãos eram pois as sepulturas o carcere desejado dos seus despojos; accumulavam-se nos adros, em torno

das egrejas, acobertados pela sombra do campanario e das flechas gothicas; permeiavam-se na espessura das paredes macissas; refugiavam-se nos desvãos das capellas, á luz frouxa das absides em sarcophagos modelados por uma arte estranha; desciam ás cryptas subterraneas, recostados aos pesados pilares saxonicos, sob as abobadas abatidas; juncavam emfim o chão sagrado dos templos, empilhados nos covaes estreitos.

Era bom jazer assim aconchegado á cruz n'um recinto improfanavel, benzido pelas mãos ungidas dos eleitos do Senhor.

Mas—ou debaixo da cama de terra da sepultura raza, ou sob o jaspe finamente rendilhado em filigrana das tumbas regias e episcopaes, ou sob a armadura esmaltada de insignias heraldicas do suserano feudal—das carnes pulverisadas pela podridão, da massa esverdinhada desfeita pelo gusano, resurgia sempre um monstro phantastico, a suprema irrisão da personalidade humana—o esqueleto.

Armado d'uma ampulheta e d'uma foice, a idade media fez d'elle a encarnação da morte; e essa visão, com o rosario das vertebras, as canas dos membros, os arcos das costellas e a caveira esburacada apoderou-se violenta e pa-

roxisticamente de todos os espiritos allucinados pela eschatologia catholica e esmagados por uma enfiada de calamidades e miserias.

A morte era a expressão da condemnação universal do genero humano; a paz e a salvação só podiam obter-se além-tumulo, mas quão diminuto era o numero de escolhidos em relação ao dos condemnados ás penas eternas!

Toda a communhão christã tremia perante o sudario funebre; e, inseparavel do homem, qualquer que fosse a sua jerarchia, papa ou sachristão, rei ou servo, astrologo ou soldado, o esqueleto movia-se por toda a parte, agitado por forças invisiveis, irritando os ouvidos com o estalar dos ossos e o ranger stridulo dos dentes; aquelle arcabouço descarnado extasiava os santos, edificava os crentes, entontecia os poetas.

N'essa época nefasta em que a desegualdade e a oppressão attingiam o cumulo, em que a vida das classes inferiores era um entrançado de desgraças, os desherdados da fortuna, os desesperados por uma sombra sequer d'emancipação e bem-estar na vida presente, exultavam perante esse poder egualitario da morte que ceifava a eito, *equa pede*, a turba multa de todas as classes e jerarchias. A arraia-miuda e o baixo clero repungidos

d'aleivosias e torturas, tiravam a sua terrivel desforra, saturando tudo d'essa demagogia mystica.

Pela calada da noite, nas horas mortas do alto silencio, o esqueleto poisava grotescamente encarrapitado no friso da columna funeraria, rufando freneticamente n'um tambor com baquetas d'ossos; e a este signal magico, evocado por esses sons terriveis, partiam-se as lageas da sepultura, soltava-se o bando dos mortos banhando de luar o sudario esfarrapado. Arrastados pelo compasso demoniaco, transportados d'infernal vertigem, saltam e rodopiam n'uma roda phantastica, onde todos dão as mãos e se misturam—a rainha e o anachoreta, o papa e a prostituta, a castellã e o servo, o frade e a bailarina.

Era a *dansa macabra*, esse thema estranho, nascido talvez d'uma supersticiosa lenda oriunda da Allemanha, que chegou até nós contada pelo mavioso padre Manoel Bernardes, e fomentado por esse desespero excruciante da meia-edade e por essas extravagantes vesanias epidemicas que desengonçam os membros em vertiginosas cabriolas. Dansam os mortos, porque tudo dansa em pleno tempo medieval; dansa-se no sabbato e nos mysterios; bailam na rua os jograes, e os proprios

reis como o nosso Pedro crú que alta noite foliava com a plebe á luz dos archotes e ao som dos atabales; extorce-se nas praças o epileptico, pula desordenadamente o choreico; e as victimas da dansa de S. Vito, os mordidos da infernal tarantula, rodopiam furiosamente, de face contorcida e olhos estalados, até que desequilibrados e expulsos centrifugamente da roda, partiam na queda o craneo, jorrando pela fractura o sangue e os miolos.

O lugubre melodrama derramou-se por toda a Europa; invadiu o palacio e a choupana, o castello e a egreja, os carneiros e os conventos, estampado no pergaminho, burilado no cobre, esculpido no marmore, modelado na talha, esmaltado nos vitraes, bordado nas tapeçarias e illuminado nos codices.

Inspiração omnimoda da arte, a famosa dansa dos mortos foi um thema fertil para a plastica e para a litteratura, para a pintura e para a musica, e os proprios modernos lá teem ido beber a essa fonte preciosa. Poemas, cantos, romances, coplas, balladas, de tudo houve, infestado da funebre representação plastica. Perante a côrte de D. Manoel tambem o nosso Gil Vicente exhibia nos seus celebres autos a temerosa morte, conduzindo

para a barca do inferno condes e marquezes, reis e papas, nivelando os seus crimes e as suas prosapias. *(Nota XIV)*.

N'esta fascinação artistica a palma coube á pintura, que exhibiu magnificas producções inspiradas no realismo mortuario. Tal é aquella famosa série de telas, illustrações magnificas do poderio e triumpho da morte, onde se esmerou o magico pincel d'Holbein, o celebrado mestre da escola germanica, o amigo d'Erasmo; taes são ainda os paineis sevilhanos, cantados pelo finissimo critico Th. Gautier, os quadros de Valdez Leal, legitimo pintor hespanhol, catholico e feroz, enfileirando os esquifes dos bispos, dos campeadores e dos guerreiros, e ao fundo a morte pesando tiaras e corôas, sceptros e escudos que a balança eguala com o rebutalho vil e o sordido monturo.

Era a egualdade na corrupção, a democracia da morte, mas uma egualdade negativa, bem diversa da egualdade na vida, nos direitos e na liberdade, a egualdade positiva e vivificadora prégada pela Revolução Franceza.

Essas tradições mortiferas em que apparece o phantasma devorador do esqueleto e as prophecias terriveis do *Dies irae*, monumento de desolação em que o fim do mun-

do e o juizo final são retratados d'um modo inimitavel, todo esse complexo esterilisador, é que deve expungir-se até ás ultimas particulas da sua reviviscencia atavica nos espiritos d'hoje.

É claro que a inhumação foi tão sómente um facto associado, um accidente e não a causa d'essas loucuras e desvarios do espirito humano. Lave-se essa accusação levianamente infligida ao innocente rito funerario por poetas e pensadores, adeptos do cremacionismo. E se querem deslindar manchas do passado, tel-as-hão tambem no queimadeiro.

É que a egreja tambem incinerou corpos humanos. Para os fieis não havia castigo maior do que reduzil-os a cinzas; era uma profanação, era obstar á sua resurreição; os grandes criminosos e os regicidas soffriam a queima, e o santo officio, essa efflorescencia da diathese catholica, destruidora como um cancro, atirava ao queimadeiro com hecatombes de victimas—mouros e judeus, hereticos e relapsos. As entranhas do deus inquisitorial eram de fogo como as do Moloch phenicio.

A frequencia dos autos de fé, como diz Alexandre Herculano, tornava-se até uma providencia hygienica. As pocilgas inquisitoriaes, sem ar e sem luz, onde se empilha-

vam as miserandas victimas, eram recintos infectos d'onde podia rebentar a onda devastadora da epidemia. Era forçoso reduzir rhythmicamente aquelle acervo de carne humana a menor volume, para não soffrer a saude publica, e para que nova mercadoria heretica pejasse os vastos depositos do Santo Officio. E os seus corpos não iam infectar a terra da sepultura; queimados e purificados na fogueira, as suas cinzas malditas iam depositar-se na vasa do Tejo ou perder-se na ampla bacia do Oceano. Ó hygienica e santa incineração!

Os dias d'exercicio d'essas nefandas sociedades de cremação eram festa para a côrte, para os fidalgos e para as damas que vinham pressurosas edificar a fé, afervorar o mysticismo, empedernir o coração, e dar largas á concupiscencia beata.

Terrivel carbonisação que desvastou e bestialisou, estendendo entre nós até á decadencia d'hoje os seus perniciosos effeitos.

Um dia a humanidade rompeu revolucionaria contra tanta maldade e escravidão.

O queimadeiro sumiu-se. Ninguem mais fallou em cremações senão como estudo historico e a inhumação ficou pratica geral e absoluta.

TERCEIRA CONFERENCIA

INHUMAÇÃO E CEMITERIOS

(1 DE SETEMBRO DE 1884)

Meus senhores:

A REGULARISAÇÃO legal e civica do enterramento e a instituição communal de cemiterios publicos são acquisições relativamente modernas. De pura jurisdicção sacerdotal, a sepultura era uma empreza das abbadias, irmandades, corporações religiosas e ordens terceiras; o campo d'enterramento era um terreno sagrado—o adro circumdando o templo, ou o proprio chão da egreja. Até ao principio d'este seculo, d'encontro ás mais

evidentes regras hygienicas, d'encontro até aos dictames do mais santo respeito christão, os sanctuarios do culto, invadidos pela chusma dos cadaveres, que se amontoavam sem ordem no seu recinto estreito, foram os logares predilectos de sepultura.

Esta pratica encarnou-se no espirito publico como uma manifestação forçada e impreterivel das crenças catholicas, detestavel prejuizo contra o qual, sob o proprio ponto de vista canonico, se poderiam invocar os costumes dos primeiros christãos e o mesmo voto das determinações ecclesiasticas. Regalia fôra só dos santos e dos martyres a jazida no templo, onde os fieis se prostravam perante os seus corpos bemaventurados, aspirando com delicias ineffaveis as emanações puras das suas carnes incorruptas. Repoisar ao lado dos heroes da egreja constituia uma honra subidissima concedida a principio ás testas coroadas e ungidas, aos representantes do poder divino, aos altos dignitarios da jerarchia politica e ecclesiastica. Os poderosos e os ricos sepultavam-se por prosapia e fanatismo a peso d'oiro nos altares móres das cathedraes ou em templos erguidos a expensas suas; e os frades enfileiravam-se nos claustros espaçosos ou nas lendarias cryptas monachaes.

A honra foi-se degradando de tal fórma, e avolumando a receita e o beneficio da empreza exploradora, que por fim a prerogativa se transformou em direito commum e o pavimento da egreja foi franqueado para jazigo de todo o mundo.

Este abuso tinha sido, é verdade, condemnado por editos regios e decisões de concilios; entre nós o primeiro concilio bracarense, celebrado em 663, proferiu um canon notavel, prohibindo o enterramento nos templos. A superstição achava, porém, meios de calcar aos pés taes disposições, que acabaram por tornar-se letra morta.

A restauração scientifica e a emancipação intellectual do seculo XVIII iam cortar fundo na velha e obnoxia pratica funeraria. A observação clinica, apreciando a origem das doenças infecciosas, e a chimica incipiente, analysando os phenomenos da putrefacção, verberavam as sepulturas no recinto fechado das egrejas, como prejudicialissimas á saude dos povos. Haguenot e Maret distinguiram-se n'este vigoroso ataque a uma instituição caduca, publicando duas memorias celebres que fizeram uma impressão vivissima. Traçou-se um quadro de côres sombrias e terrificas; denunciaram-se os vapores animaes putridos,

as exhalações mephiticas, golphadas das covas e dos sepulchros sobre o ar enclausurado dos templos; poz-se em relevo o papel mortifico d'esse ar infecto, e colligiu-se um rol interminavel de catastrophes, umas recentes, outras lendarias, recheadas de pestes, asphyxias, molestias malignas e mortes repentinas, que tinham immolado milhares de victimas.

Fulminado o anathema, o estado dispoz-se a intervir com a sua auctoridade para a prohibição do enterramento nas casas do culto, e este movimento benefico, iniciado em 1776, foi amplamente abraçado pela revolução franceza, que reivindicou para a auctoridade leiga a policia e regularisação funeraria, e vigorosamente actuou na proscripção da sepultura d'egreja. A consagração definitiva d'estas medidas governativas deu-a o decreto napoleonico de 23 prairial anno XII (12 de junho de 1804), prohibindo terminantemente a inhumação em todo e qualquer edificio onde se reunam cidadãos para a celebração dos seus cultos, instituindo cemiterios communaes sob a inspecção e vigilancia da auctoridade civil, regulando as dimensões e intervallos das covas, determinando o tempo da sua renovação, editando emfim todos os preceitos exigidos

pelo novo estado de coisas em materia de sepultura. Sabia lei foi essa, uma das mais notaveis que registram os annaes da administração hygienica; ainda hoje em vigor, mantiveram-na e imitaram-na todos os paizes cultos.

A nova e salutar reforma reflectiu-se em Portugal. Já em 1800 o dr. Vicente Coelho de Seabra escrevia uma *Memoria sobre os prejuizos causados pelas sepulturas nos templos*, onde apresentava como exemplos racionaes da nocividade em questão, entre outros duas epidemias que grassaram no Porto, uma causada pelas emanações pôdres da egreja de Santo Ildefonso, e outra em 1799 pela egreja dos Orphãos.

Nas celebres constituintes de 20 fez-se ouvir sobre o assumpto o arcebispo da Bahia, Vicente da Soledade, que, em nome dos sagrados canones, não trepidou em atacar a ignorancia e o prejuizo, nocivo á saude dos povos e á magestade dos templos; mas as agitações politicas e o nosso ronceirismo administrativo tolheram a iniciativa do respeitavel prelado.

O mais vigoroso athleta entre nós da restauração hygienica da sepultura foi o illustre professor da Escóla Medico-Cirurgica do

Porto, o Dr. Francisco d'Assis de Souza Vaz, que deu á luz em 1835 uma excellente *Memoria sobre a inconveniencia dos enterros nas Egrejas*, onde, depois d'uma critica vigorosa, aquelle benemerito do ensino medico portuguez expende os principios do novo systema cemiterial e appella enthusiasticamente para o publico, para os municipios, para a egreja e para o governo, pedindo com vehemencia, em nome da hygiene repellida e da religião ultrajada, a extincção da stulta costumeira e o termo do nosso vergonhoso atraso em materia funeraria.

Apesar d'estes e d'outros levantados protestos, manter-se-hia o ridiculo e pernicioso *statu quo*, se o cholera-morbus não invadisse Portugal, causando uma consideravel mortandade; só o aguilhão das epidemias, — mais uma vez fica provado — é que nos força a sonhar com reformas hygienicas. A dos cemiterios incubou uma bagatella d'uns cincoenta annos, mas emfim, graças á boa providencia que nos protege, lá se soltou do apoucado ventre da mãe-governação.

Foi o decreto de 21 de novembro de 1835, referendado pelo estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, que prohibiu terminantemente a inhumação nos templos, stygmati-

sando no curto relatorio que o antecede a sordidez interesseira d'aquelles que especulavam com uma «pratica funesta a saude dos seus concidadãos, vindo assim a fazer um trafico de pestilencia e morte». Para tornar effectiva essa defeza, e satisfazer ás legitimas prescripções da hygiene, no citado decreto, assim como no regulamento complementar de 8 d'outubro do mesmo anno, ordena-se a creação geral de cemiterios publicos municipaes e parochiaes; preceitua-se que os cemiterios sejam resguardados por um muro de dez palmos, e situados fóra dos limites do povoado em logar que pelas condições do terreno e exposição seja o mais conveniente sob o ponto de vista da salubridade; manda-se que cada corpo seja enterrado em covas separadas, que tenham pelo menos cinco palmos de profundidade e se arredem umas das outras palmo e meio; não se admitte renovação de sepultura senão ao fim de cinco annos; dispõem-se emfim varias medidas d'ordem administrativa todas conducentes á boa realisação do novo estado de coisas.

Iniciou-se logo a execução da reforma estabelecida pela legislação vigente. Em Lisboa, os dous cemiterios de S. João e dos Pra-

zeres, estabelecidos em abril de 1833, por occasião de se desenvolver a epidemia cholerica e para satisfazer á prohibição occasional do enterramento nos recintos do culto, foram considerados publicos e permanentes, subordinados á administração camararia, servindo desde então até hoje de logares de sepultura para os cadaveres da capital. O Porto abriu o seu cemiterio do Prado do Repouso em 1839, inaugurando-o com a trasladação solemne dos despojos do benemerito portuense D. Francisco d'Almada; só em 1855 se creou o cemiterio d'Agramonte, graças á apparição da epidemia, ficando esta cidade tambem com duas necropoles publicas, oriental e occidental.

A crusada legal foi operando os seus effeitos pelo paiz; mas que desanimadora lentidão a do estabelecimento dos cemiterios, que vergonhosos obstaculos a tolher desesperadamente a diffusão regular do enterramento hygienico, pautado pelas novas normas administrativas!

A jurisdicção creada pelo decreto de 35, subjeitando todos os enterramentos a uma especie de direito commum—qual era o tornar o cemiterio uma pertença exclusiva da auctoridade leiga e recinto geral de sepultu-

ra, sem reserva de classes nem jerarchias—fôra mal comprehendida, e até por vezes mal sustentada por parte dos poderes publicos. Logo em 1839 o governo não duvidou conceder ao barão d'Almeidinha que na ermida d'uma quinta sua se sepultassem as pessoas da sua familia, privilegio insensato e illegal, que foi porém gosado até ao anno de 1871 em que o bispo de Vizeu muito louvavelmente o revogou por portaria. Os magnates não deixavam porém de pretender sepulturas privativas para os productos da sua rara stirpe; assim em 1865, trinta annos depois da promulgação da lei, ainda o visconde da Esperança queria ser enterrado com os seus no convento de Cuba, allegando uns suppostos direitos de padroado, pretensões a que uma portaria do Duque de Loulé negou provimento. Os religiosos, esses tambem se ergueram como era d'esperar, contra a destruição dos seus privilegios de sepultura; quantos não continuaram a gosar da stulta regalia da catacumba d'egreja e de claustro, em contravenção expressa da lei?!

Bastará dizer que nada menos que em 1867 houve o desplante de metter o cadaver d'uma freira no carneiro d'um convento em Lisboa, facto condemnado n'uma portaria do snr.

Barjona de Freitas, o qual dirigiu uma circular aos prelados portuguezes para que taes transgressões se não repetissem, sob pena da trasladação do corpo e do respectivo procedimento criminal.

Cerceados assim os privilegios dos apregoadores d'isenções emanadas da casta, da riqueza e da sagração religiosa, condemnada formalmente a sepultura privativa em propriedade particular ou em recinto de culto, havia ainda a destruir os cemiterios privativos, os campos de repouso possuidos pelas collegiadas, confrarias e misericordias que d'elles auferiam saborosos proventos. A anterioridade ao decreto de 35 e a lettra de differentes alvarás antigos, e entre elles o de 1808, serviam de base ás reclamações das corporações pias que instavam pela conservação dos seus cemiterios e catacumbas ou pela creação de novos cemiterios, propriedade sua, situados onde lhes aprouvesse. Taes exigencias eram contrarias ao bom principio da vigilancia policial e da inspecção permanente, unicas garantias da applicação das regras legaes e hygienicas d'enterramento, além de fazerem concorrencia ao cofre municipal que tinha tomado o pesado encargo da fundação e custeio das necropoles publicas.

Foi aqui no Porto que esta lucta se tornou mais renhida. A principio a auctoridade n'uma negligencia culposa não interferiu e um grande numero de irmandades e ordens portuenses gosaram á sua vontade de cemiterios proprios, collocados alguns nas peiores condições possiveis d'hygiene; á ordem do Carmo ainda em 1852 se concedeu uma parte da cêrca do convento para a ampliação do seu cemiterio, descommunal disparate de que se pescam abundantes exemplos no *mare magnum* das nossas portarias. As dissidencias romperam por fim; e, graças á intervenção energica do governador civil, mandaram-se fechar por portaria de 1866, referendada por Joaquim Antonio d'Aguiar, todos os cemiterios particulares, menos os da Lapa, Bomfim e Cedofeita, toleraveis ainda, reservando-se, porém, os poderes publicos acabar com estas excepções quando assim fosse entendido. Todas estas corporações podiam todavia obter nos cemiterios publicos, tal qual como os particulares, concessões temporarias ou perpetuas em terrenos adequados, para sepultura dos seus confrades, não se entendendo porém que ficariam sendo propriedade de plena fruição, mas sim uma propriedade *sui generis* sujeita á acção e vigilancia da auctoridade

*

policial e dos inspectores cemiteriaes. As ordens representaram e coarctaram, mas tiveram emfim de sujeitar-se á fieira commum, embora com repugnancia; ainda em 1872 Rodrigues de Sampaio teve d'ensinar a boa doutrina aos clerigos da Victoria que sonhavam ainda com a sepultura privativa.

Não foram, valha a verdade, as aggremiações sachristas os obstaculos mais temerosos que suffocaram a reforma inhumatoria. O perigo capital onde ia naufragar a proclamada hygiene, era a ausencia de cemiterios nos municipios e freguezias provinciaes. Essa despeza era considerada expressamente por lei como absolutamente obrigatoria e inadiavel para o municipio e para a parochia; mas quê! vinte annos depois um decreto mandava ceder para cemiterios terrenos nacionaes de valor insignificante. O cemiterio não era ainda uso geral e as sepulturas lá se faziam bellamente no adro e na matriz.

Factores diversos teem collaborado n'esta obra detestavel e retrograda: primeiro o espirito supersticioso e deprimido da populaça, principalmente de certas regiões do Minho, habilmente entretido pelos andadores varatojanos e até ás vezes pelos proprios parochos, especie de cretinos tonsurados de

que por lá apparecem, creio eu, não raros exemplares, deshonrando uma classe honesta e prestimosa ainda; depois o condemnavel desleixo e pessima administração das camaras e parochias que, esbanjando por vezes os seus rendimentos como lhes apraz, allegam insufficiencia de meios para o estabelecimento do cemiterio.

A auctoridade administrativa podia, é facto, com o apoio dos poderes publicos, valer a este estado deploravel de coisas; mas, quando ella mesma não esteja eivada dos preconceitos populares, um espectro terrivel lhe tolhe os passos e paralysa a acção. É o voto, as eleições, o compadrio, o partido, o governo! Ai d'elles! regedor e administrador, se descontentam a freguezia, que, quando chegar o angustiado parto eleitoral, não serão elles, os pedreiros-livres, que colherão um só voto, mas nadarão em listas os adversarios, depois de terem habilmente explorado a superstição aldeôa. Enterrem-se lá onde quizerem, no adro ou no templo, já que tanto teimam, tal parece ser o classico principio dentro do qual se move a policia hygienica de campanario!

E, depois de 50 annos, vergonha é dizel-o, depois de meio seculo, quantas pres-

cripções do salutar decreto são ainda lettra morta!

Permitte-se o anachronismo da usança antiga, sem o menor embaraço da lei, concedendo-se ás pessoas reaes e ás altas summidades politicas, a jazida nos templos, á moda dos velhos monarchas e dos donatarios feudaes.

Permanecem cemiterios privativos de corporações religiosas, fóra da administração municipal, em condições deploraveis por vezes de salubridade. Persiste o monturo de cadaveres empilhados, porque, embora o decreto de 35 mandasse abrir para cada corpo coval separado, a valla commum escancara-se ainda em toda a sua hediondez para os miseraveis párias; e ainda bem que nos cemiterios do Porto não se conheceu essa tão detestavel sepultura, apanagio vergonhoso da capital.

Mas o que é lastimoso e condemnavel, o que desafia a indignação é a ausencia de cemiterios em povoados até de certa importancia, continuando a servir de sepultura, já não direi o adro, mas a propria egreja parochial. É o cumulo do escandalo, do desrespeito e da barbarie supersticiosa, esse espectaculo nojento dado ainda pelo nosso povo

em pleno anno de graça de 1884 e que chega a ser tolerado por uns comparsas ignobeis a quem legalmente cabe a direcção espiritual ou a direcção administrativa do rebanho. É raro que as gazetas levem muito tempo sem registrar casos d'esta ordem, acompanhados a miudo de arruaças e desmandos do vulgacho.

Ás voltas com a incuria e a superstição, voga a instituição cemiterial em o nosso paiz sem a devida consagração geral e sem a uniformidade legal de normas.

Applauda-se, porém, a reforma que procurou n'este ramo d'administração publica e d'organisação hygienica elevar-nos ao nivel dos paizes civilisados e promova-se a desapparição completa d'essas excepções odientas que nos emparelham com selvagens.

A installação dos cemiterios será todavia a ultima palavra em materia de sepultura, satisfará ás mais levantadas aspirações hygienicas? Tal não era certamente a convicção dos proprios fomentadores da reforma. Á força d'ennegrecer os enterramentos nos templos, e d'invectivar a putrefacção, sobrecarregando-a com as mais pesadas e funestas culpabilidades pathologicas, encarou-se o proprio cemiterio como um fóco insalubre e deleterio. E esta crença verdadeiramente uni-

versal e absolutamente incontestada traduziu-se na legislação por um preceito frisante e nitido—arredar do povoado a respectiva necropole, e evitar o mais possivel que essas peçonhas intangiveis jornadeiem até á povoação arrastadas pelas aguas potaveis ou pelos ventos reinantes.

Esta disposição, inserida no decreto francez do anno VII, é já entre nós bastante antiga. O alvará de 23 de março de 1805 manda que o cemiterio se distanceie das ultimas habitações pelo menos duzentos passos, isto é, 143 metros, preceito sanccionado pelo decreto de 35, embora sem medição exacta da distancia.

Dentro das povoações—facto que as circumstancias obrigaram a admittir e a tolerar em muitos pontos—é que a existencia do cemiterio s'encarava em principio como um sacrilegio hygienico.

Assim, o nosso professor Assiz dizia claramente na sua memoria: «Tudo quanto temos dito relativamente á sepultura nas egrejas deve applicar-se pelas mesmas razões aos adros e cemiterios comprehendidos no recinto dos povoados; o perigo é o mesmo. Os cemiterios estabelecidos dentro das cidades são sempre muito humidos; d'elles sáem vapores

perniciosos, que se insinuam pelas casas, lançam um cheiro desagradavel, corrompem os alimentos e alteram até as aguas dos aqueductos.»

N'um relatorio de 1838 sobre as necropoles da capital elaborado por Santos Cruz, como membro do conselho de saude publica, estabelece-se egualmente uma differença insignificante, sob o ponto de vista hygienico, entre a sepultura do templo e a do cemiterio intra-muros, entendendo-se que «os cemiterios dentro das povoações e mesmo a ella arrumados devem ser absolutamente prohibidos.»

Esta corrente avassaladora d'ideias era realmente o reflexo fiel das opiniões dominantes nos principaes centros scientificos, professadas por toda a hygiene classica, e perfilhadas absolutamente, não ha ainda muitos annos, pelas primeiras auctoridades. Engrossava lá fóra em avalanche a massa dos crimes individuaes e sociaes commettidos pelo repugnante campo dos mortos; e sabios d'uma competencia incontrastavel acoimavam os cemiterios da mais detestavel nomeada.

O horror da putrefacção não excederia já os seus limites? Benefico, utilissimo, racionalmente fundamentado fôra elle quando pro-

movera a cruzada contra a sepultura d'egreja e a proscripção d'essas necropoles nojentas e anti-hygienicas. Ao declamar agora tão virulentamente contra os cemiterios não se torna esse movimento insensato e piegas? A cova em recinto fechado e a cova ao ar livre não podem ser racionalmente assimiladas; são porventura analogas as suas condições?

O chão do templo com os cadaveres sobrepostos e remechidos antes da consumpção final, empestando um ar enclausurado, não contrasta abertamente com o cemiterio, amplamente banhado d'ar, com uma vegetação regular saneando o solo e a atmosphera, com as suas covas intactas durante cinco annos, tempo julgado sufficiente para a destruição cadaverica? Se tamanha é a distancia entre os dous modos d'enterramento, é uma leviandade scientifica condemnavel equiparal-os quasi, sob o ponto de vista da salubridade publica.

Sabia-se que a putrefacção gerava gases e emanações altamente nocivas para o homem, e tanto bastava para anathematisar um recinto, como o cemiterio, onde largamente se operava o insalubre processo fermentador. Uma só differença apenas, mas com essa quasi se não contava; era que a putrefacção ce-

miterial não se passa livre e rapidamente ao ar, é subterranea e lenta; mas o libello accusatorio não ponderava esta attenuante bagatella, e a camada espessa de terra calcada sobre o corpo sepulto que deveria poderosamente influir sobre o processo decompenedor e seus productos, graças ás suas propriedades physicas e chimicas, á sua fauna especial e ás radiculas vegetaes, era como um raro e finissimo sendal atravez do qual se evolava o halito pestilento do cadaver pôdre.

Interrogados os motivos e fundamentos d'esta singular e unanime insistencia, ouvia-se e ouve-se asseverar, como argumento sufficiente, que é um facto consagrado pela experiencia de todos os paizes e de todos os tempos. E para edificação completa de qualquer renitente, se porventura o houvesse, desdobra-se uma enfiada de casos sinistros, demonstrando que as covas podem inçar de peste largos povoados, e fulminar de morte, fazendo cahir redondo o desgraçado que aspire em cheio a mancenilha cadaverica. É um cortejo lugubre, que pelo lado scientifico tem o insanavel defeito de ser oriundo d'auctores antigos ou d'observadores mediocres.

Não será ridiculo trazer á collação historias lendarias, onde figuram em extravagante

mescla S. Agostinho e um general de Carthago, narrações estiradas, bebidas em tradições populares e contos milagrentos? Os documentos do pleito, relatados uniformemente pelos auctores com visos de tradição sagrada, á luz da sã razão e da boa critica, uns nada têem com a questão, outros são manifestamente falsos ou eminentemente contestaveis, e na sua quasi totalidade indignos de figurar n'uma discussão séria.

Sem que o ataque fosse legitimavel nem *á priori* nem *á posteriori,* os cemiterios não cessavam de ser arrastados pelas ruas da amargura. Harmonicamente concertados, hygienistas, medicos, biologistas, chimicos, physicos e geologos, entoavam uma condemnação unisona.

Taes declamações anti-cemiteristas acabaram por abrir brecha na opinião publica. A necropole encravada no ambito das cidades, alarma os visinhos, inspira energicos protestos e cria ás administrações municipaes difficuldades sérias, aggravadas pelo augmento da população e pelos privilegios das concessões perpetuas. D'ahi uma crise temerosa nos grandes centros humanos, e que, assente como dogma a nocividade do cemiterio *intra et apud muros,* só podia ter duas soluções, ou

relegar para bem longe os cemiterios, deportando os mortos, ou empregar um outro meio de destruição cadaverica sem os terriveis e insanaveis inconvenientes da consumpção inhumatoria.

O expediente das vastas necropoles, arredadas das cidades, recebeu já a sancção pratica. Na Inglaterra abriu-se em 1858 o *Woking Common Cemitery* a 36 kilometros de Londres, servido por uma via ferrea e uma gare especialmente destinada á expedição dos caixões; e os antigos e detestaveis cemiterios londrinos foram progressivamente perdendo a sua clientella. S. Petersburgo seguiu o mesmo exemplo.

Nos bellos tempos do imperio, Haussmann, o reconstructor da capital de França, projectava com o favor do cesar e seus acolytos a creação d'uma necropole extra-urbana no planalto de Mery-sur-Oise, a 22 kilometros de Paris; embora apoiada por uma commissão technica e sanccionada pelo grande Tardieu, a empreza não obteve ainda execução, desfavorecida como é, tanto da edilidade como do publico parisiense.

O processo de deportação funebre foi tambem alvitrado para as capitaes portugueza e brazileira. No Rio de Janeiro propoz-se o es-

tabelecimento d'um vasto cemiterio a cinco leguas da côrte, servido tambem por caminho de ferro, destinando-se os actuaes sómente a monumentos, memorias e deposito d'ossos. Em Lisboa uma commissão municipal nomeada em 1870 para estudar a questão cemiterial e de que era relator o medico Theophilo Ferreira, condemnava as jazidas existentes e indicava a creação d'uma necropole a grande distancia da cidade.

Esta solução do problema das necropoles citadinas pela deportação dos mortos não tem angariado grandes adhesões, despertando pelo contrario um movimento d'hostilidade. Além das difficuldades financeiras e d'inconveniencias praticas bem patentes, fere d'um modo vivo manifestações respeitaveis de sentimento e saudade pelos finados; não, a cidade dos mortos não póde violentamente arrancar-se da cidade dos vivos sem pretexto de sensibilidade offendida quando, como em Paris e entre nós, essa especie de religião funeraria tenha um culto fervente.

E não haverá algum processo que enlace harmoniosamente uma hygiene severa com o cultualismo mortuario, que satisfaça plenamente a esta mescla de *desiderata* — a saude publica e a veneração das reliquias humanas?

Ha—disseram—acabem com a inhumação, essa pratica fossil, e generalisem a cremação, a legitima filha do progresso. Reduzam o cadaver em toda a impunidade hygienica a umas poucas cinzas e guardem religiosamente esses novos manes na urna de familia.

A incineração era a solução scientifico-sentimental da sepultura. Estava dado o *mot d'ordre;* e rapidamente, á voz dos apostolos dedicados da innovação plagiada, hygienistas puritanos, medicos septicidas, edís economicos, philosophos materialistas, livres pensadores, espiritos sensiveis, poetas lyricos e damas hystericas, os *blasés* do progresso e da nevrose, toda esta turba arrolada sob a mesma bandeira, clamou e clama em altos brados pela demolição dos cemiterios e pela instituição immediata dos crematorios.

E toda esta celeuma, todo este luxo de progresso por que de bocca em bocca foi passando como um axioma incontestavel, como um dogma intangivel, o principio da insalubridade absoluta da inhumação! Se tal premissa fosse exacta, a conclusão era rigorosa; satisfaça-se á suprema lei da salvação publica, atirando os cadaveres para o descampado ou, melhor ainda, torrando-os na fornalha crematoria. Mas da exactidão d'esse princi-

pio que provas havia? Tinha-se lá porventura sujeitado aos rigores d'uma valiosa demonstração scientifica?

O encanto tinha de quebrar-se. N'estes tempos de livre exame não podiam persistir immunes opiniões instinctivas ou preconcebidas. O dogma da nocividade cemiterial, embora perfilhado por toda a hygiene classica, embora subscripto pelo nome celebre e respeitado de Tardieu, teve de soffrer uma rude acareação com os factos positivos d'observação e experiencia,

Bouchardat e Depaul insurgiram-se em nome da sã observação clinica contra a tradição fervente que faz dos campos de sepultura logares perigosissimos.

O principal golpe adveio-lhe, porém, dos trabalhos conscienciosos d'uma commissão nomeada em 1879 pelo conselho municipal de Paris para estudar a grave questão do saneamento cemiterial.

O magnifico relatorio d'essa commissão, datado de 1880, onde figuram trabalhos acurados de Schutzenberger, Du Mesnil, Carnot e Miquel, demonstrou d'uma vez para sempre os merecimentos scientificos da velha lenda dos cemiterios que ficou litteralmente esfarrapada.

Numerosos trabalhos surgiram em França, secundando a nova corrente d'ideias, devendo entre elles mencionar-se as excellentes dissertações de Robinet (1880) e Martin (1881).

Nos principaes centros scientificos não faltaram os defensores cemiteristas. Na Italia em plena evolução cremacionista, citaremos entre outros o professor L. Gabba que rejeita a proclamada influencia damnosa dos cemiterios sobre a saude publica. Em Inglaterra hygienistas como Parsons e Cameron abonam novos factos em favor da innocuidade dos campos d'inhumação. Emfim na Allemanha, o sabio Hoffman em pleno congresso d'hygiene defende e proclama a salubridade cemiterial, e os trabalhos de Pettenkofer, Fleck e muitos outros fornecem argumentos poderosissimos em pró de tal proposição.

Entre nós este movimento scientifico e progressivo ia sendo quasi lettra morta. Os hygienistas officiaes, n'aquella ignorancia leda e cega, de nada sabiam, como eu tive a occasião dolorosa de reconhecer e evidenciar, perante a Sociedade União Medica do Porto. O publico não estava tambem mais avançado, attenta a estranhesa com que até certo ponto recebeu as minhas asserções, e — triste é dizel-o — a maioria da classe medica

ia pelo mesmo caminho d'insciencia e preconceito.

E no emtanto os trabalhos da nova escóla tinham já sido entregues á publicidade. Em 1882 o snr. Manoel Pereira da Cruz defendia, perante a Escóla do Porto, uma dissertação sobre cemiterios, extrahida d'alguns escriptos francezes sobre o assumpto.

Quando em 1883 o snr. Alves Branco se deu á iniciativa de apresentar ao senado lisbonense uma proposta para tornar a cremação obrigatoria em caso de epidemia e facultativa nos casos normaes, o meu amigo Miguel Bombarda, professor, rebatia na *Medicina Contemporanea* essas pretenções superlativas d'hygiene, e demonstrava que os cemiterios de Lisboa estavam indemnes da tal insalubridade e extrema insufficiencia de que os acoimavam infundadamente.

Á nova crise de *hygienismo epidemico,* deu-se no Porto o singularissimo espectaculo de invectivas dialogadas contra os seus excellentes cemiterios, e especialmente contra o do Prado do Repouso, votado ao ostracismo em nome d'uma pseudo-sciencia hypocrita e refalsada. Rebati tenazmente em duas sessões successivas da Sociedade União Medica essas cavilosas e stultas asserções, reduzindo

a um vergonhoso e significativo silencio os sabios campeões, investidos pela lei no elevado cargo de zeladores da saude publica.

Ao tempo que eu iniciava no Porto esta cruzada, os trabalhos da commissão d'hygiene municipal sobre os cemiterios de Lisboa davam um novo reforço ás minhas affirmações, e as observações a que procedi sobre os cemiterios do Porto — natureza de terreno, consumpção de cadaveres, espaço utilisavel, analyse d'aguas, etc., — confirmaram ponto por ponto as proposições avançadas da maneira a mais peremptoria que era para desejar.

É tempo agora d'entrar na demonstração do theorema scientifico — a salubridade da inhumação e cemiterios. Derivarei de facto em facto, de principio em principio, como n'uma deducção mathematica, até attingir o *quod erat demonstrandum:* — o enterramento, guardadas as condições hygienicas elementares, é uma pratica hygienicamente innocente.

No encadeamento da nossa argumentação valer-nos-hemos tanto quanto possivel dos elementos d'observação pessoal, assim como do exame das condições em que se encontram os nossos cemiterios e em especial os do Porto.

Tres elementos—avançam os anti-cemiteristas—são alterados pela inquinação cadaverica do coval—o *ar*, o *solo* e a *agua;* e esta trindade hygienica, após o seu empeçonhamento inhumatorio, vai exercer a mais funesta influencia sobre a saude publica. Examinemos pois successivamente cada um d'esses elementos d'infecção.

O AR, diz-se, recebe forçadamente todos os productos nocivos que se desprendem do corpo putrefacto. Ao inculcar esta infecção olhou-se *grosso modo* para a fermentação subterranea, e, quasi que sem mais fórma d'exame, exarou-se axiomaticamente que os productos putridos se permeiavam facilmente atravez da espessa camada de terra, que marcam os regulamentos cemiteriaes, em quantidade e qualidade taes, que a crase atmospherica é sériamente alterada.

Inquiramos pois da veracidade de tal postulado, que é uma das peças capitaes do processo, e que foi uma das que com mais autosufficiencia me arremessaram os meus contradictores na discussão havida.

Disponhamos por methodo os corpos resultantes da putrefacção e capazes d'evolarem

para a atmosphera em *gases*, *productos volateis* e *miasmas*.

Na lista dos GAZES nocivos gerados pela decomposição cadaverica, figura legitimamente em primeiro logar o *acido carbonico*.

O anhydrido carbonico (CO^2) é o gaz mais abundante da putrefacção, e um dos productos ultimos da oxydação energica que soffrem as substancias organicas immersas no solo, verdadeira combustão lenta e irresistivel do carbone cadaverico, servindo de corpo comburente o oxygenio do ar contido nos poros terrosos que eminentemente favorecem pela sua enorme superficie essa reacção chimica.

É de facto CO^2, nem podia deixar de ser, um gaz abundantissimo no solo cemiterial e tanto que o dr. Reid chegou a affirmar exageradamente que a terra das covas estava embebida d'elle como se fosse d'agua. Recentemente o eminente chimico Schutsenberger, membro da grande commissão parisiense de 1879, analysou o ar do solo do cemiterio Montparnasse, extrahindo-o por meio de tubos a profundidades variaveis entre 40 e 80 centimetros, já em covas antigas de muitos annos, já em covas recentes d'um a seis mezes. Estas experiencias rigorosas, que concordam d'uma

maneira notavel com as de Boussingault sobre as terras araveis, demonstraram que na composição qualitativa do ar humo-cemiterial entrava o acido carbonico n'uma proporção variavel entre 4,83 °/₀ e 12,6 °/₀.

Ora Pettenkofer e Fodor teem verificado a existencia de CO^2 em todos os solos em proporções que não são notavelmente inferiores, e por vezes eguaes. As experiencias de Fleck com inhumações de coelhos deram resultados semelhantes, sob o ponto de vista da riqueza carbonica.

Tal é a perversão do ar no chão de sepultura, em materia de gaz carbonico, perversão que se communica facilmente a todo o ar estagnado em qualquer espaço e em communicação com a terra impregnada do cemiterio. É assim que uma cova aberta se carrega de CO^2, e que nos proprios carneiros a infiltração carbonica se opéra por vezes com facilidade atravez das mesmas paredes de pedra, como ultimamente o verificou Du Mesnil n'uma série d'experiencias acuradas (1884); de resto estes curiosos phenomenos, como nota o illustre investigador da hygiene cemiterial, não são peculiares ao campo de repouso, mas geraes a todo o terreno onde

se decomponham materias organicas, qualquer que seja a sua proveniencia.

Comprehende-se que taes factos devem ter um valor hygienico digno da maxima attenção pela possibilidade d'intoxicação carbonica nos individuos que mergulham sem precaução alguma na atmosphera inquinada d'um carneiro, e a experiencia tem-se infelizmente encarregado de demonstrar quanto esse perigo é para temer. Numerosos casos se têem registrado de morte repentina em trabalhadores e coveiros que não têem evidentemente por origem senão a asphyxia pelo ar alterado das sepulturas e catacumbas, empobrecido em oxigenio e abundante em CO^2.

Ainda ultimamente em Montparnasse (agosto de 83) um operario descia a um carneiro sem a ventilação previa, cahindo redondamente por asphyxia para não mais se levantar. Houve clamor, e um architecto encarregado d'examinar o caso e possuido da pavorosa lenda dos cemiterios pedia no relatorio que se tomassem as medidas necessarias para desinfectar um terreno que pelas suas emanações mephiticas comprromettia gravemente a saude dos empregados e até dos habitantes do bairro. Levado o facto ao conhecimento da nova commissão cemiterial nomeada em 1881,

reconheceram Du Mesnil, Schutsenberger e Fauvel que se tractava tão sómente d'uma infiltração carbonica abundante no ar da catacumba com reducção proporcional d'oxigenio, facto que pozeram bem em relevo experimentalmente d'uma maneira interessante.

De taes desastres teem pretendido tirar um enorme partido os anti-cemiteristas, invectivando os campos do repouso com furibundas catilinarias. E todavia esses tão explorados accidentes bem espremidos prestam-se a conclusões muito limitadas. Provam que o ar, com uma dóse avultada de CO^2, e reduzido no seu oxigenio, determina phenomenos d'asphyxia, coisa banal e que estavamos fartos de saber ha muito, observada como tem sido em todas as atmospheras confinadas com uma inquinação semelhante, e especialmente em logares onde CO^2 se desenvolva abundantemente, como fornos de cal, lagares, etc.

D'esta pathogenia resalta logo a indicação de não descer ás catacumbas sem uma ventilação previa e outras precauções, que a experiencia tem mostrado serem efficazes; o accidente é raro e com taes precauções muito mais. Tanto assim é que n'um espaço de 20 annos, de 1863 a 83, fizeram-se nos cemiterios de Paris 367:884 descidas aos carnei-

ros sem o menor accidente ou incommodo, e em Portugal não me consta d'um unico caso de morte por abertura de tumbas.

Emfim, esse rol de catastrophes denuncia os carneiros como fórma insalubre e prejudicial de sepultura que deve ser riscada dos cemiterios, asserção sobre a qual todo o mundo está d'accordo, como a seu tempo veremos.

Confundir, porém, cemiterios com tumbas na mesma ordem de proscripção, é tomar deploravelmente a parte pelo todo. Anathematisar a inhumação porque são condemnaveis os carneiros, attribuir ao enterramento propriedades anti-hygienicas e crimes graves de que lhe não cabe a responsabilidade directa, imputavel exclusivamente ás sepulturas em recinto fechado, é uma ausencia risivel de logica ou uma escassez condemnavel de probidade scientifica.

Só poderia valer como elemento de demonstração aggressiva contra a inhumação pura e simples — que foi precisamente a que puzemos em pleito — a verificação incontrastavel na atmosphera livre do cemiterio d'uma cifra de anhydrido carbonico muito superior á normal que orça, como é sabido, por 3 decimas millesimas em volume, ou 0,03 °/o. Julgou-se em tempo, á face d'umas analyses de Parkes

e Ramon de Luna, que o ar dos cemiterios tinha 7 a 9 millesimas, ou de 0,7 a 0,9% de CO^2. Suppondo que tal fosse a verdade, a atmosphera cemiterial, embora incapaz de determinar accidentes, o que exigiria uma riqueza em CO^2 d'algumas unidades por cento, deveria ser classificada insalubre, visto exceder os limites toleraveis que são, segundo Wiele e Gnehm, de 7 a 10 decimas-millesimas, isto é, de 0,07 a 0,10%

Será, porém, admissivel semelhante riqueza carbonica nos campos de repouso? Será possivel que n'um logar descoberto o ar se infiltre de tal fórma de CO^2?

Por muito abundante que seja a producção de tal gaz no cemiterio, não póde comprehender-se que a perversão crasica attinja uma tal cifra. Graças ao seu peso especifico, CO^2 só muito lentamente é que póde desprender-se do solo; e por outro lado o poder diffusivo dos gazes e as correntes aereas, os grandes mantenedores physicos da crase atmospherica, não consentirão que n'um espaço livre se agglomere o acido carbonico em quantidade excepcional.

E assim se explica que Reiset nunca podésse encontrar em recintos descobertos, onde a producção de CO^2 fosse o mais abundante

possivel, uma cifra superior a 10 decimas millesimas, 0,10 °/₀. D'ahi tambem a quasi uniformidade da taxa carbonica no ar livre de differentes logares, campo ou cidade, nunca excedendo as variações 1 a 2 decimas millesimas.

Illegitima e inadmissivel a accusação formulada contra os cemiterios a proposito de CO^2, as experiencias de Schutsenberger acabaram por derrubal-a totalmente. Nas suas delicadas analyses o ar dos cemiterios não se mostrou mais carbonico do que o indica o algarismo normal, e só excepcionalmente á superficie das covas é que por vezes apresentava um ligeiro acrescimo.

Rechaçados do seu reducto da inquinação carbonica, os anti-cemiteristas em extremo de recurso, e para não confessarem a derrota, poderão clamar ainda em replica, que d'esse acervo de materias organicas em decomposição devem desprender-se caudaes d'anhydrido carbonico, maculando enormemente o ar das cidades, cujo excesso de CO^2, embora ligeiro, teria por um dos principaes contribuintes o solo cemiterial. É certamente ridiculo e infundamentado suppôr que a insalubridade citadina tenha por um dos principaes factores a riqueza carbonica; mas, sendo esta

em todo o caso um facto quasi geral, vou calcular, mas em numeros precisos qual a producção de CO^2 nos cemiterios do Porto por exemplo, e comparal-a com outros focos urbanos do mesmo gaz. A mortalidade do Porto orça por 3:500. Tal é pelo menos o numero dos cadaveres enterrados nos cemiterios do Porto em cada anno, média tirada da cifra dos ultimos cinco annos (1879-83). Ora, sendo de 45 kilos o peso médio dos cadaveres, como verificou Robinet, temos que nos nossos campos de repouso se soterram 157:500^k de materias organicas.

Segundo Fleck, os cadaveres não teem màis que 32 °/₀ de substancias combustiveis, o que em o nosso caso dá para toda a massa dos corpos sepultos 50:400^k de combustivel. Esta parte oxidavel não é homogenea na proporção de carbone, mas demos-lhe uma taxa de 80 °/₀, que é exagerada, pois que a propria gordura não possue mais de 79 °/₀. Teremos assim 40:320^k de carbone o qual, suppondo uma oxydação total, produz em CO^2 147:840^k.

A cifra real do anhydrido carbonico gerado pelas inhumações da cidade está muito áquem d'esta a que nos conduziram os nossos calcu-

los feitos com todas as ensanchas que as necessidades demonstrativas requerem.

Para aquelles a quem parecer quantia prodigiosa essas tantas dezenas de milhares de kilos, calculemos, como meio d'exemplificação, a cifra total de CO^2 gerada annualmente, não pelo conjuncto de todos os focos carbonicos da cidade o que seria demasiado complexo, mas por qualquer em particular cuja producção seja facil e nitidamente determinavel. Escolheremos como termo de comparação, á maneira de Robinet, a combustão do gaz.

A Companhia Portuense de Illuminação a Gaz forneceu, durante o anno de 1883, aproximadamente 2.268:420 metros cubicos; como cada metro cubico de gaz dá pela combustão 2^{mc} de CO^2, o anhydrido carbonico proveniente d'esta origem ascende a $4.536:840^{mc}$, ou em peso $9.073:680^{k}$. Deduz-se d'este calculo que o gaz ardido por anno no Porto produz em acido carbonico oito vezes mais do que toda a massa dos cadaveres enterrados em cinco annos.

Se se fizer, porém, o enorme calculo de toda a producção na grande variedade dos seus fócos—respiração do homem e animaes, fornalhas e fabricas, etc.—attingir-se-ha

uma cifra monstruosa perante a qual a quota carbonica com que os cemiterios contribuem será uma unidade insignificante. E não será prolixidade o dizer-se que esta desproporção será tanto mais agigantada quanto mais vasto e populoso fôr o centro urbano.

Toda essa massa colossal de gaz carbonico que diariamente se desprende das cidades dissipa-se pelos ares, graças á diffusibilidade e á convecção atmospherica, e de fórma tal que a crase aerea soffre e nem sempre um levissimo acrescimo. O equilibrio é restabelecido, porém, por um activissimo consumo, no qual figura na quasi totalidade o mundo vegetal. Nas cidades este reductor de CO^2, este poderoso saneador é pouco abundante — arborisação das praças e ruas, jardins e squares. E, coisa notavel, são precisamente os incriminados cemiterios que dispõem d'uma vegetação saneadora, que absorveria qualquer excesso de acido carbonico que tendesse a accumular-se durante a noite.

Creio que depois d'uma demonstração total e tão minuciosa, podemos taxar á vontade de pieguice vergonhosa a pretendida criminalidade carbonica dos campos d'inhumação. Que estes ridiculos puritanos d'hygiene recolham as suas invectivas contra a

atmosphera livre e pura do cemiterio, que póde sã e desafogadamente respirar-se a largos tragos, e enderecem mais legitima e proficuamente as suas objurgatorias contra o ar confinado e mephitico dos logares de reunião, como theatros, cafés, escolas, officinas, etc. Ahi sim, que o acido carbonico vae desde 10 decimas millesimas a 25, 50 e mesmo 90, cifras absolutamente anti-hygienicas, capazes de determinarem accidentes, e productoras d'uma intoxicação chronica que deve ter a mais nefasta influencia sobre o estado sanitario e vitalidade de variados e numerosos grupos da população urbana.

E no emtanto, ao passo que trovejam os mais furibundos anathemas contra os cemiterios, as escolas e as officinas mantêem-se n'uma insalubridade incrivel, sem a cubagem nem a ventilação requeridas, depauperando a pobre creança e o misero operario,—e os logares de prazer, as salas d'espectaculo e os cafés multiplicam-se recheados de *habitués,* que durante largas horas sorvem constantemente um ar cansado de passar por tanto bofe e empestado por tanta bocca.

Seja esse um dos vossos campos de propaganda, ó catequistas da hygiene publica!

Haverá ainda outros gases nocivos de pro-

veniencia cadaverica, susceptiveis d'inquinar a atmosphera?

O *ammoniaco*, um dos incriminados, é producto fatal de toda a decomposição, sobretudo de materias animaes.

Exhala-se abundantemente dos esgotos e dos monturos; desprende-se copiosamente das latrinas, offendendo o olfacto e picando na mucosa conjunctival. Mais ou menos gerado por toda a parte, a propria vida o compõe; os animaes expellem-n'o do peito, e as flores impingem-n'o nos seus aromas.

O cadaver soterrado será algum fóco ammoniacal particular, jorrando-o abundantemente para a atmosphera? Não. O ammoniaco, formado pela acção dos protistas fermentadores, é avidamente absorvido pelo solo com uma intensidade variavel, segundo a composição d'elle, sendo os terrenos ricos em silicatos basicos e oxydo de ferro os dotados de maior poder absorvente, como o demonstraram Fleck e Knopp. Mas a terra não se limita a encorporal-o e a retel-o; oxida-o, queima-o, transformando-o em acido nitrico e nitratos. Os trabalhos recentes de Schlœsing e Munstz provaram que o humo possue em alto grau o poder energico de nitrificar rapidamente o ammoniaco, pela acção talvez d'um

fermento especial. E d'esta fórma a combustão organica exercida pelo solo é duplicadamente mais potente do que a combustão pelo fogo; não só queima o carbone, mas tambem o azote, cuja oxidação directa o calor é incapaz de produzir.

O ammoniaco portanto não deve desprender-se do chão dos cemiterios, e a experiencia directa tem-no amplamente confirmado. As analyses de Schutsenberger sobre os gases da terra dos covaes a diversas profundidades não deram vestigios de gaz ammoniacal.

Por outro lado, todos os investigadores são unanimes em declarar que os papeis reagentes sensiveis não dão o menor signal d'ammoniaco nos cemiterios, ao passo que o indicam immediatamente nos pontos urbanos da sua producção, nas habitações por exemplo e sobretudo junto das latrinas.

Reclamem energicamente contra esta ammonisação atmospherica permanente, e deixem-se do ammoniaco cemiterial que é um puro mytho.

O *hydrogenio sulphurado* é outra das emanações certas da podridão; evola-se largamente dos monturos e das latrinas, onde tinge rapidamente de negro a pintura, se n'ella

entram saes de chumbo, graças á formação d'um sulphureto d'este metal. Todavia o acido sulphydrico da putrefacção cadaverica é immediatamente reduzido pelas bases do solo, formando-se sulphuretos e sulphatos. Nem Schutsenberger, nem Martin, assim como muitos outros observadores, não o depararam na terra que circumda os caixões. Os reagentes sensiveis espalhados no cemiterio por Robinet deram identico resultado negativo; expostos porém a uma bocca de lobo e a uma sentina ennegreceram ao fim d'algumas horas. Gritem pois ahi contra o sulphydrico.

O *hydrogenio phosphorado* solta-se, dizem, como corpo oriundo da putrefacção, á superficie das covas, causando o curioso e lendario phenomeno dos fogos fatuos. Certo é porém que tal accidente é bem raro; de resto que nocividade póde ter um gaz que se queima ao contacto do ar, transformando-se immediatamente em productos innoffensivos, acido phosphorico e vapor d'agua?

De todos os mais gases, obra da putrefacção, nem vale a pena fallar, uns porque são innocentes como o oxigenio e o azote, outros perfeitamente despreziveis, como os carbonetos d'hydrogenio.

E eis ao que se reduzem os gases dos Jeremias dos cemiterios!

Desfila agora na série das accusações do libello anti-cemiterial um grupo complexo de substancias que enfeixamos, á falta de melhor, sob o titulo de PRODUCTOS VOLATEIS. São corpos organicos, sob a fórma de gases ou liquidos fétidos e mephiticos, correspondentes ás primeiras phases da putrefacção, estados que precedem a oxidação completa e a mineralisação total da massa cadaverica. Separal-os-hemos tão sómente por commodidade de exposição em productos olorosos e ptomainas.

As emanações putridas ferem desagradavelmente o olfacto, e são extremamente repellentes para o homem. A analyse chimica demonstra que taes olores se devem especialmente aos acidos butyrico, valerico, propionico, caprylico, etc., e ainda ao scatol, indol, phenol, etc.

Suppôr, porém, que, pelo facto de não nos acariciarem a pituitaria e de nos fazerem fugir, são altamente nocivos, é um erro vulgar que em boa sciencia se repelle. Não é o fedor que é offensivo, mas sim outra ordem d'entidades que podem ou não acompanhar

*

os taes acidos organicos, os quaes são por si mesmo um tanto innocentes e benignos. Taxar d'offensivo o que fede, e d'innoffensivo o que já não cheira, é uma banalidade da hygiene classica, e ainda da official d'hoje, alterada em grande parte pela boa sciencia moderna, graças principalmente ás bellas pesquizas e conquistas da microbiologia.

Nocivos ou não, ou melhor, indicios ou não de nocividade, certo é que os taes corpos olorosos da putrefacção são absorvidos e retidos pelo sólo até á sua oxydação completa, em virtude do poder depurador da terra, no qual já insistimos por mais d'uma vez.

Todo o cemiterio, collocado em condições soffriveis, quer technicas quer d'exposição, nunca fornece sobre os covaes o menor cheiro desagradavel. É um facto verificado por muitos observadores e que tambem provocou a minha attenção. Percorri por varias vezes os nossos cemiterios d'Agramonte e Repouso sem nunca ter percebido mau cheiro algum.

Apesar, porém, d'este facto incontestavel, surdem por vezes reclamações vivissimas de visinhos dos cemiterios, queixando-se amargamente d'emanações putridas, e reiterando as suas instancias para a cessação d'um esta-

do tão obnoxio para a saude publica. Os inqueritos effectuados têem provado, umas vezes a falsidade de taes delações, outras vezes que taes miasmas provinham d'outros fócos. Assim, Bouchardat, mandado pelo Conselho d'hygiene para averiguar da authenticidade d'umas queixas formuladas pelos visinhos do cemiterio Montparnasse, reconheceu que a fonte dos olores infectos era uma casa á beira, onde se recebiam as cataplasmas dos hospitaes para extrahir d'ellas oleo de linhaça e transformal-as em adubos; supprimiu-se a extranha industria e ninguem fallou mais d'infecção.

Em Lisboa tambem se ergueu celeuma contra o cemiterio occidental, quando os olores putridos e os fócos d'infecção eram as *équarrissages* d'Alcantara, fabricas de cortumes, de guano, etc. No Porto não sei se se têem queixado do Prado do Repouso, mas umas fabricas de cortumes e outras que o ladeiam, não vão mimosear lá muito bem de vez em quando a pituitaria dos visinhos.

Mais uma vez—a inhumação não contribue para os olores urbanos; elles emanam das sargetas, das sentinas, e de tantos fócos d'immundicie tolerados pela indifferença publica e por uma administração inepta. Ha

ruas e bairros inteiros, principalmente na capital, em que a certas horas do dia e pelo tempo do calor, o fedor se torna insupportavel. Este verão ao passarmos pelo Chiado mais d'uma vez tivemos de recorrer ao banal recurso de taparmos com o lenço a abertura nasal, subtrahindo-nos ás acres sensações dos repugnantes aromas que se desprendem do macadam e das boccas de lobo. No Porto de quando em vez tambem se não nada em effluvios de rosa, especialmente em certos bairros. Se passarmos da rua ás nossas casas com uma canalisação desgraçada, uma latrina infectante, umas alcovas cerradas, a infecção continúa a atormentar-nos.

Volvam para ahi, reformadores da hygiene, os seus labores e as suas verrinas e não as desperdicem com ar dos cemiterios, mil vezes mais puro e salubre que tudo isso.

Deixamos para remate os famosos alcaloides cadavericos, as *ptomainas* que tão vivamente despertaram a attenção dos medicos-legistas.

Para os hygienistas taes toxicos teem um interesse escasso, embora tenham sido invocados para explicar accidentes consecutivos á ingestão de carnes putrefactas. Alguns anti-cemiteristas e particularmente os italianos,—

como era natural, pois que foi descobridor d'ellas um seu compatriota o illustre professor Selmi—invocaram as terriveis ptomainas como um dos delictos possiveis da inhumação. Cahe por terra a accusação, sabendo-se que as ptomainas não envenenam por inhalação, e se decompõem facilmente ao contacto do ar.

A propria historia das ptomainas parece ter-se ultimamente complicado um pouco. Já não são apanagio das substancias putridas, visto que varios observadores as teem extrahido de materias animaes perfeitamente frescas; e ainda muito recentemente (abril de 1884) o professor Francesco Coppola julgou-se auctorisado a affirmar que taes alcaloides são um puro producto artificial dos agentes chimicos empregados na sua extracção.

Incapazes d'offensa, e ainda por cima duvidosas como obra da putrefacção, as ptomainas são testemunhas nullas no processo, e avisados andarão os detractores da inhumação, retirando-as do pleito.

Entram em scena agora os CORPUSCULOS SOLIDOS da atmosphera, e com elles o debate attinge uma das mais interessantes phases.

Que um feixe de raios solares enfie por uma fresta n'um quarto escuro, sobre o seu trajecto luminoso divisar-se-hão myriadas de particulas fluctuando e volteando em todos os sentidos. Eis uma observação vulgar, a denunciar-nos todos os dias a existencia da fina poeira atmospherica, observação que já tinha chamado a attenção dos antigos, entre elles Lucrecio que elegantemente a pinta no seu immortal poema.

A requintada analyse moderna incidiu minuciosa e potente sobre essas phalanges microscopicas, assignalando-se n'esta gloriosa cruzada scientifica os nomes de Pasteur, Koch, Tyndall, Miquel e tantos outros, que laboriosamente edificam um capitulo magestoso de sciencia e rasgam uma via fecunda de trabalhos.

Será porém essa tão estimada aeroscopia uma simples emanação de sciencia pura, sem relacionação prática, sem concretisação hygienica?

Nada terá que vêr essa abundantissima poeira com a saude do homem? Não, infelizmente; que os taes infinitesimos corpusculos gosam d'um papel etiologico multiplo, perigosissimo e terrivel por vezes.

A iconoclasta experimentação dos nossos

dias roubou-nos a doce illusão de que o ar, como religiosamente dizia o nosso illustre Ribeiro Sanches, seja um favor do Altissimo, concedido para o bem estar do homem. Elle que encerra e dissimula no seu seio engenhos tão poderosos de destruição humana, já não é para a nossa sciencia irreverente, a decantada prova testemunhal d'uma providencia sabia, já não é sem reservas o meio bemfazejo, no qual *vivimus, movemur et sumus* como de nós e Deus dizia S. Paulo, apanhado em heresia flagrante de pantheismo.

Se considerarmos, como pensa Tyndall, os males causados pelos corpusculos aereos á humanidade, em todos os tempos e em todos os logares—as mortes nos hospitaes e nos campos de batalha pelas feridas putrefactas—as disseminações epidemicas, assolando as nações e os continentes, disimando monstruosamente o povoado—se se ponderar toda essa série interminavel de catastrophes, póde concluir-se imperturbavelmente que todos os horrores da guerra, dobrados dez vezes, nada são a par dos desastres gerados pela poeira atmospherica. Verdadeiro como nunca, embora com outra significação, o velho adagio medico de Pringle—*Plus occidit aer quam gladius.*

A aeroscopia demonstrou que o ar normal tem nas circumstancias ordinarias 6 a 8 milligrammas de pó por metro cubico. Tissandier chegou a calcular que no ar d'uma espessura de 5 metros e d'uma extensão correspondente ao Campo de Marte em Paris, que é de 500:000 m. q., fluctuam aproximadamente 15 kilos de corpusculos. Um terço d'esta massa é organica, e em parte viva até, contendo protistas e seus germens, alguns dos quaes podem ser por vezes da mais negra especie para o nosso organismo.

Que terão que vêr os cemiterios com esta nuvem d'entidades micrologicas? Serão alguns vulcões mansos projectando terrivel poeira pathologica no ambiente das cidades?

Lavrou-se essa pesada accusação que experiencias delicadas e concludentes nos permittem rebater da maneira a mais peremptoria.

Não é certamente a superioridade da massa corpuscular nem esta ou aquella especie de poeiras que servem de base á denuncia criminal do cemiterio.

Fôra uma phantasia invocar as poeiras mineraes de silex, carvão, saes e as metallicas, poeiras que ou são inoffensivas ou estão relacionadas com doenças banaes ou se cir-

cumscrevem nos limites da hygiene profissional.

Fôra ainda uma incriminação de pouco peso, um mero peccado venial, o invocar as poeiras organicas—pellos de plantas, cadaveres e ovos d'infusorios, sementes d'algas e tortulhos, pollens, germes de mucedineas e torulaceas, cryptogamicas minusculas, etc.—que, embora não sejam d'uma innocuidade perfeita, estão longe de possuir uma acção etiologica nitida e accentuada; basta dizer que o ar de logares manifestamente insalubres é quasi sempre menos rico de taes corpusculos do que o ar livre.

Nada d'isso pois. Era forçoso que o cemiterio fosse o viveiro dos mais damnados specimens das entidades biologicas que volitam nas atmospheras. Não eram já os miasmas mephiticos dos anti-cemiteristas visionarios do seculo passado, como Maret, que phantasiava uma projecção de raios deleterios corpusculares a partir da cova cujo poder de refracção e de diffusão se entretinha a calcular.

Ao contacto da experimentação moderna o lendario e impenetravel miasma volveu-se n'um ser animado, n'um infinitesimo que, embora o melhor objectivo de microscopio es-

cassamente o divise, possue uma vitalidade energica e um extraordinario poder chimico.

Esse pigmeu, gigante pelo numero e pela força, ao qual a experiencia conferiu a genese das fermentações e das doenças infecto-contagiosas—é o *microbio*. Palavra terrivel é essa que sôa lugubremente aos ouvidos do vulgo, desde que a invasão do cholera a fez baixar dos ambitos da sciencia e propagar-se pelas massas. Vivemos n'um tempo de microbiophobia, e, provado que o cemiterio seja uma fabrica exportadora de tão contaminante fazenda... ai d'elle! *delendum est.*

O temido bestiolo está, porém, bem longe de merecer sempre a negra reputação vulgar; a humanidade não subsistiria se tal fosse. Ingerimol-os aos milhões na agua que bebemos; sorvemol-os a cada hausto d'ar volitando na columna do ar inspirado; damos-lhe, emfim, pasto e guarida pelo pavimento das nossas mucosas onde pullulam em legiões cerradas.

Certo é, porém, que os schizophytos tomaram nos ultimos tempos um logar de primeira ordem em hygiene e pathologia. A estatistica microbiana de qualquer ar é em geral um indicio exacto do seu grau de pureza. E não é só questão de quantidade, mas tambem de

qualidade. Numerosas doenças, e das mais mortiferas, que a hygiene tanto a peito tem tomado evitar e combater, têem hoje a sua etiologia dominada pelas bacterias. A série das doenças zymoticas cresce prodigiosamente, e as especies pathogenicas, separadas pelos methodos pastorianos de cultura e sujeitas a analyses experimentaes e clinicas apropriadas, multiplicam-se dia a dia. Desde a apparição da bacteridia carbunculosa e do vibrião septico, primeiros representantes da microbiaria infectante, quantos não têem vindo avolumar a phalange?—o bacillo da tuberculose, o terrivel comma-bacillo do cholera, o gonococcus e o syphilococcus, o microbio da malaria, da variola, da scarlatina, da raiva, da febre typhoide, da febre amarella, e tantos outros cuja existencia está mais ou menos provada. A rêde nosologica apanhada pela pathogenia animada tem sido tal que até parece não lhe escaparem nem a classica pneumonia nem o vulgar coryza.

Ora o ar, para muitas d'essas especies morbigenas, é um meio de transporte dos seus microgermes e como tal o vehiculo do contagio.

Será o ar dos cemiterios um deposito insalubre dos taes microbios ordinarios e um

exhalador dos taes terriveis microbios especificos?

É innegavel que o cadaver é um ninho de microbios e que póde encerrar os schysomycetos peculiares á doença zymotica que foi causa d'obito. Terão porém a faculdade de furarem a cama de terra do coval para se disseminarem e infectarem a atmosphera cemiterial? Essa a questão.

O eminente microbiologista Miquel, talvez hoje o primeiro aeroscopista, tem procedido a estudos brilhantes, não só sobre a analyse mas tambem contagem dos microbios da atmosphera em differentes logares, servindo-se do processo da sementeira fraccionada dos microgermes em liquidos esterilisados. Estes calculos minuciosos e repetidos do que poderemos denominar—a crase bacteriana do ar—conduziram a resultados curiosos e de primeira importancia. *(Nota I).*

Demonstrou Miquel por longas pesquizas que a infestação microbica, pouco accentuada no campo, eleva-se n'uma proporção espantosa, á medida que se penetra no ambito das cidades, e especialmente nos bairros immundos. No formoso e saudavel parque de Montsouris, situado na peripheria de Paris, onde se ergue um magnifico obser-

vatorio meteorologico, em que está installado o principal serviço aeroscopico, a cifra microbica por metro cubico d'ar, embora variavel entre largos limites, orça por 60 a 80. Ora no interior de Paris, á entrada da rua de Rivoli, essa cifra é 9 a 10 vezes maior.

É nas atmospheras confinadas das cidades que a desproporção s'exagera. O ar d'um quarto de dormir na rua Monge, achou-o Miquel 16 vezes mais impuro do que o d'um quarto em Montsouris, embora um e outro estivessem em condições regulares. Nas enfermarias do Hotel-Dieu, hospital de construcção recente e onde se tomam as melhores precauções hygienicas, a atmosphera offereceu-se em bacterias cem vezes mais rica do que o ar dos esgotos, e 70 vezes mais do que o ar de Montsouris.

Emfim, numerosos traçados graphicos mostraram uma correlação constante entre a linha d'oscillação dos microbios no ar de Paris, e a linha da mortalidade pelas doenças *zymoticas*.

Se accrescentarmos que a quota microbica decresce rapidamente com a altitude mesmo nas grandes cidades, e que chega a annullar-se totalmente nos cimos das altas montanhas, como Tyndall e outros comprovaram, nitida-

mente se comprehenderá que possa statuir-se como lei hygienica—a cifra bacterica mede o grau d'infestamento e d'insalubridade do ar ordinario.

Ora, sabem o que o ar do cemiterio de Montparnasse, encravado em Paris, a alguns kilometros das muralhas, sabem o que elle deu á analyse microbiologica? Milhões talvez de bacterias? Nada d'isso! Apresentou-se tão sómente *duas vezes mais carregado de microbios do que o ar de Montsouris!*

Na grande capital só pódem emparelhar com o cemiterio, sob o ponto de vista de microbicidade os grandes parques arborisados!

É esta uma das provas mais concludentes que se pódem arremessar contra os anti-cemiteristas para lhes fazer engulir as suas declamações insensatas.

Como é possivel, dirão os não-convictos, embora esmagados pela logica irresistivel dos factos, que os microbios se não desprendam do solo com os gases, agarrando-se tenazmente ao solo? A expulsão dos taes gases já está reduzida ás devidas proporções reaes; mas Miquel não deixou de fazer calar mais essa insistencia d'um modo irrespondivel, e que veiu corroborar admiravelmente as suas analyses aeroscopicas dos cemiterios. Proje-

ctando uma corrente artificial d'ar, nada menos do que 5:000 m. c., atravez de terra humida, não conseguiu encontrar-lhe a menor bacteria á sahida, embora o recebesse em liquidos de cultura esterilisados extremamente sensiveis. Repetiu esta experiencia e com o mesmo resultado, servindo-se de carne putrida misturada com o humo.

Assim a terra, não só não infecta o ar que a atravessa, mas ainda é um filtro que o purifica, como o amianto ou o algodão. Accresce-se que a humidade e a relva difficultam a disseminação microbica do humo, e que a pá do coveiro só intervém, levantando a terra do coval, de cinco em cinco annos, quando o cadaver já se acha desfeito e comburido.

Um microbismo phantasista, que tem angariado principalmente os seus sectarios fóra dos hygienistas, dos medicos e até dos bacteriologistas, não tem deixado de clamar pela possibilidade d'uma conservação nas camadas subterraneas dos germes virulentos, de tal modo tenazes e resistentes, que até da cova transmittiriam os seus effluvios pestilentos. E não é para admirar semelhante asserção quando se chegou a temer que os microbios pathogenicos especificos das materias fecaes, empregadas como adubos, podessem

13

reviver nas hortaliças e nos productos agricolas.

É certo que Miquel não encontrou nos cemiterios especies schizophyticas diversas das de quaesquer outros logares. Abonem-se, se quizerem, com a insufficiencia de tal analyse, como meio discriminador de bacillos e coccos de fina raça pathologica, que esse *maravilhoso* microbiano nem assim poderá envergar a capa da positividade. O que sabemos hoje em dia, depois d'um trabalhar tão afincado, das condições de repullulação dos micro-organismos, auctorisa-nos a crêr firmemente que os germes virulentos não resistem aos processos destructivos da putrefacção subterranea. A putridez mata a virulencia; e uma e outra succumbem á chimica energica do solo, cujo poder purificador e desinfectante, consagrado pela experiencia de seculos, está demonstrado por verificações diversas, servindo de base a utilissimas installações hygienicas, como é entre outras a filtração e purificação das aguas dos esgotos. *(Nota II)*.

Ao sepultar-se o cadaver, sepulta-se tambem a peçonha bacterica de que elle possa ser portador. Nem um nem outro reviverão jámais, nem a maldita bacteria se evolará do sub-solo, nem mesmo engulhada pe-

las radiculas vegetaes. Podem a seu bel-prazer os poetas aspirar os odôres do lyrio que desabroche na campa da sua amada, muito embora ella morresse de bexigas. Pódem os gastronomos com igual segurança enterrar avido dente no succulento nabo de S. Cosme, ainda que elle tenha sido adubado com os esgotos sentinosos do hospital. Á vontade, que não ha microbio.

Como não pretendo n'esta discussão cerrada deixar aos anti-cemiteristas quartel d'onde impunemente fulminem as suas invectivas, agruparei as *provas physiologicas* que militam em favor da innocuidade do ar cemiterial. De facto, tenho feito valer até agora analyses chimicas e micrologicas irrespondiveis; mas os contradictores acerrimos poderão dizer com desdem—que pouco se lhes dá d'esse articulado scientifico; que, apesar da chimica e o microscopio affirmarem a pureza atmospherica do cemiterio, innegaveis são os males por esse ar causados á saude humana. É forçoso contar com mais este esforço de dialectica, tanto mais que exigencias logicas o legitimam; como diria Pasteur, o verdadeiro reagente em casos taes é o organismo vivo, é o homem. Subordinemos pois a nossa these ao

*

tribunal da experimentação physiologica e da observação medica.

A nocividade das emanações infectas dos corpos putridos é um dos dogmas em que assenta o temor hygienico do cemiterio. Já demonstramos que taes emanações no que diz respeito a covas, são um mytho; mas concedamos agora que ha ahi um *quid divinum* absolutamente inattingivel aos nossos meios actuaes d'analyse, mas que se revela por effeitos certos sobre a vida e salubridade do homem e das povoações. *(Nota III)*.

Ora é precisamente n'este escolho que se esbarram os anti-cemiteristas.

Os coveiros, aqui como em toda a parte, possuem boa saude e não offerecem incommodo algum especial, e o mesmo dos guardas dos cemiterios. Pois esta gente passa o dia inteiro, e alguns até a noite n'uma atmosphera julgada pestilenta, e não se lhes abreviam os dias da vida, não ficam magros, valetudinarios, cacheticos, não morrem rapidamente intoxicados por productos deleterios?!

Ponham os olhos no digno administrador dos nossos cemiterios, distincto cavalheiro, o exc.mo snr. padre Alexandre Pinheiro, que ha uns bons trinta annos exerce cargo de tal natureza e reside até na necropole d'Agra-

monte; quem lhe não invejará a robustez sádia?

A experimentação tem dado tambem o seu contingente comprovativo. Du Mesnil e Nocard collocaram coelhos e frangos da mesma proveniencia e da mesma edade, uns no solo ou no fundo d'uma cova aberta no cemiterio de Montparnasse, outros na Escóla d'Alfort. Os frangos creados no cemiterio tinham ganho no fim d'um mez 125 grammas, ao passo que os outros d'Alfort só 94. E isto mostra pelo menos que a vida no cemiterio lhes não tolheu o andamento nutritivo.

Indifferente e innocente para os individuos que o respiram, o ar dos cemiterios amesquinhará a salubridade dos povoados em cujo ambito esteja encravado? Ninguem de certo encontrará provas de tal affirmação. Pelo contrario, Pilat compilou uma enorme estatistica da mortalidade de todas as communas do departamento do Norte, separando as que tinham o cemiterio dentro da povoação d'aquellas em que existia fóra. Orçaram as estatisticas uma pela outra; a segunda deu até uma cifra menor de mortalidade. Quando não tenha outro valor, este calculo mostra ao menos que os cemiterios não apresentam os

inconvenientes sobre os quaes tanto se tem insistido.

As mortes registradas nos velhos contos da lenda cemiterial, ou são puros casos d'asphyxia como já vimos, ou intoxicações pela sahida dos gases em massa nas exhumações feitas precipitadamente. Não pódem pois legitimamente serem invocados para a questão que é extremamente diversa.

Não poderiam ainda os cemiterios exercer accidentalmente uma influencia funesta, disseminando epidemias, propagando doenças contagiosas?

Esta questão prende-se com a da persistencia e exhalação dos germes morbigenos no cadaver soterrado, a que já alludimos, resolvendo-a pela negativa.

Ora a observação medica confirma admiravelmente essa opinião que não confere ao cemiterio um papel especial na genese epidemica, facto tão acreditado pelos antigos e professado ainda por alguns modernos.

Nos annos fataes de 1870-71, diz Bouchardat, os cemiterios de Paris ficaram atulhados de cadaveres, e numerosas inhumações se fizeram nos campos de batalha e até no interior da cidade. Temia-se a invasão do *typhus fever*, pela agglomeração de taes fócos

putridos, pois nem um caso sequer se declarou.

A cifra da febre typhoide depois de tantos enterramentos de cadaveres que a ella succumbiram, longe d'augmentar, decresceu progressivamente nos annos de 1872 e 73.

A febre typhoide é endemica em todas as nossas cidades; enterram-se nas condições ordinarias os cadaveres dos typhosos, e, se o seu agente de contagio se conservasse ou soltasse da cova, a febre typhoide devia reinar especialmente em torno dos cemiterios. Ora é o que a observação não confirma. Os diagrammas estatisticos em Paris demonstram que a zona circum-cemiterial, longe de ser das mais atacadas, é até por vezes das mais favorecidas.

A variola é uma doença zymotica em que o contagio pelo cadaver está bem provado por alguns casos, raros mas demonstrativos. Ora as bexigas não atacam de preferencia as proximidades dos cemiterios como deveria ser.

Os annos immediatamente consecutivos aos do cêrco de Paris, apesar dos numerosos variolosos inhumados durante este ultimo, foram dos mais favorecidos em mortalidade variolica.

Emfim a terrivel zymose, a cholera, não

consta que faça dos covaes focos de devastação. A gente dos cemiterios e em volta d'elles não é a que dá o maior contingente; e se essa vitalidade e volatilidade do germen cholerico soterrado com o cadaver fosse real, ai de nós, que difficilmente nos veriamos livres da temerosa epidemia do mal gangetico. *(Nota IV).*

Em conclusão, nem na mortalidade ordinaria, nem na mortalidade especifica, permittam-me o termo, a atmosphera cemiterial não exerce influencia alguma compromettedora, nem á inhumação se póde attribuir a menor funcção etiologica, quer para a producção das doenças communs, quer das contagiosas e epidemicas.

Entra agora em scena n'este inquerito hygienico, segundo a ordem estabelecida, o **SOLO.**

Olhado desde muito pela biologia como um factor capital na constituição das floras e das faunas e na agricultura, a natureza do solo adquiriu modernamente uma importancia subidissima, debaixo do ponto de vista medico e sanitario, graças a delicados e perseverantes trabalhos de climatologia tellurica, entre os quaes avultam as magnificas contribuições do eminente hygienista de Munich, o celebre

Pettenkofer. A tellurologia está pois hoje em moda, principalmente na Allemanha, e, embora tenha dado logar a exageros ridiculos e até perniciosos, não póde duvidar-se dos seus prestimosos serviços á nobre causa da saude publica. A thermalidade e porosidade do solo, a composição dos seus gazes, liquidos e solidos, a crase e as oscillações do lençol d'agua tellurica, os processos biologicos e fermentativos que n'elle se operam, eis uma serie de factores d'ordem diversa, cuja relacionação com o estado hygienico, com a genese e disseminação das doenças infectuosas e contagiosas insistentemente se estuda.

Esta face nova da hygiene publica e da etiologia morbida, fertil não só em dados de sciencia pura como em indicações prophylaticas, não vem agora para aqui esclarecel-a como merece, pois que tão sómente nos interessa n'este momento averiguar do grau de salubridade do solo cemiterial. A alteração de crase que a inhumação imprime á terra, os processos fermentativos que provoca, serão de tal fórma perniciosos que os campos de repouso sejam chãos malditos sobre os quaes incidam com um sigor excepcional os anathemas da hygiene?

O enterramento dos cadaveres immerge no

solo uma quantia avultada de materias organicas que vão servir de largo pasto dos processos de putrefacção.

Temiveis essas scenas de chimica destructiva se se passassem completamente á superficie, tornam-se innocentes pela profundidade a que se exercem, e a terra graças ao seu poder d'absorpção e purificação ultíma a reducção da massa organica a compostos perfeitamente inoffensivos. De fórma que o fóco putrido em breve se annulla, e durante o seu periodo d'exercicio a infecção não excede um limitado raio na zona subterranea, incapaz d'inquinar o ar ou a agua, quando o manancial esteja a devida distancia e profundidade.

A colheita experimental e a argumentação a que nos obrigou a demonstração da pureza do ar cemiterial, forneceram-nos as provas cabaes de tal affirmação, dispensando-nos de repetições inuteis.

Poderá todavia suppôr-se que em local algum proporcionalmente se soterrem tantas materias organicas, e que solo algum seja séde d'uma putrefacção tão intima e tão vasta como no cemiterio. Ora tal ideia é um erro manifesto, contra o qual clamam já as analyses do ar tellurico cemiterial, no que diz respeito a CO^2.

Ha porém mais e melhor para que se faça uma ideia sã e exacta do grau de contaminação organica do cemiterio.

Os cemiterios do Porto abrangem uma superficie de 144:471 metros quadrados. O peso dos 3:500 cadaveres enterrados por anno é de 145:700 kilos como já vimos; mas deve contar-se sómente com a sua massa organica propriamente dita, o que reduz aquella cifra a 47:200 kilos.

Dividindo este numero pelo da area cemiterial, vê-se que cada metro quadrado de superficie recebe 326 grammas de materia organica por anno.

Como uma parte avantajada do terreno não recebe cadaveres, dupliquem se quizerem a quota que mesmo assim não elevarão demasiado essa cifra mesquinha.

Meio kilo pouco mais ou menos de materias putresciveis enterradas cada anno é verdadeiramente insignificante.

Comparemos—para melhor frisar a inferioridade d'essa quantia—com outras contaminações telluricas do mesmo genero exercidas pelo homem.

Cameron e Parsons do *Local Goverment Board* calcularam que a quantidade de materia organica inhumada cada anno n'um cemi-

terio nas devidas condições era consideravelmente inferior á do adubo d'uma terra bem cultivada; e os numeros por nós apresentados confirmam plenamente este asserto.

Menos inquinado do que o solo estrumado dos campos, o terreno das vallas fica ainda a perder de vista do solo das cidades, infiltrado de todas as immundicies, reservatorio commum dos liquidos mais putridos. Pettenkofer calculou que as materias organicas recebidas pelo solo de Munich, cidade de 200:000 habitantes, equivalia á inhumação annual de 50:000 cadaveres. Que prodigiosa desproporção!

As analyses feitas para precisar a percentagem da materia organica contida na terra de sepultura corroboram e completam a nossa demonstração. Schutsenberger em terra que já recebera duas inhumações successivas, não lhe achou, terminado o periodo quinquenal, senão uma fraca quantidade d'azote, 14 a 16 centigrammas em cada 100 grammas de terra. A terra que circumdava os despojos d'um cadaver enterrado ha cinco annos e exhumado ha poucos dias, graças á amabilidade do snr. Alexandre Pinheiro, não exhalava o menor cheiro e offerecia aspecto identico á terra vegetal ordinaria.

Cave-se porém no sólo das cidades para onde s'escoam grande parte dos escorralhos immundos da população accumulada, e encontrar-se-hão bastas camadas putridas e fedentinosas. Aqui mesmo no Porto, ao abrirem-se agora as vallas para o assentamento dos tubos conductores da agua, é evidente esta contaminação do solo em certos pontos d'onde se exhala um cheiro pestilento e nanseabundo.

Qualquer que seja pois a pertinacia da contradicta, não ha remedio senão convir no grau infimo de polluição do chão cemiterial comparado com outros terrenos de contaminação analoga.

E no mesmo grau de veracidade e força demonstrativa com que assegurei ser o ar dos cemiterios o mais puro das cidades, posso affirmar agora — o solo dos cemiterios é mais puro do que aquelle em que assentam as edificações e a viação urbana.

Os microbiophobos aggravarão mais uma vez de tal sentença para a vitalidade e repullulação na terra dos germes batericos. Tentam esteiar a sua crença n'um caso de persistencia do virus carbunculoso após alguns annos d'inhumação e na carreação das suas bacteridias, da profundidade para a superficie, ope-

rada pelas minhocas, factos estes que trazem a auctorisada chancella de Pasteur. Ora, observações mil vezes repetidas e experiencias concludentes têem provado que para o proprio carbunculo esta conserva inhumatoria de microbios é extremamente rara; enterrado o bicho, morta a peçonha virulenta. E que assim não fosse, o facto estava longe de colher para os outros microbios especificos. Pelo contrario, como já dissemos, tudo milita contra a ideia de que vão germinar e conservar na cova adquirindo a possibilidade de gerar contagios e epidemias. A proposito das irrigações em Gennevilliers com agua dos esgotos de Paris, inquinados de materias fecaes, os microbistas ergueram recriminações analogas sobre a persistencia dos germes morbidos na terra, que foram vigorosamente combatidos, entre muitos por Bouley, que é no emtanto um discipulo e admirador fervente de Pasteur. Nada, pois, de chimeras e de phantasias atiradas á guiza d'argumentos.

Ao rebater assim os exageros pavorosos d'uma inquinação anti-hygienica do solo dos cemiterios, suppozemo-nos sempre collocados nas devidas condições telluricas. Disparatado fôra suppôr que essa apregoada innocencia é constantemente identica, qualquer que seja o

typo do terreno, e nada mais certo que um dado cemiterio possa, sob o ponto de vista d'uma hygiene rigorosa, ser muito superior a outro, ou pelo contrario tão detestavel que exija reformas profundas ou a suppressão.

N'uma palavra, a escolha d'um terreno destinado a cemiterio deve ser feita com um certo escrupulo, e introduzir n'elle cuidadosamente as reformas telluricas realisaveis que o caso pedir.

A gravidade de taes requisitos tem parecido tal a alguns hygienistas que julgam piamente ser excepcional o encontrar-se um terreno que devidamente satisfaça ás boas qualidades d'um campo d'inhumação, exagero d'opinião refutado pela mais vulgar observação, e tanto menos acceitavel quanto é certo que podemos dentro de limites não muito apertados dominar o estado geologico, de fórma a adaptal-o ao fim em vista.

As *condições telluricas* a exigir para um recinto d'inhumação devem ser taes que os corpos enterrados se consumam completamente, após um lapso determinado d'annos, e que, durante esse periodo de destruição cadaverica, em nada seja prejudicado o estado sanitario. É necessario que a decomposição não vá tão lenta que ao chegar o pra-

so legal de renovação mal possa aproveitar-se a cova para novo morto por não estar completamente destruido o antigo cadaver. A terra do coval deve pois estar nas condições precisas para que a putrefacção se faça o mais depressa possivel sem todavia s'exhalarem os productos putridos os quaes, pelo contrario, devem ser retidos e absorvidos pelo solo até á sua reducção ultima em substancias inoffensivas. Ora a verdade é que todos os solos possuem estas qualidades em grau mais ou menos elevado, differenças dependentes da composição chimica, dos terrenos e muito principalmente do seu estado mechanico e physico.

A *composição chimica* terá uma influencia essencial e imprescindivel na destruição cadaverica?

Póde affoitamente asseverar-se que não. Todo o corpo é susceptivel de reduzir-se sem o contacto da terra, como se vê nas catacumbas e nos caixões metallicos; muitas vezes até, ao fazer da exhumação, se encontra o caixão bem conservado, sem a terra ter tocado no cadaver e este apesar d'isso completamente desfeito.

Embora a putrefacção possa levar até á ultima os seus estragos sem a intervenção do

solo, a verdade é que este tem o poder d'activar ou retardar, impossibilitar até a decomposição. Citam-se terrenos que possuem a singular faculdade de conservarem indefinidamente os cadaveres; e n'este sentido chegou-se a suppôr que os terrenos arsenicaes deveriam gosar d'esta acção embalsamadora, o que tem ficado até hoje em mera hypothese.

Differentes terras ajudam consideravelmente a consumir o cadaver; taes são as *alcalinas* e as *calcareas*. Esta influencia dos saes de cal, bem mal estudada e pouco explicavel, é comprovada pela mais vulgar observação e até por experiencias entre as quaes citaremos as de Lefort.

A composição chimica do solo tem ainda uma acção determinavel sobre os productos putridos. Assim: os *silicatos ferruginosos* e especialmente basicos téem, segundo Fleck e Lossier, um alto poder d'absorpção para o ammoniaco, e materias organicas; o *oxydo de ferro* apprehende o hydrogenio sulphurado, formando-se sulphuretos e sulphatos, facto estabelecido por Hempel; os *carbonatos de cal e magnesia* neutralisam os acidos organicos livres. Emfim o humo, conforme os trabalhos já citados, de Schloesing e Muntz, contém os *fermentos chimicos* que poderosamente col-

laboram na formação dos productos ultimos, promovendo a combustão total do carbone e a nitrificação do ammoniaco.

Póde pois estatuir-se que praticamente, nos terrenos ordinarios, as substancias telluricas umas são indifferentes, outras pelo contrario —e difficilmente faltarão na devida abundancia—não só facilitam a putrefacção, como saneiam os seus productos.

As mais importantes condições telluricas são indubitavelmente as d'ordem *physica*.

A *permeabilidade* exerce aqui, como era de prevêr, um papel decisivo e capital. O terreno compacto seria um excellente envoltorio do cadaver, sob o ponto de vista da exhalação dos gases putridos; mas a decomposição essa seria lentissima por falta d'oxigenio.

A terra fina, notavel pelo seu poder d'absorpção, teria ainda o inconveniente da falta d'ar. A argila compacta quando humida aperta-se em torno do caixão e obsta completamente ás trocas gazosas, interrompendo ou demorando consideravelmente a decomposição; quando secca e fende, póde pelas rachas dar passagem a emanações putridas; em certas condições até, a argila é capaz de momificar o cadaver no todo ou em parte. É por isso que os terrenos puramente argilosos

devem ser detestaveis para cemiterios; mas, misturada a um terreno proprio, a argila ferruginosa é excellente pelo seu poder d'absorpção e para corrigir a extrema permeabilidade.

O solo typico d'um cemiterio é todo aquelle que possúa uma permeabilidade sufficiente, permittindo o accesso regular do oxygenio necessario para uma combustão lenta; a permeabilidade extrema seria prejudicial porque reduziria consideravelmente o poder absorvente. Os terrenos soltos, leves, saibrosos ou areentos, de grão medio, com terra fina, são pois os que satisfazem melhor ao preceito.

A *humidade* do solo essa é um bom elemento para as reacções chimicas do coval; ainda que seja excessiva não prejudica sensivelmente, a menos que a agua tellurica não chegue a afogar o cadaver.

Esta circumstancia é realmente nociva e deve cuidadosamente evitar-se; não só demora e prejudica a boa decomposição cadaverica, como ainda determina a infecção da agua subterranea; ora, da mesma fórma que o ar deve estar separado do cadaver putrido por uma camada terrea saneadora, assim o manancial deve ser protegido por uma camada sufficiente de filtro purificador. Esta estagna-

*

ção aquosa no coval depende geralmente ou do mau escoamento das aguas pluviaes por defeito de superficie, ou de que o fundo da cova seja impenetravel por causa da natureza do subsolo formado de camadas impermeaveis ou rocha compacta.

Taes são os attributos essenciaes que devem caracterisar a telluricidade cemiterial. Esses attributos são vulgares e faceis d'encontrar sempre que se tracte da installação d'uma necropole. Dado até que as condições achadas não sejam precisamente as typicas, estamos bem longe de permanecer desarmados contra os inconvenientes locaes que podessem prejudicar sanitariamente ou impedir a regular destruição cadaverica.

Assim pelo lado chimico, embora elle seja em geral de diminuta importancia, ha o recurso de beneficiar o terreno, adubando-o com terras apropriadas ou substancias favoraveis, como a cal, a magnesia, etc. Pelo lado physico, a qualidade indispensavel de boa permeabilidade póde obter-se até certo ponto, nos terrenos compactos cavando-os, nos de terra fina addicionando-lhes cascalho, e nos demasiado porosos juntando terras mais ligadas ou camadas absorventes de carvão por

sobre a cova, como já se tem praticado com exito.

O excesso de humidade combate-se facilitando o escoamento das aguas pluviaes e drenando o terreno, processo excellente que tem dado magnificos resultados em Inglaterra. Para saneamento cemiterial dispomos pois de methodos apropriados e efficazes.

Baldo já de mais recursos, o ostracismo cemiterial invoca por vezes outro processo de justificação. Seja muito embora—dirão—um dado tracto de terreno primitivamente um excellente consumidor de cadaveres; decorridas algumas decadas, o chão esgota a sua acção destruidora, satura-se de materias organicas, e não só se recusa a devorar o cadaver, como se torna um foco pestilento. Por outro lado, o augmento da população gerando maior cifra de mortalidade, é fatal que passado tempo toda a necropole se torna insufficiente, tanto mais que uma vez encravada nas cidades é difficil, senão impossivel, a sua ampliação.

Eis-nos pois em face de duas accusações victoriosas—*saturação* e *insufficiencia*. Desfiemol-as como é mister, dando-lhes quanto possivel um caracter local, já que, quer em Lisboa, quer no Porto, foram violentamente

arremessadas para todas as suas necropoles publicas ou para algumas nomeadamente.

A *saturação* é um bordão estafado que constantemente figura nas declamações anti-cemiteristas. Cemiterio velho—não ha que vêr—está saturado; acabe-se com elle por invalido e malfazejo.

Que grau de veracidade terá porém essa asserção que confere ao terreno a fadiga, a indifferença perante o cadaver? Bem fraco, de certo, senão até completamente nullo n'um chão cemiterial subordinado ás devidas condições technicas e ás regras legaes d'inhumação. A ideia de saturação acareada com os factos precedentemente expostos reduz-se a uma excepção difficilmente exequivel, e os remedios não escasseiam no caso que ella se tema.

Do oxigenio é que carece o cadaver para apodrentar no coval; não lhe falta certamente no terreno permeavel; se se requer porém melhor oxydação, deixe-se um reservatorio d'ar por baixo do cadaver, poisando o caixão em cima de quatro tijolos, e estabeleça-se uma boa drenagem por onde o ar circule.

A materia organica resultante da decomposição cadaverica não communica certamente ao terreno propriedade alguma anti-fer-

mentescivel; pelo contrario os saes calcareos dos ossos exercerão uma acção acceleradora sobre a putrefacção, assim como os azotatos sobre a nitrificação. Os sáes e os gases tambem não difficultam a consumpção, nem poderão prejudicar a crase atmospherica. *(Nota V.)*

Não é possivel pois em boa consciencia scientifica fallar da saturação como coisa vulgar, e os seus defensores hão de ser forçados a reduzil-os a proporções bem minimas. E por possivel que ella seja, como ha de ella servir de meio de condemnação, se tantos modos temos de combatel-a, graças a acções chimicas, physicas e mecanicas?

A investigação directa golpeou desapiedadamente esse terror mythico da saturação.

Os cemiterios de Loyasse em Lyão foram condemnados por uma commissão medica como saturados. Martin deu-se ao trabalho de minuciosamente inquirir do veredictum dos commissarios. Ora as exhumações feitas passado o periodo quinquennal, excluindo uns quarteirões defeituosos mas saneaveis, deram um resultado perfeitamente negativo: a terra continuava a desempenhar as suas funcções sarcophagas. Corpos d'aves e outros animaes mettidos n'essa terra pseudo-

saturadas destruiram-se com a rapidez e facilidade ordinarias.

O eminente Schutsenberger, em frente dos factos observados nos cemiterios de Paris e das analyses feitas nas terras que circundam os ataúdes, protesta contra a idéa d'uma saturação do solo pelas materias organicas e professa que o periodo ordinario de 5 annos é sufficiente para a combustão completa do cadaver.

Deductiva e inductivamente a doutrina da saturação e da perda do poder sarcophago da terra está plenamente prejudicada. Pois apesar d'isso os sabios hygienistas da nossa terra, ao par de todos os dados e progressos da sciencia, ao par das condições sanitarias dos cemiterios da cidade, não trepidaram em declarar *saturado* o Prado do Repouso e em requerer *ipso facto* o seu encerramento.

Esta estranha affirmação levou-nos a examinar as condições telluricas das nossas necropoles tão cuidadosamente quanto possivel.

O cemiterio d'Agramonte que data sómente de trinta annos, assenta sobre uma formação possante d'alluvião antigo, que, segundo os bellos trabalhos do habil engenheiro Pereira Cabral, s'estende por uma larga área

circumvisinha, forrando as rochas graniticas e gneissicas que constituem o nucleo das collinas banhadas pelo Douro. É precisamente um dos pontos em que a espessura da alluvião é maior; bastará dizer que um poço do cemiterio sem penetrar em pedra tem uma profundidade de 17 metros. O terreno é formado por saibro solto e miudo, de silica pela maior parte, entremeiado de fina argila ferruginosa, d'uma bella côr amarello-alaranjado.

Referindo-nos ao já dito sobre telluricidade cemiterial, inutil será dizer que o chão d'Agramonte realisa um dos casos typicos dos melhores requisitos exigidos para um excellente campo d'inhumação — a boa permeabilidade casada com o bom poder absorvente.

Ha porém um pequeno quarteirão a noroeste em que a formação argilosa superabunda, continuando-se com a extensa massa de barro da Rotunda. Esta parte é pois extremamente defeituosa para coval, e o snr. Alexandre Pinheiro certificou-me que ao fim dos cinco annos só parte do cadaver está consumido; ao nivel da bacia e do dorso conserva-se mirrado, facto que contrasta com a perfeita destruição em todo o restante cemi-

terio, onde o periodo quinquennal é mais que sufficiente.

Uma commissão official que andou cheirando pelo cemiterio, muitos dias depois das minhas visitas, foi muda perante o facto. E no entanto a providencia é facil de tomar; basta encher a cova, depois de lançar o caixão, não com a argila extrahida, mas com o saibro que é tão proximo e tão abundante; dever-se-ha além d'isso crear uma camara d'ar por baixo do ataúde pelo modo já indicado.

Assim correcto, Agramonte será em toda a sua extensão, o typo d'um cemiterio hygienicamente irreprehensivel.

No *Prado do Repouso* a formação granitica é muito mais superficial; mas attendendo ao accidentado do terreno que foi preciso nivelar, a rocha só fica perto dos covaes na parte léste do cemiterio, havendo ainda assim a interposição sufficiente de terreno, d'alluvião tambem, mas menos solto do que o d'Agramonte. Uma grande parte do cemiterio, especialmente para oéste, é feita d'entulho, caliça, pedregulho, terra das ruas, etc.

Foi contra esta necropole que mais d'uma vez se ergueram os clamores, primeiro anonymos em alguns periodicos inspirados por

visinhos interessados, mas depois erguidos em nome d'um falso zêlo hygienico pelos vigias e consultores officiaes da sanidade publica. Que jus scientifico havia para estas declamações mesquinhas? Absolutamente nenhum!

O terreno saibroso dos quarteirões de léste, movido e removido desde 39, adquiriu as condições de permeabilidade exigidas para uma boa sarcophagia terrena. O chão d'entulho dos quarteirões d'oéste, esse é magnifico para inhumações, sob todos os pontos de vista. A superficialidade do sub-solo duro só existe realmente para uma pequena parte do cemiterio quasi ao fundo, onde facilmente se infiltra a agua d'inverno, inconveniente hoje muito attenuado pelas boas disposições tomadas para o escoamento das aguas pluviaes, e que poderia fazer-se desapparecer completamente por uma boa drenagem.

Pensam que foi esta a nodoa indelevel posta no cemiterio oriental? Nada; nem a propria commissão esquadrinhadora de cemiterios a notou.

O supremo defeito, a grande macula, era... a saturação! O pobre Prado do Bispo beberia sofregamente o rocio da madrugada, mas para

tragar cadaveres é que já não tinha entranhas.

Pantagruel mortuario, lasso d'engulir milhares de corpos, dessorara-se n'uma dyspepsia; ingeria, mas não digeria; ao cabo dos cinco annos vomitava dos seus ventriculos multiplos o repasto funebre quasi intacto.

Ó deuses immortaes, valei-nos!

Para que se possa saborear devidamente este cumulo, saiba-se que meio cemiterio, lado occidental, tem sido virgem d'enterramentos; ha dois ou tres annos, se tanto, é que começou a receber cadaveres. Que saturação! A outra metade, onde durante tantos annos se fizeram quasi todos os enterramentos da cidade, essa está tão terrivelmente saturada e exhausta, que devora gulosamente o cadaver no praso legal marcado para tal destruição!

Graças á obsequiosidade do snr. Alexandre Pinheiro, assistimos á exhumação d'um cadaver enterrado em 1879, escolhido ao acaso. Eram pois volvidos os cinco annos, e o corpo estava reduzido aos ossos; a terra ambiente não differia da terra vegetal ordinaria.

Mas ha mais. A utilisação actual do cemiterio todo e a restricta clientela do cemiterio fazem com que se passem mais dos cinco

annos, mais do que dez, antes que seja necessario reabrir o coval.

Que saturação?! É de pasmar que alguem com pundonor intellectual podesse arrojar ao seio d'uma sociedade medica asserções tão insensatas, sem sciencia nem consciencia, sem o menor vislumbre de probidade scientifica.

A tal saturação com que se pretendeu malsinar o cemiterio é mil vezes falsa e mentirosa.

É notavel que em Lisboa alguma coisa se rosnasse d'analogo; mas, lá como cá, exhumações feitas perante os distinctos medicos-hygienistas do municipio deram egualmente, como era d'esperar, um resultado negativo.

A renovação da cova sómente de cinco em cinco annos, como manda justamente a lei para haver plena certeza da digestão terrena do cadaver, suppõe das necropoles condições de *sufficiencia* taes que todos os defunctos d'um dado povoado n'elle encontrem enterramento sem remecher no coval antigo antes d'expirado o periodo quinquennal, embora muito verosimilmente este podesse ser abreviado.

As excellentes *Instrucções do Conselho de Saude Publica* para a installação de cemite-

rios, promulgadas em agosto de 1863, ainda em vigor, mandam muito justamente que a superficie do terreno escolhido seja sufficiente para um numero de sepulturas pelo menos egual a cinco vezes o numero annual dos obitos da povoação, deixando-se ainda boas ensanchas para ruas, casas, capellas, jazigos, etc., assim como para o accrescimo da população e o caso superveniente d'alguma epidemia.

Ora a superficie de cada sepultura é de 2^{mq},875, pois que, segundo as prescripções legaes, cada cova deve ter 2^{m} de comprido por 0,^{m}65 de largo, e retirar-se das outras 0,^{m}5 por todos os lados.

Esta cifra póde reduzir-se em média a 2^{mq}; não só o afastamento dos covaes é demasiado, como ainda as creanças que fornecem quasi metade dos obitos, devem occupar tão sómente 1^{mq} ou pouco mais. De modo que, multiplicando por 2 e depois por 5, ou immediatamente por 10 a cifra obituaria d'uma cidade, tem-se immediatamente a área do espaço necessario para inhumações; duplicando agora para dependencia e sobresalente, tem-se a certeza de possuir uma boa necropole.

Sob este ponto de vista, estamos larga-

mente dotados no Porto; e só d'aqui a muitas dezenas d'annos é que o municipio carecerá de novo cemiterio, despeza avantajada que se lhe queria impingir em nome da sanidade, ou melhor em nome dos interesses particulares.

O cemiterio oriental tem 81:310^{mq}, e o occidental 65:161^{mq}, o que prefaz uma cifra total de 144:471^{mq}, área enorme e quasi egual á do celebre *Cemiterio monumental* de Milão. Applicando o methodo de calculo indicado, e computando em 3:500 o numero annual de obitos, temos que deveriam bastar para o Porto 70:000^{mq} de cemiterio. Ora temos nada menos do dobro, dispondo, portanto, de larguissimo espaço para as necessidades presentes e futuras. Pormenorisemos e concretisemos o calculo.

Os enterros feitos nos ultimos cinco annos são em numero de 17:514; dando para todos a cifra maxima de 2:875^{mq}, o espaço total occupado por elles é de 50:352^{mq}. Concedendo metade da área toda dos cemiterios para ruas, jazigos, etc., o que é demasiado, restam 72:235^{mq}. Sobram pois 21:883^{mq} que dão exactamente sepultura para mais 7:608 cadaveres; quer dizer, póde a mortalidade elevar-se *quasi* $^1/_2$ *mais*, que os cemiterios chegam ainda. Suppondo, porém, a mortalidade den-

tro da cifra actual de 3:500, vê-se que esse espaço excedente póde fornecer sepulturas para dois annos; e d'aqui se deduz que presentemente em média a cova sómente se renova passados proximamente *sete annos*.

As condições dos dois cemiterios não são, porém, identicas. O oriental, menor que o occidental, é que tem relativa e até absolutamente maior clientella. Nos ultimos cinco annos recebeu 8:764 que occupam ao maximo 25:196^{mq}; dando para Agramonte a demasia de metade da sua superficie não utilisavel para coval, ha em terreno d'inhumação 31:580^{mq}; deduzindo, sobram 6:384^{mq}, que fornecem sepultura a 2:220 cadaveres, quasi a cifra dos que se lá enterram em dois annos. Uma grande parte porém do cemiterio, nada menos de 25:598^{mq}, é reservada para as sepulturas privativas dos irmãos das Ordens do Carmo, Trindade e S. Francisco, onde a renovação do coval é muito lenta, d'onde resulta, segundo me affirmou o digno inspector, que de cinco em cinco annos cada sepultura da secção municipal tem de ser aberta e utilisada.

O Repouso ingeriu nos ultimos cinco annos 8:750 cadaveres, que poderiam occupar em maxima uma área de 25:156^{mq}. Reduzida

a superficie total do cemiterio á metade util para inhumação, isto é, 40:655^{mq}, reconhece-se haver um excesso livre de 15:499^{mq} capaz de dar sepultura a 5:390 corpos, quer dizer, a todos os cadaveres que procuram aquelle cemiterio em 3 annos. Como aqui os quarteirões privativos das irmandades Terço, Misericordia, Santo Ildefonso, occupam um espaço restricto de 8:461^{mq}, deve decorrer um periodo muito superior a cinco annos antes que a cova se renove.

No intuito de assegurar aos calculos toda a sua força demonstrativa, operamos sempre com demasiadas ensanchas; de modo que por favoraveis que pareçam esses resultados, estão ainda muito áquem da realidade.

Bastará dizer que, segundo me asseverou o digno inspector, ha no Prado do Repouso 25:000 covas; ora no cemiterio devem entrar em 15 annos 26:250 cadaveres, d'onde se deduz que as sepulturas pódem ficar intactas durante perto de 15 annos, o triplo do praso legal. E era precisamente esta necropole que os nossos hygienistas de *bas degré* pretendiam immolar n'uma furia imbecil de cemiteriophobia.

Nem todas as cidades estão nas optimas condições da nossa, que não só dispõe de ce-

miterios vastos, como ainda lhe é facil a sua ampliação.

Lisboa, por exemplo, conserva o uso das vallas communs que recebem annualmente 3:190 cadaveres, prática repugnante e censuravel que a capital ha muito devia ter banido, como com tanta insistencia propoz já em 1880 o snr. Theophilo Ferreira.

As duas necropoles lisbonenses dão juntas uma área util para inhumações de $78:847^{mq}$, que é muito inferior á portuense. O numero quinquennal de cadaveres é de 33:379 (1874-78) que exigem $95:904^{mq}$; como 2:619 cadaveres vão para jazigos, o espaço real para inhumações é de $88:435^{mq}$, havendo um *deficit* de $9:588^{mq}$, que é actualmente compensado pela valla commum. Note-se porém que o espaço reservado para cada cova póde reduzir-se a 2^{mq}, estreitando os intervallos e dando só o tamanho preciso ás sepulturas das creanças; sendo assim, bastariam $61:520^{mq}$, o que dava uma sobra de $17:327^{mq}$. Por outro lado dever-se-hia uniformisar a freguezia dos dois cemiterios, pois que o do Alto de S. João, embora tenha menos $10:683^{mq}$ do que o dos Prazeres, recebe a mais do que este por anno 1:000 cadaveres para inhumação. Promovidas estas reformas regulamentares, o re-

gime cemiterial em Lisboa melhoraria consideravelmente, segundo crêmos.

As conclusões pois do relatorio do snr. Theophilo Ferreira eram demasiado terroristas, como já o reconhecera o snr. Miguel Bombarda, o qual affirma por outro lado ser possivel a ampliação ao menos d'uma das necropoles.

O verdadeiro cancro roedor dos cemiterios não é a inhumação ordinaria e renovavel. Dada uma boa superficie a cada necropole, só decorridas muitas dezenas d'annos é que uma cidade careceria d'augmentar o numero dos seus campos de repouso, e nunca haveria necessidade d'abandonar um cemiterio.

O mal todo está nas concessões perpetuas que vão cerceando continuadamente o espaço disponivel; em Lisboa esta invasão orça por uma média annual de 496^{mq}. O interesse sagrado dos vivos e o sentimento d'egualisação forçam a condemnar semelhantes concessões, e a substituil-as por concessões limitadas, ou renovaveis de cinco em cinco annos, o que não tardaria a promover o seu abandono por falta de descendencia zelosa ou por extincção de familia.

Tal medida seria uma cura efficaz de tão funesta praga. No entretanto as grandes cida-

des vão sendo obrigadas a multiplicar os seus cemiterios pela sua peripheria. É o que tem de fazer Lisboa, e é o que pretende Paris, que tracta d'escolher terrenos apropriados na *banlieue*, segundo se vê d'um relatorio apresentado ha pouco ao conselho municipal.

A **AGUA**, esse o terceiro elemento sanitario que se julga dever ser corrompido pelo cemiterio, com grave prejuizo da hygiene publica.

A agua da chuva, permeiando-se atravez do coval, impregna-se dos productos da decomposição cadaverica, e assim carregada de materias organicas, saes ammoniacaes e nitratos, vai inquinar fatalmente os veios d'agua potavel.

Eis a accusação, que tão terrivel se antolha, esteiada n'uma série mesquinha d'observações, pouco ou nada provativas, e desprovidas até do rigor exigivel d'analyse; bastará dizer que uma das mais citadas pelos auctores é a de J. Lefort, falha de boa logica e pobre de chimica. *(Nota VI)*. Todos esses casos relatados de bocca em bocca e tanto que se poderão contar pelos dedos, apesar do afan dos anti-cemiteristas em rebuscal-os, consti-

tuem um fraco e detestavel libello accusatorio.

Concedida a mesma inquinação hydrica d'origem cemiterial, comprehende-se que d'ahi derivariam duas indicações bem explicitas: não installar os cemiterios sobre veios d'agua potavel, nem utilisar a agua dos poços, quer d'entre as covas, quer d'uma área larga em torno da necropole.

Taes medidas seriam sufficientes para nos precavermos d'essa pretendida infecção aquosa, dado o caso que ella fosse uma realidade demonstrada. Aqui, porém, como até agora, os alarmistas vogam ao sabor da sua imaginação rebelde á comprehensão segura e exacta dos factos.

A analyse racional e experimental das relações do cemiterio com as aguas telluricas e pluviaes demonstra effectivamente á saciedade quanto é chimerico e falso o inculcado empeçonhamento dos mananciaes, thema querido de todos os detractores da inhumação.

E em primeiro logar, será um facto geral e constante essa filtração das aguas pluviaes atravez do coval, base de toda essa theoria?

Aqui no Porto, segundo os mappas do observatorio meteorologico d'esta Escola, a media annual pluviometrica dos tres ultimos

annos é de $0^{m},927$, quer dizer, a agua cahida durante um anno inteiro fórma uma camada de pouco mais de 9 decimetros d'espessura. Ora, experiencias diversas demonstraram que dois terços da agua pluvial não penetram no terreno; ou correm á superficie ou são arrastadas pela evaporação. Um terço pois sómente entra no solo, o que dá em o nosso caso 0,309.

Trinta centimetros, eis a espessura do lençol d'agua que coado atravez do cadaver e filtrado pelo chão vai levar a contaminação ao manancial d'agua que jaz profundamente, a 10, 20 e mais metros! É milagrento, não é assim?! Se ao menos a agua fosse deitada d'uma vez? mas repartida por um anno inteiro quem sensatamente poderá crêr que ella seja capaz d'operar tão longa viagem?

A boa observação demonstra pelo contrario que toda essa agua mata quando muito a sêde aos primeiros palmos de terra; as mesmas chuvas torrenciaes deixam a terra secca a partir d'uma pequena profundidade. A menos que o solo não seja d'uma permeabilidade extrema, d'areia pura ou calhaus, assegura Pappenheim que a agua meteorica não chega nunca á profundidade de 2 metros.

E não se diga em contradicta que d'esta

fórma a origem das fontes, dos poços, e da agua tellurica não teem relação alguma com a agua pluvial. Isso seria um contrasenso; mas tão sómente o que eu affirmo é que essas relações não estão dependentes em geral da filtração commum—mas inherentes a condições geologicas especiaes e até complexas. *(Nota VII).*

Conceda-se todavia que toda essa onda aquosa se precipita sobre a jazida e continúa na sua viagem subterranea até apparecer a lume nas nascentes. Conservará depois do transito post-tumular esses corpos polluidores que recebeu na cova? Não: a espessa cama de terra por onde terá de lentamente jornadeiar no sentido vertical, horisontal ou obliquo, intervem mais uma vez com o seu conjuncto de propriedades physicas e chimicas para imprimir á agua um saneamento efficaz e profundo. A lixivia cadaverica será reduzida aos productos ultimos d'oxydação—nitratos, chloretos, sulphatos, e tantos outros sáes inoffensivos; as temidas materias organicas, e o ammoniaco, denunciador da infecção aquosa, terão desapparecido completamente ou serão reduzidas a minimos vestigios.

Eis o que indica a theoria, eis o que brilhantemente dimana de todas as investiga-

ções que se concertam de fórma a levar a todo o espirito imparcial e justo a mais plena convicção.

É ponto hoje assente e incontrastavel o poder depurador e comburente do solo que purifica as aguas mais immundas, reduzindo toda a massa putrida e organica a compostos mineraes inoffensivos que vão servir de pasto á vegetação. Essa poderosa energia depuradora é hoje até a base fecunda d'utilissimos processos sanitarios, com os quaes a technica hygienica tem enormemente lucrado. Carrear as aguas immundas d'um povoado para planicies de cultura, em vez de as projectar nos rios, o que implica uma perda economica e principalmente em certos casos uma viciação bem pouco salutar, forçal-as a filtrar pela terra recolhendo-as puras pela drenagem depois de terem abandonado ao humo os seus adubos que vão enriquecer a vegetação, esse um magnifico processo de saneamento que, primeiro vulgarisado em Inglaterra pela *Rivers Pollution Commission*, tende a generalisar-se por toda a Europa. Paris começou por ensaios timidos na planicie de Gennevilliers, e hoje milhares d'hectares de terreno são irrigados pelas aguas desembocadas dos grandes collectores d'esgotos.

Esta rega, derivada por uma rêde apropriada de canaes, opera-se d'um modo intermittente para que a terra tenha tempo de respirar e beber o oxygenio necessario para a combustão e reducção energica que exerce sobre as immundicies. Com esta condição o solo arejado e excitado ainda pela drenagem mantem sem se fatigar a sua funcção depuradora n'um grau elevado.

Assim em Inglaterra tem-se conseguido purificar annualmente 200:000 metros cubicos d'agua d'esgoto por cada hectare de terreno. Em Gennevilliers cada hectare sob uma espessura util de 2 metros tem purificado ao minimo 50:000 m. c. d'agua proveniente dos esgotos de Paris.

E os cemiterios não hão-de sanear o mesquinho volume de 300 litros por metro quadrado, isto é, 3:000 m. c. por hectare?!

A pureza da agua, após a filtração tellurica, é admiravel, como o téem provado numerosas analyses. Em Gennevilliers a agua dos drenos é perfeitamente potavel e superior a uma grande parte da que se bebe em Paris; os visitantes provam-n'a e bebem-n'a, achando-a saborosa.

Não vem para agora retraçar essa admiravel conquista da hygiene moderna; fique tão

sómente registrado que a terra é o primeiro dos filtros para as aguas immundas. Sel-o-ha tambem para a agua que mane atravez do cemiterio? Incomprehensivel fôra tal excepção, absolutamente renegada pelas mais conscienciosas e auctorisadas pesquizas.

A agua de drenagem dos cemiterios tem-se offerecido boa sempre que se tem analysado; em Inglaterra uma commissão em 1877 não duvidou affirmar u'um dado caso que tal agua podia ser lançada sem perigo nos mananciaes publicos.

Os poços téem dado identicos resultados. Fleck analysou vinte e uma amostras d'aguas dos cemiterios de Dresde; pois não encontrou senão saes inoffensivos, como nitratos, chloretos, sulphatos, etc. Asseverou, porém, o eminente observador com a sua alta auctoridade, que uma fossa de sentina ou um máu esgoto fornecem mais materias organicas á agua do sub-solo do que o cemiterio mais carregado de cadaveres. Pettenkofer affirmou egualmente d'uma maneira peremptoria que a analyse das nascentes cemiteriaes e precemiteriaes dá constantemente resultados negativos.

Durante as profundas investigações da grande commissão parisiense de 1879, Car-

not examinou doze amostras dos poços de varios cemiterios da capital; quando muito appareciam vestigios de materias organicas e ammoniaco.

Entretanto esses dois elementos, denunciadores da polluição, surgem a cada passo nos poços das cidades, excedendo todos os limites da tolerancia; é o resultado dos fócos immundos, das sentinas, etc. Quantas aguas bem longe dos cemiterios se offerecem assim horrorosamente inquinadas, ao passo que as emanadas dos campos de repouso se deparam nas melhores condições de potabilidade?

Ora a decantada chimera da contaminação hydrica acaba de receber tambem o seu golpe em Portugal.

Ha poucos dias publicava a *Medicina Contemporanea* o resultado da analyse d'uma agua extrahida d'um poço do cemiterio occidental de Lisboa encravado nas covas. Eis o que se obteve no laboratorio municipal:

Ammoniaco	0
Nitratos	vestigios
Mat. organicas . . .	quasi 0

Querem alguma resposta mais eloquente? Simultaneamente aos trabalhos da commis-

são da capital, investigava eu das condições hydrologicas dos nossos cemiterios portuenses.

Em Agramonte abriu-se um poço cuja profundidade orça, segundo me asseguraram, por 17 metros. A agua, que saboreei, é simplesmente magnifica. Que polluição se poderia sonhar ali atravez d'aquella possante camada d'alluvião?!

No Prado do Repouso o caso é outro. Na orla do poente o nivel do cemiterio está elevado uns tres a quatro metros; ao fundo da depressão, a poucos passos do hypogeu de deposito, um braço de mina permeia-se horisontalmente no sub-solo do cemiterio. Pela mina corre na gotteira de fóra uma bella agua limpida e transparente, que vem jorrar á bica.

Será traidora a limpidez crystallina d'essa agua, ella que nasce e brota por baixo d'um monte de cadaveres?

Ao approximar dos labios um copo do bello liquido tão fresco e puro para apreciar-lhe o paladar e mitigar a sêde, lembrei-me d'um excellente fragmento poetico d'um artista soberbo, Th. Gautier, intitulado *A fonte do cemiterio.*

Era na solitaria e melancholica Cartucha de Miraflores, em Hespanha, visitada pelo

poeta *touriste*. Encerrado por muros vetustos, manchados da lepra dos lichens, jazia em vez de jardim um cemiterio nú e descalvado, sem cruz, sem monumentos, sem cómoros de terra.

Sobre as campas rasas germina uma vegetação doentia. Como haveriam as flôres n'aquelle ambiente asphyxico de desabrochar os seus calices? Ao meio perfilam-se dois cyprestes verdenegros, dirigindo para o céu os sèus longos suspiros de folhagem.

Entretanto, como lagrima furtiva a trasbordar das palpebras, um fio incerto d'agua mana pinga a pinga d'uma pobre fonte. Filtrada pelas santas ossaduras dos antigos monges, esbate-se em onda tão crystallina n'uma pequena bacia, que o poeta abeirou-se para sorver um trago; mal, porém, humedeceu os labios, sacudiu-o um calefrio horrendo. A agua diamantina tinha um gosto de morte!

Ó bellos *tableaux* d'artista sonhador! Os vossos devaneios não são para o vulgar que ingere e saboreia sem o antegosto mortuario, nem para a retorta do chimico que analysa, dosêa e emitte o seu *veredictum* de potabilidade!

A agua do Repouso, essa corre . . . para

uma fonte publica erguida ha poucos annos no extremo da rua de S. Victor; a visinhança consome-a, e é tão apreciada que véem de longe buscal-a. Fil-a sujeitar á analyse chimica de que benevolamente se encarregou o distincto e laborioso chimico portuense o snr. Ferreira da Silva, lente da Academia Polytechnica e director do laboratorio municipal. Eis o resultado das suas longas e repetidas analyses feitas com um zêlo e rigor inexcedivel:

Grau hydrotimetrico	10°
Residuo d'evaporação a 100° por litro.	0,gr344
Mat. organicas pelo methodo de Wood e Kubel.	0,007875
Ammoniaco	0
Nitratos	vestigios

Limpida e transparente, accrescenta o professor, não tem cheiro nem côr e é agradavel ao paladar.

Desenvolvamos estes dados chimicos para que mais frisantemente se possa fazer idéa do seu valor e do grau d'excellencia que elles conferem á agua.

A hydrotimetria mede a chamada dureza

d'agua, devida aos sáes calcareos, que em grande quantidade, especialmente o sulphato, tornam a agua impropria para os usos domesticos e para bebida. O limite maximo de tolerancia está fixado em 21°; ora a nossa marca sómente 10°, do que estão muito longe um grande numero d'aguas do Porto, como resulta das numerosas analyses do professor Ferreira da Silva.

O residuo d'evaporação não deve para boa agua potavel exceder 0,^{g}5; ora a do Porto tem simplesmente pouco mais de 0,^{gr}3.

O ammoniaco e os nitratos, tolerados até certa cifra na agua, d'um nada existe e dos outros ha simplesmente vestigios.

Emfim as materias organicas, as temiveis materias inquinadoras fornecidas a granel pelo cemiterio, são approximadamente 7 milligrammas por litro. Ora o limite maximo, admittido pelos hygienistas, pelo methodo do permanganato, é de *quatro centigrammas*. Reichardt considera puras as que conteem 10 e 15 milligrammas.

A chancella chimica confere pois plenamente á agua do Repouso o dom de potavel e n'um grau que a poucas é concedido.

Esses algarismos esmagadores são a ultima nota triumphante d'esta longa pendencia.

Gravem-se algarismo por algarismo, como um ferrete, no dorso derreado dos levianos e ineptos que doestaram ao ouvir-me proclamar a sanidade da necropole oriental do Porto! Esse chão que se babou d'immundicies, de saturação, verte uma agua cuja pureza a chimica sanitaria brilhantemente ratificou.

A firme resolução de não deixar quartel nem *faux-fuyant,* que temos rigorosamente mantido até agora, força-nos a dizer que não tem faltado lá por fóra quem em casos analogos entenda appellar, embora d'uma maneira timida e embaraçosa, da sentença proferida no tribunal da chimica. Exige-se o documento microbiologico, e aggrava-se para a analyse bacterioscopica das aguas que mal balbucia ainda os seus processos. Ora não é mister grande cabedal d'argumentação para desfazer esta ultima teia do libello.

Que microbios s'invocam, os communs? Mas em toda a agua formigam milhões d'essas bacterias, inclusivè o *bacterium termo,* agente energico da putrefacção; no tubo gastro-intestinal pascem em legiões incontaveis, e, longe de prejudicar-nos, prestam-nos serviços, auxiliando-nos a digestão. Teme-se a accumulação extrema d'elles na bebida e principalmente os processos fermentativos por

elles determinados? Pois a analyse chimica dil-o-ha, denunciando a cifra das materias organicas, dos nitratos, do ammoniaco, etc. É essa precisamente a melhor justificação e reivindicação da pesquiza chimica. *(Nota VIII)*. São essas as inferencias que d'ella aproveitamos.

Não é porém d'ahi que vem o medo; é do microbio especifico, do gerador das doenças infecto-contagiosas. A agua manada do cemiterio transportaria os germes da febre typhoide, da variola ou do cholera, recebidos de qualquer enterrado victima de taes zymoses. O que deve pensar-se d'esta reviviscencia microbica no coval, já foi dito; mas supondo ainda que alguns germes podessem attingir a agua não seriam rapidamente attenuados e mortos pela sua diluição extrema n'uma grande quantidade d'agua? Tal é pelo menos a conclusão a extrahir dos principaes trabalhos de microbiologistas *d'élite* como Pasteur, Kock e tantos outros. *(Nota IX)*.

Mais inquinadoras que o cadaver, são as materias fecaes, julgadas hoje por quasi todos como vehiculo de contagio da febre typhoide, do cholera, etc.; e como taes, emittiu-se o receio de lançal-as nos esgotos cuja agua fosse destinada a irrigações. Pois em In-

glaterra ha muitos annos que tal se faz em larga escala, e em Paris, com o voto expresso d'uma commissão inteira, onde figuravam Bouley e Fauvel, auctorisou-se o mesmo para Gennevilliers onde as doenças zymoticas não tem assolado, como aconteceria se fosse verdadeiro o preconceito. A agua e solo purificam e destroem a microbiaria fecal.

Da agua cemiterial não consta tambem até hoje que ninguem se virulentasse. Repito — se o verdadeiro reagente é o homem — que agua do Repouso é bebida ha longos annos sem que ninguem até hoje se tenha queixado, applaudindo-se pelo contrario do seu uso.

Accumular, meus senhores, mais provas em favor da minha these, seria já uma viciosa superabundancia. Todas as invectivas dos anti-cemiteristas receberam uma refutação total.

Da demonstração feita tão completa e victoriosa, capaz de saturar de convicção todo o espirito aberto e justo, e de fazer calar os rebeldes, resalta com uma evidencia luminosa —que a inhumação, guardadas as precauções hygienicas devidas, é uma pratica innocente —que a cidade dos mortos não prejudica a cidade dos vivos.

D'este theorema emana um corollario inevitavel d'uma imposição immediata. Se a necropole urbana é d'uma innocuidade hygienica incontrastavel, a existencia dos cemiterios dentro dos ambitos das grandes cidades, longe de ser uma calamidade, é não só perfeitamente toleravel, como ainda conveniente e recommendavel.

Razões d'ordem moral, que eu não temo invocar, são as primeiras a vir em abono d'esta proposição que tão arrojada se antolhará a muitos. É certamente util essa proximidade dos campos de repouso para que mais facilmente se possa patentear e exercer o nosso respeito pelos finados, a commemoração dos parentes e amigos, todas as manifestações do culto dos mortos, sentimento atavico gravado no coração do homem desde as mais remotas eras, e factor elevadissimo do seu complexo social, moral e intellectual.

Além d'este ponto de vista superior, que mira ao mais intimo do coração humano e nunca para desdenhar em qualquer questão de reforma social, ha a propria indicação hygienica, uma série racional de motivos d'ordem physica.

Espaço largo, arborisado e livre, o cemiterio com a sua atmosphera tão pura e sã, des-

empenha no aggregado urbano o papel sanitario das praças espaçosas, das largas ruas e dos jardins publicos. Qu'importa que elles se multipliquem no ambito das cidades, se são outros tantos squares, agentes purificadores d'uma atmosphera infecta?

Estejam certos,—e não nos fatiguemos a accumular provas para affirmal-o—que as nossas casas, mal ventiladas e mal expostas, beneficiadas com as mais detestaveis e infectas latrinas, teem, ainda mesmo que se tomem todas as precauções hygienicas adoptaveis, uma salubridade mil vezes inferior á d'uma necropole.

A habitação do vivo é tremendamente mais inquinadora que a habitação do cadaver! E as agigantadas accumulações humanas, productos maravilhosos d'uma civilisação absorvente, onde s'empilha uma população enorme e condensada, manchada de vicios physicos e moraes, corroida pela ambição e pela miseria, pelo fausto e pela degradação, por todas as chagas sociaes e somaticas, onde se respiram gases infectos e ares inquinados, emanados de tanta pocilga, de tanto bairro immundo, de tanta cloaca—essas nossas instituições urbanas tão amadas e admiradas por nós, onde achamos tanto goso e tanto bem-estar, são

immensamente mais repellentes e odiosas do que a cidade pacifica dos mortos!

É para todo esse montão de miserias que os hygienistas de intelligencia levantada e coração puro devem voltar os seus esforços nobres. Abandone-se d'uma vez o nihilismo cemiterista vasio e ridiculo, que chega a parecer um escarneo, perante os verdadeiros clamores despertados pelas chagas abertas da sanidade urbana.

Não se julgue todavia—e a exposição já feita o denota—que eu julgo bonissimo todo o nosso *statu quo* em materia de sanidade mortuaria. Não; ha reformas urgentes a operar e a reclamar até com toda a energia.

Quem não sabe que, afóra os povoados de certa importancia, a auctoridade não exige, como lhe é imposto por lei, a respectiva certidão d'obito? Póde dizer-se que é essa a regra geral pelas aldeias, e no entanto a utilissima disposição da verificação do obito pelo facultativo vem já do decreto de 7 d'agosto de 1814, ratificado e accrescentado pelos decretos successivos de 37, 46, 49 e 50.

Este abandono da lei chega, como já dissemos, a não installar cemiterios, a enterrar cadaveres fóra d'elles e até nas egrejas. Reformem-se os ineptos corpos administrativos

que tal consentem; forcem-se as camaras municipaes e as juntas de parochia a procederem immediatamente á creação das suas necropoles; appliquem-se emfim as disposições expressas do Codigo Penal que manda punir com a pena de multa de 6 até 24 mezes os parochos ou outras pessoas que determinarem ou concorrerem para o enterramento fóra dos cemiterios publicos, ainda que ao morto negue sepultura ecclesiastica.

Dos cemiterios existentes e já installados, é possivel que nem todos satisfaçam ás condições devidas; inquira-se pois severamente do seu estado e appliquem-se-lhe as reformas adequadas.

Pelo que diz respeito aos cemiterios portuenses, a analyse detida d'um e d'outro, oriental e cccidental, sob o ponto de vista de solo, agua, superficie, destruição de cadaveres, execução de preceitos regulamentares, permitte affirmar altamente e sem o menor receio de desmentido que são optimas as suas condições hygienicas e que o anathema fulminado contra o Prado do Repouso é vasio, stulto e condemnavel, sendo verdadeiramente criminoso e aviltante tornar a hygiene cumplice de taes dislates.

Tudo é perfectivel e os nossos cemiterios

tambem, e nada se deve poupar para attingir o melhor grau de condições salubres. Indiquei já algumas d'essas reformas para uma e outra necropole, relativas ás condições do seu terreno; mas ha alguma coisa ainda de mais urgencia talvez a reclamar.

Embora a inhumação seja o typo salutar e racional de sepultura, o mais despido de preconceitos, é certo que se tem infelizmente vulgarisado o uso d'encerrar os cadaveres em caixões de chumbo da espessura de 2 millimetros, subtrahindo-os ao contacto da terra.

Estes ataúdes metallicos ou são encerrados em catacumbas, carneiros e jazigos de familia, ou guardados temporariamente e ás vezes por largos annos em depositos subterraneos, verdadeiros hypogeus, dos quaes se encontram varios em Agramonte. O do Prado do Repouso, diga-se de passagem, é precisamente o melhor pelo que diz respeito a construcção, temperatura, ventilação, etc.

Apesar do envoltorio, os gases acham porém sahida natural atravez do metal, graças á sua porosidade, ou sahida forçada, abaúlando a lamina e rompendo emfim por algum ponto mais fraco; d'ahi um cheiro horrivel e o derrame de liquidos infectos. No deposito remedeia-se e desinfecta-se, graças a uma vi-

gilancia que, posso assegural-o, é excellentemente exercida; nos jazigos faz-se livremente essa infecção. Essa a razão por que eu achei illusoria a decisão da nossa junta d'hygiene que mandava recolher *in-continenti* esses ataúdes aos jazigos; mais rasoavel era a inhumação que tambem foi proposta, mas que se tornava a seu turno um desproposito por ir forçada e immediatamente d'encontro a um uso permittido e sanccionado, e expressão ridicula da furia hygienista que invade de tempos a tempos as nossas pacatas e entorpecidas juntas de saude publica. *(Nota X)*,

Attentas taes causas anti-hygienicas e ainda o preconceito que anima tal pratica, deve-se fazer uma propaganda activa em favor da inhumação pura e simples; e a este proposito eu averiguei com prazer que pessoas illustradas e familias em excellentes condições de fortuna a téem adoptado completamente. *(Nota XI)*.

Reformas radicaes não se podem levar n'um dia; e é forçoso continuar a admittir os jazigos e os depositos, cedendo não só ao principio de liberdade individual como a sentimentos talvez dignos de respeito, comtanto que se procure restringir quanto possivel tal pratica e se subordine a regras hygienicas ri-

gorosas. Emquanto, pois, se não póde prohibir absolutamente, como já se fez, por exemplo em Munich e S. Petersburgo, eis o que eu aconselharia, substituindo-me mais uma vez á *esclarecida* junta que não viu no caso senão motivo para declamações vãs e medidas ineptas.

A lamina de chumbo deveria ter uma espessura superior, pelo menos de $3^{mm.}$, o que augmenta consideravelmente a sua resistencia á ruptura. O corpo deveria ser sempre embalsamado a chloreto de zinco, como já se pratica em Italia. Dentro do caixão lançar-se-ia serradura de madeira secca com cal viva, ou potassa; entre nós usa-se o gesso, pratica que me não parece rasoavel, pois que o sulphato de calcio gera acido sulphydrico ao contacto das materias organicas, tornando-se assim não absorvente, mas gazogenico. Emfim entre o ataúde de madeira e o metallico deixar-se-hia um espaço de dois ou tres centimetros, cheio de carvão animal. Com taes medidas póde ficar satisfeita a consciencia do hygienista e socegados os animos.

Em vez das municipalidades gastarem boas sommas em catacumbas, quanto melhor não era dispenderem-n'as em *casas mortuarias*, que hoje funccionam na Allemanha, Ingla-

terra, Russia, Italia, etc., com applauso de todo o mundo. São depositos installados com todas as condições hygienicas devidas, para guardarem os cadaveres antes de ser entregues á sepultura. O seu fim é multiplo e qual d'elles mais util: previnem as inhumações precipitadas; evitam a promiscuidade dos vivos e dos mortos, tanto para temer no caso de doenças contagiosas, etc. Quando se inaugurará em Portugal uma instituição tão benefica?

Emfim, meus senhores, eu desejaria ainda, não só reformas hygienicas, mas ainda condições d'aformoseamento e de belleza que façam do cemiterio um recinto aprazivel e risonho.

Expunja-se dos campos de repouso essa tonalidade mésta e funebre filha d'um antiquado *recherché* de melancolia e dó. Desmanche-se o apparato luctuoso e dolorido d'inscripções elegiacas, de mausoleus symbolicos e d'inscripções sombrias.

Que o marmore funerario se não tinja com fragmentos poeticos d'uma dolencia equivoca e d'uma lamuria choramigas; deixem a pagina branca na mudez do tumulo, ou encham-n'as sómente com dizeres serenos, gra-

tos á ideia e ao sentimento, com um sainete de sabedoria moral e religiosidade elevada.

Que se não veja por toda a parte, esculpida no marmore, fundida no ferro, modelada no bronze, estampada na lousa, essa terrivel assignatura da morte, esse monogramma phantastico, cunhado nas chancellas pavorosas da edade-média, formado por uma cruz d'ossos desgastados, de femures informes, resaltando do encrusamento um craneo liso, esburacado e tetrico, cujo olhar cavo e sombrio incessantemente nos persegue.

Que se não abandonem os sepulchros e os jazigos a um gosto desmanchado de feitura reles, mas n'elles se esmere uma arte correcta e viva, bem diversa dos typos gothicos e monachaes, inspirada nos preceitos da esthetica moderna; em vez d'urnas partidas e columnas truncadas, d'emblemas lugubres, sejam attrahentes as tumbas, engrinaldadas de flôres e d'acanthos, como que envolvendo a morte com as imagens sorridentes da vida.

Decepe-se o tronco esguio dos cedros e cyprestes, de folhagem tinta d'um verdenegro indefinivel, estendendo por sobre as campas uma sombra alongada e escura; desembaracem as aleas dos renques monotonos da murta, desentrancem as grades e os tu-

mulos das prisões da hera, esse ornato soturno das ruinas, e arranquem dos canteiros as corollas sinistras dos suspiros e dos goivos.

Eliminem-se esses productos d'uma botanica mythica e agoureira, e substitua-se pela arborisação dos nossos squares e pelas flôres dos nossos jardins; espalhem-se ao longo das ruas o platano e o alamo, a tilia e a diodora, e os bellos arbustos da ornamentação moderna; sejam os sepulchros cingidos pelas rosas e violetas, pelos jasmins e lilazes.

N'estes principios de disposição cemiterial, consentaneos com a educação e as ideias d'hoje, temos um magnifico exemplar em Agramonte, que podemos orgulhosamente mostrar a quem quer que seja; é uma estancia admiravel que convida ao passeio, graças á mão cuidadosa e intelligente que o entretem com verdadeiro carinho e amor d'arte.

Quão longe d'esse bello modelo está ainda o Prado do Repouso! que contraste o d'esse longo tracto de terreno, salpicado d'arvores soturnas, com as suas longas aleas monotonamente traçadas a esquadro e encaixilhadas a murta. *(Nota XII).* Ao fundo sobre um comoro soergue-se um christo agigantado e sombrio, tão estranho com o verdenegro da

sua fria carnadura de bronze, ustullada pelo sol e puída pela tempestade.

Ao lado uma molle desmantelada e negra de tijolo e pedra, escondendo um horisonte bello e lembrando um passado odiento; cáia o camartello demolidor sobre essas ruinas vergonhosas, arrase tudo até ao solo, obturem-se os seus subterraneos lobregos, apeiem-se os muros vetustos, e estenda-se um jardim até ao extremo d'esse cêrro alcantilado que desce de frágoa em frágoa até ao Douro.

Recordo-me de, na formosa cidade de Zurich, ter visitado o seu bello cemiterio, erriçado d'artisticas sepulturas, ao fundo do qual se estende, defrontando o lago, uma álea explendida de tilias, o celebre *Hohe-Promenade*. Que vista grandiosa se não disfructa alli! O olhar abraça primeiro a mimosa cidade, banhando-se nas aguas crystallinas do lago d'um verde purissimo, sulcado por numerosos barcos; depois as duas margens, elevando-se em collinas, semeadas d'aldeias e de villas; ao fundo, com as neves perpetuas a que o sol nascente imprimia as mais variegadas cambiantes, o dorso explendido da serrania alpina d'arestas agudas e recortes phantasticos.

Deixem aqui tambem desdobrar-se livre-

mente esse panorama opulento, o mais bello da cidade, e que do proprio cemiterio se expanda a vista por esse formoso quadro, onde se destaca parte da cidade, a lombada da serra com a sua rotunda de pedra, o Douro constringido a jusante entre as duas collinas talhadas a pique, transposto pelos arcos enormes de travessas metallicas, e dilatado a montante n'aquella curva magnifica que só tem de comparavel o celebre lago de Garda na alta Italia.

Taes os melhoramentos a reclamar, por amor da sciencia e por amor do bello, para os cemiterios do Porto.

QUARTA CONFERENCIA

A CREMAÇÃO

(10 DE SETEMBRO DE 1884)

Meus senhores:

São quasi volvidos vinte annos depois do advento do cremacionismo, banido havia longos seculos da civilisação occidental.

Esta renascença novissima da pristina usança de sepultura, plagiada dos tempos historicos e das épocas palearcheologicas, representa um phenomeno interessante de psychologia social. Não é sob a egide religiosa que se acoberta hoje a propaganda do queimadeiro; em plena edade de secularisação, a incinera-

ção só podia ser uma instituição sanitaria, civil e independente, innervada pelo influxo potente do progresso, buscando o esteio positivo da hygiene e da medicina, colorindo-se mescladamente d'utilitarismo economico e de refinamentos sentimentaes.

É notavel porém que, sob esta scisão patente das communhões religiosas estabelecidas, o cremacionismo adquirisse os caracteres nitidos d'uma religião nova, fazendo-nos assistir em pleno seculo XIX ao desdobrar d'uma curiosa ontogenia de proselytismo ritualista.

Após a annunciação de prophetas e precursores veneraveis, gerou-se um nucleo enthusiasta e fervente de sectarios. Inscreveram-se os mandamentos sagrados, essencialmente reductiveis a dois — horror á inhumação apodrentadora, culto do fogo purificador; e no pendão da seita, alçado por braços fortes e dedicados, estampou-se, como symbolo graphico da reforma, o eloquente moto — *Vermibus erepti, puro consumimur igni.*

A terra de promissão da tribu funeraria foi a Italia; a cidade santa é Milão. Um agiologio de patriarchas venerandos e de martyres esforçados, que affrontaram dissabores e perseguições na santa obra do triumpho da egreja, foi inscripto a lettras d'oiro na biblia do

cremacionismo. Apostolos, ardendo no fogo divino da propaganda, levaram por toda a parte o evangelho da verdade; missionarios eloquentes teem prégado e realisado conversões. As egrejas foram-se erguendo aqui e além, á sombra do papado milanez, e os concilios repetiram-se para bem fixar os artigos da nova fé, desenvolver-lhe os dogmas, afervorar os adeptos, e repellir as perseguições dos infieis.

Emfim os novos magos do Occidente erguiam um templo, a sua basilica, no cemiterio Monumental de Milão, onde foi erecta a magnifica urna crematoria de Keller. Estava definitivamente consagrada a seita e coroados os esforços herculeos de tantos annos. O proprio reconhecimento official, após tantas solicitações, deu a inevitavel chancella legal ao novo rito, tolerando-o e admittindo-o, como religião funeraria.

Não commungo nos sacramentos da fé cremacionista. Detesto egrejas; mas não sou tambem dos intransigentes ferrenhos que tolhem por todos os modos a evolução do funeralismo reformado. Em nome do codice sagrado da liberdade individual, consagre-se a cremação como sepultura permittida, e conceda-se a queima, sob determinação expressa dei-

xada em escripto pelo defuncto, e salvaguardadas as precauções inilludiveis da hygiene e da segurança publica.

Invadir porém tudo com clamores insolitos, dedicar á evangelisação crematoria talentos, tempo, cabedaes e esforços titanicos que n'um outro sentido prestariam serviços incalculaveis á causa publica, allucinar-se por esse sentimento de restauração da pyra, eis o que me parece uma aberração de bom senso, quasi uma monstruosidade affectiva e intellectual.

Não estende por toda a parte a hygiene chagas medonhas que corroem a vida moral e physica das sociedades modernas? Que causas nobilissimas d'apostolado não haveria a colher ahi! A extincção do pauperismo, a habitação das classes pobres, a alimentação do proletariado, a extincção da syphilis, o amparo da infancia, e tantas outras reformas uteis e transmutadoras do estado social, esses sejam os vossos lemmas, esse o vosso alvo de seita, ó catequistas da hygiene publica! Agora, lidar com altaneria cavalheiresca e animo religioso pela extincção da inhumação e erecção do queimadeiro, é uma empreza banal e ingloria, inspirada por in-

fantilidades de sentimento ou visualidades de apreciação intellectiva.

Eis a minha attitude na questão debatida, que firmarei encarando a cremação sob todos os aspectos—hygienico, medico-legal, economico, moral e sentimental.

A historia moderna da incineração cadaverica inicia-se nos fins do seculo XVIII. É Scipião Piattoli quem, como o demonstrou o oraculo dos cremacionistas o dr. Gaétano Pini, primeiro propõe a destruição a fogo dos despojos mortuarios. A audaciosa lembrança era prematura ainda, e um seculo quasi decorreu antes que a ideia vigorasse na propria Italia onde primeiro germinára.

Até á restauração italiana a chronica do cremacionismo é bem misera, e só de longe em longe offerece coisa registravel.

Após a grandiosa Revolução franceza, em plena Republica, reformadora e iconoclasta, a cremação tenta o ingresso na legislação e na pratica civil. A sepultura era então lá como em toda a parte uma instituição vergonhosa, condemnada, como dizia Baudin, pela moral, pela medicina, pela sciencia social; e entre as reformas tão instantemente reclamadas pela opinião publica, não falhou logar á

*

cremação, á pratica pagã repudiada pelo catholicismo, applaudida agora por uma sociedade demolidora dos regimes preteritos e fanatica por todas as instituições e leis do mundo greco-romano. Se o cadaver do nobre legionario antigo era arremessado á pyra, porque não o seria tambem um *sans-culotte*?

Apresentada por Legrand'Aussy ao Conselho dos Quinhentos no anno v, a proposta crematoria não chegou a obter voto definitivo; não assim na administração departamental do Sena, onde, defendida pelo cidadão Cambry, se decretou terminantemente não só a facultação livre da queima, mas a erecção de columbarios, recheados d'allegorias architectonicas, para deposito d'urnas cinerarias. As proprias corporações scientificas, cedendo ás instigações governativas, se intrometteram na questão da sepultura; o Instituto pôl-a a premio, recebendo quarenta memorias, quasi todas favoraveis á nova reforma, mas extraordinariamente omissas em materia de methodos de queima, embora reconhecessem as enormes difficuldades economicas e outras do processo antigo da fogueira.

Todas estas restaurações esvaíram-se como um sonho em o 18 brumario; alguns cidadãos, mais catonicos ainda, tiveram a dita de

vèr crepitar o ustrino romano; mas o Consulado, avêsso a abstrusões religiosas e voltado para o christianismo, passou uma esponja sobre a restauração funeraria, applicando-se sensatamente a uma boa reforma da inhumação, que havia de conduzir ao decreto sanitario de 12 prairial, estabelecendo uma lei definitiva e excellente sobre sepultura.

Rechaçado do campo civico, o cremacionismo ia surgir d'onde em onde nos fastos militares; não foi a guerra outr'ora o seu principal fautor? As cruas devastações de mil batalhas, que téem assolado a Europa, desde as aguias napoleonicas ás prussianas, opprobrio d'um seculo civilisado e livre, ergueram acervos monstruosos de carne humana sobre os quaes baixou de quando em vez a chamma consumidora da fogueira.

Assim foi na campanha da Russia, quando o exercito do grande militar deixava em retirada um rastro enorme de cadaveres de que os moscovitas se livravam pelo processo expedito da queima, adoptado logo depois pelos allemães em 1814, passada a batalha de Paris, em Moutfaucon.

A guerra franco-prussiana forneceu um novo caso d'applicação da ignea sepultura militar. Mezes depois da batalha de Sedan, os

campos de repoiso dos tristes mortos com os cadaveres enterrados á flôr da terra, exhalavam com a elevação estacional de temperatura emanações pestilentas e alarmantes. O governo belga d'accordo com o francez achou que a providencia mais acertada era o saneamento pelo fogo, confiado ao chimico Crêteur, que se houve habilmente n'esta tarefa, desinfectando primeiro os covaes e queimando depois sem exhumação com alcatrão e petroleo. Os teutões porém protestaram em relação aos cadaveres dos seus compatriotas que foram poupados pelo elemento destruidor.

Emfim na ultima guerra serbio-turca, os montenegrinos recorreram por vezes ao expediente incineratorio.

Apesar porém de tantas hecatombes de victimas, prostradas pelas balas, nem assim o cremacionismo adquiriu favor, apparecendo como excepção apenas, quasi subrepticiamente. Provado era que o militarismo já se não offerecia como outr'ora, nem para sustentaculo, nem para vulgarisador.

Raro e obscuro no campo sangrento da batalha, o cremacionismo muito menos conseguia permeiar-se na pratica civil e normal. Apenas o cadaver de Shelley, o eminente lyrico inglez, arremessado á praia do mar Ty-

rhenio, como despojo de naufragio, em 1823, soffre a queima das mãos de Byron, seu irmão de coração e de crenças, emparelhando quasi na excentricidade e no genio. Extravagancia bisarra do maravilhoso poeta do *Childe-Harold*, não impressionou o publico habituado ás suas inimitaveis phantasias; não será porém curioso notar que esta fogueira, dictada por um poeticismo rebelde, ardesse sob o céu d'Italia e que as cinzas do atheista poeta da *Queen Mab* repoisassem no cemiterio de Roma? Era como um signal de predestinação.

Ao dobrar a segunda metade do seculo, o cremacionismo, em utopia ainda, começava d'erguer os seus clamores pela bocca de poetas, philosophos, hygienistas e medicos. O pagão Theophilo Gautier consagra nos seus *Emaux et Camées* uma poesia inteira á ressurreição da bella arte antiga. Um philosopho e um sabio, o eminente Moleschott, n'um livro celebre, a *Circulação da vida,* que marcou época na evolução do pensamento moderno, applaude a cremação, em nome da chimica biologica, do cyclo cosmico da materia, e da utilisação economica (52); G. Grimm propõe-na em a Academia de Berlim (49), e o dr. Trusen, em Breslau (55); Caffe, veterano da

imprensa medica franceza, escreve (56) artigos energicos em favor da reforma reclamada pela moral e pela religião, pela hygiene e pela economia domestica; emfim, ao tempo que Cobbe de Londres arvorava em Inglaterra a bandeira incineratoria, Colletti, o respeitavel patriarcha do cremacionismo, lia á Academia Paduana de sciencias e lettras uma excellente memoria, onde vigorosamente stygmatisava a inhumação, em nome dos interesses sagrados da saude publica, e energicamente exclamava:—O homem deve desapparecer e não apodrentar-se, volver-se n'um punhado de cinzas e nada mais. E tal sentença ia tornar-se o moto eloquente da nova evangelisação funeraria.

Eis a phase prodromica da restauração da queima, representada por illustres precursores em França, Italia, Inglaterra e Allemanha. Não desdenhando o influxo sentimental e artistico, aproveitando-o pelo contrario habilmente e manejando a arma felicissima do pathetico, todo este movimento tem a preoccupação sanitaria por base capital. A hygiene era o lemma commum de todos os pretensos reformadores.

Não foi longo este periodo embryonario e não tardou que a cremação passasse da es-

phera platonica á esphera positiva, sanccionada pela prática, pela lei e pela opinião.

A vida e a acção, que faltavam á idéa primitiva que tinha quasi simultaneamente crusado por tantos cerebros, muitos dos quaes *d'élite,* eram-lhe conferidas agora na tradiccional terra do Lacio, onde a pyra romana expedira os ultimos clarões, onde as urnas cinerarias dos grandes cidadãos juncam d'onde em onde o subsolo.

A **Italia,** iniciadora por excellencia da reforma, tem sustentado constantemente a primasia do apostolado crematorio. Se as reivindicações de Coletti não despertaram a principio a menor sensação nem acharam echo, não assim logo que a peninsula, allucinada pela *Italia irridenta,* remia da servidão estrangeira a sua ultima provincia e estatuia a sua esplendorosa unidade politica.

De facto, a partir de 1866, soltos os grilhões da formosa Veneza, a predica iniciada angariava proselytos, e de tal arte que, tres annos depois, Coletti e Castiglioni ousavam apresentar-se perante o congresso medico de Florença, sendo admiravelmente recebidos pelos seus collegas. O seguinte congresso internacional de Roma em 1871, esse emittia unanimemente o voto de que fosse dada sanc-

ção legal á cremação, em nome dos interesses da hygiene publica.

Fomentou-se então uma cruzada impetuosa, e os mais enthusiastas apostolos pregaram com uma energia de cathecumeno os males do enterramento e as excellencias divinaes da cremação. Usou-se de toda a especie de propaganda—o pamphleto, a conferencia publica, o jornal scientifico e politico, a associação. O movimento repercutiu-se por toda a Italia central e septemtrional, e os sectarios pouco e pouco surgiam, arrebanhados entre os hygienistas, medicos, engenheiros, chimicos, professores, etc.

Os poetas soltavam as suas endeixas, e as damas accorriam aos conciliabulos, apaixonadas pela purificação ideal do fogo, que lambia as carnes sem as macular com as manchas verdoengas da podridão.

Uma coincidencia fortuita veio contribuir muitissimo para a diffusão das novas crenças. Foi o caso que em dezembro de 1870 era queimado nas margens do Arno, segundo as práticas tradicionaes do seu paiz, o corpo d'um principe indiano, rajah de Kellapore. O cadaver collocado sobre um montão de lenha, e untado de naphtalina, foi comburido ao fim de oito horas; e parte das cinzas recolhe-

ram-se n'uma urna d'ouro, as outras lançaram-se ao vento por sobre o rio.

Este facto, que teve uma repetição analoga ha poucos dias em Etrétat, causou uma sensação vivissima; era o Oriente que vinha dar a sua lição funeraria ao Occidente.

E no emtanto o antiquado processo brahmanico nada tinha d'animador; era caro, demorado, e pouco proprio para despertar adhesões profundas.

Os inventores porém lançaram-se a caminho no intuito d'idearem melhor fórmula crematoria, e os primeiros a registrar-se foram os professores Polli e Brunetti, cada um dos quaes exhibiu o seu forno, apparelhos que significavam um verdadeiro progresso, pois que constituiam o primeiro passo andado n'este ramo novo d'engenharia funeraria.

Pregar, invectivar, retaliar polemica, e inventar fornos imaginarios, tudo isto era bem aereo ainda. Afóra as experiencias com animaes e fragmentos de cadaveres, tentadas por Polli, Gorini e outros, nada havia ainda de positivo.

Carecia o systema da dupla sancção legal e prática, da chancella imprescindivel da lei e do primeiro caso de cremação operada em

forno appropriado, sob determinação expressa do finado.

Essa feição legalista era-lhe conferida, não sem difficuldades, por occasião da reforma do Codigo sanitario italiano em 1873; graças aos esforços do professor Maggiorani, o senado approvou a concessão da queima facultativa, sob auctorisação prévia do conselho superior da saude. Quando o projecto foi sujeito á sancção da camara dos deputados, convocava-se em Milão um grande comicio onde os corypheus da seita teceram a apologia eloquente do systema crematorio, envidando todos os esforços para destruir os mais delicados escrupulos, entre elles o religioso, salvaguardado por uma nota theologica e canonica do respeitavel sacerdote Bucellati, que em face das sciencias e leis ecclesiasticas achava a incineração perfeitamente admissivel sem labeu de heresia.

Os propagandistas triumpharam; no artigo 67 do regulamento dos cemiterios de 1874 era claramente inserida a permissão de cremação «por casos e motivos excepcionaes», dada a auctorisação superior das corporações sanitarias e administrativas. Com reserva muito embora, a incineração era já uma instituição legal e civil em todo o reino d'Italia.

A prescripção legal seria talvez ainda hoje uma mera hypothese preventiva, se a via da applicação pratica não fosse franqueada pela munificencia d'Alberto Keller, que legava á cidade de Milão a somma sufficiente para a construcção d'um crematorio, sob a condição que o seu cadaver tivesse a honra da primeira queima. A 22 de janeiro de 1876, data memoravel, o corpo do generoso dador era incinerado com pompa solemne no forno Polli-Clericetti, erecto no cemiterio Monumental de Milão, e durante a ceremonia funebre erguia-se fervorosamente a apotheose «do homem venerando ao qual a Italia devia a honra de ser a primeira a erigir o crematorio digno das suas tradições historicas e artisticas e a dar ás nações irmãs um novo exemplo de tolerancia e civilisação».

A este acto decisivo e imponente succede-se em poucas semanas a constituição definitiva da Sociedade Milanesa de Cremação, promovida por acerrimos partidarios, como Christophoris, Pini, Polli, Clericetti, que, postos á frente do movimento cremacionista, tornaram aquella aggremiação o fóco de toda a agitação e propaganda na Italia e no estrangeiro. O apostolado foi conduzido com tanta perseverança e eloquencia, aprovei-

tando tão habilmente todas as occasiões propicias e os meios mais adequados de divulgação e persuasão, que a sociedade milanense fez brotar successivamente em torno d'ella sociedades analogas em toda a Italia, as quaes até junho d'este anno ascendiam já ao numero avantajado de 31, cooperando todas enthusiasticamente na grande obra de promover a larga, facil e prompta applicação da reforma civica da sepultura.

Os crematorios foram erguendo pouco e pouco os seus antros de fogo. Paulo Gorini acabava d'inventar um excellente forno, satisfazendo bellamente a todos os requisitos; e o municipio de Lodi adopta-o e edifica-o, inaugurando-o em 1877. Lodi é até hoje a unica cidade italiana onde, sem pressão nem auxilio de sociedade alguma, a cremação funcciona como instituição municipal.

O crematorio lodigiano, como foi appellidado o apparelho Gorini, impunha-se á Sociedade Milaneza que inutilisou o imperfeito forno Polli-Clericetti e adaptou o templo de Keller ás novas disposições. Não contente com esta reforma, promoveu a erecção d'um apparelho Venini, que as experiencias assignalavam como luctando em exito com o lodigiano, e construiu um forno goriniano

especial para os mortos de doenças contagiosas. Emfim, em 1882, a exforçada aggremiação obtem do Conselho municipal por votação unanime uma verba de 40:000 liras (7:200$000 réis) para a ampliação do templo crematorio e construcção de cinerarios. Este magnifico edificio campêa hoje em toda a sua pompa e belleza architectonica no vasto cemiterio de Milão.

O exemplo de Milão e Lodi era contagioso; e hoje outras cidades gosam já de crematorios, inaugurados quasi todos n'estes ultimos dois annos. Taes são Cremona, Roma, Varese, Udine, Padua, Brescia; algumas outras téem já approvados os projectos de construcção, sem que porém tenham podido até hoje realisal-os.

Infatigaveis os apostolos da queima, proseguiam na sua obra multiplicando a actividade, e á frente d'elles um homem eminente e dedicadissimo, o genio encarnado do cremacionismo, o dr. Gaétano Pini. Quando em 1880 se aggremiava em Turim o Congresso internacional d'hygiene, a ultima sessão foi convocada para o cemiterio milanez, onde perante os congressistas se incineraram nos apparelhos Venini e Gorini dois cadaveres, cujas cinzas brancas e puras se pozeram

em contraste com a massa pôdre e repugnante d'um cadaver exhumado. Durante a ceremonia, Pini orava eloquentemente em favor da cremação, explicava o mecanismo dos fornos de queima, e propunha por fim ao congresso que emittisse o seu voto para a adopção da cremação facultativa, e para a creação d'uma commissão internacional, destinada a facilitar por toda a parte a pratica cineraria. A resposta dos congressistas foi conforme, e a commissão celebrou a sua primeira reunião no Congresso Hygienista de Genebra em 1882, exprimindo-se unanimemente n'esse magno conclave da sciencia o voto de que todos os governos, rendendo homenagem aos principios da liberdade e conformando-se com as leis da hygiene, acabem com os obstaculos legislativos que em certas nações se oppõem á cremação facultativa dos cadaveres.

Quasi immediatamente, celebrava-se em Modena, por occasião da reunião da Associação Medica Italiana, um congresso dos delegados de todas as sociedades de cremação da peninsula, no qual foi unanimemente decidida a formação d'uma grande *Liga Nacional*. destinada a dar a unidade organica e dynamica a todas as aggremiações, e a reunir

n'um só feixe todas essas forças numerosas tendentes á diffusão e ao triumpho da reforma crematoria. Este congresso, onde se nomeou um comité central, destinado á alta direcção do movimento cremacionista, deve terse reunido pela segunda vez agora.

Eis a evolução da seita cineraria na Italia e a indicação dos seus trabalhos decisivos. Longe de mim a idéa d'amesquinhar a obra brilhante de tão valentes e honrados propugnadores que teem sabido luctar tenazmente e com exito em pró d'uma reforma ferventemente adorada. Honra e gloria a todos elles da melhor vontade; mas, pergunta-se, essas apparencias de pujança cremacionista correspondem exactamente a realidades? Ora ha infelizmente uma desproporção notavel.

Os relatorios de Gaetano Pini calculam para as 31 sociedades existentes 6:000 membros, numero na realidade bem escasso; e accrescente-se que pela Italia meridional e pela Sicilia a cruzada tem sido quasi completamente infructifera.

A cifra das cremações effectuadas, tambem está longe de causar espanto; em Milão, o principal centro foi de 304 até junho p. p., e note-se que n'este numero entram muitas cremações experimentaes e queimas de

cadaveres abandonados. Noto ainda, que de 81 para cá tem baixado; foi n'esse anno de 70, em 82 67, em 83 44; a quéda é bem accentuada. Não indica tudo isto que o rito cremacionista não ultrapassa um circulo limitado d'afficionados?

Ha, porém, provas mais frisantes ainda da indifferença da grande massa e até da minguada importancia da nova seita na sua patria por excellencia.

Finava-se, ha pouco, o grande heroe da liberdade italiana, adorado como um Deus por um povo inteiro que se cobria agora de lucto e dôr. Garibaldi tinha manifestado em vida a sua firme resolução de ser cremado, o que constituiria um facto notabilissimo no interesse da instituição e no sentido de grangear-lhe favores e sympathias. Apesar porém das disposições bem expressas do grande general, affirmadas em documento escripto, não só a familia não consentiu na queima dos seus caros despojos, preferindo o embalsamamento, como ainda o povo s'insurgiu em massa contra a irreverente incineração do egregio defensor das regalias populares.

As sociedades cremacionistas protestaram em balde, e o curioso é que numerosos membros da seita secundaram o movimento geral.

Citarei entre outros o professor Sormani, abalisado hygienista, que n'uma conferencia publica (1882), proferida em Padua a favor da incineração, affirmou altamente e com applausos do publico que as preciosas reliquias de Garibaldi devem ser conservadas no balsamo para a veneração dos vindouros; e que tal excepção é bem digna do homem que foi a mais sublime encarnação da heroicidade e do patriotismo.

Não serão estas manifestações sufficientemente significativas?

A legislação tem-se egualmente negado a satisfazer as insaciaveis aspirações dos adeptos. A petição dirigida ha pouco por um cidadão para que lhe fosse permittido guardar junto de si as cinzas de sua propria filha, era indeferida pelo governo, ouvido o Conselho d'Estado, que declara terminantemente não poder auctorisar-se semelhante concessão, contraria aos preceitos da saude publica e ao respeito devido aos cadaveres humanos.

Instado novamente por um instituto de beneficencia que pedia licença para guardar no seu jardim em mausoleu appropriado, as cinzas dos seus bemfeitores, o governo acolheu favoravelmente o requerimento; mas o sentido do despacho mostra bem que a concessão

*

se reduz simplesmente á d'um cemiterio privativo subjeito á lei commum e á vigilancia da auctoridade publica. As regalias fruidas pelos queimadores, á sombra da lei, são pois ainda e parece continuarem a ser singularmente restrictas.

Se na Italia a seita cremacionista vê tão remoto o ideal das suas aspirações, apesar de ter por ellas bravamente campeado durante vinte annos, comprehende-se quão fraco seja o echo repercutido pela predica italiana nos outros paizes civilisados, para os quaes a cremação é hoje ainda uma singularissima raridade ou mesmo um mytho.

Não foram os povos latinos que compartilharam primeiro das crenças propugnadas pelo seu irmão italiano; a corrente derivou para os paizes germanico e anglo-americano.

A ***Allemanha*** foi bem precoce na adhesão cremacionista. A bandeira funeraria foi erguida em Dresde, onde se fixou um centro activo de propaganda. O engenheiro Siemens, ao tempo dos inventos crematorios d'Italia, applicava por seu lado á incineração cadaverica o forno de puddlagem da industria metallurgica. Dresde estava de posse dentro em pouco d'um apparelho Siemens, onde o cadaver da senhora Dilke, enviado expressamente

d'Inglaterra, foi solemnemente cremado, trez mezes antes que os italianos tivessem o prazer de vêr devorado o cadaver de Keller pelo forno crematorio de Polli.

Os proselytos germanicos para reganhar o tempo perdido convocam em 1876 um congresso internacional no alto intuito de derramar os beneficios da cremação, congresso onde se decidiu a installação d'um outro forno Siemens na pequena cidade de Gotha, onde o governo ducal auctorisou a cremação.

O templo crematorio estava concluido em 1878, estreiando-se com a incineração do rico negociante M. Stier, á qual se succederam 146 até 1883.

Como se vê a clientella germanica do forno é d'uma mingua assombrosa. No emtanto, apesar do primitivo comité d'origem allemã não ter dado mais signaes de vida, existem sociedades de cremação em Berlim, Dresde, Hamburgo, Breslau, Chemnitz e Gotha. Os governos, porém, não téem patrocinado os seus exforços; a cremação é sómente permittida em Gotha, para onde as sociedades enviam com grandes expensas os cadaveres a queimar. Proposta por Virchow no Reichstag em 1875, a cremação foi rejeitada por gran-

de maioria e até hoje não se facultou ainda livremente.

Os paizes que circundam a Allemanha e com ella entretéem mais intimas relações, deram um contingente insignificante á nova reforma.

A Austria não possue sequer um forno crematorio. Quando, por occasião da exposição internacional, a attenção foi despertada pela apresentação dos apparelhos Brunetti, creando-se até uma sociedade funeraria, o conselho municipal de Vienna perfilhou unanimemente a cremação facultativa, e o projecto d'edificação d'um forno. O movimento paralysou breve d'uma maneira quasi completa e o voto ficou até hoje sem realisação, tal como em Buda-Pesth, onde o conselho sanitario instou em 1881 com a corporação municipal para a adopção da nova pratica. Recentemente, em fevereiro d'este anno, por instigação ainda da municipalidade viennense, veio á camara dos deputados um projecto de lei que não conseguiu ainda obter approvação.

A Suissa foi um dos primeiros pontos onde se repercutiu o movimento italiano. Em Zurich, sob a pressão enthusiastica do dr. Ergmann-Ercolani, formava-se uma sociedade de cremação e celebrava-se um enorme

comicio em 1874 onde o novo systema de sepultura era calorosamente apoiado e defendido. A lei da cremação foi até promulgada em 79 no cantão de Zurich. Tudo ia no melhor dos mundos, quando a campanha começou de enfraquecer e de tal modo que dentro em dois annos tudo se tinha dissipado como fumo. Ultimamente parece que tentam realisar alguma coisa, e falla-se em erigir um crematorio lodigiano na formosa cidade de Zurich.

Em *Inglaterra* o primeiro grito de reforma foi dado pelo celebre cirurgião H. Thompson, que viera de Vienna encantado com a exposição cremacionista dos propagandistas italianos. A sua memoria de 1874, apologia viva e eloquente, fez sensação; dentro em pouco inaugurou-se uma sociedade de cremação que mandou erigir o crematorio de Woking, segundo os planos e direcção pessoal de Gorini, inaugurado ha cinco annos.

O bill parlamentar é que faltava aos denodados campeões inglezes, e nada téem conseguido até agora.

Apresentado ha poucas semanas na camara dos communs pelo dr. Cameron foi regeitado por 149 votos contra 79. A cremação está longe, porém, de considerar-se lá uma illega-

lidade completa, como tem sido manifestado por altos membros da administração e da magistratura. E embora a lei seja ainda omissa, em setembro de 83 eram incinerados em Manton os corpos de Lady e Lord Hanham n'um forno a cuja construcção tinha presidido Spencer Wells, o famoso cirurgião que dois annos antes defendera calorosamente a destruição pelo fogo no Congresso de Manchester.

A **America** essa parece lançar-se resolutamente na reforma. Crearam-se sociedades de cremação em Washington, Nova-York, Chicago, Brooklyn e Nova Orleans, algumas das quaes possuem ou estão em via de possuir os respectivos fornos. A primeira incineração foi praticada em 1876 em Washington, n'um crematorio erigido segundo o systema do dr. Lemoyne, a que se téem succedido muitas outras lá e em Philadelphia.

Com fortuna varia e vicissitudes pouco ànimadoras tem pois vogado por todos estes paizes o cremacionismo; e a revista é pouco animadora para o prognostico da sua evolução futura, tal qual a sonham os mais ardentes propagadores. Exclua-se a Italia primeiro e Allemanha depois, que tudo o mais se reduz a uma aspiração quasi platonica.

Os povos latinos, áparte o italiano, esses então teem permanecido quasi totalmente indifferentes á revolução funeraria.

A *França* acolheu-a com a maxima reserva e até com um silencio glacial. Os artigos convictos do dr. Pietra-Santa, sectario zeloso e cordato, chegaram a encontrar hostilidades da parte da imprensa medica. A idéa de reforma não despertaria a menor emoção séria se o conselho municipal de Paris, dotado d'um espirito liberal ao extremo, não pedisse em 1874 que fosse decretada a cremação facultativa e se abrisse um concurso com premios para a solução dos problemas práticos que a incineração ainda ao tempo despertava. O relatorio do conselho superior de saude, ao qual tinha sido affecta a petição, elaborado em 1876 por uma commissão, emittiu um parecer desfavoravel, baseando-se principalmente em razões medico-legaes.

A edilidade parisiense, reiterou as suas instancias em 1880 e ainda em 1882 sem melhor exito. Ao tempo tinha-se já fundado uma sociedade de propaganda cremacionista, precedida por Koecklin-Schwartz que poderosamente tem secundado e despertado até as decisões do conselho municipal. Os ministros téem porém permanecido impassiveis, e uma

proposta de lei apresentada na camara dos deputados em 1882 com a assignatura de 18 representantes, entre elles Gambetta, Paulo Bert, Casimiro Perier, etc., não logrou até hoje ter o menor seguimento, a não ser o voto favoravel d'uma commissão parlamentar dada em fevereiro proximo passado.

Os manejos cremacionistas mudaram de tactica, abandonando pelo momento a medida geral, e instando só pela queima cadaverica em casos excepcionaes. Foi assim que em 82 e 83 o conselho municipal e a sociedade franceza de cremação, que é, diga-se de passagem, bem minguada, requereram o uso da cremação em caso d'epidemia, concessão que foi terminantemente negada depois d'um relatorio do dr. Brouardel.

Aventou-se emfim a conveniencia de incinerações no caso especialissimo dos cadaveres utilisados nos trabalhos anatomicos, idéa que, não tendo levantado o menor attrito, está em via de realisação, auctorisada como já foi pelo prefeito de policia.

Em *Hespanha, Brazil* e *Portugal* a questão não tem passado d'uma exhibição pessoal d'adhesões.

Entre os nossos visinhos ainda em 1882 garrotavam e queimavam o cadaver do regi-

cida Merino; a cabeça, solta do tronco, saltou da pyra para o meio dos assistentes que fugiram horrorisados. Como reforma civil, a cremação despertou uma discussão esteril na Academia Medica Catalã, seguida da publicação d'algumas brochuras.

No Brazil propugnaram pela reforma o dr. Leoncio de Carvalho e o professor Kossuth-Vinelli; a municipalidade projectou a erecção d'um crematorio publico, que me não consta ter erigido ainda. Ficou em desejo.

A Portugal chegou tambem o movimento com o mesmo caracter accentuado de debilidade.

O meu amigo e contemporaneo Bernardino Passos escolhia-o para thema da sua dissertação inaugural de 1878, mostrando-se convicto das vantagens do novo systema de sepultura.

No mesmo anno o medico e camarista Theophilo Ferreira, em o seu parecer sobre os cemiterios de Lisboa, propunha á edilidade da capital a queima facultativa dos cadaveres, precedidas as devidas formalidades medico-legaes.

Na commissão internacional de cremação, segundo a proposta do Congresso de Turim de 80, conta-se como delegado portuguez o

nosso distincto hygienista o professor Silva Amado.

O caso porém mais notavel dos nossos miseros fastos cremacionistas foi a proposta apresentada ao senado lisbonense no anno passado pelo medico e vereador Alves Branco. A proposta do nosso illustre cirurgião resolvia-se em dois pontos:

1.º Que se peça ao governo a cremação facultativa;

2.º Que se peça a incineração obrigatoria no caso d'epidemia.

A camara reunida extraordinariamente a 24 de setembro de 1883, approvou unanimemente, e com toda a justiça, o primeiro ponto, e approvou por maioria o segundo, que em boa razão deveriam ter regeitado.

Inutil será dizer que nada d'isto teve seguimento, apesar da proposta ter sido ha pouco renovada como resposta á ameaça cholerica.

A historia moderna da cremação não é como se vê das mais edificantes; vejamos a discussão.

É em nome das leis sagradas da HYGIENE que os cremacionistas modernos valentemente pugnam pela admissibilidade e primasia da

incineração; e é na phalange dos hygienistas que se tem especialmente recrutado o pessoal de propaganda e adhesão. A manutenção da pratica inhumatoria affigura-se-lhes um opprobrio sanitario; a resistencia á diffusão da queima stygmatisam-n'a como derivada de superstição ruim; os obstaculos emfim levantados pelos governos julgam-n'os um attentado contra a suprema lei da saude publica. Que ha ahi n'estes mandamentos, abraçados pela seita, de verdadeiro e admissivel ou de falso e regeitavel?

Inhumação e cremação, processos postos abertamente em contraste, são essencialmente identicos, sob o ponto de vista da destruição cadaverica. O enterro é a combustão lenta pela terra, a queima é a combustão rapida pelo fogo; mas combustão sempre, oxidação da materia organica, reduzida assim a compostos mais simples e inoffensivos, purificação n'uma palavra.

Encarados pois nos seus resultados finaes, os dois modos de sepultura são egualmente saneadores. Ninguem de tal duvidar póde, nem os cremacionistas o contestam; mas objectam com todo o vigor que, durante o processo de annullação cadaverica, o fôrno não exhala o menor producto suspeito, ao passo

que da cova se desprendem para o meio ambiente, de modo a poder reagir sobre o homem, emanações deleterias e altamente prejudiciaes á saude publica.

Ora este contraste sanitario é redondamente falso. Se a queima é hygienica, o enterro tambem o é; toda a nossa conferencia precedente foi um longo pleitear pela salubridade da inhumação, que penso estar hoje em dia fóra de toda a contestação. A legendaria criminalidade do coval volveu-se n'um mytho, transfigurado ainda em suspeita chimerica e phantasiasta, bordão que teem fatalmente de largar os adoradores do fogo incineratorio.

Se o proselytismo cremacionista tomou corpo e incremento, especulando com o drama anti-hygienico do coval, não póde mais com a mesma felicidade brandir tal arma, nem prégar sob o lemma da hygiene a suppressão do enterramento. Ergo o meu humilde protesto contra essas pretenções subversivas que tendem nada menos do que á annullação d'uma prática secular que a hygiene não reprova, mas de que pelo contrario demonstra a perfeita innocencia.

A minha opposição não é contra a admissibilidade da cremação, no campo da hygiene, bem entendido. Cremem muito embora,

que os titulos hygienicos da sua prática ninguem os contesta; mas não vituperem contra os ritos diversos que possuem tambem em regras os seus documentos sanitarios. N'uma palavra, cremar ou inhumar são, perante a sciencia, methodos egualmente admissiveis de destruição cadaverica.

Suppozemos a questão em these, mas práticamente a hygiene tem a fazer á queima as suas exigencias, tal qual as teve para o enterramento. Assim como ha inhumações prejudiciaes e improprias, assim ha cremação:

A boa inhumação, como já o demonstramos, deve attender ao *como* e *onde*, ás regras do modo de praticar a cova e da natureza do terreno; da mesma maneira para a queima a questão de forno e de systema é igualmente culminante.

Os primeiros apaixonados da reforma comprehenderam intelligentemente que a antiga pilha de lenha ou o ustrino dos romanos eram absolutamente improprios para a iniciação crematoria das sociedades modernas. A propria bolsa do burguez remediado gemeria com a despeza de lenhas e combustiveis exigida por uma boa pyra. Longas horas d'espera decorriam para os assistentes, regalados durante a cerimonia com o olor repellente da

carne queimada; emfim, terminada a operação, o cadaver, em parte carbonisado, mal incinerado, está misturado d'envolta com as brazas e cinzas da fogueira. Carissimo, demorado, incompleto, nem satisfazia á hygiene, nem a legitimas delicadezas de sentimento. Decididamente a fogueira ao ar livre tinha expirado com a inquisição que se deliciava com as volutas da chamma enlaçando infernalmente as carnes do relapso amarrado á cruz e fungava voluptuosamente as emanações acres do torrado.

O problema da substituição que se impunha d'um modo fatal e inadiavel, condição *sine qua non* da propaganda, deparou-se porém difficultoso e grandemente embaraçoso para os mesmos recursos da technica moderna. Soltaram-se com afan hygienistas e engenheiros á cata d'uma solução simples, economica, rapida e sanitaria.

Choveram em poucos annos apparelhos de typos diversos—fornalhas, retortas, forjas metallurgicas, etc.; para fóco calorifico cada um indicava o seu—gaz, coke, lenha, petroleo e até electricidade. Eram tudo tentativas, e o peor era, quasi todas goradas.

Os primeiros experimentos foram plenos de decepções; mas era tal o enthusiasmo e a

confiança que cada passo andado se julgava uma victoria, e até um triumpho completo. Assim foi quando Polli e Clericetti conseguiram queimar um grande cão no seu forno de gaz, ou quando Gorini exhibiu as suas originaes experiencias, mergulhando n'uma especie de lava, o *liquido plutonico,* levada a uma alta temperatura, fragmentos de cadaveres que ardiam rapidamente em chamma viva ao contacto do ingrediente.

Ao ensaiar-se sobre o cadaver humano, então é que vinham as desillusões amargas e saltavam aos olhos as imperfeições. Por fim, após um trabalho tenacissimo, Polli e Clericetti conseguiram erguer no tempo de Keller o seu apparelho, onde era queimado o cadaver do generoso dador. O forno porém morreu logo depois de se cobrir com a gloria de ter iniciado sob uma bella fórma a pratica crematoria. Admiravelmente dissimulado n'uma urna de fórma antiga, reduzia-se essencialmente a uma camara alongada aquecida por mais de 200 bicos de gaz; era todavia imperfeito, custoso e demorado. A Sociedade Milaneza occupou-se ainda dos apparelhos Brunetti e Betti, typos ephemeros quasi immediatamente votados ao ostracismo.

A primeira solução séria—tal qual se dese-

java, pratica e economica—deu-a Gorini que, farto de miragens seductoras e desdenhando altas combinações instrumentaes, construiu, ao cabo de muitas tentativas, um forno simplicissimo e feliz.

O celebre *crematorio Lodigiano* de Gorini consta d'uma fornalha, alimentada geralmente com chamiça ou lenha miuda; as longas chammas penetram immediatamente na camara crematoria, situada acima, lambendo com as suas linguas de fogo todo o cadaver que está estendido horisontalmente, com a cabeça para a fornalha. Os gases da combustão, chegando á parte anterior da camara, vão circumdar a parte lateral e superior do forno, desprendendo-se emfim por uma chaminé de 20 metros d'altura, na base da qual ha uma grelha com coke incandescente que activa a tiragem e purifica o fumo, supprimindo completamente a sahida de emanações fetidas e prejudiciaes. *(Nota I.)*

Eis como corre a operação. O corpo é tirado do caixão, e, depois d'envolto n'um sudario, depõem-n'o n'um carro ornamental que roda sobre uma via ferrea, até á bocca do crematorio, situada na extremidade opposta á fornalha. Impellem-n'o depois sobre o chão do forno, do qual está separado por uma es-

pecie de bacia, o *cineratorio,* destinado a recolher a totalidade das cinzas cadavericas, puras de qualquer mescla.

Obturada a abertura d'entrada, accende-se a lenha; as chammas correm rapida e activamente ao longo do cadaver, abraçando-o completamente, e elevando rapidamente a temperatura até 600 e 700°. O primeiro periodo é de pura dessicação, d'evaporação aquosa, ultimada a qual o corpo abraza-se espontaneamente, derramando pelo crematorio uma luz vivissima, e resolvendo-se em substancias mineraes incombustiveis.

A parte mais refractaria á cremação é a metade inferior do abdomen, sobre o qual se faz concentrar a chamma por meio d'um pequeno reflector de ferro.

Todas estas scenas curiosas do espectaculo solemne da metamorphose humana podem ser perfeitamente seguidas por meio d'aberturas praticadas nas paredes do forno e na porta d'abertura; é pelo menos forçada esta observação para quem dirige o trabalho. Ao fim de hora e meia, pelo menos, o maximo duas horas, está consummada a obra; e, passadas duas a quatro horas, podem retirar-se as cinzas que para um adulto representam em media 5 °/₀ do peso total, e para

*

as mulheres e crianças 4 %. São brancas e puras, menos na parte correspondente á bacia, d'onde veem sempre um tanto ennegrecidas; umas téem a fórma d'um pó finissimo, são as das partes molles, outras são fragmentos maiores, representando pequenas esquirolas osseas, reduzidas a phosphato de calcio.

O crematorio goriniano funcciona em Milão desde 1878, com o melhor exito, e, graças ás suas qualidades favoraveis, tem sido o instrumento da vulgarisação cremacionista; possuem-n'o já Lodi, Cremona, Roma, Varese, Londres, e está em via de ser adoptado por outras cidades. A sua construcção é simples e barata; a manipulação está ao alcance de todos; emfim o custeio é muito modico. Cada cremação gasta em combustivel 4 a 5 francos (720 a 900 réis), ao passo que tal operação nos apparelhos anteriores exigia uma somma despropositada d'algumas centenas de francos. Hoje a Sociedade Milaneza não exige para cada cremado mais de 30 francos.

O forno goriniano satisfaz pois quasi perfeitamente ás necessidades de momento. Comprehende-se todavia que se os clientes a incinerar não fossem como até agora *rara avis,* a urna crematoria não estaria á altura da sua tarefa devoradora, tal como desfazer em cin-

zas a quota cadaverica diaria d'uma grande cidade, ou em breve trecho eliminar a fogo a hecatombe d'uma grande epidemia ou da sangoeira das pelejas. O illustre cremacionista, que anno passado deixava o seu cadaver ás chammas purificadoras, não deixou d'encarar este problema, ainda bem ideal, mau grado da seita, e de indicar-lhe solução. Guidini, o distincto engenheiro funerario, a quem tem cabido a construcção e aperfeiçoamento dos fornos Gorini, planeou já largamente, segundo o conceito de Gorini, essas soluções seductoras de *crematorios multivoros* ou *collectivos* como se lhes tem chamado.

Para o serviço d'uma grande cidade o crematorio teria quatro camaras d'incineração dispostas em fila e communicantes. As chammas do primeiro cadaver iriam abrazar o segundo e assim successivamente; pequenas fornalhas de soccorro, intermeiadas aos leitos, interviriam, quando a chamma principal e a de cada cadaver não sejam capazes de dar cabo convenientemente do segundo. É um rastilho cadaverico, curioso, economico e . . . elegante!

Eis como nunca o caso do velho adagio—*homo homini lupus*—ou antes *homo homini focus!*

Para tempos calamitosos de guerra ou d'epidemia a coisa é melhor; os cadaveres dispõem-se ás rimas em vastos fornos e a queima corre ás mil maravilhas. Guidini assegura que se póde dar assim cabo de 100 cadaveres por dia e em campo de batalha incinerar nada menos de 10:000 cadaveres em 3 dias. É o cumulo da cremação e do singularissimo conceito da devoração cadaverica mutua.

Não é o crematorio lodigiano o unico apparelho do seu genero que satisfaça devidamente aos requisitos scientificos e sentimentaes da incineração moderna. Ha dez annos que Siemens applicára á cremação o seu forno de pudlagem, creando um apparelho que durante muitos annos não teve rival, e que funcciona ainda em Gotha. Imagine-se uma urna crematoria como a lodigiana, com a differença de que o leito do cadaver é uma grelha, com um cinzeiro por baixo em plano inclinado para recolher todos os residuos sem mistura alguma.

Agora, em vez da fornalha, ha um *regenerador* ordinario, formado de tijolos refractarios empilhados, por onde se permeia uma chamma de gaz combustivel—gaz-luz, ou gaz de lenha, coke, etc.—misturado com uma corrente apropriada d'ar. Logo que os dois comparti-

mentos estão a uma boa temperatura, o que leva um par d'horas, introduz-se o cadaver e deixa-se entrar sómente o ar atmospherico que, altamente rescaldado no regenerador, accende o cadaver que se abraza espontaneamente. A operação, que cumpre como se vê todos os desejos d'esthetica, dura 60 a 75 minutos. Infelizmente apparelho e manobras são bem caros; e cada cremação póde gastar a bagatella d'uns cem francos. Além d'isso o apparelho é muito deterioravel e exige uma vigilancia activa e esclarecida durante a manobra. A temperatura eleva-se com muita facilidade, e, facto um pouco obscuro, passados 800° as cinzas vitrificam, tornam-se compactas e tolhem a operação.

O forno de gaz, mais bella e sabiamente combinado, é hoje o de Venini. Um gazogenio, installado no subterraneo e alimentado a lenha, projecta uma mistura exactamente regulada de gaz e d'ar quente, que vem dar uma pujante lingua de fogo ao forno crematorio que se ergue no pavimento do templo.

A temperatura eleva-se rapidamente em pouco mais de meia hora; mette-se com as precauções devidas o cadaver, immediatamente enleiado pelas chammas. Ao cabo de 20 minutos entra com elle a combustão atea-

da com ar quente que methodicamente se faz entrar. Os gazes carbonosos e ricos de productos cadavericos sahem da urna crematoria por aberturas lateraes que os conduzem a um duplo systema tubular com boccas d'ar, onde ardem totalmente soffrendo uma purificação completa. A sahida final é uma simples abertura larga, praticada na parede, por onde se exhalam gazes inodores, perfeitamente puros e transparentes, ficando assim completamente supprimida a incommoda chaminé que dava ao templo crematorio um detestavel aspecto industrial, difficil d'encobrir-se.

O systema Venini é incontestavelmente o mais rapido, o mais economico, o mais hygienico e o mais esthetico de todos. Em cinco quartos d'hora não ha cadaver que não destrua, desenrolando uma simples columna d'ar quente e deixando uns residuos alvissimos; e tudo isto com uma magra despeza, inferior á do crematorio Gorini!

O seu senão é ser complexo e d'uma installação delicada; mas, apesar d'isso, é tido em tal opinião pelos sectarios que funcciona já em Milão, Brescia, Udine, Padua, e não tardará a estreiar-se em outras cidades da Italia.

Taes são os tres principaes systemas que

hoje funccionam na Europa, e os unicos verdadeiramente recommendaveis. Na America adoptaram o apparelho Lemoyne, typo improprio e detestavel. É porém de crêr que, se a cremomania se apodera dos inventores *yankees*, não tardará o dia em que os jornaes nos annunciem a installação de vastas fabricas americanas de cremação contínua para onde os cadaveres entrem em rosario por um lado e sáiam pelo outro em breve trecho volvidos em cinzas e fechados em urnas, promptas a entrar para o cinerario. E d'ahi quem sabe as surprezas que o porvir reserva!

Presentemente manda a boa justiça confessar que estamos dotados de magnificos apparelhos, realisando a queima sob uma preceituação hygienica rigorosa, addicionada dos imprescriptiveis dictames d'um apurado sentimento affectivo e esthetico. Toda a hygiene tem de conclamar a incineração como um systema sanitario de sepultura, e congresso algum lhe tem regateado esta chancella, conferida em todos por unanimidade. O accordo é unisono para esta admissão; e, sa ha adeptos e clientes, razão alguma d'ordem hygienica póde ou deve tolher-lhes a satisfação dos seus desejos. Uma vez que a saude publica não periga, em nome dos prin-

cipios sagrados da liberdade individual, conceda-se á incineração o sainete legal de rito funerario; n'uma palavra, consagre-se na lei o principio da cremação facultativa.

Até aqui eu sou de boamente com os cremacionistas. Combato-os quando elles, abusando da liberdade concedida, se querem furtar ás legitimas precauções indispensaveis tomadas pela auctoridade, em nome da segurança publica, sob o ponto de vista medico-legal; e aggrido intransigentemente os seus ataques injustos e subversivos contra a inhumação, que, como pratica hygienica, já não está hoje á mercê d'invectivas chimericas.

Os propagandistas sensatos e sinceros parecem ter actualmente comprehendido que não podem nem devem ultrapassar os limites que a boa rasão e a prudencia impõem. Escudados pela hygiene e melhor ainda invocando legitimas regalias de direito natural, clamam energicamente pela facultação crematoria, tratam de attenuar o mais possivel as formalidades legaes e de desfazer os perigos de segurança publica; mas deixam a inhumação livre e em socego, como pratica geral e ordinaria.

Ainda bem que o exaltado nihilismo funerario vae abrandando, e quando muito, apro-

veitando só casos especiaes para celebrar as vantagens da imposição do novo rito.

Circumscripta assim a questão ao dominio particular de hypothese, pergunta-se—haverá indicações especiaes que façam preferir em casos determinados a cremação á inhumação?

Uma primeira indicação acaba de ser formulada em Paris, tanto no seio da edilidade, onde foi apresentada por Bourneville, como no conselho superior de hygiene, que lhe deu a sua alta approvação, sob relatorio favoravel de Brouardel. Os destroços informes das dissecções anatomicas, acervo de tantos cadaveres retalhados e mesclados, em vez de despejados ás rimas no antro da valla commum, vão ser incinerados em fornos Gorini, erectos ou no cemiterio Pére-Lachaise, ou ao pé dos amphitheatros de Clamart e da Escóla pratica, onde se decepam nada menos de 3 a 4 mil cadaveres cada anno. Não ha scientificamente argumentos a expôr contra tal medida; a acção judiciaria e medico-legal nada téem absolutamente a reclamar de cadaveres provenientes de hospitaes e autopsiados pela dissecção; a hygiene essa lucra substituindo-se o forno pela valla commum. Emfim a municipalidade subtrahe-se assim á ve-

lha questão da valla, que já devia ter resolvido ha muito, creando novos cemiterios.

A solução crematoria no caso dado urge pois — e assim pareceu a todos — com a maxima nitidez e rectidão. Não será porém uma violencia infligida aos desgraçados que a miseria força a buscarem a caridade hospitalar e que repellem por sentimento intimo a cremação? Violencia é tambem — dirão — a trituração dos seus corpos na banca anatomica; essa é, todavia, inspirada por altos e respeitados motivos d'ordem scientifica e d'educação medica. O forno é que está bem longe de ter a justificação da banca; para esses despojos abandonados que prestam serviços inapreciaveis á humanidade, sem os quaes seria impossivel o estudo e o ensino da anatomia, regateiam-se os parcos palmos de terra da sepultura rasa.

Rigorosamente, a prática iniciada agora em Paris não passa d'uma concessão feita a experiencias cremacionistas; é o mesmo que auctorisar incinerações. . . *in exanima vili!*

Em Portugal a medida parisiense é actualmente destituida d'applicação. Ergueria recriminações horriveis e amedrontaria os pobres doentes dos nossos hospitaes, effeito que talvez não deixará de dar-se em

França. A quota cadaverica dos nossos dois principaes theatros anatomicos, de Lisboa e Porto, é bem diminuta; e se na capital é certo serem lançados os despojos anatomicos á valla commum, no Porto são distribuidos por covas separadas, satisfazendo-se a todos os preceitos hygienicos da cremação.

Não são os escorralhos das bancas que mais ambicionam os queimadores. Onde elles dão largas ás suas reclamações stridentes é nas *batalhas* e nas *epidemias*.

Eis uma rima de centenas ou milhares de corpos varados pela bala ou pelo microbio, a que os principios de sanidade publica e de humanidade mandam dar instantemente sepultura. Será sempre possivel em caso tão apertado praticar a inhumação, segundo os preceitos regulares e hygienicos? E, não o sendo, porque illudir esses preceitos? Porque se não ha-de trocar vantajosamente um enterramento pestilencial por uma incineração saneadora? Essa a questão.

A guerra, hoje principalmente com os infernaes engenhos de destruição, attinge, como na franco-prussiana, cifras assombrosas de mortalidade; os enterramentos téem de ser feitos á flôr da terra, e em condições tão prejudiciaes que por vezes é forçoso exhu-

mar-se para enterrar de novo a maior profundidade, ou adoptar uma cremação tardia a alcatrão e a petroleo, como se fez em Sédan segundo o processo de Créteur.

A cremação praticada immediatamente livraria d'estes perigos. O systema de Créteur poderia ser executado logo apoz a batalha; e, se parecer repugnante essa queima petroleira, não faltam hoje apparelhos bem combinados para a cremação em campanha, embora por estreiar.

Tal é o apparelho Kuborn, que se monta n'um wagon e facilmente se tranporta ao campo de sangue; o forno engole no seu antro esbrazeado dez corpos de cada vez, e incinera-os ao cabo d'uma hora e meia. A despeza é diminuta, porque o foco é alimentado com os gazes de distillação e as gorduras.

O systema Gorini esse construe-se rapidamente *in situ* com alguns milheiros de tijolos; é um forno d'acção contínua, á semelhança d'um forno de cal; lançam-se dentro umas duas duzias de cadaveres misturados com coke, e logo que tudo arde, não ha mais que fazel-o ingerir mais corpos e sangrar-lhe as cinzas pelas grelhas. É bello e expedito! e fica-se satisfeito ao saber-se que o bom do apparelho limpa os seus mil por dia; e bara-

to, sempre barato, porque os cadaveres, n'um explendido altruismo crematorio, servem de lenha uns para os outros!

É triste, bem triste tudo! após o clarão das descargas o clarão das fogueiras, e mal dissipado o fumo da polvora, o fumo hediondo da carne torrada! As cinzas juncarão o solo desfeitas pelo vento, solvidas pelas chuvas; e, ou nobres defensores da patria ou infelizes victimas de rivalidades odientas não terão sequer o sagrado comoro de terra que a heroica Sparta ergueu aos soldados de Marathona.

Nos tempos que decorrem, em que ainda impera o cesarismo magestatico, em que o bandoleirismo das nações é um principio sagrado de politica, estas exclamações são pieguices d'um humanitarismo utopico. Hoje, n'um seculo de tanta civilisação, as portas do templo de Jano não se cerram, tal qual como na extincta Roma, nem se cancellam essas terriveis epopeias de odio e de vingança. A convenção de Genebra continuará a erguer no campo de batalha a sua humanitaria cruz vermelha, e no seu arsenal d'ambulancias, ao lado dos utensilios d'alivio para os miseros feridos, incluirá para as grandes sangoeiras o forno crematorio. Oxalá que o

futuro não dê ensejo á organisação de tal instrumentaria!

O morticinio epidemico esse é bem mais fatal e bem menos evitavel do que o morticinio militar. Ha porém uma grande differença na mortalidade; a devastação epidemica, n'um dado lugar e para o mesmo praso de tempo, attinge em regra muito menos victimas.

Não mais assolaram a Europa aquellas epidemias legendarias do tempo de Pericles ou d'Antonino, nem os flagellos medievicos da peste negra, que faziam de cidades populosas horrorosos ermos e destruiam um terço da população no seculo XIV. Se taes pragas nos invadissem ainda em tão subido grau, a impossibilidade d'inhumação e o sentimento inilludivel de preservação, forçariam á queima d'essa massa enorme de despojos empeçonhados. As conquistas da cremo-technica asseguram-nos a possibilidade de fazer desapparecer promptamente tantos cadaveres quantos seja necessario. Ainda anno passado Brouardel, consultado sobre tal assumpto, por occasião do terror colerico, suppunha materialmente impossivel essa incineração multipla, quando é certo, diga-se em boa justiça, que os crematorios collectivos, embora subor-

dinados ao principio da mutualidade de queima, resolvem praticamente o problema.

As nossas epidemias actuaes, incluindo a mais temerosa e lethal, o cholera-morbus, não excedem cifras relativamente restrictas de mortalidade, que permittem perfeitamente o enterro dos victimados com todos os requisitos d'uma boa inhumação. Installa-se em regra para casos taes um cemiterio especial, escolhido com o maior requinte de cuidados, para não inspirar o minimo receio, e procede-se á sepultura, augmentando a profundidade ordinaria da cova, distanciando os covaes, e addicionando-se emfim á terra, se tanto se quizer, substancias acceleradoras da destruição cadaverica. Tal é o processo regularmente seguido em casos taes, que presta a devida satisfação a todas as exigencias da hygiene.

Não é a quantidade de cadaveres que serve de base ás sollicitações dos cremacionistas, é a qualidade. O hypermicrobismo mais uma vez clama contra a inhumação de cadaveres infestados da bacteria epidemogenica.

Que direito scientifico assiste a esta importunação solta com um ar triumphante? É para nos salvaguardar—dirão—da contaminação especifica do cadaver enterrado; mas

o que é que lhes sugeriu a ideia d'esse perigo chimerico? Venham as observações — uma só que seja, mas positiva e peremptoria — de que os cadaveres colericos, variolosos, etc., depois de devidamente inhumados, tenham servido de fóco ou d'aggravação d'epidemia. Cremados ou inhumados, os preceitos prophylacticos e a segurança hygienica salvam-se do mesmissimo modo; e, adoptada como está a inhumação, diremos imperturbavelmente que a implantação da queima é no campo da hygiene uma perfeita inutilidade, um luxo com tendencias nefastas para um vexame publico.

O fóco contaminador é essencialmente o doente vivo; esse o elemento perigoso que deve ser combatido com todos os meios praticos da desinfecção. Que o cadaver seja ainda pestilencial, é admissivel e em alguns casos real; a desinfecção porém póde applicar-se ao defuncto com um rigor tal que acalme os espiritos mais timoratos e exigentes; e proceda-se além d'isso em breve trecho á sepultura, passada a qual todo o perigo caducou. O perigo das manipulações cadavericas, que precedem a sepultura final, essas são identicas tambem para os dois ritos funerarios; a cremação não as abrevía, talvez

pelo contrario as exagere. Do leito ao forno ou do leito á cova, as voltas e formalidades teem de ser as mesmas, senão mais, no caso d'incineração.

Mau grado as tenções dos sectarios, a queima dos cholericos não se iniciou ainda em parte alguma, nem em França onde foi condemnada por Brouardel, nem na propria Italia, a patria da cremação, apesar d'invadida já e temerosamente pela epidemia gangetica. *(Nota II)*.

Não tem faltado n'estas intromissões cremacionistas, escudadas pelo panico epidemico, quem avente o preceito d'incineração obrigatoria em caso d'epidemia ou de doenças contagiosas.

Os cremacionistas mais sensatos não téem tido a coragem d'alvitrar com intimativa semelhante medida que, acirrando o sentimento publico, e calcando aos pés a liberdade individual, lançaria o descredito sobre a propria seita que tanto interesse manifesta em propagar-se na massa popular, ella que, segundo a phrase do proprio Pini, é a realisadora dos melhoramentos hygienicos. Limitam-se pois a indicar as suas preferencias pela incineração na quadra epidemica, res-

guardando-se cuidadosamente d'empregar a palavra obrigatorio.

Só os mais arrojados a tanto se abalançam, apontando-a como um ideal desejavel, mas infelizmente de realisação possivel sómente quando as suas crenças se tiverem coado na opinião publica, coisa de que estão presentemente bem longe, e que talvez não attinjam nunca.

As tentativas da ressurreição crematoria, que viram a luz entre nós, já se vê, sob a influencia do genio epidemico, offereceram um curioso e estranho quadro que aqui dependuraremos para edificação de quem me ouvir e lêr.

No Porto entendeu-se que a epidemia colerica era caso de cremação experimental, de tentativas d'incineração. Ora, francamente, escolher uma occasião tão terrivel para experiencias de cremação é coisa para notar. Que em tempos de paz e socego se aprenda a manipular o forno com os cadaveres ordinarios dos hospitaes, *vade;* é uma aprendizagem de technica hygienica, a verificação pratica d'um processo. Mas escolher cadaveres de colericos e uma epocha de terror, é uma ideia extranha, que a Sociedade União Medica votou com uma certa ingenuidade, jul-

gando talvez emittir um voto favoravel á cremação, e que eu combati com todas as véras assim como alguns collegas.

A scena em Lisboa não foi o voto platonico e sem publicidade d'uma aggremiação scientifica. Ahi foi uma corporação d'administração publica, a municipalidade, que authenticou por maioria um voto pedindo ao governo um decreto de cremação obrigatoria em caso d'epidemia.

Credite posteri! Retardatarios por excellencia, temos de quando em vez estas bafo-radas ridiculas d'espirito progressivo alquebrado de mazellas chronicas.

Ninguem lá fóra, que eu saiba a perfilhára ainda, nem corporação scientifica, nem publica. Nem os congressos d'hygiene emittiram essa medida absoluta, nem o conselho municipal de Paris, que tantos esforços tem envidado pela causa, se arrojou a tão radical medida. Estava destinada a edilidade lisbonense, capitaneada pelo snr. Alves Branco, a deitar-lhes a barra adiante. Ó gloriosa prioridade portugueza! Cremação obrigatoria?! Pensar-se-ia devidamente ao ligar estes dois termos n'uma proposta de supposto interesse publico? Attender-se-ia como era mister ao seu significado scientifico e moral?

Obrigar?—em nome de que direito? Quando o individuo tenha de sacrificar-se á collectividade, saibamos as rasões d'essa violencia moral. A sociedade é sagrada, é tudo, mas o individuo é tambem alguma coisa; o aggregado social só adquiriu dotes honrosos precisamente quando authenticou esses fóros dos direitos naturaes e inviolaveis de cada homem. Obrigar?! Mostrem-me os titulos d'essa lei cuja formula executoria se reclama, mostrem-n'os que elles nem são validos, nem chancellados pelo supremo tribunal da boa sciencia e da boa razão.

Repilla-se, em nome do direito, em nome da sciencia, essa medida vexatoria, e repillam-n'a os proprios sequazes da seita, que se tornaria odienta em o nosso meio hostil, e repillam-n'a todos porque, sob as apparencias de melhoramento hygienico, é manifestamente obnoxia á saude publica. Sim, meus senhores, a cremação obrigatoria, dadas as crenças actuaes do nosso povo, viria obstar á boa execução de preceitos inviolaveis de regimen sanitario em caso de epidemia.

É da maxima conveniencia que o maior numero possivel de colericos sejam transportados aos hospitaes especiaes, e que todos os casos sejam communicados á auctoridade para

se proceder cuidadosamente ás devidas medidas de desinfecção e isolamento. Estes principios servem de base a todas as promulgações d'instrucções sanitarias.

Pois bem; annunciem que todo o cadaver de colerico é queimado, e verão como as familias buscarão eximir-se não só a deixar ir de boamente os atacados para o hospital, como por todos os modos a esconder os casos á noticia e vigilancia da auctoridade publica, e inclusivamente a roubar-lhe os cadaveres.

A decantada lei de salvação publica não seria mais do que um incentivo á burla de medidas sagradas d'hygiene epidemiologica.

Em paz fique a desgraçada acta da vereação lisbonense, que felizmente, em honra da boa saude espiritual e corporea, lá ficou intacta nas arcas municipaes.

Insciente e vexatoria, a cremação forçada em caso d'epidemia é ainda uma formula vaga e inserta. É claro que se não tracta sómente da epidemia cholerica; a medida não podia deixar de visar tambem epidemias d'outro caracter como a variolòsa, a typhoide, etc.

Depois d'abraçar as doenças epidemicas, era natural por generalisação legitima e inevitavel que se não poupassem as victimas de

qualquer doença contagiosa. O contagio sporadico é tambem para respeitar como o contagio epidemico.

A cremação invocada assim a principio para os casos excepcionaes permaneceria para os casos ordinarios. E a conclusão é flagrante—todo o cadaver em que se suspeitasse microbio, forno com elle. Ora a cifra das molestias zimoticas e contagionantes cresce a olhos vistos dia e dia; é verdade que muitas são ainda duvidosas, mas para o caso o rigorismo sanitario obrigaria a ser inexoravel.

Uma boa parte da mortalidade seria alimento forçado da fogueira: a tuberculose, por exemplo. E d'esta bella fórma, rodando-se ao longo d'um plano inclinado, graças a uma limitação impossivel de traçar-se com nitidez e a uma deducção operada com a maxima legitimidade, a cremação teria abarcado uma enorme clientela e as fornalhas manteriam de continuo as fauces escancaradas.

Quanto não se tornaria difficil o escaparlhe? E de que criterio disporiam os cremadores para segregar os cadaveres que deveriam purificar-se a fogo d'aquelles a quem se poderia conceder a inhumação?

Supponham ainda esta descriminação nosographicamente possivel, que um ponto subsis-

te; é a diffusão forçada da queima, diffusão para temer por attentatoria da segurança publica, pelo tolhimento que inflige á prática medico-legal. Esse o barranco onde naufragam as maravilhas da epopeia crematoria.

Á MEDICINA LEGAL, mercê do moderno alcance da analyse experimental e da riqueza progressiva de tanta observação, cabe hoje no funccionamento moral e juridico da sociedade um papel de primeira ordem, em que a nobreza se allia á utilidade, cobrindo de gloria a sciencia e a profissão medica.

Guardadora mais uma vez do bem estar physico e moral do homem e dos povos, a medicina torna-se aqui um elemento subido de segurança publica, uma tutella vigorosa do equilibrio social. Os passos da justiça na sagrada tarefa da pesquiza e repressão do crime, seriam muitas vezes improficuos ou desacertados se não fossem esclarecidos e guiados pela luz vivissima que dimana da investigação medica incontrastavel, imparcial e honesta, como ella deve e costuma ser.

Ora, o cadaver é para uma variada e frequente cathegoria de crimes, a peça capital do processo, sobre o qual mais ordinariamente tem d'incidir a analyse medico-legal. Vio-

lencias, feridas, traumatismos, intoxicações, lesões organicas, etc., tudo isso póde ser averiguado pela inspecção simples e pela analyse anatomica ou chimica, constituindo corpo de delicto ou desfazendo as suspeitas d'accusação.

O enterramento do corpo não tolhe o exame medico-legal; pelo contrario a exhumação, sob o ponto de vista da pesquiza criminal, é um facto bastante commum nos annaes judiciarios.

A despeito até da putrefacção, o exame das partes molles póde fornecer ainda indicações preciosas; os corpos estranhos incorruptiveis, as lesões osseas, essas pódem ser verificadas sempre. Casos ha notabilissimos, em que cinco annos e até doze depois da sepultura, a exhumação legal foi fecunda, fornecendo provas nitidas do crime.

É particularmente nos casos d'intoxicação que com frequencia se torna necessario recorrer ao desenterro do cadaver onde os apurados meios de pesquiza chimica permittem em regra a demonstração e a colheita da maioria dos venenos. O homicidio por intoxicação é de facto em geral um drama intimo, envolvido no maior mysterio, e coinci-

dindo com doença commum que se suppoz naturalmente causa de obito.

Um dia o facto transpira, o rumor publico desperta a acção da justiça, e a investigação medico-legal tem de executar-se semanas, mezes após o enterramento, e até annos quando revelações tardias promovam o processo judiciario.

A cova pois é um deposito sagrado dos despojos humanos, facultando amplamente a demonstração do crime ou da innocencia, fornecendo á sociedade os meios de submetter á acção penal o delinquente e de lavar a nodoa culposa indevidamente lançada sobre um caracter honesto.

Gosará d'iguaes regalias a urna incineraria? Bem pelo contrario. Aquelle punhado de cinzas soltas é absolutamente mudo. Pesquiza d'alterações morphologicas, impossivel; não é ella, a cremação, a destruidora por excellencia da fórma humana, a annulladora de qualquer vestigio? A toxicologia, essa é que não perderá totalmente os seus direitos; mas os miseros restos que a queima deixa á disposição d'ella, de que servem? Venenos organicos—como a strychnina, a digitalina, a morphina, etc.,—que já téem hoje uma boa clientela de tribunal, lá foram comburidos

na camara crematoria. Venenos mineraes, como o arsenico e o phosphoro, tão communs e banaes nas intoxicações, não é dado tambem o denuncial-os, o primeiro porque foi eliminado a fogo, o segundo porque é normalmente abundante sob a fórma de combinações salinas nos residuos cinerarios.

Dos toxicos metallicos, o mercurio evola-se, e tão sómente o cobre e o chumbo escapam, deixando-se discriminar pela analyse chimica das cinzas, sendo para notar que a sua presença se poderá prender á existencia de peças metallicas no involucro do cadaver ao entrar do forno, embora haja em geral o cuidado d'eliminal-as.

A pobre chimica legal tem certamente d'abdicar perante a urna cineraria; e muito embora podesse ella exercer ainda a sua acção, que os seus resultados seriam nimiamente duvidosos e contestaveis.

É que cinzas facilmente se substituem ou se alteram, e os interessados não deixariam de lançar mão de mais esse ardil. Impossivel a pesquiza medica da identidade, que a exhumação chega a permittir até á ultima. Trocar um cadaver enterrado é tarefa difficil; mas, a despeito da sua realisação, a medicina legal dispõe d'excellentes meios para descobrir a

fraude. Perante a troca ou a falsificação de cinzas é que está plenamente desarmada.

Eis em toda a sua nudez o parallelo dos dois ritos de sepultura. O contraste é frisante; perante o cadaver inhumado a medicina legal conserva durante um dilatado lapso de tempo, sufficiente para os casos judiciarios toda a sua validade; perante o cadaver cremado a medicina legal expira.

A segurança publica mantem-se intacta pela inhumação; periga pela cremação. A primeira arma o braço da justiça, para punir o culpado ou destruir uma calumnia; a outra desarma-o, deixando impune o assassino e deshonrado o innocente.

A condemnação da queima é n'este campo flagrante e tão dura que os cremacionistas, contorcendo-se sob o peso da sentença, que os forçaria a legar os seus fornos ás industrias e a deixar pacificamente o cadaver servir de pasto á terra, aggravam da accusação, exforçando-se tenazmente por destruil-a ou attenual-a.

O primeiro recurso é negar as preconisadas vantagens medico-legaes da inhumação, que constituem toda a base da objecção formulada.

O crime ou é perpetrado por meios meca-

nicos ou por meios chimicos. No primeiro caso, dizem, as violencias infligidas são tão apparentes que não devem escapar antes da sepultura, e por causa d'ella nunca será necessaria nem a exhumação, nem a *exurnação* — licença ao neologismo simplificador e que me parece ser exigido pela nova technica. D'esta fórma se equivaleriam os dois modos de sepultura.

Mas não podem encobrir-se esses stygmas? não ha violencias mortaes, como tentativas d'aborto, etc., que não se revelem facilmente por signaes exteriores?

Os meios chimicos esses são os que mais exigem pesquizas judiciarias, depois de sepultura. Ora na cathegoria dos venenos organicos as duas fórmas de sepultura equivalem-se, dizem os cremacionistas. A inhumação tambem destroe os alcaloides logo que a putrefacção se exerce.

É verdade que a pesquiza dos toxicos vegetaes só é fructuosa nas primeiras semanas, e que ao fim d'alguns mezes é completamente inutil. Não será isso uma larga garantia que não offerece a cremação?

Obtemperam que, depois da descoberta das ptomainas, é impossivel destrinçar-se esses alcaloides da putrefacção dos alcaloides

organicos. Suppondo que faltasse a distinctiva pelos reagentes não havia a experimentação physiologica, permittindo por vezes uma individuação segura?

Selmi, n'um caso em que os peritos tinham concluido por um envenenamento pela delphinina, demonstrou que se tratava d'uma ptomaina, fazendo intervir a differença d'acção physiologica entre as duas bases toxicas.

Essa ausencia, porém, de caracteristica nitidamente determinavel é já hoje falsa. Recentemente Brouardel e Boutmy acharam no cyano-ferride de potassio um meio rapido e certo de distinguir uma ptomaina dos alcaloides toxicos.

Os venenos de procedencia mineral esses são sempre verificaveis por exhumação; tardiamente mesmo, a analyse da terra que circunda as ossadas póde ser util e decisiva.

Os residuos crematorios esses de nada servem; e, mau grado dos cremacionistas, a exurnação legal é uma pura utopia de que nunca será possivel lançar mão, emquanto que a exhumação juridica é uma prática consagrada, invocada até hoje com feliz exito nos processos penaes.

Incolume se mantém, pois, a accusação arremessada; e ninguem com a mente limpa

da *rage* partidaria e respeitador da moralidade scientifica, ousará contestar as meritorias garantias medico-legaes da inhumação, das quaes está completamente exempta a decantada sepultura do porvir—a cremação. Esta é uma ré convicta da ordem social.

Sériamente constringidos por este circulo de ferro, os mais levianos encararam o perigo de face, e, se não chegaram a ridiculisal-o, amesquinharam-n'o pelo menos a proporções miserandas.

Esse temor d'annullação de justiça fundado em theoria, é—disseram—exagerado na prática. A exhumação juridica é um accidente rarissimo no inquerito criminal, e mais raro é ainda colher provas condemnatorias. Que importa pois que esse sustentaculo da justiça desappareça? São mais um ou dois criminosos que escapam pela malha ao castigo judicial! Perturbar-se-ha a ordem social porque mais esses homicidas não foram immolados nos altares da deusa Themis? Seremos d'espirito tão crú e tão sedentos de vingança que fiquemos deplorando a impunidade do criminoso, subtrahido ao castigo inexoravel da sociedade?

Se tal coarctada não fôra inspirada pela crença de que a cremação presta beneficios

hygienicos incalculaveis, deveria taxar-se d'uma impudencia. Eu que protestei em nome da sciencia contra essas exalçadas vantagens, trazidas pela queima ao bem-estar physico dos povos, revolto-me aqui, em nome da dignidade social, contra essa quebra de justiça, contra esse attentado a direitos inalienaveis e a deveres sagrados.

É que essa especie de humanismo penal é ultrajante e iniquo. Terá por ventura a justiça tão sómente a missão repugnante de carrasco? A penna que degrada e pune não é a mesma que absolve e redime?

A honra do innocente compete tambem á justiça o mantel-a intacta. Eis um desgraçado—medico, enfermeiro, parente, ou herdeiro—a quem manobras odientas ou apparencias fallazes pretendem arrastar ao banco dos réus, pela perpetração do nefando crime d'homicidio por envenenamento. Anniquilados já pelo fogo os despojos da supposta victima, que recurso de rehabilitação moral e juridica deixam ao accusado?! Absolutamente nenhum; o condemnado pela delação, vergará perpetuamente, sob o peso esmagador d'uma calumnia aleivosa ou leviana.

Ora dois terços das pesquizas toxicologi-

cas, segundo Brouardel, estão n'esse caso; fornecem sómente provas d'absolvição.

Trate-se porém muito embora d'um criminoso convicto; será para desprezar essa subtração d'um envenenador e d'um homicida ao rigor penal?

Não passará, como pretendem inculcar, d'uma simples e piedosa passa-culpa, perfeitamente innocua para o viver social?

Não é o momento azado, nem o tempo o consente, para dissertações criminalistas; o caso aqui apenas pede reflexões breves e explicitas.

O sentimento de vingança, como base do direito de punir, quadra só ás epochas primitivas d'uma civilisação obscura e barbara. Tal era a desforra e o castigo, infligido pelo individuo, pelos proximos ou pela communidade, sob a fórma degradante da pena de talião; tal era ainda a justiça terrivel do Jehovah das Escripturas, tão miserrimamente vingativo que castigava a iniquidade do pae sobre filhos e netos até á quarta geração.

A mesquinhez d'essa base affectiva foi-se assignalando, á medida que o complexo social se aprimorava e progredia; e a punição tomou o caracter, não de vingança d'uma injuria, mas d'um elemento d'ordem moral e

de segurança publica. A lei instituiu-se, não para desforrar a sociedade offendida, mas para corrigir ou eliminar o culpado, e refrear as tendencias criminosas, saneando moralmente as populações.

Graças talvez a uma reviviscencia atavica e á ausencia d'um criterio elevado, na penalidade official d'hoje imprime-se ainda profundamente o stygma indelevel da revindicta e da punição compensadora. Os codigos estão pejados de deploraveis monstruosidades e aberrações.

Com a mente polarisada pelo fossilismo do livre arbitrio, os juristas concentram os seus exforços mentaes na destrinça do grau da responsabilidade criminal e na ponderação do jogo d'attenuantes e aggravantes pelas quaes pretendem fixar d'um modo integro a qualidade do crime e a correspondencia da pena.

A sciencia criminal moderna não póde nutrir-se mais d'esses *quolibets* rançados dos codices da jurisprudencia fossil. Alimenta-se no seio uberrimo da biologia, da psychologia, da mesologia, da medicina, as quaes lh'ensinam que o crime é um producto fatal de causas naturaes, desde as cosmicas ás sociaes e não uma aberração da phantastica espontaneidade livre.

*

Não é por vontade propria, dizia o meu amigo Roberto Frias na sua dissertação, que alguem se faz criminoso, assim como não é por vontade propria que alguem se faz alienado ou leproso.

E não se grite que taes ideias, hoje plenamente authenticadas pelas escólas criminologicas independentes, levariam á pratica subversiva da irresponsabilidade plena, da impunidade do criminoso, e até á condolencia pelo scelerado enfermo. Não; que me importa que sejam doentes ou não, responsaveis ou não, se a sociedade tem o direito e o dever de se proteger contra os criminosos?

O homem que rompa o pacto social tem de ser corrigido ou eliminado do aggregado; vá para a cadeia ou para o hospital d'alienados, o resultado final de segurança publica é o mesmo. N'uma palavra, um criminoso é um doente curavel ou incuravel; trate de promover-se a sua cura, ou, se tal se não póde conseguir, sequestre-se ou mande-se para onde nos não faça mal.

Apesar dos codigos e os tribunaes se manterem afastados de taes ideias, em opposição com a sciencia e até com o proprio fim, fazendo das cadeias uma escóla de bandidos e um perigo social, deve reconhecer-se que a

lei penal, amedrontando pela repressão e pelo castigo, exerce uma prophylaxia saudavel. Onde não ha sentimentos solidos de moralidade, onde não ha o norte da opinião, das crenças religiosas ou scientificas, da educação bem dirigida, o unico freio moral é o codigo, o tribunal, a cadeia.

Tolher a acção d'esta efficaz therapeutica criminal, é um attentado contra o principio inexoravel da justiça, é um attentado contra a segurança publica. Ora a cremação vem a ser uma ré d'este duplo delicto.

Dando escapula ao criminoso, ultraja a lei sagrada da equidade e o principio da defeza publica, ultraja o pacto social, favorecendo pelo exemplo funesto da impunidade a reincidencia e a repullulação do crime.

Não bastará por desgraça nossa que o collo da hydra criminosa continuamente renasça sem que seja possivel a façanha herculea de decepal-a d'uma vez para sempre? não bastará que dois terços dos authores de crimes, segundo demonstrou Molinari, se furtem á acção investigadora da justiça? Como se toda essa lacuna fosse pequena, propõe-se ainda a cremação para exagerar esse mau estar, cegando a medicina-legal, quebrando a vara protectora da justiça.

O mal está pois fóra de toda a contestação; é tão evidente que os sectarios probos e sensatos estão longe de desconhecel-o. Haverá algum remedio a oppôr-lhe?

Ha, disseram; averigue-se cuidadosamente das causas da morte, e uma vez obtida a certeza da etiologia do obito, proceda-se com toda a segurança á cremação.

Que é d'esses meios? São a certidão d'obito, e em caso de necessidade a autopsia e o exame toxicologico. Serão garantia sufficiente e prática como os sectarios creem?

Não, meus senhores; é forçoso não nos illudirmos, que essas apregoadas panaceas cáem ao embate d'uma analyse rigorosa.

A *certidão d'obito,* mencionando o diagnostico da molestia mortifera, não existe nos casos de morte subita, e em todos aquelles em que a visita medica se não deu. Só quando o doente recebeu a devida assistencia, é que o clinico póde encher e assignar tal documento.

Qualquer que seja o poder actual do diagnostico, qualquer que seja a competencia e probidade do medico, o attestado é em rigor uma prova contingente, infiel e banal. Empenhem muito embora, como se propoz, a responsabilidade e a honra do assistente no attestado d'obito, que nem assim consegui-

rão fazer d'elle um documento satisfactorio e seguro.

Não serão por vezes tão incompletas as indicações fornecidas pelo doente ou pela familia, tão intrincado o diagnostico, tão rara e interrompida a assistencia que o lavrar a certidão legal com toda a consciencia se torne uma tarefa verdadeiramente impossivel e o espirito do clinico vacille na maior perplexidade?

Restrinjamo-nos mesmo ao caso feliz em que o medico, graças á sua pericia, á nitidez do diagnostico, á boa observação do doente, possa inscrever no papel com a maxima certeza a entidade nosologica. Pois nem mesmo assim ao seu documento se póde assegurar a plena confiança judiciaria; nem mesmo então será licito jurar absolutamente em face d'elle a ausencia de criminalidade.

Quantas vezes o medico mais perspicaz e authorisado não é illudido? Ora, são as mil e uma drogas aconselhadas sem a sua consulta, e os especificos da quarta pagina dos jornaes propinados a torto e a direito; ora — e o caso torna-se mais sério — é o proprio medicamento cuja dóse se póde exagerar facilmente até á cifra toxica. Supponhamos que se trata d'um cardiaco em uso de digital; um herdei-

ro soffrego ou um enfermeiro ladrão podem forçar a quota medicamentosa, promovendo a morte; o clinico ludibriado, sem se espantar do obito repentino, escreverá na certidão o titulo da lesão organica do coração na melhor boa fé d'este mundo. Eis um caso d'intoxicação aguda, subtrahida á percepção do medico attestador d'obito; e quantos outros não ha, dignos da maxima attenção, em que o clinico digno e instruido póde ser ludibriado, confundindo com naturalissima ingenuidade a morte natural com a morte criminosa, pelo simples facto de não possuir o condão da arte adivinhatoria?

Grassa uma epidemia cholerica; propina-se criminosamente um toxico a um desgraçado que se pretende fazer desapparecer; o caso impinge-se por cholera, e na balburdia a fraude assassina passa perfeitamente incolume, tanto mais que o envenenamento pelo arsenico, pelo phosphoro e alguns alcaloides simula por vezes admiravelmente os accidentes cholericos.

E não se pense que isto é uma hypothese meramente gratuita. Na India o envenenamento criminal é frequente em quadra epidemica, e asseguraram-me que no Brazil pelas invasões de febre amarella succedem factos

analogos. Em França mesmo se registrou mais do que um caso d'esta ordem, demonstrando-se pela exhumação tardia de muitos mezes a veracidade da suspeita.

E era precisamente em plena epidemia que certos cremacionistas mais queriam celebrar as suas hecatombes redemptoras, e passar tudo pela fieira absurda da cremação obrigatoria! Ao protesto feito em nome da liberdade individual accresça o protesto eloquente e irrespondivel da medicina legal.

A demonstrar a invalidade da certidão d'obito na pendencia sujeita, figuramos tão sómente os casos em que o medico por insciencia natural e justificada desconheceu a causa real da morte, passando por sobre um homicidio sem a menor presumpção de tal attentado. Vejamos agora o reverso da medalha.

Que ha de fazer o facultativo que adquire a plena certeza da perpetração do crime, graças a confidencias recolhidas no exercicio da sua missão de clinico?

Sirva para exemplo um aborto provocado por beberagens ou manobras illicitas, a cujas consequencias deploraveis succumbe a victima que se expoz confiada aos meus cuidados e depositou em mim o segredo das suas terri-

veis revelações. Irei eu, fraudando o sagrado sigillo medico, estampar n'um documento publico o crime commettido, assumirei o papel de delator, atraiçoando os deveres da minha profissão? Não, que tal passo revoltaria a minha consciencia. A propria lei, longe de violar o segredo medico, sancciona-o no artigo 290.°, § 1.° do Codigo Penal; nem a propria devassa judicial póde forçal-o, como tão claramente o indica o artigo 966.° da Reforma Judiciaria. O segredo só não existe quando o medico seja incumbido pela propria justiça da averiguação do crime.

A certidão do obito é pois na materia em questão uma perfeita burla de segurança, e muito mais no estado actual da verificação dos obitos, em regra pessimamente organisado. Em Portugal nada conheço de mais vergonhoso. Apenas nos grandes centros se exige a certidão d'obito; lá por fóra vão-se enterrando á mercê da natureza. Lisboa e Porto não téem como as grandes cidades estrangeiras, medicos especialmente destinados á execução d'essa importantissima tarefa. A tabella mortuaria é um acervo de disparates; o clinico em geral não olha para o attestado com a attenção devida; a authoridade

acceita as certidões com todos os seus pontos d'interrogação e reticencias, e admitte por cumulo attestados passados por . . . parteiras, como ainda ha pouco houve um exemplo n'esta cidade. Que bellos auspicios para uma iniciação crematoria em Portugal!

Se a certidão é um esteio fragil, não resta já outra ancora de salvação senão a *autopsia*. A dissecção anatomica patenteará a lesão causadora da morte, destruindo todas as suspeitas, e essa necropsia, além de satisfazer a legitimos escrupulos, presta serviços reaes á medicina e á anatomia pathologica. Perfeitamente; mas não será dispendioso e incommodo praticar a série multipla d'autopsias reclamadas pela mortalidade d'uma grande cidade? Logo aqui no Porto haveria a bagatella d'umas 9 a 10 autopsias por dia, o que exige muito tempo, trabalho, pessoal e dinheiro.

É verdade que eu supponho o exame anatomico medida forçada e geral; nem d'outra fórma se poderia conceber a sua pratica. Só assim daria plenas garantias; só assim deixaria de lançar cégamente a nodoa da suspeita sobre pessoas honestas. Ora, coisa notavel, se ha horror pela cremação, ha-o tambem, embora menor e menos justificado, pela autopsia.

A necropsia porém póde ser ainda muda ou duvidosa; e em taes apuros a ultima appellação tem de ser a *analyse chimica.* Esta pesquiza toxicologica, já demorada e trabalhosa nos casos ordinarios, em que as suspeitas havidas marcam uma directriz mais ou menos nitida, aqui sem rumo algum torna-se na verdade um bêcco sem sahida.

Thompson tentou ladear a difficuldade, propondo que as visceras fossem encerradas em frascos, o que, não só amedrontaria os criminosos, como permittiria um exame ulterior. Singular prevenção! Que visceras se teriam d'encerrar? só as abdominaes? Mas não é só lá que se localisam os toxicos, e forçoso seria conservar tantos fragmentos, que quasi meio cadaver ficaria enfrascado, divorciado do outro meio que lograria a fortuna da consumpção crematoria. Guardar apenas o estomago e uma ausa d'intestino, para metter mêdo, seria uma arma de papel, risivel se não fôra funesta.

Vão lá agora fazer museu d'entranhas de milhares de mortos, se não querem praticar a êsmo milhares d'analyses chimicas, e transformar os cemiterios em vastos e populosos laboratorios, erguidos em homenagem ao

deus do fogo, *simile* moderno dos *ateliers* sacerdotaes do velho Egypto.

Em conclusão, o problema medico-legal, que a pratica da cremação levanta, offerece ao presente gravissimas difficuldades de solução completa e satisfactoria. A generalisação da queima, dada a insufficiencia e a contingencia actual, aperfeiçoados muito embora os processos de verificação obituaria, o que redundaria em beneficio da estatistica hygienica e dos interesses da justiça, seria uma verdadeira calamidade. D'ahi a coarctação dos governos esclarecidos e as restricções das medidas prudentes de segurança publica, que tanto suppliciam os proselytos, porque lhes tolhem em parte o desejado andamento.

Restringida a queima como agora a alguns casos excepcionaes, as precauções de segurança podem ainda exercer-se. Em Italia para que um cadaver seja cremado, é necessaria a certidão d'obito e informações do medico assistente, authorisação da Sociedade de Cremação que tem todo o interesse em não fazer queimas precipitadas e compromettedoras, authorisação do conselho de sanidade, do prefeito de provincia e da authoridade judiciaria. Se se juntar a autopsia, temos uma sé-

rie de medidas sufficientes para os casos isolados, e tomadas as quaes a cremação facultativa póde ser concedida, sob a condição expressa de substituição pelo enterramento ao menor caso de duvida, ou antes da falta d'uma certeza plena.

Tal é a convicção que sobre este ponto vae reinando no animo dos cremacionistas, que a banca anatomica se vae julgando um indispensavel adjuncto do forno crematorio. A Sociedade Milaneza teve a boa fortuna de conseguir d'um philantropo, P. Loria, uma quantia avultada para a erecção d'uma sala d'autopsias e d'um laboratorio d'analyses, junto do templo de Keller. Por toda a parte que a incineração se permitta, só com esta clausula é que a lei a póde tolerar.

Fomental-a, promovel-a, tal missão não lhe incumbe. Vigial-a com diligencia e cuidado, para que se não torne um elemento deleterio, isso sim.

Passar em claro a questão de ECONOMIA seria motivo de reparo n'estes tempos de culto financeiro e orçamental.

Qual dos dois systemas de sepultura é menos oneroso? Dizem os sectarios que a cremação, e não deixam d'estribar sobre esta base

economica as suas reclamações, gritando contra esse enorme desperdicio de terreno em cemiterios, área inutil para a producção roubada á agricultura e á riqueza publica.

A asserção merece um exame, por parallelisação d'orçamentos, ao menos pelo que diz respeito ao nosso paiz.

A área total dos cemiterios portuguezes, não temos dados officiaes para conhecel-a ao certo; mas podemos calcular qual deveria ser o seu valor, dada a mortalidade geral. Em 1862 a cifra dos obitos foi de 88:000, para uma população que se approximava de 4 milhões; não encontrei publicado dado estatistico mais recente, mas tomando a percentagem maxima de 35 por 1:000 para a população determinada pelo anno de 78, que foi de 4.700:000, a mortalidade seria de 165:900, numero que está certamente muito acima da realidade. Multiplicando esse numero de cadaveres por 10 e duplicando, segundo o methodo já exposto, obtem-se para superficie cemiterial correspondente, 231 hectares, sendo para notar que meio paiz é inculto. O valor medio do hectare de terreno em Portugal é difficil de computar-se exactamente; assignando-lhe um conto de réis, creio que não será taxal-o por baixo preço. D'onde se de-

duzirá que o capital immobilisado em cemiterios ascende á cifra de 231 contos; esta quantia, dividida pela população dá uma capitação de 49 réis; tal é a mesquinha contribuição individual com que nos oneram os nossos mortos!

Agora a incineração. Cada crematorio, dos conhecidos actualmente, com forno, camara mortuaria e dependencias, custa muito acima d'um conto de réis. Suppondo este valor, e dando um só forno por concelho, como ha em Portugal 268 concelhos, a cremação exigiria um capital de 268 contos, cifra superior á dos cemiterios. E n'esta hypothese que incommodos e dispendios não traria o transporte dos cadaveres das differentes freguezias ruraes para a cabeça do concelho? A creação de fornos moveis, como já foi proposto e inventado pelo curioso modelo King, não simplificaria a questão nem reduziria as despezas.

Dir-se-ha que a cremação actualmente sómente se deveria applicar ás grandes cidades, a Lisboa e Porto, por exemplo. Aqui certamente o capital de cemiterios é bem superior ao capital de crematorios; mas por outro lado já não póde invocar-se a utilisação agricola. O terreno cemiterial é simplesmente roubado ás edificações, como é o das gandes praças e

dos jardins, que satisfazem a condições de aformoseamento e hygiene. Ora os cemiterios não serão tambem monumentos publicos dignos d'apreço, não desempenharão no aggregado urbano o papel hygienico dos vastos squares?

Demais, instituida a incineração, nem toda a installação se reduziria ás fornalhas e annexos. Ao lado do crematorio é forçada a erecção dos cinerarios crivados d'alveolos para deposito das urnas. Estes columbarios, á moda romana, além dos gastos de edificação, devem occupar um espaço que d'anno para anno cresceria monstruosamente n'uma progressão medonha. Se do tempo de Socrates até hoje se conservassem as cinzas d'uma familia, através dos seculos—disse Amedée Latour—nem toda a vastidão do Louvre bastaria para encerrar aquella mole ingente d'urnas cinerarias. Invoque-se justamente o *tempus edax*, a reclusão temporaria no cinerario, que nem assim as difficuldades se extinguem; e o ultimo recurso seria—ou invadir tudo com os cinerarios, estradas, ruas, praças, o que não deixaria de ser singularmente pitoresco—ou esvazial-os no enxurro dos rios e no monturo de rebutalhos.

Actualmente os cremacionistas italianos

não parecem preoccupar-se demasiado com esta questão d'accumulação. Erguem columbarios, e recolhem urnas com concessões perpetuas de baixo preço para chamar clientella!

Não é só o orçamento do capital, dispendido por uma vez, que deve encarar-se, mas ainda o do gasto annual.

O custeio dos cemiterios do Porto orça por seis contos de que a camara é reembolsada por uma receita equivalente.

A despeza por cadaver é, portanto, de 1$700 réis. A cremação, apesar da economia com que hoje dizem realisal-a, viria aggravar o orçamento pelo gasto de combustivel, embora elle se reduza a alguns francos por cadaver.

Não será um desproposito economico crear mais uma industria consumidora do precioso carbone? Não rareia a lenha, não se extinguem as florestas? E o manancial da hulha não está prestes a esgotar-se, e não se teme o terrivel cataclysmo d'essa extincção não muito remota?

Em nome da economia politica e dos interesses publicos, a cremação deve em rigor ser repellida.

Eis-nos a breve distancia da balisa, mas

no passo mais delicado da derrota. Forçoso é, porém, galgar o escolho, e atacar com animo resoluto o lado MORAL da questão amplamente debatida e decidida já no campo scientifico. Á voz imperativa da sciencia devem calar-se as recriminações de sentimento; mas será realmente certo que a cremação se harmonisa com a religião e com o culto dos mortos, e que aperfeiçoa até esse lado pathetico e sympathico do espirito humano?

As crenças religiosas deparam-se quasi sempre como um terrivel *impasse* no decorrer das questões sociologicas. Não vacillo perante essa coarctação da liberdade intellectual, nem trepido perante as susceptibilidades que as minhas palavras possam melindrar.

Emancipado ha muito da tutella religiosa —digo-o sem jactancia nem vangloria — não são as immunidades nem os crédos d'egreja que podem desviar d'um ápice sequer a directriz, nem das minhas opiniões, nem dos meus actos. Revoltar-me-hia porém a presupposição — que os fanaticos tão liberalmente fulminam contra os dissidentes—de que no meu espirito ávido e sceptico não brota a menor efflorescencia religiosa. Não; no meu coração ha um altar sagrado para o culto do bem, da verdade e da justiça. Sou d'aquel-

les, visionarios talvez, que esperam vêr ainda a sociedade caminhar sob o sol d'uma nova fé, animada pelo influxo potente do amor da humanidade, da confraternidade e do progresso.

Não é momento para profissões de fé; tanto me basta deixar bem nitido que, pessoalmente, a religião em nada impera na apreciação feita da cremação; mas, como o caso interessa, como é um factor de subida importancia, discutamol-o.

Vasculharam-se as escripturas, e custosamente se espremeram uns textos d'interpretação dubia, insufficientes para legitimar com tiradas biblicas a transformação cineraria. A inhumação essa destaca-se a cada passo, e magnificos versiculos traçam com um colorido inimitavel o painel realista dos fins do homem, volvido á terra d'onde foi tirado, esphacelado pela podridão e repasto do gusano immundo. Filiada na tradição semitica do livro hebreu, a inhumação é ainda cara ao chistianismo porque foi a sepultura do divino mestre, exemplo seguido ha longos seculos por toda a christandade. A resurreição da carne, emfim, incluida na enfiada dos crédos catholicos, é aos olhos dos theologos plenamente comprehensivel perante a cova, e

absolutamente incomprehensivel perante um queimadeiro nihilista, que verte umas poucas cinzas d'onde a tuba do archanjo por mais que resôe não arrancará carne nem osso.

Como não tenho decididamente quéda nem saber para taes esgrimas de casuistica ou dogmatica, arredo-me do abysmo theologico, colhendo apenas a certeza de que, emquanto o catholicismo absorver nas suas formulas os actos capitaes da nossa vida, e nos fizer passar pela fieira interminavel da sua lithurgia, ceremonias e sacramentos, desde o primeiro vagido ao ultimo suspiro, o enterramento será a prática preferida pelas massas, e a cremação um rito anti-christão, abandonado aos pedreiros-livres, com escandalo da gente piedosa.

Anti-christão, disse eu; mas fui talvez demasiado além.

Os pastores protestantes, entre os quaes se contam até advogados da incineração, não mostram grande repugnancia em officiar junto do altar crematorio. É verdade que são hereticos e relapsos aos olhos dos catholicos que se julgam os guardadores fieis das tradições da Egreja; mas entre estes tem apparecido quem deseje cortar escrupulos.

O padre Bucellati, professor de direito ca-

nonico na Universidade de Pavia, demonstrou, recorrendo a todas as praxes prescriptas nas argumentações theologicas, que a cremação não podia ser acoimada de heresia.

É verdade que o respeitavel ecclesiastico é um adversario decidido do ultramontanismo, e muito provavelmente a sua palavra, por muito authorisada que seja, não faz fé. Que o mundo clerical, não só reprova a reforma funeraria, como a combate aspera e denodadamente, isso é certissimo, testimunham-no todas as publicações catholicas de toda a parte, e entre nós os jornaes da seita téem stygmatisado amargamente nas suas columnas a perigosa innovação de sepultura.

Recentemente um sacerdote italiano, que se tinha deixado imbuir de cremacionismo, legára os seus despojos ás chammas do queimadeiro; pois a egreja afastou-se violentamente do cadaver impio; nenhum padre ousou prestar-lhe os ultimos deveres, e os malaventurados despojos lá desappareceram na fornalha ardente, sem a aspersão lustral da agua benta, sem o triste cantochão do *requiem æternum.*

Deixemos o mundo clerical e os seus praxismos ecclesiasticos; deixem tambem os cremacionistas por uma vez de soltar as suas

invectivas contra os catholicos que elles apellidam os cremacionistas do passado. Na epocha que decorre, tão cheia de liberdade religiosa, não é das declamações catholicas que provéem os obstaculos capitaes á execução da sonhada reforma. Nem pensem os incineradores que quem os combate com as armas da sciencia na mão, está dominado pela *arrière-pensée* do prejuizo de crenças fosseis.

Na escala affectiva ha porém logar para outros sentimentos, tanto ou mais imperiosos do que os inoculados pela religião, embora de diversa procedencia; e os cremacionistas vibram desapiedadamente remoques a essas repugnancias de futil sentimentalidade.

É indubitavel que ao espirito de qualquer, possuido d'affeições nobres, o espectaculo da queima de qualquer dos seus — pae, mãe, esposa ou filho — infligiria uma magoa immensa; a lembrança só de que o corpo do ente mais querido seria violentamente pasto da fogueira, immediatamente revolta. Não serão estas as ideias intimas da maioria? Pois os queimadores taxam d'escrupulos risiveis estas renitencias respeitaveis. Revoltaes-vos, dizem, contra a destruição ignea, e toleraes a destruição putrida; oppondes-vos a que o fogo puri-

ficador trague o corpo amado, mas deixail-o apodrentar-se repugnantemente no coval.

A coarctada vem adrede, mas os sectarios esquecem-se d'uma outra differença capital, uma subtileza talvez que me acudiu á mente, mas que não temo exteriorisar.

A destruição é a sorte fatal do cadaver; as feições do corpo amado volverão ao nada; a materia é eterna, mas a fórma é perecivel. Dôa tal aniquilamento muito embora; a natureza implacavel consuma-o n'um trecho mais ou menos largo. Para que ha de a mão do homem substituir-se a ella, accendendo a pyra? Esses despojos inanimados d'um ser dilecto desfaça-os a terra, já que é a lei commum, mas não seja eu quem lhe deite o fogo e os pulverise!

Offerecerei um *simile* que bem frise o meu intuito.

Eis um doente irrevogavelmente condemnado á morte, e de que quasi se podem contar os dias de vida. Essa curta vida que lhe resta, amargurada ainda por atrozes soffrimentos, é um supplicio para elle e para os que lhe assistem. Pois bem; nem a elle, nem á medicina se consente a obra meritoria de cortar o fio d'aquella existencia inutil e prejudicial; mantem-se a espectativa dolorosa,

emquanto a natureza não executa imperturbavelmente a sua tarefa demolidora.

Ora, se o cadaver deve ser encarado como um doente, tratado com o mesmo respeito e cuidado, no que ha um accôrdo tacito sagrado por todas as tradições humanas, pela moral, pela religião e pela lei, deixe-se consumar a obra natural do que póde appellidar-se a morte morphologica; não haja pressas nem violencias.

Só legitimos preceitos de saude publica poderiam fazer infringir esta norma digna de procedimento moral. Se os não ha, se nada periga pela destruição natural, ainda, *cæteris paribus,* a inhumação, em nome de exigencias legitimaveis de sensibilidade, é preferivel á cremação.

Tripudiem muito embora os sectarios da pyra sobre a emotilidade pessoal, sobre melindres d'affectividade requintada. Cuidado todavia que esses arremessos perigosos não ricochetêem e talhem ferida funda nos que tão aggressivos pelejam e tão coiraçados se julgam.

Não blasoneis d'indemnidade pathetica, que sois vós precisamente os atacados pela lepra sentimentalista, os delirados de mania lyrica.

Não será bordão infallivel e cansado das vossas cantatas entoadas á urna, das vossas verrinas fulminadas contra a cova, o horror do contacto immundo da terra, o nojo do gusano voraz? E os livores cadavericos, as nodoas verdoengas, o esphacelamento putrido, os olores fetidos, a repullulação do verme, todo esse scenario da podridão não serve de cortejo ás odes pindaricas, pomposamente endereçadas á urna immaculada, á unica sepultura consentanea com a dignidade humana ultrajada pelo vil enterramento?!

Este hysterismo lyrico incidiu particularmente sobre os temperamentos nevrasthenicos e excitaveis, sobre os poetas e sobre as damas. A cremo-nevrose tinha o terreno naturalmente preparado na cerebrasthenia d'esses apaixonados ferventes do ideal.

O sexo gentil é a melhor clientella do queimadeiro; e os cremacionistas rejubilam perante esta poderosa alavanca de propaganda. Metade proximamente das incinerações tocam a mulheres; das cinco primeiras cremações quatro foram de damas, uma ingleza, uma italiana, uma russa e uma allemã.

O nervosismo feminino deu-se *rendez-vous* nas entranhas ustullantes do queimadeiro. O fogo figura-se-lhes o divino cosmetico do ca-

daver; não mais podridões nojentas, nem profanações de belleza. N'aquella cutis impolluta, tocada só por labios amantes e pós de marechala, não poisará o humo fetido, nem rastreará o glutão gusano; os seios alvos de neve e puros como lyrio não serão repasto sensual do Tenorio do coval, do grão-cesar verme.

E a chusma gentil das doidivanas hystericas olha com amor para a pyra, o ultimo toucador dos seus despojos. Os poetas, favoneadores do *chic* mulheril, *blasés* de ultra-sentimentalidade, dedilham na lyra os primores da queima.

Theophilo Gauthier, o adorador pagão da antiguidade, nos seus *Emaux et Camées* dedica umas quadras primorosas á resurreição da pyra antiga, sob o titulo expressivo de *Bûchers et Tombeaux*. Eis o remate da soberba poesia, excellentemente traduzida pelo nosso mimoso poeta o sr. Diogo Souto:

Sume-te, masc'ra sem ventas,
truão, que o verme desfaz:
muito ha que representas
da Morte a peça falaz.

Pyra ardente, surge agora:
vem-me esses corpos tragar;
e tu, bella arte de outr'ora,
cobre-os de marmor sem par.

Pois se é feita a nossa imagem
á semelhança de Deus,
quando se quebre: á voragem
da fogueira os restos seus.

Aura immortal, vai tranquilla,
vai na chamma adonde vens;
—já não soffre a tua argilla
da campa a affronta e os desdens.

Rollinat, o poeta extravagante, que na testada das *Nevroses* inscreve o versiculo de Job—*Putredini dixi, pater meus es; soror mea et mater mea vermibus*—que abre por um *memento homo* e remata pelo cantochão do *de profundis*, cingindo a lyra com o sudario infecto do corpo esphacelado e pôdre—entôa na *Ballada do cadaver* o seu fervoroso culto pelas arias purificadoras do fogo: «Seja-te dado a ti, ó chamma, irmã do raio, a ti, demonio puro, que fazes estalar no ar a tua lingua de sete côres, elastica e doida, roubar com o teu osculo luminoso o pobre cadaver á podridão lenta e ao tédio do esqueleto».

Ó fina sensibilidade cadaverica! Ó spleen de esqueleto! só a inspiração allucinada poderia descobrir-vos e desferir essas notas estranhas da psychologia de finados.

Eis dois specimens de poetas-cremacionistas, artistas de lyrismo mortuario; mas ha tambem cremacionistas-poetas, sectarios

ferventes que levaram o seu delirio a associar a lyra ao barrete doutoral, rimando a prosa cremacionista com furor metrico, n'um esbandalhamento d'arte a rivalisar com um transporte folião.

Estes accordes cinerarios d'arte espuria soltaram-n'os o dr. Moretti e o professor Pollini. Mas o poeta da cremação é o dr. Camino, que exclama n'um trecho festivo e jubiloso:

> Morrer é sorte dura! Mas se o espirito
> o involucro do mundo ao mundo deixa,
> p'ra que ha de ahi na valla apodrentar-se,
> pasto nojento de gusano immundo?
> Hygiene festival, crepite a pyra!
>
> *(Trad. de Diogo Souto.)*

E . . . soltem-se vivas, toque o hymno, estrallejem os foguetes! Porque não haverá ainda uma philarmonica Incrivel Cineraria que nos dias de festa anteceda, retumbando os ares, o guião da confraria?

Tudo isto é soffrivelmente ridiculo e piegas. Anojar-nos com podridão e microbios!... *c'est inoui*. Pasma-se um tanto ao vêr que os bons dos sabios no congresso de Turim, antes de conduzir a magna assistencia á beira da fornalha, tivessem a ideia d'expender

á vista horrorisada um cadaver exhumado em plena putrefacção. Que pequice essa fermento-phobia! Não nos circundam por toda a parte os microbios? não pullulam nos ingesta, não se alastram pelas nossas mucosas, obreiros bemfazejos até da nossa digestão e do nosso bem-estar? E a propria vida não será ella porventura uma fermentação continuada?

Depois, estas sensitivas que teem os animalculos em execração agitam-se de horror perante a propria dispersão cosmica da materia cadaverica. Lembram-me o verso de Shakespeare, que falla d'um fragmento de Cesar a tapar um muro.

Parodiando o grande tragico, um cremador *enragé* confessou com intimativa e ingenuidade invadirem-n'o tristes e acerbos pensares, ao contemplar esta degradação material dos grande homens. O divino cerebro de Dante quem sabe se não foi o eremeterio favorito d'um vermiculo! Ao petiscar um reles phosphoro de pau, quem sabe se não arde n'elle um fragmento da lecithina genial de lord Byron? *Horribile visu!*

Como soffrear o riso perante estes dislates tragicomicos?!

Ainda que o temor de taes profanações não

significasse um choque insolito no senso commum, não era a cremação que viria roubarnos ás leis implacaveis da circulação da materia.

Será eterna a urna cineraria? O volver das coisas e do tempo, profanando ámanhã o seu conteúdo, não arremessará descuidoso ao vento aquelle insignificante punhado de cinzas?

A dementação dos *enfants terribles* do cremacionismo attinge os vertices das allucinações phantasticas. Sonham-se as applicações mais sentimentalistas das cinzas. Deixal-as abolorecer na urna é prosaico, é deshumano; é o *spleen* do gelado pó em vez da soledade do esqueleto nú. Fóra com o columbario!

Dêem os sobreviventes, como que uma nova animação e uma nova vida, ás frias cinzas do corpo amado. Como? Bebel-as em vinho como Semiramis? O refinamento moderno, auxiliado pela sciencia e pela arte, achou outros recursos mais bellos e patheticos. Ha para todos os gostos.

Misturadas com outras substancias e devidamente manipuladas pelo chimico, as cinzas dariam para mil reliquias lindas—berloques, medalhas, pequenos bustos figurando o finado, etc. Os amantes incinerariam áparte

o coração do objecto malogrado dos seus anhelos, e d'aquelles residuos tão caros o chimico com um bocado de kaolino dar-lhe-ia um bello crystal, uma joia d'uma preciosidade incomparavel, que, engastada em solitario, scintillaria com brilho pallido em dias de festa no *plastron* d'uma *tenue de bal* ou entre as madeixas negras d'uma *coiffure* de *grande toilette.*

Saibam piamente, meus senhores, que eu não invento; esses alvitres, mistura insigne de cinzas, retortas e saudades, são absolutamente authenticos. O cumulo chegou a ponto de propôr-se que das poucas grammas de ferro contidas nas cinzas dos grandes homens se mandassem cunhar medalhas commemorativas!

Quem não sympathisar com esta joalheria cineraria tem a botanica, tem as flôres. Um pouco de humo, adubado a cinzas, daria um excellente canteiro para semear plantas floridas; com que admiração se veriam crescer os caules e desabrochar as petalas?

Um botanico milanez chegou a occupar-se d'estas floriculturas especialisadas, no sentido de determinar quaes as flôres que melhor medravam com o adubo cinerario. A velha botanica mythica dos cemiterios renasceria

com o renovo crematorio. O poeta enamorado não mais terá o incommodo prosaico de ir aspirar e colher o lyrio branco desabrochado na campa da sua amada; as cinzas da finada Julieta servirão de pasto uberrimo ao pé do manjerico, que medra viçoso e perfumado no vaso do balcão. Que feitiço!

Nem todos deixam vogar brandamente a phantasia ao sopro poetico das virações cremacionistas. Os espiritos que não téem a sequiosidade lyrica, avêssos ás plangencias da nenia e aos arroubos ethereos, olharam o caso friamente; em vez de threnos, gisaram calculos; desprezaram a magra exploração poetica e decidiram-se pela pingue exploração commercial. Do setimo ceu da visualidade tombaram no muladar da mercancia. Não estamos na época por excellencia da grande industria? Poderão lá escapar os mortos ao movimento economico?

O corpo, ustullado na fornalha, é um manancial de substancias utilisaveis. Os gazes carbonados, depois d'uma boa purificação, dariam um excellente gaz-luz. Que bello succedaneo da hulha, para alimentar as retortas! Que allivio orçamental para as municipalidades e companhias!

Os residuos solidos são bellos saes, magni-

ficos phosphatos, o *super summum* do adubo fertilisador. Póde lá perder-se essa riqueza toda, mettendo em urnas cinzas preciosas que, entregues ao solo, lhe communicarão uma espantosa fertilidade?

Não entro em cifras nem em lucros provaveis; vexo-me de fazel-o. Já não ha critica nem satyra que valha; só atagantados com o latego das indignações fortes, esses resurreccionistas que cubiçam o trafico de cadaveres, e erigem no templo mortuario um antro de venda.

Installem-se sociedades anonymas de grandes capitaes e vastas fabricas para a exploração do guano de cadaver de homem; cotem-se os seus fundos na bolsa, cresçam as finanças e a riqueza publica! Hossana ao Deus-Milhão!

E tu, miserando proletario, que, escravisado por essa potente theocracia do dinheiro, gemeste uma vida attribulada, esgotando a tua musculatura d'aço e vertendo suor copioso da curvada fronte, terás ainda o teu resequido corpo empolgado pelo deus-Ouro, que te ingerirá no ventre vasto, esbraseado como o do Moloch da mercantil Phenicia.

NOTAS Á 1.ª CONFERENCIA

NOTA I

Estas crenças *theotherapicas* nada mais são do que uma manifestação tenaz de *infantilismo,* especie de reviviscencia diathesica de épocas prehistoricas e selvagens, que a evolução posterior por deturpados processos educativos, longe de annullar, estimulou e radicou.

Hoje ainda, apesar dos embates poderosos do pensar moderno, esse atavismo permanece e reapparece ás vezes d'uma maneira deploravel, sempre que uma calamidade epidemica surge com o seu temeroso cortejo de devastações e males.

No actual periodo d'invasão colerica assignalaram-se exemplares curiosos d'essa pathologia social, causando estranheza até ao observador mais impassivel. O medico dedicado e humanitario foi apedrejado pela turba ignara, ao passo que o scenario de sachristia desfilou ao longo das ruas e das praças n'uma idolatria incrivel. E, emquanto a plebe selvagem arrancava do peito os gritos de misericordia perante os seus idolos dilectos, a egreja ordenava as lendarias preces, não como perturbador meteorologico *ad petendam pluviam,* mas como anti-septico de primeira ordem *ad tuendum microbium.*

O que é, porém, eminentemente caricato e deploravel, é a apparição de taes aleijões d'intellecto—explicaveis tão sómente na alma popular — em cabeças que publica e officialmente passam por gosar d'uma sanidade solida e invejavel. Pois um medico do nosso paiz que a sagração governativa collocou á frente de todo o serviço de prophylaxia epidemica, não se atreveu a implorar a providencia divina, n'um relatorio *soi-disant* scientifico, como se o tribunal medico fosse uma succursal do patriarchado?

*

NOTA II

Estes como outros documentos legislativos, uns encontram-se nos antigos *Annaes de saude publica,* outros na longa e emmaranhada collecção de leis sanitarias, difficil de obter-se e que devi na occasião á obsequiosidade do professor d'hygiene e meu collega o exc.mo snr. dr. J. Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.

NOTA III

É no seu celebrado livro de materia medica exotica — *Colloquio dos simples e drogas e coisas medicinaes da India* — que o veneravel physico d'el-rei D. João III dá conta exacta do cholera asiatico que tanto havia de preoccupar a medicina europêa seculos volvidos. O *Colloquio* foi publicado em Gôa em 1563, edição da qual hoje não existem nas bibliothecas uma duzia de exemplares; felizmente que Varnhagen fez imprimir em 1872 uma cuidadosissima reproducção, prestando um serviço de immenso alcance á sciencia portugueza.

Lá por fóra a obra do nosso compatriota foi publicada dezenas de vezes no seculo XVI e XVII em latim, italiano, hespanhol e francez, addicionando-lhe por vezes bellas estampas, e abandonando o methodo dialogal, usado por Orta algumas vezes com uma certa felicidade.

O trabalho d'Orta, de que Camões dizia — *Dará na medicina um novo lume* — tem tido pois a consagração das nações e dos tempos, e a sua prioridade como registrador do colera indiano é universalmente reconhecida. No emtanto, forçoso é reconhecer que essa gloria é desconhecida para muito portuguez illustrado, medicos até, pena é dizel-o.

Como tantas vezes succede, é o estrangeiro que nos lembra os nossos feitos e os registra com louvor. Na *Revue scientifique* de 30 d'agosto — já depois de proferida a nossa conferencia — Mr. H. Lacase insere um artigo intitulado *O colera na India no seculo* XVI, a maior parte do qual é, para gloria nossa, consagrado a Garcia d'Orta, que os antigos traductores francezes baptisaram com o nome de *Du-*

jardin. Lacase abona-se com Ferdinand Denis, o illustre lusophilo, mas os erros que commette mostram bem que nunca viu o original e se serviu das traducções onde a fórma dialogal foi apagada, desnaturando por vezes singularmente o texto primitivo. Começa por não ser no artigo *Curcas* da sua obra, como diz o articulista francez que Garcia d'Orta dá conta do colera. N'esse colloquio n.º XVIII, que é tambem dedicado á *crisocola* e ao *croco indiaco*, sómente se cita a *collerica passio* como determinavel, segundo Serapio, pelas curcas. O caso é tratado sim no colloquio anterior intitulado *Do costo e da collerica passio*, onde o dialogo conta ser Orta chamado para vêr um doente atacado do temivel morbo, «que mata muito asinha e poucos escapam d'ella». O illustre observador relata então ao seu interlocutor os principaes symptomas e o modo por que combatia a enfermidade, o que infelizmente não podemos reproduzir aqui. O articulista francez errou tambem quando diz que os portuguezes lhe chamavam *mardeoi*; não, o texto diz *mordexi*!

Emfim, a descripção que Lacase attribue a Orta, extrahida de má traducção, é muito differente e menos completa do que o original.

NOTA IV

Devo ao erudito professor Pedro Dias a noticia d'este bello livro, acompanhada por um bem elaborado exctracto; verifiquei depois que o meu amigo Maximiano de Lemos d'elle fallára na sua dissertação inaugural, o primeiro trabalho nacional sobre medicina portugueza.

Thomas Alvares e Garcia de Salsedo eram visinhos de Sevilha. A primeira edição do seu relatorio, segundo as notas que obsequiosamente me prestou o nosso bibliophilo o snr. Tito de Noronha, é de 1569; sahiram 2.ª e 3.ª edições, de todas as quaes ha exemplares na Bibliotheca Publica do Porto. O espaço impede-nos de dar noticia circumstanciada do livro, o que não deixaremos de fazer na melhor occasião.

NOTA V

É um magnifico documento da nossa legislação sanitaria antiga, recheado d'excellentes disposições. Estes e outros pontos da historia da nossa hygiene official espero um dia analysal-os mais circumstanciadamente, talvez mesmo na sequencia do programma d'estas conferencias.

NOTA VI

A despeito da ausencia d'uma organisação sanitaria em França por tal época, não se pense que a hygiene estava abandonada. A *Sociedade Real de Medicina,* creada em 1776 e a que havia de succeder-se a *Academia Nacional de Medicina,* preenchia esta lacuna, prestando excellentes serviços. O conselho superior de saude esse teve uma acção bem pouco sensivel.

NOTA VII

O decreto francez de 1848 organisou, além dos conselhos de hygiene, de que já havia varios, em Paris e outras cidades, o *Comité Consultivo de Hygiene Publica,* que é a corporação sanitaria superior.

A legislação sanitaria estrangeira é um assumpto interessante de que nos não despedimos.

NOTA VIII

A creação dos nossos *laboratorios municipaes de hygiene,* sendo aliás um melhoramento d'alta importancia, assentou sobre bases infelizes; taes instituições são completamente perdidas para o ensino, e não prestam o serviço publico que era para desejar. Sendo um dos pontos de que subsequentemente trataremos a organisação da *hygiene municipal*, deixaremos para então a discussão d'estes e d'outros pontos correlatos.

NOTA IX

O professor de hygiene o exc.^{mo} snr. dr. Ayres de Gouveia foi encarregado, ha tempos já, de confeccionar um Codigo sanitario portuguez, tarefa de que se está desempenhando. Já depois de proferida a nossa conferencia tivemos occasião, o que profundamente agradecemos, de apreciar os seus trabalhos, e rejubilamo-nos por que as bases principaes do seu projecto coincidam sensivelmente com as ideias aqui expendidas. O espaço não nos permitte desenvolver este ponto capital, o que virá a seu tempo.

NOTAS Á 2.ª CONFERENCIA

NOTA I

Esta succesão de insectos e acareos sobre o cadaver tem recentemente prestado grandes serviços á medicina legal, permittindo reconhecer com uma certa precisão a época da morte. Esta feliz applicação da entomologia deve-se a Brouardel e a Megnin.

NOTA II

Os trabalhos de classificação da flora terciaria foram confiados a um homem competentissimo, M. Oswald Heer. Este trabalho foi presente ao Congresso de Lisboa de 1880, acompanhado de considerações e commentarios, pelo snr. conde de Ficalho. Vide a este proposito o *Compte Rendu* do congresso publicado ha pouco.

NOTA III

A bibliographia anthropologica portugueza, ha 20 annos a esta parte, honra subidamente a sciencia nacional e os seus abalisados cultores. Tivemos presente para guia n'esta rapida excursão pelos dominios da anthropologia, no intuito

de dar-lhes a devida feição portugueza, tão miseravelmente descurada quasi sempre, alguns d'esses preciosos trabalhos, que nos foram obsequiosamente cedidos pelo meu amigo J. Leite de Vasconcellos, que com tanta dedicação e amor se consagra aos estudos ethnographicos e linguisticos.

Nas proprias publicações estrangeiras e especialmente na *Revue d'Antropologie*, vem largamente registrada uma grande parte dos trabalhos nacionaes.

Utilisamo-nos do melhor que encontramos, e com muito trabalho e difficuldade elaboramos; mas a curteza do nosso estudo não nos permittiu profundar pontos em litigio nem discutir devidamente varias asserções postas ainda em duvida. Assim o *homem terciario portuguez* é ainda duvida para muitos; logo no Congresso se manifestou opposição. Depois d'isso sahiram lá fóra varios estudos e folhetos impugnando a existencia do pobre lusitano fossil. É verdade que anthropologistas eminentes a defendem e varios scepticos se téem ultimamente rendido.

Seria para estimar a apparição d'um livro, escripto por mão competente e experimentada, sobre a anthropologia portugueza, unico ramo, repito, pelo qual sômos conhecidos lá fóra.

NOTA IV

Será porque as investigações são ainda poucas, ou porque realmente o rangifer não attingisse os nossos climas? Mostra isto em todo o caso que a separação das idades prehistoricas pelas faunas deve ser posta de parte e abandonada. Tem quando muito um valor relativo.

NOTA V

O caso é litigioso. Acharam-se em França sepulturas no Solutré e Cro du Charnier que se julgaram pertencer á época solutreana. Um exame, porém, mais attento demonstrou que essas sepulturas eram muito posteriores. Tal é pelo menos a opinião de Cartailhac e Mortillet, que seguimos no texto.

NOTA VI

Mortillet não foi talvez exacto em chamar *robenhausiana* á época neolithica. A estação de Robenhausen na Suissa deve filiar-se nos ultimos periodos da pedra polida, senão já mesmo no inicío da de bronze. Os proprios *palafittas* entram já com certeza n'esse periodo de transição para a idade metallica.

Das nossas antas esquecemo-nos de mencionar o *dolmen furado da Candieira*, descripto pelo snr. Gabriel Pereira, e que tem grande importancia palarcheologica.

Os nossos kiokemmodingos véem descriptos no *Compte Rendu*. Deve observar-se que os *sambaquis* brazileiros são d'idade muito mais recente. Devemos ao nosso amigo e curioso naturalista o snr. Braga Junior, não só o conhecimento das memorias brazileiras sobre o assumpto, mas ainda o offerecimento de varios instrumentos de pedra que figuraram na conferencia, ao lado de machados portuguezes do Alemtejo, que me foram cedidos pelo snr. J. Leite de Vasconcellos. A semelhança era perfeita e admiravel, demonstrando a analogia evolutiva sob o ponto de vista da civilisação primitiva.

NOTA VII

Foi um dos pontos debatidos no congresso e publicações posteriores. Não estou convencido d'esse cannibalismo, mas não pertenço ao numero dos que o repellem, por pensarem que essa admissão vai sujar os pergaminhos da humanidade.

NOTA VIII

Este facto, denunciado por Carlos Ribeiro, presta-se a curiosas deducções ethnographicas.

NOTA IX

Foi defendida no congresso, assim como em publicações anteriores. Está longe, porém, de ser positivamente demonstrada; a questão é complexa e difficil, mesmo pelo lado chimico.

NOTA X

Veja-se a bella memoria sobre Licêa. Os indicios são longe de ser claros, e Carlos Ribeiro é forçado até a tecer hypotheses bem pouco verificaveis.

NOTA XI

Tem sido objecto de pendencia, e comprehende-se pelo quê, a adopção da cremação pelos Judeus. Está, porém, definitivamente apurado que o mundo hebraico era inhumacionista por excellencia. Os casos d'incineração que se respigaram nas escripturas, são duvidosissimos; a linguagem figurada d'aquelles tempos e as difficuldades de versão não permittem tirar a limpo a questão. Mesmo no caso tão citado de Saul, o texto não é decisivo.

NOTA XII

A doutrina do aryanismo deve ao trabalho de paleontologia linguistica de M. Pictet e á audacia das concepções do distincto philologo a sua principal consagração. As reservas que se oppunham a depositar n'ella uma confiança plena téem crescido dia a dia; e hoje duvida-se da origem asiatica dos aryas europeus, insiste-se sobre a existencia e autonomia de raças autochtonas, etc. Ainda assim a fascinadora concepção aryanista é, além de commoda, sufficientemente admissivel n'um estudo da natureza do nosso.

A funeralidade protohistorica prestava-se a longas considerações. A respeito de Portugal muito haveria a notar sobre as sepulturas dos primitivos lusitanos, ás quaes se téem referido em sabios estudos Martins Sarmento, Theophilo Braga, Leite de Vasconcellos, etc. O caso, porém, além de nos tomar tempo, não tem a devida importancia para a sequencia da nossa these.

NOTA XIII

Sobre a miserabilissima situação do nosso escravo, leia-se

Alexandre Herculano. Da existencia d'estes *puticuli* á moda romana existe uma prova curiosa n'um alvará de D. Manoel que existe na camara municipal de Lisboa, referido pelo snr. Theophilo Ferreira no seu trabalho.

NOTA XIV

O *Auto da Barca da Gloria,* é um magnifico producto da inspiração artistica da morte. O diabo farto de villanagem quer alta jerarchia; e a morte promette-lhe trazer tudo *desde el conde hasta el papa.* Desfilam com as suas maldades estes magnates das côrtes e do clero; é uma das melhores creações de Gil Vicente.

NOTAS Á 3.ª CONFERENCIA

NOTA I

Os trabalhos de Miquel são consideradissimos; ainda ultimamente em Londres recebeu o distincto experimentador uma alta distincção honorifica. Póde dizer-se que os seus methodos e investigações fizeram escóla. Vid. *Les organismes vivants de l'atmosphère.*

NOTA II

É uma das questões capitaes da hygiene urbana—o saneamento pelo solo aravel. Como tal é possivel que venha a tratar d'este ponto ulteriormente; no entanto, na sequencia d'esta conferencia, não deixarei de referir-me mais vezes a esse processo sanitario e aos utilissimos ensinamentos que d'elle derivam.

NOTA III

Deve observar-se que variados grupos industriaes manipulam substancias animaes em grau mais ou menos avança-

do de putrefacção. Ora parece que nem a morbilidade nem a mortalidade não passa n'elles além dos limites ordinarios, nem accusam doenças profissionaes.

NOTA IV

Não ha um unico caso de contaminação pelo cadaver soterrado do cholerico. Em Napoles foram inhumados nada menos de sete mil e tantos cadaveres.

NOTA V

Alguns dos gases teem, é verdade, uma influencia paralysadora sobre a putrefacção, como parece estar hoje provado; mas a sua reducção e decomposição tolhe este empecilho.

NOTA VII

Esta questão das nascentes e mananciaes é de facto delicada; falta-me a competencia para tratal-a; mas o que está exarado no texto é perfilhado pelas primeiras auctoridades.

NOTA VIII

Ainda recentemente Girard, o conhecido director do Laboratorio Municipal de Paris, tecia a apologia da analyse chimico-hydrologica, perante algumas asserções assacadas por Vallin.

NOTA IX

Poderia fazer um longo rol de taes experiencias que demonstram esta innocuidade dos microbios diluidos. Como a abundancia d'oxygenio inutilisa ou mata o microbio, é natural que a acção da agua seja devida ao gaz em dissolução.

NOTA X

Afinal nada se fez, nem era possivel fazer-se; discussões, officios, e tudo ficou como d'antes.

NOTA XI

Havia variadissimos meios a tentar em favor d'esta pratica. Esta propaganda era até excellente em beneficio das familias que gastam muitas vezes o que não téem com a mania do caixão de chumbo.

NOTA XII

Visitei ha pouco tempo o Prado do Repouso, e com prazer o achei consideravelmente modificado. O meu excellente amigo Alexandre Pinheiro com o seu bom gosto inexcedivel tem ali operado prodigios d'aformoseamento.

NOTAS Á 4.ª CONFERENCIA

NOTA I

Apresentei no acto da Conferencia um desenho amplo, representando a secção longitudinal d'um forno Gorini.

NOTA II

Em Napoles — é verdade que lá não ha Sociedade de Cremação — todos os cadaveres foram enterrados e em numero de 7:000 e tantos. Nas outras cidades, porém, a cremação dos cadaveres colericos não foi feita. Da mesma fórma em França.

ERRATAS

Escaparam alguns erros a respeito d'algarismos que convém rectificar. A pag. 12 a data é não de 1600, mas de 1680. A pag. 203 diz-se que o peso dos cadaveres é de 147:500k; ora, como já se lê a pag. 172, esse peso é de 157:500k; a reducção de cifra deve ser pois 50k:400, o que dá para cada metro quadrado de superficie 397 gr. de materia organica.

INDICE